

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA



LUCIANA LOREN RIBEIRO PETRILI

Literatura de autoria feminina em vestibulares: um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP

Sorocaba

2024

LUCIANA LOREN RIBEIRO PETRILI

Literatura de autoria feminina em vestibulares: um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, para obtenção do título de Mestra em Estudos da Condição Humana.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

Sorocaba

2024

Ribeiro Petrili, Luciana Loren

Literatura de autoria feminina em vestibulares: : um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP / Luciana Loren Ribeiro Petrili -- 2024.
213f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

Banca Examinadora: Profa. Dra. Ana Paula Martins

Corrêa Bovo, Profa. Dra. Kelen Christina Leite, Profa.

Dra. Viviane Melo de Mendonça

Bibliografia

1. Literatura. 2. Feminismos. 3. Educação. I. Ribeiro Petrili, Luciana Loren. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Luciana Loren Ribeiro Petri, realizada em 08/02/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFJF)

Profa. Dra. Ana Paula Martins Bovo (UEMG)

Profa. Dra. Kelen Christina Leite (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Luciana Loren Ribeiro Petrili

Literatura de autoria feminina em vestibulares: um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba, para obtenção do título de Mestra em Estudos da Condição Humana.

Sorocaba, 08 de fevereiro de 2024.

Orientadora

Dra. Cláudia Regina Lahni
UFSCAR

Examinadora

Dra. Ana Paula Martins Corrêa Bovo
UEMG

Examinadora

Dra. Kelen Christina Leite
UFSCAR

Examinadora

Dra. Viviane Melo de Mendonça
UFSCAR

Este trabalho é dedicado à causa da liberdade feminina e à utopia de igualdade de direitos e paridade entre os gêneros que precisa ser perseguida para ser alcançada.

AGRADECIMENTO

A escrita de uma Dissertação de Mestrado é um processo muito íntimo e pessoal, mas também tão histórico e coletivo que os agradecimentos precisam ser iniciados no passado.

Agradeço às mulheres que vieram antes de mim e que lutaram individual e coletivamente para que as próximas gerações pudessem fazer o que eu faço hoje. Mulheres, obrigada. Sem vocês este trabalho não teria sido possível.

Agradeço às fortes mulheres que atravessaram minha existência e fizeram com que minha trajetória fosse possível: minhas avós Iaiá, Vó Lia, Vó Anita, agradeço póstuma e respeitosamente.

Cláudia Lahni, minha orientadora, nem sei quantos agradecimentos lhe devo por todas as diversas formas de suporte dadas à pesquisa e à pesquisadora, assim como pela paciência. Muito obrigada!

Professoras Daniela Auad, Viviane Mendonça, Kelen Leite, Ana Paula Bovo e Mariana Faiad, a presença de vocês sempre significou pura inspiração, mesmo que de formas tão diferentes. Muito obrigada!

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Flores Raras agradeço por me acolherem e acreditarem em meu potencial para o desenvolvimento de pesquisas em conjunto. O próximo passo é honrar essa confiança.

A todas as pessoas que estiveram comigo nesta jornada. Foi intensa, não foi? Mas também foi excelente! Vencemos as aulas on-line, a retomada usando máscaras, os SECHus e até a escrita final. Obrigada pela companhia!

Fabiana Carlucci, Roberta Sanches, Thamires Reiss, Ariane Nascimento, Luciene Ribeiro, Thara Wells e Marilda Paixão: com vocês senti generosidade e companheirismo. Obrigada!

À minha primeira família de homens, João, meu pai e Breno, meu irmão, obrigada pelo suporte que vocês nem sabem que me dão.

Marinildes, minha mãe, a primeira feminista da minha vida, sem sua postura, suas falas e ações eu não seria quem sou. Daniela e Sofia compartilham desse legado comigo. Muito obrigada!

Agradeço fortemente a meu companheiro, Rogério. Seu suporte, carinho, paciência com minhas ausências e amor, e com certeza, o compartilhamento de uma vida igualitária tornou possível iniciar e terminar a pesquisa. Muito obrigada!

Amanda, minha filha, muito obrigada por existir! Obrigada pela ajuda, por estar sempre junto de mim, me inspirando a querer a utopia de uma vida melhor e mais livre para todas as mulheres. Sigo aprendendo com você.

“Um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.”

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*

RESUMO

RIBEIRO PETRILI, Luciana Loren. **Literatura de autoria feminina em vestibulares**: um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

Esta Dissertação foi escrita a partir de uma perspectiva teórico metodológica feminista e interdisciplinar, com a proposta de refletir a respeito da presença ou da invisibilidade de mulheres, como produtoras de literatura ficcional brasileira validada pela academia, em listas de leituras obrigatórias para vestibulares. A perspectiva feminista parte de escritos de intelectuais como Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, Maria Amélia Teles, Daniela Auad, entre outras, para examinar condições de vida das mulheres como foram descritas por elas e como se apresentam no Brasil contemporâneo. A interdisciplinaridade se apresenta pela necessidade de refletir sobre nosso objeto de estudo a partir dos entrelaçamentos das seguintes áreas: Produção Editorial, Educação, Comunicação, Literatura e Relações de Gênero. Campos como Produção Editorial e Comunicação também estarão presentes em nossa reflexão. O procedimento metodológico utilizado para a investigação e escrita da Dissertação consiste em uma pesquisa bibliográfico-documental realizada em livros, artigos, sites e documentos oficiais que possam elucidar a condição da mulher como minoria social. A pesquisa também se propõe a investigar a presença de mulheres na produção editorial ficcional brasileira, bem como em diferentes premiações literárias utilizando sites de editoras e de associações que as representam. Por fim, chegaremos à análise de listas de livros indicados, entre 2015 e 2026, como leitura obrigatória para a realização de dois dos maiores exames vestibulares do Brasil (Fuvest/USP e Comvest/UNICAMP). Esses exames se configuram como importantes portas de entrada para duas das maiores, mais bem conceituadas e mais concorridas universidades públicas do Estado de São Paulo e do Brasil. Os resultados desta pesquisa indicam que, apesar das mulheres comporem mais da metade da população brasileira, seu trabalho em literatura ainda não representa, proporcionalmente, essa parcela da população. Também fica evidenciado que a escrita feminina ainda não se encontra devidamente reconhecida, principalmente quanto à leitura obrigatória indicada por exames vestibulares da USP e da UNICAMP.

Palavras-chave: feminismos; literatura; produção editorial; educação; interdisciplinaridade.

RESUMEN

RIBEIRO PETRILI, Luciana Loren. Literatura hecha por mujeres en las pruebas de acceso a la universidad: un estudio realizado desde una perspectiva feminista e interdisciplinaria sobre la lectura obligatoria para la USP y la UNICAMP. Disertación (Maestría en Estudios de la Condición Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

Esta Disertación fue escrita desde una perspectiva feminista y interdisciplinaria, con la propuesta de reflexionar sobre la presencia o la invisibilidad de las mujeres, como productoras de literatura de ficción brasileña validadas por la academia, en las listas de lecturas obligatorias para los exámenes de acceso a la universidad. La perspectiva feminista se basa en los escritos de intelectuales como Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, Maria Amélia Teles, Daniela Auad, entre otras, para examinar las condiciones de vida de las mujeres, cómo fueron descritas y cómo se presentan en el Brasil contemporáneo. La interdisciplinaria se presenta por la necesidad de reflexionar sobre nuestro objeto de estudio a partir del entrelazamiento de las siguientes áreas: Educación, Literatura y Relaciones de Género. Campos como la Producción Editorial y la Comunicación también estarán presentes en nuestra reflexión. El procedimiento metodológico utilizado para la investigación y redacción de la Disertación consiste en investigaciones bibliográficas e documentales en libros, artículos, sitios web y documentos oficiales que puedan dilucidar la condición de la mujer como minoría social. La investigación también tiene como objetivo investigar la presencia de mujeres en la producción editorial de ficción brasileña, así como en diferentes premios literarios utilizando sitios web de editoriales y asociaciones que las representan. Finalmente, analizaremos listas de libros recomendados, entre 2015 y 2026, como lectura obligatoria para realizar dos de los mayores exámenes de ingreso de Brasil (Fuvest/USP y Comvest/Unicamp). Estos exámenes son las más competitivas puertas de entrada a dos de las universidades públicas más grandes y mejor consideradas del estado de São Paulo y Brasil. Los resultados finales de esta investigación indican que, aunque las mujeres constituyen más de la mitad de la población brasileña, su trabajo en la literatura no representa proporcionalmente a esa porción de la población. También es evidente que la escritura femenina todavía no está debidamente reconocida, especialmente en términos de lectura obligatoria indicada en los exámenes de acceso a la USP y la UNICAMP.

Palabras clave: feminismos; literatura; producción editorial; educación; interdisciplinaria..

ABSTRACT

RIBEIRO PETRILI, Luciana Loren. Literature written by women in university entrance exams: a study carried out from a feminist and interdisciplinary perspective on mandatory reading for USP and UNICAMP. Dissertation (Master's in Human Condition Studies) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

This Dissertation was written from a feminist and an interdisciplinary perspective, with the aim of reflecting on the presence or the invisibility of women as producers of Brazilian fictional literature validated by the academy. The feminist perspective intends to include demands from different feminisms, since the visibility of literature produced by women results from the struggles of women with different characteristics. Interdisciplinarity is presented through the analysis of our object of study from the following areas: Editorial Production, Education, Communication, Literature and Gender Relations (the latter greatly exemplified by the context of women's lives in Brazilian society). The methodological procedure used to investigate and write the Dissertation consists of document and bibliographic research in books, articles, websites and other official documents that can elucidate the status of women as a social minority. The research also aims to investigate the presence of women in Brazilian fictional editorial production, as well as in different literary awards using websites of publishers and associations that represent them. Finally, we will analyze lists of books recommended, between 2015 and 2026, as mandatory reading for taking two of the biggest entrance exams in Brazil (Fuvest/USP and Comvest/UNICAMP). These exams are very competitive since they are important gateways to two of the largest and most highly public Universities in the State of São Paulo and in Brazil. The final results of this research indicate that, although women make up more than half of the Brazilian population, their work in literature still does not represent the same portion of the population. It is also evident that female writing is still not properly recognized, especially when considering the mandatory reading recommended by the academy, represented here by the recommendations of the USP and the UNICAMP entrance exams.

Palavras-chave: feminisms; literature; editorial production; education; interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo, segundo a posição no trabalho principal.....	34
Figura 2: Rendimento médio mensal real das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho, por sexo.....	35
Figura 3: Número de pessoas inscritas no Vestibular da UNICAMP entre 2015 e 2023.....	65
Figura 4: Resultados alcançados por UNICAMP e USP no The Times Higher Education World University Rankings	65
Figura 5: Número de pessoas inscritas no Vestibular da UNICAMP entre 2015 e 2023.....	67
Figura 6: Número de pessoas inscritas no vestibular Fuvest/USP entre 2015 e 2023.....	67
Figura 7: Participação de autoria feminina nas listas da UNICAMP entre 2015 e 2026.....	72
Figura 8: Número de livros indicados nas listas da UNICAMP entre 2015 e 2026	73
Figura 9: “Em busca de diversidade, Unicamp quebra paradigma e prevê lista de livros no vestibular com ‘Alice’, Cartola, Krenak e Chimamanda”	74
Figura 10: Participação de autoria feminina nas listas da Fuvest entre 2015 e lista original de 2026	78
Figura 11: Número de livros indicados nas listas da Fuvest entre 2015 e lista original de 2026	80
Figura 12: Participação de autoria feminina nas listas da Fuvest entre 2015 e nova lista de 2026	83
Figura 13: Número de livros indicados nas listas da Fuvest entre 2015 e nova lista de 2026	84
Figura 14: Número de livros de autoria feminina nos vestibulares da Comvest e Fuvest de acordo com o ano da edição de cada vestibular..	85
Figura 15: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Comvest entre 2015 e 2026.	85
Figura 16: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Fuvest entre 2015 e 2026 utilizando a lista originalmente divulgada para a edição 2026.	96
Figura 17: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Fuvest entre 2015 e 2026 utilizando a nova lista de livros indicados para edição de 2026.....	88
Figura 18: Comparação entre o número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Comvest e Fuvest entre 2015 e 2026, utilizando a lista original e a nova lista de livros indicados para edição de 2026 da Fuvest.....	88

Figura 19: “USP muda lista de livros do vestibular e terá obras só de mulheres pela 1ª vez na história”	92
Figura 20: Conselho Curador da Fuvest.....	93
Figura 21: “Fuvest terá lista de livros obrigatórios escritos só por mulheres autoras da língua portuguesa pela 1ª vez na história”	96
Figura 22: “Fuvest renova sua lista de leituras para o vestibular 2026 – 2029”	97
Figura 23: “Livros só de mulheres na Fuvest são importantes para conscientização, dizem professores”	99
Figura 24: “Nova lista de livros da Fuvest tem obras difíceis de encontrar”	101
Figura 25: “Por que só mulheres no vestibular?”	102
Figura 26: “Conheça os livros escritos por mulheres que cairão na Fuvest de 2026”	103
Figura 27: “Vestibular para militante”	104
Figura 28: “Escritoras criticam lista do vestibular da USP só com livros de mulheres”	106
Figura 29: Carta aberta de professores universitários e críticos literários, opondo-se à lista da Fuvest.....	107
Figura 30: “A Fuvest e a marginalidade das escritoras”, em coluna na Folha	109
Figura 31: “A Fuvest e a marginalidade das escritoras”, em coluna no portal CFEMEA.....	110
Figura 32: “Contra a gravidade patriarcal?” - Antonio Prata, em coluna na Folha	111
Figura 33: Declaração de Marcelo Rubens Paiva na rede social X (antigo Twitter)	112
Figura 34: “A gravidade da masculinidade”	113
Figura 35: Postagem de Regina Dalcastagnè em sua página do Facebook	114
Figura 36: “Mulheres na literatura: a nova lista de leituras obrigatórias da Fuvest”	115
Figura 37: Lista da Fuvest só com livros de mulheres: por que incomoda?	116
Figura 38: “Lista de livros da Fuvest: se furacão tem nome de mulher, o apocalipse literário também terá”	117
Figura 39: “Fuvest: alunas lançam abaixo-assinado pedindo mais livros de mulheres no vestibular”	121
<u>Figura</u> 40: Recortes da reportagem publicada pela Folha de S. Paulo, 14/11/2023.	123

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEPLAN	Assessoria de Economia e Planejamento da UNICAMP
ALESP	Assembleia Legislativa de São Paulo
APL	Academia Paulista de Letras
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CFEMEA	Centro Feminista de Estudos e Assessoria
Comvest	Comissão Permanente para os Vestibulares da UNICAMP
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Fuvest	Fundação Universitária para o Vestibular
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
LIBRE	Liga Brasileira de Editoras
MEC	Ministério da Educação
PROFIS	Programa de Formação Interdisciplinar Superior da UNICAMP
RUF	Ranking Universitário da <i>Folha de S.Paulo</i>
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. NÃO HÁ DIREITOS HUMANOS SEM DIREITOS DAS MULHERES	24
2.1. A CONDIÇÃO HUMANA E OS FEMINISMOS	26
2.2. HISTÓRIAS E ATUALIDADES DE LUTAS DAS MULHERES	33
3. INTERDISCIPLINARIDADE - PRINCIPAIS ÁREAS	42
3.1. EDUCAÇÃO (para a liberdade).....	44
3.2. LITERATURA (e sua importância)	47
4. MECANISMOS DE VALIDAÇÃO DA LITERATURA.....	51
4.1. PRODUÇÃO EDITORIAL.....	55
4.1.1 Editoras Tradicionais	57
4.1.2 Editoras Independentes	58
4.2. PRÊMIOS LITERÁRIOS	60
5. VESTIBULARES: A LEITURA OBRIGATÓRIA COMO REFORÇO DA SUBMISSÃO E DO APAGAMENTO FEMININO.....	64
5.1. UNICAMP - HISTÓRICO DE INOVAÇÕES	68
5.2. USP - MUDANÇAS EM CURSO	74
5.2.1. Burburinho em praça pública (ou: sobre a importância de atitudes radicais)	91
5.3. COMO AS MUDANÇAS ACONTECEM.....	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICES	144
APÊNDICE - A	144
APÊNDICE - B	147
APÊNDICE - C.....	148
APÊNDICE - D	149
APÊNDICE - E	154
APÊNDICE - F	175
APÊNDICE - G.....	198
APÊNDICE - H.....	201
ANEXOS	203
ANEXO 1	203

ANEXO 2	204
ANEXO 3	205
ANEXO 4	213

1. INTRODUÇÃO

Como parte de um programa interdisciplinar de pós-graduação, esta Dissertação se apoia em três eixos principais que formam as lentes através das quais analisamos se os dados coletados confirmam a inquietação inicial: como se dá a invisibilização da Literatura Ficcional produzida por mulheres nas listas de leitura obrigatória para vestibulares?

Entendemos que as listas sugeridas pelas universidades constituem uma instância acadêmica importante, visto que tais leituras podem ajudar a propiciar a entrada de estudantes no ensino superior em universidades públicas brasileiras.

Os três eixos principais são: a **perspectiva feminista sobre a condição da mulher** em nossa sociedade, a perspectiva de análise **interdisciplinar de tal fenômeno** e a identificação de alguns **mecanismos legitimadores** sobre o que é literatura.

Aqui, acreditamos ser importante explicitar que o objetivo deste trabalho não consiste em avaliar a qualidade literária das obras escolhidas como obrigatórias para a realização de vestibulares. Todo o esforço é no sentido de verificar como se dá a promoção da visibilidade da escrita literária feita por mulheres, ou como ocorre um apagamento de tal produção nas listas de vestibulares; também fomos saber se essa tendência reflete indicadores de produção editorial e premiações literárias.

Iniciamos nossa investigação utilizando referências de intelectuais feministas para dar suporte à reflexão sobre informações atuais e históricas a respeito da condição de vida das mulheres brasileiras. Os dados coletados procuraram retratar a vivência de mulheres, perpassada por marcadores diversos (cor, raça, etnia, orientação sexual, classe social, identidade sexual), buscando encontrar pontos de convergência e, possivelmente, de divergência entre mulheres heterossexuais, bissexuais e lésbicas, cisgênero e transgênero, indígenas, negras, pardas e brancas, pertencentes a todas as classes sociais brasileiras.

Os dados oficiais encontrados serão contrapostos ou juntados a reflexões feitas pelas pesquisadoras feministas Lélia González¹, Gayatri Spivak², Gloria

¹ Lélia González foi uma intelectual, filósofa, antropóloga brasileira, pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil, muito atuante no início dos anos 80.

² Gayatri Spivak é uma estudiosa nascida na Índia, professora na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

Anzaldúa³, Maria Amélia (Amelinha) Teles⁴, bell hooks⁵, Virginia Woolf⁶, Audre Lorde⁷ e Daniela Auad⁸, entre outras feministas e estudiosas de gênero.

É importante informar que este trabalho se propõe a utilizar, de forma intencional, somente epistemologia feminina e feminista. Tal escolha não implica desconsiderar a qualidade dos estudos realizados por homens em filosofia, literatura e demais áreas que nos acompanham ao longo de nossa Dissertação. Também reconhecemos que muitas das mulheres pesquisadoras que guiam nossa jornada referenciam, em seus próprios trabalhos, autores, mentores, pesquisadores canônicos em suas áreas. Nossa decisão decorre da compreensão de que houve, e ainda há, um silenciamento de vozes e apagamento de escritas de mulheres pesquisadoras, de modo geral, no ambiente acadêmico. Nosso propósito é dar visibilidade para o fato de que, apesar de muitas mulheres produzirem conhecimento, nem sempre são reconhecidas como cânone teórico.

Até o início do século XIX, as escolas e a instrução formal eram vedadas às mulheres, mesmo no que chamamos hoje de Ensino Básico, conforme relatado por Amelinha Teles, em seu livro *Breve história do feminismo do Brasil e outros ensaios*:

Na primeira metade do século XIX, houve mulheres que começaram a reivindicar seu direito à educação. O ensino então proposto (1827) só admitia para as meninas a escola de 1º grau, sendo impossível, portanto, atingir níveis mais altos, abertos aos meninos. O aspecto principal continuava sendo a preparação para as atividades do lar

³ Gloria Anzaldúa foi uma intelectual, feminista, estudiosa da teoria chicana, nascida nos Estados Unidos, escritora de trabalhos importantes a partir do final dos anos 70.

⁴ Amelinha Teles é uma escritora feminista brasileira, geralmente associada ao jornalismo por ter atuado em jornais alternativos feministas, ligados a sindicatos e à militância de resistência à Ditadura Militar, que ocorreu no Brasil a partir de 1964. Sua obra escrita se estende desde essa época até 2023.

⁵ bell hooks foi uma intelectual negra, teórica feminista, crítica cultural, artista e escritora. Escreveu mais de 30 livros, de gêneros diversos. Em seus trabalhos, tratou de temas como gênero, raça, classe, espiritualidade e ensino.

⁶ Virginia Woolf nasceu em Londres em janeiro de 1882, filha de um historiador que a educou em casa. Aos 20 anos já era crítica literária e em 1917 fundou com seu marido a Editora Hogarth Press. Woolf foi crítica literária, ensaísta, romancista, feminista e pioneira em muitas dessas áreas.

⁷ Audre Lorde foi uma escritora e ensaísta nascida nos Estados Unidos que se definia como uma mulher negra lésbica, feminista, socialista, mãe e membro de um casal interracial. Audre era também ativista por direitos humanos.

⁸ Daniela Auad é uma escritora, militante feminista brasileira, Professora Titular do Ensino Federal, em exercício na Universidade Federal de São Carlos-Sorocaba.

(trabalhos de agulha), em vez da instrução propriamente dita (escrita, leitura e contas). (Teles, 2017, p. 40)

Desta forma torna-se evidente que muitas mulheres não tiveram a oportunidade de alcançar o mesmo grau de escolaridade e a mesma educação formal que homens de seu tempo. Desta maneira, muitos talentos nunca foram descobertos: mulheres não puderam escrever, estudar, pesquisar e também não puderam ter suas obras publicadas e tornadas canônicas no presente.

Houve exceções, com certeza: Nísia Floresta⁹, uma das primeiras feministas no Brasil, criou em 1838 uma escola exclusiva para a educação de meninas. Já a primeira escola mista, para meninos e meninas, foi fundada em 1881, no Maranhão, por uma mulher, escritora, professora, militante abolicionista negra: Maria Firmina dos Reis¹⁰. Infelizmente o espaçamento temporal entre a primeira escola para meninas e a primeira escola mista nos indica que são mesmo exceções que, como diz o clichê, “confirmam a regra”. Não há uma variedade enorme de iniciativas de inclusão (e esta palavra sempre indica que houve exclusão prévia) das meninas no ambiente escolar. A Lei vigente à época, Lei de 15 de outubro de 1827, ordenava a criação de “escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império” e estipulava que haveria escolas “de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento”. A lei não deixava nenhuma informação quanto ao número de habitantes que uma cidade populosa deveria ter para ganhar uma escola, assim como não identifica critérios para que fosse julgado se uma escola para meninas seria necessária. Além disso, as meninas não eram as únicas a não poder participar de tal ambiente: pessoas escravizadas, a população de cidades menores, entre outras pessoas, não tinha acesso à escolas e à instrução.

A academia e a pesquisa acadêmica ainda hoje se mostram como ambientes de pertencimento predominantemente masculino, como podemos ver abaixo, nas informações levantadas pela própria Universidade de São Paulo sobre números de docentes por gênero, em seu Anuário Estatístico de 2023. Sabemos que há maior

⁹ Nísia Floresta Brasileira Augusta foi o pseudônimo escolhido por Dionísia Gonçalves Pinto, considerada a primeira educadora e jornalista feminista do Brasil.

¹⁰ Maria Firmina dos Reis foi uma mulher maranhense, nascida entre 1822 e 1825 (data correta desconhecida), pioneira nas áreas em que atuou: primeira mulher romancista brasileira, primeira proprietária de uma escola mista, musicista.

presença de mulheres em áreas específicas, mesmo enfrentando várias dificuldades, algumas das quais serão tratadas aqui.

Como indicado por Daniela Auad e Denise Sepúlveda¹¹ em seu artigo *Relações de gênero e sexualidade no Brasil: desafios interseccionais e justiça para mulheres negras e LBTs* (2022), a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, cor e classe social traz um enorme desafio para que haja justiça epistêmica, acadêmica e científica para as mulheres (e ainda mais para mulheres negras, ainda mais para mulheres negras LBTs, sobretudo se são pobres). Nesse contexto, reforçamos nossa intenção de enfatizar, com um recorte epistêmico feminino e feminista, a quantidade e qualidade de trabalhos realizados por pesquisadoras mulheres em suas respectivas áreas de atuação, principalmente em nosso país. Não seremos nós a perpetuar mais um apagamento feminino.

Retomando à escolarização das mulheres brasileiras, dados mais atuais indicam que dentre as pessoas de 25 anos ou mais, as mulheres têm mais anos de escolarização, já que 14,3% das mulheres estudaram por 15 anos ou mais, enquanto 11,6% dos homens estudaram por esse mesmo período (IBGE, 2015). Veremos mais adiante se esses dados sobre a escolarização feminina já se traduziram em melhorias no mercado de trabalho.

A perspectiva interdisciplinar adotada neste trabalho baseia-se nos estudos de Olga Pombo¹², doutora em História e Filosofia da Educação, que dedicou sua atenção ao tema da Interdisciplinaridade em vários de seus escritos.

A Interdisciplinaridade é/será exemplificada através de cruzamentos entre diferentes saberes. A condição da mulher na sociedade será apresentada através dos estudos conduzidos por educadoras, historiadoras, comunicadoras, filósofas, sociólogas e outras profissionais, militantes, pesquisadoras. A literatura será referenciada principalmente por textos de Regina Dalcastagnè¹³, uma estudiosa de Literatura Contemporânea. A Produção Editorial Brasileira, outra área de estudo, também será utilizada para a formação das lentes pelas quais interpretamos os

¹¹ Denise Sepúlveda é Coordenadora Adjunta e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGedu) da UERJ/FFP, Professora Pós-Doutora em Educação, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos da UERJ/FFP

¹² Olga Pombo é Doutora em História e Filosofia da Educação pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, pesquisadora e escritora.

¹³ Regina Dalcastagnè é Professora Titular da Universidade de Brasília e Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC)

dados finais. A área da Educação terá como referência pesquisas lideradas pela professora Regina Dalcastagnè e por trabalhos da professora Daniela Auad. Embora Literatura, Produção Editorial e Educação possam parecer serem um único campo de análise, ou pelo menos, parecer serem campos bastante interligados, veremos que não é assim que as Universidades validam essas áreas. A perspectiva interdisciplinar que adotamos busca integrar essas áreas, reconhecendo a interconexão entre elas, enquanto observamos como as instituições acadêmicas podem adotar uma prática mais segmentada ou disciplinar desses campos.

Todos os saberes e áreas distintas ou correlatas são utilizadas para a análise de dados mais específicos: a legitimação que a Academia, através das leituras indicadas para o vestibular das duas Universidades Estaduais de São Paulo melhor situadas no Ranking da 20 melhores universidades da América Latina, realizado pelo provedor de dados e avaliações de educação Times Higher Education: Universidade de São Paulo (USP - Vestibular Fuvest) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - Vestibular Comvest). O ranking da Times traz mais um dado interessante para nossa pesquisa: a proporção entre alunos e alunas. Na USP, a proporção geral é de 47 mulheres a cada 53 homens; na UNICAMP, 46 mulheres a cada 54 homens.

É importante ressaltar um outro motivo para a escolha de tais universidades: ambas indicam obras literárias específicas como leitura obrigatória para a realização de seus Exames Vestibulares. Embora haja mais uma universidade pública estadual em São Paulo, a Universidade Estadual Paulista (UNESP), que supera a UNICAMP em número de inscritos para seu vestibular, a UNESP não faz indicação de obras literárias de leitura obrigatória para a realização de seu vestibular anual.

Sendo assim, apresentamos aqui, de forma resumida, o recorte feito para nosso objeto de análise: a presença de autoras mulheres nas obras literárias indicadas como leitura obrigatória para a realização dos vestibulares da USP e UNICAMP.

O recorte temporal abrange o período de 2015 a 2026, delimitado por razões específicas. O ano de 2015 é um marco feminista, ano de celebração das quatro décadas do Ano Internacional da Mulher, instituído pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1975. As dificuldades de acesso a direitos básicos por parte da maior porção da população brasileira, a população de mulheres, faz com que cada 8 de março, cada ano celebrativo tenha um significado maior. Não se trata de uma

celebração pura e simplesmente, mas sim do balanço sobre as conquistas feitas até então, a retomada de metas estipuladas e a verificação sobre tais metas terem ou não sido alcançadas.

A escolha de 2026 como ano final de coleta e exame das listas de leitura obrigatória foi feita no início da escrita desta Dissertação e se justificava por ser o último ano cujas leituras obrigatórias de ambas as Universidades já haviam sido selecionadas e divulgadas. Em novembro de 2023 a lista de indicações da Fuvest previamente publicada para 2026 foi substituída, assim como foram divulgadas novas listas de indicações para as edições 2027, 2028 e 2029 do vestibular. Foi necessário, então, incorporar a nova lista de 2026 a nosso trabalho. O recorte temporal estabelecido inicialmente se manteve, mas dados referentes às duas listas da Fuvest foram analisados e comparados. Sendo assim, discutiremos também a importância das novas listas da Fuvest, dada a relevância das alterações realizadas e a comoção gerada nos meios acadêmicos e midiáticos diante das novas leituras propostas.

A seguir, apresentamos o resumo dos capítulos que compõem esta Dissertação, sendo este primeiro capítulo uma síntese dos principais tópicos abordados nesta Dissertação.

No segundo capítulo é mostrada a coleta de dados sobre as condições de vida das mulheres no Brasil, ressaltando várias mazelas ainda não resolvidas, celebrando conquistas e apresentando como os movimentos feministas vêm essas condições e em quais lutas têm atuado. Nesse capítulo, evocamos as contribuições trazidas por trabalhos de Amelinha Teles, Daniela Auad e Lélia González.

No terceiro capítulo, intitulado "Interdisciplinaridade – principais áreas", exploramos as disciplinas fundamentais que permeiam a análise dos dados coletados durante a pesquisa conduzida para a conclusão desta Dissertação: Educação, Literatura e Relações de gênero, mantendo sempre em foco o contexto das vidas femininas no Brasil. No campo da Educação nossas referências são as Professoras Daniela Auad e Regina Dalcastagnè. Em relação à Literatura, nos apoiamos novamente nas pesquisas de Regina Dalcastagnè e nos trabalhos de Gloria Anzaldúa. A forma como as áreas da literatura, educação e relações de gênero influenciam umas às outras, a forma como a interdisciplinaridade se coloca como imprescindível tem como referência a professora Olga Pombo e todas as

intelectuais já mencionadas. Quanto a relações de gênero, nos baseamos em trabalhos das feministas Daniela Auad e Amelinha Teles.

No quarto capítulo, denominado "Mecanismos de validação da literatura", apresentamos como o mercado editorial, os prêmios e o cânone literário são formados e validados. Investigamos também a presença e ausência de autoras femininas nesse cenário, e se ela reflete a representatividade da população feminina brasileira.

Por fim, no quinto capítulo, são apresentados os dados quantitativos sobre os vestibulares Fuvest, da USP, e Comvest, da UNICAMP. Procede-se a uma reflexão sobre a interação entre tais dados: o número de autoras e autores em cada vestibular, o número de livros escritos por mulheres e homens nas listas, a nova proposta da Fuvest e as reações a essa proposta. Com base na teoria feminista e nas condições de vida da população feminina brasileira, buscamos compreender as complexas relações entre esses elementos.

Nas Considerações Finais, apresentamos os resultados obtidos ao longo de todo o trabalho. Buscamos elucidar se há um apagamento da produção literária feminina, e de que forma esse apagamento reforça a alteração ou permanência da condição inferiorizada da mulher na sociedade brasileira. Além disso, procuramos compreender e explicar os fatores que promovem tal apagamento. Esperamos que este trabalho possa contribuir para o conhecimento acumulado nas áreas de Gênero, Literatura, Produção Editorial e Educação.

Por fim, gostaríamos de relatar que as pesquisas e aulas necessárias para a conclusão desta Dissertação foram iniciadas em 2021, em regime de discente especial, durante o auge da pandemia de Covid-19 no Brasil. Enfrentando as dificuldades do período, quando o número de casos e mortes atingiam recordes diários, as aulas de Mestrado foram realizadas de forma remota, síncrona, por meio de uma plataforma online. Desta forma, fomos privados de uma parte essencial em um programa interdisciplinar, especialmente em um programa sobre a Condição Humana: a interação real com seres humanos de diferentes bagagens, formações e experiências de vida. O contato pessoal com colegas foi mínimo até meados de 2022; mesmo assim, essas interações enriqueceram nossa experiência.

Também gostaríamos de registrar que o percurso de escrita deste trabalho foi, até os últimos dias, o de "metamorfose cíclica", como decidimos denominar. A cada vez que nos parecia que havíamos alcançado um formato, identificado seu

tema central e seu objeto de estudo, a pesquisa recebia novas contribuições, descobria novos caminhos e se transformava, tornando-se novamente uma pesquisa diferente.

A penúltima metamorfose ocorreu três meses e meio após a qualificação do trabalho para defesa da Dissertação, quando a Fuvest atualizou as listas de leituras obrigatórias para os exames vestibulares de 2026 a 2029. A última metamorfose aconteceu devido às reações que essa atualização por parte da Fuvest gerou. A magnitude das reações por parte da sociedade foi tão expressiva que foi preciso estabelecer uma data limite para a coleta de dados sobre essas repercussões. Considerando que o anúncio das mudanças aconteceu 80 dias antes da data marcada para a defesa da Dissertação, estipulamos que o período de 40 dias antes da defesa seria o nosso limite máximo para a obtenção de novas informações. Em outras palavras, observamos as repercussões, seja em artigos de veículos da grande imprensa, jornalismo alternativo e/ou comunitário, mídias sociais ou outros veículos de comunicação, publicadas até 30 de dezembro de 2023. Esperamos que a leitura a seguir seja instigante e seu conteúdo ganhe, ao menos parcialmente, cada leitora para esse tema que tem nos envolvido, inquietado e feito, ainda mais, buscar transformações. Boa leitura!

2. NÃO HÁ DIREITOS HUMANOS SEM DIREITOS DAS MULHERES

Então subia, séria como uma missionária por causa dos operários no ônibus que “poderiam lhe dizer alguma coisa”. Aqueles homens que não eram mais rapazes. Mas também de rapazes tinha medo, medo também de meninos. Medo que lhe “dissem alguma coisa”, que a olhassem muito. Na gravidade da boca fechada havia a grande súplica: **respeitassem-na**.

Clarice Lispector¹⁴

Neste capítulo, tratamos sobre como a afirmação-título acima pode, ainda, não estar evidente em nossa sociedade. Na apresentação do livro *Feminismo, que história é essa?*, de Daniela Auad, Maria Victória Benevides¹⁵ relata ter aprendido com Auad a repetir que “sem os direitos das mulheres não existem direitos humanos” (2003, p. 10). De fato, a premissa é simples: se os direitos são inerentes à condição humana, e as mulheres são seres humanos, então não pode haver verdadeiros direitos humanos sem os direitos das mulheres. A necessidade de enfatizar tal assertiva sugere a presença de desumanização não apenas das mulheres, mas também de outras parcelas da população, incluindo pessoas negras, povos originários, crianças, população LGBTQIA+ e todas as possíveis interseccionalidades entre esses grupos (por exemplo: meninas, meninas negras, mulheres indígenas, mulheres trans, mulheres lésbicas, mulheres lésbicas negras etc.), que ainda não alcançaram plenamente o escopo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada em 1948.

O fim do período da Ditadura Militar no Brasil foi marcado pela instauração de uma Assembleia Constituinte, eleita democraticamente em 1986 para redigir uma nova Carta Magna para o país, substituindo a que havia sido escrita pelo governo golpista em 1967. A Constituição resultante, promulgada em 1988, é conhecida até hoje como “Constituição Cidadã” por incorporar os princípios dos Direitos Humanos à legislação nacional.

Representando o Brasil feminino daquela época, havia 25 mulheres entre os 559 Constituintes: 487 Deputados e 72 Senadores (Teles, 2023, p. 75). Dito de outra

¹⁴ Clarice Lispector foi uma escritora e jornalista brasileira nascida em 1920. Clarice nasceu na Ucrânia, mas se considerava uma mulher brasileira. Ela cresceu em Maceió e Recife. No início da idade adulta mudou-se para o Rio de Janeiro para continuar seus estudos. Clarice é uma das escritoras brasileiras mais conhecidas e respeitadas, tendo recebido o Prêmio Jabuti duas vezes, além de outras premiações. A escritora faleceu no Rio de Janeiro, em 1977.

¹⁵ Maria Victória Benevides é socióloga e cientista política, professora titular aposentada da Faculdade de Educação da USP, membro da Comissão Arns de Defesa dos Direitos Humanos.

forma, apenas **4,5%** dos parlamentares que compunham a Assembleia Constituinte de 1988 eram mulheres.

Apesar de ser chamada de Constituição Cidadã, e de garantir legalmente direitos até então negados às mulheres, muitos desses direitos ainda não foram efetivados, sendo a luta pelo direito à vida um exemplo marcante, dada a persistente prevalência da violência contra as mulheres.

Vejam alguns direitos de origem feminista e que foram garantidos na Constituição de 1988. A licença-paternidade, trazida à pauta por feministas como Jacqueline Pitanguy, foi vista à época como uma piada, mas, após um dos parlamentares ter vivenciado pessoalmente os desafios do pós-parto ao cuidar de sua esposa doente e da filha, precisando ausentar-se das sessões por esse motivo, seu discurso a favor da proposta comoveu o plenário. Desta forma a proposta trazida por mulheres feministas, discutida e feita de chacota, só foi votada e aceita porque um dos homens a defendeu entre lágrimas (Teles, 2023, p. 86).

Um outro direito conquistado na Constituição, a **proibição de diferença de salários**, de exercício, de funções e de critério de admissão **por motivo de sexo**, idade, cor ou estado civil, ainda é uma luta não plenamente vencida nas práticas da sociedade até hoje. Sendo uma necessidade tão premente veio a ocupar o lugar de plataforma de um dos candidatos em campanha para a Presidência da República nas eleições de 2022. O candidato eleito (para seu terceiro mandato), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, manteve sua promessa de campanha e propôs o Projeto de Lei nº 1.085/2023, que dispõe sobre a igualdade salarial e remuneratória entre mulheres e homens. O projeto foi aprovado no Congresso Nacional, no dia 4 de maio de 2023, pelo Senado em 1º de junho e em 3 de julho de 2023 a LEI Nº 14.611 foi publicada no Diário Oficial da União. Entre 1988, ano da promulgação da Constituição, e a publicação da lei, houve um hiato de 35 anos, durante os quais as empresas não necessariamente foram punidas por praticarem diferenciação salarial com base no gênero de seus trabalhadores/as.

A seguir, apresentaremos um pouco de história e a condição atual das mulheres, com dados recentes e, lamentavelmente, alarmantes.

2.1.A CONDIÇÃO HUMANA E OS FEMINISMOS

Compreendemos que neste ponto da Dissertação é necessário trazer as referências teóricas utilizadas para definir o termo ‘feminismos’ e a forma como os entendemos e os abordaremos neste trabalho.

A escritora bell hooks afirma que gostaria que o termo feminismo fosse lembrado como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (2022, p.13). Para hooks uma chave importante para a compreensão sobre o feminismo é compreender o que é o sexismo, sistema de opressão em que um gênero se coloca como superior e oprime o outro. Ainda segundo hooks pensamentos e comportamentos sexistas poderiam ser praticados tanto por mulheres quanto por homens (2022, p.19). hooks aponta ainda as divergências que marcaram o início dos movimentos feministas nos quais raça e classe, portanto as interseccionalidades, não eram consideradas (2022, p.20).

Em estudos mais recentes Daniela Auad conceitua feminismo como “um movimento formado por mulheres críticas e questionadoras” cujo objetivo é “liberar tanto as mulheres quanto os homens para uma vida autêntica e consciente” (Auad, 2003, p. 14). Auad demonstra concordar com a definição de bell hooks sobre a importância que o sexismo opera na sociedade, levando a atitudes machistas e a necessidade da luta feminista. No livro de 2003 ela antecipa o que estudos ainda mais recentes conceituariam: a existência do que chamou de “feminismo múltiplo...(que) defende que os sujeitos são sempre múltiplos... compostos por muitos elementos” (2003, p.63). Auad explica que o feminismo múltiplo (que viria a ser chamado de *feminismos*), “assume a luta pela igualdade social, nos campos em que a igualdade for necessária, e pela preservação das diferenças sem que estas se tornem desigualdades (2003, p. 63).

Por último e de forma cronológica, Maria Amélia de Almeida Teles afirma em seu mais recente livro, *Feminismos - Ações e histórias de mulheres*, que feminismo tem como significado a necessária variedade de “(...) ações de mulheres contra o fato de serem proibidas de ter e exercer direitos em igualdade de condições e de oportunidades com os homens” (Teles, 2023, p. 17).

Amelinha, como é comumente conhecida, é célebre por sua longa jornada de militância e luta feminista, a favor da democracia e em busca de punições para os

perpetradores de torturas ocorridas no Brasil, durante o governo estabelecido pelo Golpe Militar de 1964.

No livro de 2023, citado acima, a autora destaca que há diferenças e desigualdades na sociedade brasileira, assim como em outros países. As diferenças são trazidas por características pessoais e não pressupõem hierarquização de direitos em sua função; já as desigualdades acontecem quando certas características são vistas com maior valoração do que outras e um sistema de hierarquia de acesso a direitos, de opressões, de exploração e até de escravização, em pleno século XXI, se instaura (Teles, 2023, p. 29).

A sociedade brasileira, assim como outras, está alicerçada em premissas patriarcais, elevando a característica biológica “sexo masculino” a uma posição mais valorizada. Essa premissa é o cerne da necessidade de luta contra a desigualdade, ou seja, o feminismo como descrito anteriormente nas palavras de Amelinha.

Uma vez que o sistema de desigualdades não se limita apenas à variável sexo, mas também abarca outras características dos seres humanos, tais como procedência, cor/etnia, orientação sexual, entre outras, torna-se evidente a necessidade de diversas lutas para confrontar esse sistema. Em relação às mulheres, diversas lutas foram sendo estabelecidas ao longo da história, de acordo com as opressões sofridas por elas: mulheres lésbicas sofrem as mesmas opressões que mulheres heterossexuais, acrescidas pela opressão da homofobia; mulheres racializadas sofrem as mesmas opressões que mulheres consideradas não racializadas, visto que a sociedade brasileira ainda se baseia numa falsa normalidade, em que pessoas brancas são consideradas a norma; e essa opressão da norma só é sentida por mulheres racializadas. Diante de tais diferenças, resultantes de outros sistemas de opressão, a luta dos movimentos sociais se desenvolveu na busca pela garantia da igualdade de direitos.

Assim como Amelinha, Daniela Auad ressalta que os feminismos “são muitos, porque existem vários “tipos” de feminismos. Esses feminismos representam vários grupos de mulheres” (Auad, 2003, p. 14). A autora argumenta que, apesar das diferenças, os movimentos convergem devido a algumas certezas compartilhadas pelas mulheres. Infelizmente, uma dessas certezas é a compreensão de que há uma “opressão específica a todas as mulheres”, presente em todas as classes sociais, em todos os grupos étnicos e culturais (Auad, 2003, p. 87).

Ao compreendermos o funcionamento desses sistemas de valoração e opressão, torna-se evidente porque, a partir deste ponto, optamos pelo termo “Feminismos” no plural. Fica claro que este trabalho, assim como outras iniciativas discutidas posteriormente, desempenha um papel importantíssimo na busca pela equidade de gênero. Como destaca a professora Daniela Auad, “a cada conquista de direitos (e não de privilégios) das mulheres, os homens também ganham muito” (2014, p. 14). Um exemplo concreto disso é a licença-paternidade, já mencionada, votada na Assembleia Constituinte de 1988.

Em relação à linha do tempo e à história dos movimentos feministas, compartilhamos com Amelinha Teles a decisão de não categorizá-los em ondas, como proposto por algumas autoras. Reconhecemos que houve momentos em que os feminismos estiveram mais evidentes na sociedade, assim como períodos em que não estavam tão proeminentes; mas em todos esses momentos, percebemos uma constante luta, reflexão e resistência feminina às opressões sofridas. Em algumas situações, essas “atitudes feministas” foram expressas de forma quase solitária e individual, enquanto em outros momentos, a característica predominante foi a ação coletiva. Atualmente, vivenciamos um período de feminismos fortes, coletivos, visíveis, discutidos, aguerridos e socializados, mas nenhum dos momentos anteriores deve ser menosprezado; afinal, feminismos “não são ‘ondas’, mas sim um processo histórico de construção de novas forças políticas e sociais, de reflexão, estudos e ação” (Teles, 2023, p. 132, grifo nosso). O objetivo, em qualquer um desses momentos, sempre foi romper com paradigmas e barreiras patriarcais.

Assim, também ressaltamos que não há lutas mais importantes que outras. Toda e qualquer luta por direitos humanos significa que uma parcela da sociedade está alijada desses direitos, que, em sua gênese, são prerrogativas de todos os seres humanos. Cada avanço proveniente de movimentos sociais populares (feministas, movimento negro, defesa dos direitos das pessoas com deficiência, entre outros) não apenas assegura progressos para esses movimentos, mas também proporciona oportunidades para outras causas.

Nesse sentido consideramos de suma importância a afirmação da escritora e intelectual chicana Gloria Anzaldúa, estudiosa da consciência *mestiza*:

É imperativo que as mestizas apoiem umas às outras no processo de mudança dos elementos sexistas na cultura índio-mexicana. Enquanto

as mulheres forem diminuídas, o/a índio/a e o/a negro/a em todos/as nós são diminuídos/as. A luta da mestiza é, acima de tudo, uma luta feminista. (Anzaldúa, 2005, p. 711.)

A afirmação de Anzaldúa dialoga diretamente com o pensamento expressado pela brasileira Lélia González, que permanece atual. González pontua em seus textos o quanto é ilegítima a ideia de uma norma eurocentrista branca na sociedade brasileira, e em toda a América Latina. A autora propõe que percebamos que todas nós somos parte de um povo améfrico ladino. Um povo nascido da matança de populações indígenas por parte dos colonizadores europeus, com um passado escravocrata longuíssimo, marcado por violências sexuais cometidas contra mulheres indígenas, mulheres negras escravizadas e contra as “sinhas”, esposas dos europeus colonizadores, não pode pensar que é um povo branco, e que a normalidade é ser branco. González chama essa crença de normalidade branca eurocentrada de “neurose cultural brasileira” e ressalta que os grandes orgulhos gerados por nascer neste país vêm do Carnaval, do samba, da capoeira, todas expressões africanas, resultados da resistência dos povos escravizados a, justamente, os brancos europeus (González, 2020, p. 341).

Os escritos de González evidenciam o caráter sistêmico, histórico e estrutural das violências contra a mulher brasileira. Neste contexto, empregamos mais um termo no plural porque as violências enfrentadas pelas mulheres em nossa sociedade também são historicamente diversas. Segundo o texto da Lei Maria da Penha¹⁶ (Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006), bem como a organização visual no site do Instituto Maria da Penha¹⁷, existem, no mínimo, cinco tipos de violência contra a mulher: violência física (feminicídio, lesões, tortura, entre outras formas); violência psicológica (ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação etc.); violência sexual (englobando não apenas estupro e coação para atividades sexuais, mas também condutas que restrinjam ou anulem o exercício de seus direitos sexuais

¹⁶ Maria da Penha Maia Fernandes (Fortaleza-CE, 1º de fevereiro de 1945) é farmacêutica bioquímica e se formou na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal do Ceará em 1966, concluindo o seu mestrado em Parasitologia em Análises Clínicas na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo em 1977. Em 1983 a farmacêutica ficou paraplégica devido à violência perpetrada por seu marido à época. A luta de Maria da Penha por justiça resultou na aprovação da Lei Maria da Penha.

¹⁷ Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 22 dez. 2023.

e reprodutivos), violência patrimonial (envolvendo bens, valores e direitos ou recursos econômicos, entre outros) e violência moral (calúnia, difamação ou injúria).

Dados publicados em 2023 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública na pesquisa “Visível e Invisível - A vitimização de mulheres no Brasil” realizada em 2022 mostram que apenas naquele ano 46,7% das mulheres brasileiras de 16 anos ou mais sofreram alguma forma de assédio sexual. Segundo a pesquisa a “conduta mais frequentemente citada foi a cantada e os comentários desrespeitosos na rua”. Outros tipos de violências sexuais sofridos por mulheres foram e que 33,4% das mulheres de 16 anos ou mais já sofreram violência física e/ou sexual por parte do parceiro íntimo ou do ex-parceiro. Segundo o Fórum:

Chama a atenção que a vitimização por violência sexual seja similar entre todos os grupos, mas quando a questão trata de violência física, entre negras a prevalência é 8 pontos superior à encontrada entre mulheres brancas (2023, Fórum Brasileiro de Segurança Pública).

Em 1984 Audre Lorde publicou o livro *Sister Outsider*, uma coletânea de ensaios palestras no qual chamava a atenção para o mesmo assunto tratado acima:

... o ódio contra as mulheres como um recurso dos impotentes está minando a força das comunidades negras, e nossas próprias vidas. O estupro está aumentando, comunicado ou não, e estupro não é sexualidade agressiva, é agressão sexualizada (Lorde, 2019, p.245).

bell hooks também expressou várias preocupações referidas pelos dados do Fórum como violências “por parte do parceiro íntimo ou do ex-parceiro”. Sobre a violência sofrida por mulheres e principalmente crianças em ambiente doméstico, hooks afirmava que:

...a maioria das pessoas tende a enxergar a violência doméstica entre adultos como algo separado e diferente da violência contra crianças, quando não é. Com frequência, crianças sofrem abuso quando tentam proteger a mãe que está sendo atacada por um companheiro ou marido, ou são emocionalmente afetadas por testemunhar violência e abuso (hooks, 2019)

Os dados revelados pelo Fórum mostram o quanto as afirmações de Lorde e hooks ecoam a realidade de 1984, nos Estados Unidos, assim como no Brasil do século XXI.

Além das violências afirmadas acima, as mulheres também passam por dificuldades que não são enfrentadas pelos homens, decorrentes de todo um sistema organizado de maneira a atribuir a elas as responsabilidades pelos cuidados. O termo “cuidados” abrange todo e qualquer tipo de tarefa necessária para a sobrevivência das pessoas. São exemplos a criação das crianças, os trabalhos domésticos, a assistência a pessoas doentes, idosas ou em outra situação de vulnerabilidade, a higiene doméstica, a preparação dos alimentos, entre outros cuidados.

Atualmente, segundo dados divulgados em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mulheres dedicam 21,4 horas semanais aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, enquanto homens dedicam praticamente a metade desse total, 11 horas semanais.

Em 2020, editoras de revistas de publicações científicas, como Elizabeth Hannon, editora do *British Journal for the Philosophy of Science*, perceberam uma significativa redução no número de submissões de artigos científicos por mulheres no primeiro trimestre daquele ano (reportagem de Anna Fazackerley para o jornal *The Guardian*, maio de 2020¹⁸). A redução no número de submissões de artigos científicos naquele ano foi uma das muitas consequências diretas da pandemia de Covid-19 em todo o mundo. O sistema de cuidado mantido como um trabalho de mulheres impediu que a atividade científica fosse desenvolvida por elas pois estavam cuidando, cuidando de enfermos, de filhos, da casa. Um sistema equalitária de divisão das tarefas de cuidado poderia ter afetado, sim, a submissão de artigos, mas não teriam sido as mulheres a única parcela da comunidade científica a sofrer com tal adversidade. A reportagem ainda traz o dado de que as submissões de artigos por homens subiram em 50% no mesmo período.

A escritora Gloria Anzaldúa, em seu ensaio “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, originalmente escrito em 1980, já apontava as dificuldades que mulheres enfrentam para escrever. Seu ensaio era particularmente destinado a suas “irmãs” chicanas e negras, e sabemos que, mesmo

¹⁸ Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2020/may/12/womens-research-plummets-during-lockdown-but-articles-from-men-increase>. Acesso em: 22 mar. 2023.

43 anos depois, mulheres racializadas, especialmente aquelas em situação de pobreza e lésbicas, continuam a enfrentar uma dupla discriminação.

Muitos anos antes de Gloria Anzaldúa, Virginia Woolf também havia tratado da questão da escrita para mulheres no ensaio *Profissões para mulheres*, de 1932. Nele Virginia expressa uma realidade possível para ela e poucas outras escritoras contemporâneas: “claro que foi por causa do preço baixo do papel que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões” (Woolf, 2012, p.10).

O tempo passou, mulheres entraram em novas profissões, mas o preço do papel e do lápis ainda se colocou como um impedimento, assim como o tempo escasso e as duplas e triplas jornadas de trabalho (emprego remunerado, cuidados domésticos e cuidados com os demais habitantes da casa). Woolf e Anzaldúa estão acompanhadas por Carolina Maria de Jesus em sua vontade, talento e luta por poderem escrever. No caso de Carolina Maria, no Brasil de 1959 o preço do papel ainda era um empecilho real, a luta por melhores condições de vida para si e para seus filhos e mesmo a fome também atrapalharam, mas não impediram que seu talento fosse reconhecido, por algum tempo.

Em relação às condições de vida das mulheres, Virginia Woolf, ainda no ensaio de 1932, imagina que as gerações mais jovens que a dela poderiam não ter passado ou não chegar a passar pelo que chamou de “fantasma Anjo do Lar”. Esse fantasma ainda assombra mulheres de nosso tempo. É o fantasma de ser necessário encaixar-se em uma expectativa que o gênero mulher deveria implicar: ser cordata, não reclamar, não ter opinião ou vontade própria. Virginia se mostra, então, visceral como Anzaldúa e mata seu fantasma porque se não o matasse, o fantasma arrancaria o coração de sua escrita (Woolf, 2012, p.13).

É possível concluirmos, então, que os dados do IBGE e da *British Journal for the Philosophy of Science* atestam que, mundialmente, mulheres ainda passam por dificuldade para escrever, produzir academicamente, colocar sua voz na forma escrita (e também na falada) por estarem ocupadas com as mais diversas necessidades de cuidados para a manutenção da vida saudável de seu núcleo ou de si mesma.

2.2. HISTÓRIAS E ATUALIDADES DE LUTAS DAS MULHERES

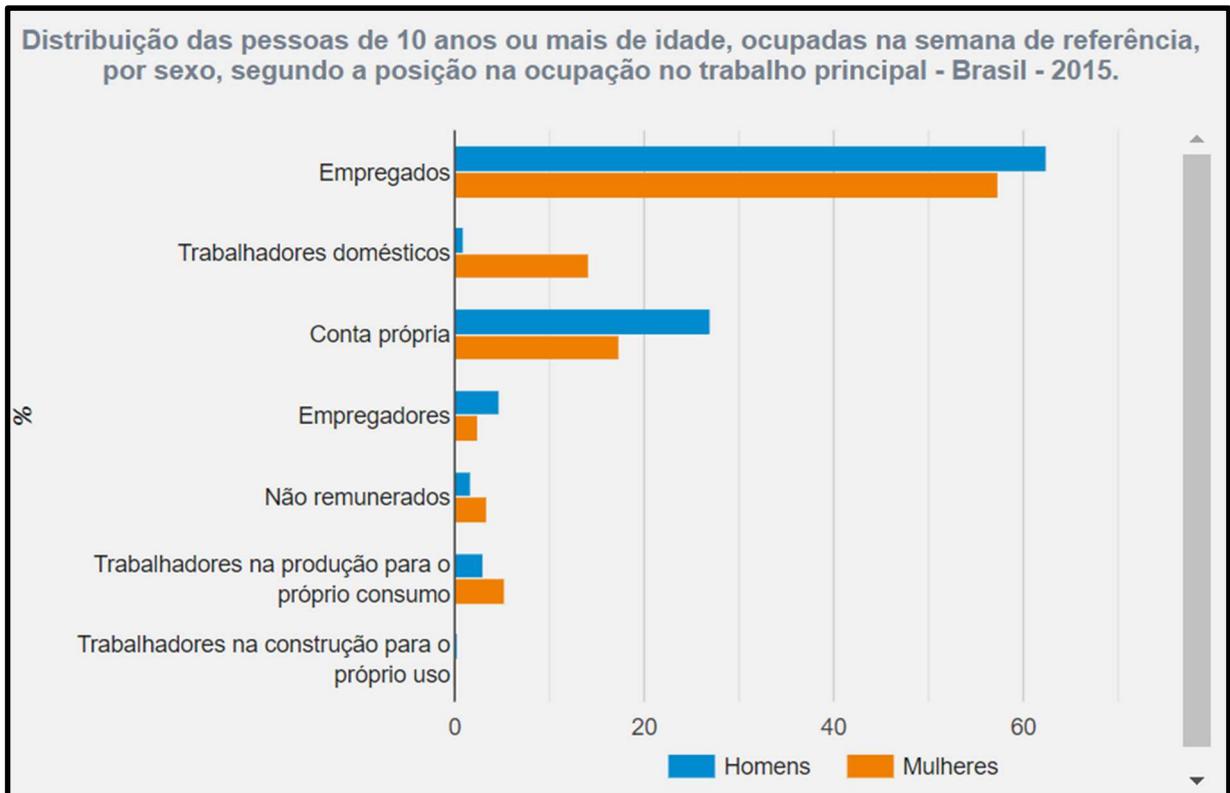
Para realizar um estudo sobre a presença das mulheres em qualquer área, faz-se necessária uma contextualização sobre a necessidade, ainda em 2023, de uma procura por esse pertencimento. Começamos lembrando que o Brasil é um país, não só com uma população de maioria feminina, mas com uma tendência matemática ao aumento do percentual de mulheres em sua sociedade.

Segundo os dados obtidos nos censos de 1980, 1991, 2000 e 2010, conduzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de mulheres sempre foi maior do que a de homens e também maior a cada Censo realizado. Em 1980 éramos 50,23% da população do país, em 1991 éramos 50,63%, em 1996 éramos 50,70%, em 2000 éramos 50,78%, em 2010 chegamos à 51,03% e no Censo de 2023 as mulheres são 51,5% da população brasileira (IBGE; 2010, 2023). Como este trabalho está sendo feito no Estado de São Paulo e sobre duas universidades públicas estaduais, também nos interessa saber que, pelo Censo de 2022, a população feminina do estado é de 51,8%, percentual ainda maior do que o parâmetro relativo ao território nacional.

Poderíamos pensar que um país com maioria feminina teria a presença equitativa de mulheres em todos os setores, ou na maioria deles, mas não é assim no Brasil (e, infelizmente, em parte significativa do mundo). A população feminina ainda está em posição de minoria social, com menos acesso a direitos civis, o que é facilmente comprovado ao verificarmos novamente dados do IBGE vindos tanto da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), quanto dos Censos Demográficos de 2010 e 2022 (resultados parciais divulgados em Panorama do Censo 2022).

Em relação à sua ocupação, conforme podemos ver no gráfico abaixo (Figura 1), em 2015, enquanto um total de 62,5% da população masculina estava ocupada, apenas 57,4% da população feminina tinha uma ocupação (formal, no mercado de trabalho); enquanto o percentual de homens em trabalho doméstico era de 1%, o de mulheres era de 14,2%.

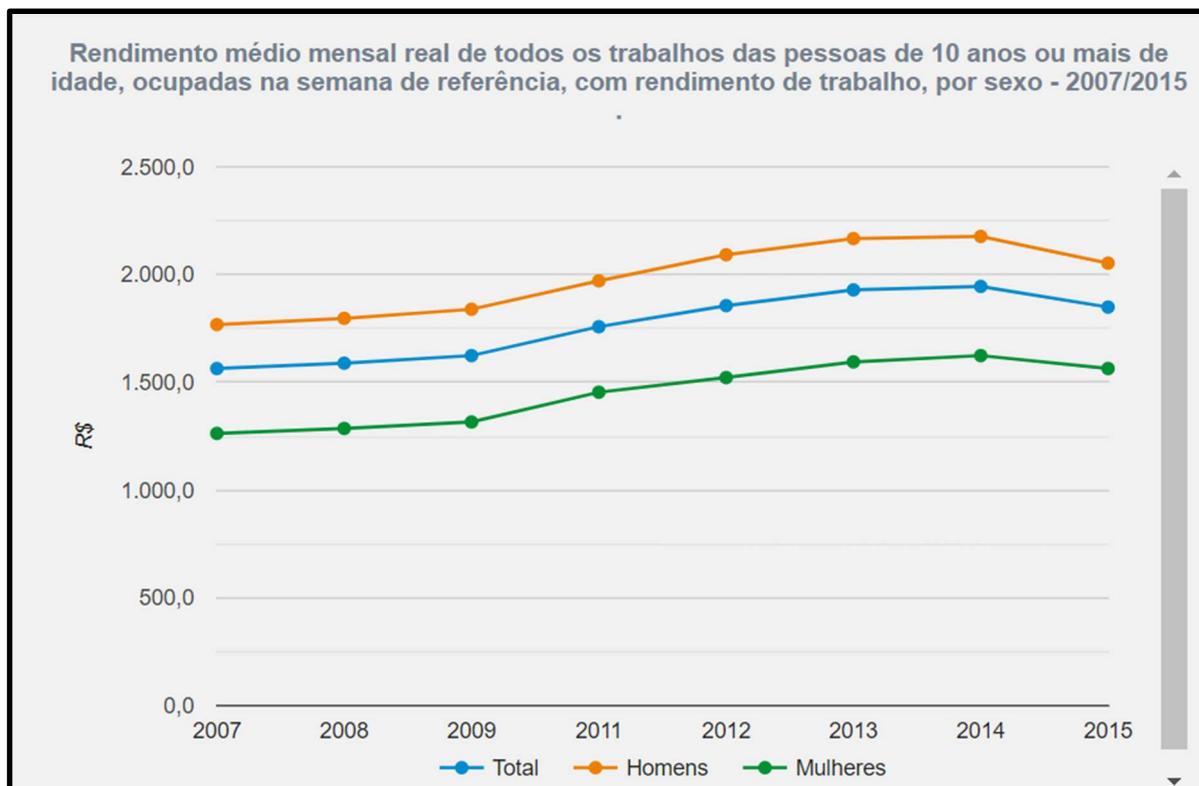
Figura 1: Distribuição das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo, segundo a posição no trabalho principal



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

Ainda em 2015, segundo a Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE, o rendimento médio mensal real por pessoa era de R\$ 2.053,00 para os homens e R\$ 1.564,00 para as mulheres, conforme podemos ver no gráfico abaixo (Figura 2).

FIGURA 2: Rendimento médio mensal real das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho, por sexo



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015.

Em relação à educação, entre as pessoas de 25 anos ou mais, as mulheres têm mais anos de escolarização (14,3% das mulheres estudaram por 15 anos ou mais anos, enquanto 11,6% dos homens estudaram por esse mesmo período). Sendo assim temos: as mulheres atualmente estudam mais, se empregam menos e ganham substancialmente menos do que os homens.

Um outro dado vindo da PNAD Contínua através da Agência de notícias do IBGE nos mostra que a taxa de analfabetismo caiu de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022 no Brasil nos últimos anos, apesar de ser ainda consideravelmente alta entre a população preta e parda (7,4% da população de 15 anos ou mais, contra 3,4% da população branca da mesma idade). Também é importante dizer que das 490 mil pessoas analfabetas do país, 55,3% viviam no Nordeste do país e 54,2% compõem a população idosa, com 60 anos ou mais. Até esta parte do texto não fizemos a distinção desses dados em relação a população de mulheres, por acreditarmos que também é necessário entender que há outras populações mantidas em situação de precarização da vida e que suas características, como faixa etária, local onde vivem,

cor ou raça, classe social, ou outras, quando se entrelaçam com a característica sexo, acentuam as dificuldades vividas pelas mulheres (nosso ponto focal).

Vejamos então os dados referentes à taxa de analfabetismo entre mulheres: a taxa de analfabetismo das mulheres de 15 anos ou mais em 2022 (ou seja, a relativa a pessoas nascidas neste século), foi de 5,4%, enquanto a dos homens foi de 5,9%. A pesquisa também demonstra que meninas/mulheres se mantêm na escola por mais anos (o percentual de mulheres estudantes na faixa etária de 18 a 24 anos é de 32,6%, frente a 28,1% dos homens) e que na faixa etária de 14 a 29 anos o abandono escolar é maior entre homens (58,8%) do que entre mulheres (41,2%). Os dados deste parágrafo trazem notícias sobre mudanças sociais em relação às mulheres, entretanto, em relação a pessoas idosas, na faixa etária de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo identificada pela pesquisa entre as mulheres é de 16,3%, acima da taxa de analfabetismo verificada entre os homens (15,7%).

Este último dado revela a dificuldade de acesso à escolarização encontrada por mulheres nascidas em 1962 ou antes. Não temos acesso a dados relativos à faixa etária especificamente de 70 anos ou mais, ou 80 anos ou mais; mas podemos prever que a diferença entre homens e mulheres seria ainda maior. Entre mulheres brancas e mulheres negras haveria também uma diferença importante; entre mulheres brancas nascidas no Sudeste e mulheres brancas ou negras nascidas no norte ou no nordeste também haveria uma grande diferença.

O acesso à escolarização mais antiga, de 60 anos atrás ou mais, nos importa muito; porque esse dado tem consequências nos dias de hoje em relação ao número de mulheres e homens que puderam escrever livros, tornarem-se escritoras e escritores, serem parte do cânone de pesquisa ou do cânone literário.

Outros dados bastante impactantes vêm do dia oito de março de 2023, Dia Internacional da Mulher, quando o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), entidade mantida pelo movimento sindical brasileiro, divulgou dois boletins especiais a respeito de mulheres e o mercado de trabalho no Brasil: *As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho* e *A inserção das mulheres rurais no mercado de trabalho*. Os boletins utilizaram dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PnadC), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para o 3º trimestre de 2022 e da quarta edição da pesquisa “Visível e Invisível - A vitimização de mulheres no Brasil” Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Os dados trazidos tanto pelo DIEESE quanto pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública não trazem a celebração que costumamos ver e ouvir em todos os dias oito de março: “Feliz dia da mulher” ou “Parabéns, hoje é dia da mulher”. Antes, evidenciam que a sociedade brasileira ainda está longe de receber os parabéns.

Os dados contidos no boletim *Dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho* consolidam a realidade que podemos ver em diversas cidades brasileiras: a força de trabalho brasileira é composta por 44% de mulheres, sendo que desse total 7,8% estão em situação de subocupação, ou seja, trabalhando menos do que 40 horas semanais, apesar de quererem mais horas. Quando o total de mulheres subocupadas é analisado por cor/raça, descobrimos que seriam 9,3% se só trabalhadoras negras fossem entrevistadas ou 6,1% se somente as não negras fossem entrevistadas.

Em relação ao trabalho rural e à taxa de desocupação nesse contexto, 4% dos homens estão desempregados, enquanto o percentual de mulheres é de 8,7%.

Novamente em trecho do livro *Sister Outsider* com uma coletânea de ensaios e palestras, Audre Lorde autora afirmava que “Como um grupo, *as mulheres de cor* são os trabalhadores que ganham o menor salário na América” (Lorde, 2019, p. 245). Em 2024, 40 anos após a publicação do ensaio de Lorde vemos que a realidade no Brasil ainda não é diferente. Dados divulgados pelo PNADc e DIEESE mostram que 60,5% da força de trabalho feminina no campo é formada por mulheres negras, e que dentre todas as mulheres desempregadas nas áreas rurais no 4º trimestre de 2022, 65,6% eram mulheres negras e 34,4% eram mulheres não negras. Tais dados deixam escancaradas como as desigualdades em relação à ocupação atingem mais fortemente a população brasileira de acordo com seu gênero, e ainda mais quando o fator gênero é associado à cor/raça

Saindo dos dados relativos à empregabilidade, o boletim¹⁹ traz mais dados importantes, referentes à composição das famílias brasileiras: assim como formam a maioria da população brasileira, as mulheres também lideram a maioria das famílias brasileiras, 50,8% dos lares, correspondendo a 38,1 milhões de famílias. Já as famílias com chefia masculina somaram 36,9 milhões e novamente as mulheres negras carregavam um número superior de lares, 56,5%, enquanto o percentual de

¹⁹ Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

lares liderados por mulheres não negras era de 43,5%, no 3º trimestre de 2022 (DIEESE, 2023, p. 5).

Quando o foco é a violência contra a mulher, a pesquisa Visível e Invisível - A vitimização de mulheres, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública junto ao Instituto Datafolha ouviu 2017 pessoas, entre homens e mulheres, em 126 municípios brasileiros, no período de 9 a 13 de janeiro de 2023.

Os dados da pesquisa, que se mostraram menores em comparação com as outras três vezes em que foi realizada (2017, 2019 e 2021), são os números de pessoas que **viram** mulheres acima de 16 anos sofrendo agressões e ameaças por parte de parentes e/ou companheiros, brigas entre casais, homens humilhando companheiras ou ex-companheiras por ciúme e homens abordando mulheres em ambientes públicos de forma desrespeitosa. Apesar dos números gerais de **pessoas que tenham visto** tais ocorrências estarem mais baixos do que em edições passadas da pesquisa, esses mesmos **números sobem quando a pessoa que os relata é uma mulher e já sofreu violência**. O estudo conclui com bastante perspicácia que “Mulheres vítimas de violência, ao que tudo parece indicar, têm uma percepção mais apurada sobre as manifestações da violência” (2023, p. 13).

Além dos relatos de visibilidade de violências cometidas contra mulheres, a pesquisa também traz dados sobre o percentual de mulheres que, quando perguntadas diretamente se já haviam sofrido violências físicas, sexuais ou psicológicas provocadas por parceiros íntimos ao longo de sua vida, e o percentual é bastante alto: 43% das mulheres entrevistadas afirma ter vivenciado uma das formas de violência apresentadas.

Os dados apresentados acima evidenciam o quanto ainda é importante a mobilização feminina, na busca pela igualdade salarial (e de cargos), pela redução/erradicação da violência e pela representatividade efetiva em todos os setores da sociedade. A união das mulheres contra a estrutura patriarcal, manifesta por meio de movimentos que possuem “características de ação política, com um discurso próprio sobre a luta das mulheres” (Aquad, 2003, p. 43), é o que compreendemos como feminismo.

Quando se pensa em feminismo, é comum lembrar e analisar marcos históricos como a luta pelo sufrágio universal (universal aqui significando a todos os membros da comunidade, e não necessariamente mundial), que remonta à não participação das mulheres (e escravas e escravos) desde a Grécia Antiga até o início

do século passado, no hemisfério norte, bem como no Brasil, nas escolhas democráticas de então. Em relação a esse tema, fica marcada a luta de operárias europeias e norte-americanas pelo direito de votar e de poder trabalhar em empregos remunerados. Embora sejam marcos importantes, uma perspectiva decolonialista nos leva a considerar as particularidades dos povos colonizadores e colonizados, das ex-colônias ou, como no caso do Brasil, ex-colônia-capital-da-metrópole, entendemos que é preciso dar visibilidade a agentes e fatos locais, protagonistas dos diversos movimentos feministas do sul global.

O processo civilizatório da América do Sul deu origem aos primeiros casos de assassinatos de mulheres e homens indígenas, sem falar no estupro recorrente dessas mulheres. Apesar da narrativa comum da hiperssexualização das mulheres indígenas, essas foram as primeiras a resistir e sofrer no hemisfério sul sob o jugo dos homens brancos, religiosos ou não, colonizadores!

Infelizmente, devido à predominância das crônicas da época e dos registros históricos de autoria predominantemente masculina, as vozes dessas mulheres foram quase completamente apagadas. No entanto, fábulas familiares romantizadas, como aquelas compartilhadas por Daniel Munduruku em suas palestras, referidas por ele em seu texto “Minha avó foi pega no laço” , revelam aspectos dessa resistência. As avós das pessoas que encontram o escritor e ativista indígena já não fazem parte do contingente feminino da época da chegada dos primeiros portugueses em solo brasileiro – o que demonstra que a prática de pegar uma mulher a laço permaneceu por ainda mais tempo do que se poderia pensar.

Infelizmente, ainda hoje, no ano de 2023, novos relatos dessa violência contra mulheres indígenas são desvelados, como na recém-descoberta invasão, desmatamento, bem como exploração indevida de terras Yanomami por garimpos clandestinos (janeiro de 2023). Uma reportagem da revista *Carta Capital* revela algumas das formas perversas sob as quais mulheres e homens originários daquele território eram tratados. Novamente, aparece o estupro e sevícia contínua de toda uma população, perpetrado por pessoas que detinham certa forma de poder ilegal, seja no fornecimento de alimentos, na oferta de emprego ou ouro, após contaminarem os rios e as terras que originalmente forneciam os recursos básicos à vida e subsistência dessa população.

Retornando aos primórdios da colonização do Brasil, sabe-se que tal colonização e conseqüente a constituição de nossa população se deu a partir de

violências, como o sequestro e tráfico de pessoas do continente africano, bem como estupros de mulheres vindas da África por parte de homens colonizadores.

A violência contra a mulher, portanto, emerge como uma prática sistemática, desenvolvida e perpetuada ao longo de séculos. Desta forma chegamos novamente a 2023, ano no qual a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) divulga um estudo realizado ao longo de quase 40 anos (entre 1980 e 2019) sobre o número de homicídios de mulheres. Segundo o estudo da FIOCRUZ, a “taxa de homicídios de mulheres no Brasil aumentou 31,46% no período de 1980 a 2019, passando de 4,40 (1980-1984) para 6,09 (2015-2019) a cada 100 mil mulheres”. O estudo também identifica as disparidades entre o número de feminicídios (violência de gênero, morte de mulheres pelo simples fato de serem mulheres) por região do país, apresentando cruzamentos com o marcador raça e etnia.

Com base nos dados apresentados, é possível identificar prontamente tanto convergências quanto disparidades nas lutas das mulheres brasileiras, as quais também espelham realidades de movimentos feministas em outras partes do mundo. As demandas das mulheres variam de acordo com sua raça e/ou etnia, sua região de origem e os distintos tipos de violência enfrentados por elas.

É notório que o hoje chamado feminismo branco, europeu e norte-americano, alcançou conquistas gerais, mas não conseguiu na totalidade representar as mulheres negras e suas necessidades. Tal lacuna não se restringe ao norte global. Segundo a escritora, pesquisadora e ativista, Maria Amélia Teles, em seu livro *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios* (2017), “até mesmo nos dias de hoje o movimento feminista tem sido refratário às questões raciais, particularmente quanto à raça negra, presença marcante na formulação e desenvolvimento da sociedade brasileira”. Podemos seguir, mencionando a importante participação das lésbicas no movimento feminista e que, em contraposição, ainda hoje há quem indique que o lugar das lésbicas é em outro movimento; não à toa, percebemos o fortalecimento teórico e o crescimento do feminismo lésbico.

No presente trabalho, a palavra “feminismos” é adotada para designar as diferenças nas lutas de movimentos de ação política de mulheres; e consideramos como um ato político de existência e resistência feminista o fato de que a primeira romancista brasileira foi uma mulher negra maranhense: Maria Firmina dos Reis, que lançou o romance *Úrsula* em 1859, sendo contemporânea de escritores alçados ao patamar de cânones como Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

Diante das reflexões sobre as diversidades, refrações e lacunas no movimento feminista, apresentadas neste capítulo, transitamos para o próximo capítulo, onde refletimos sobre a interdisciplinaridade como elemento essencial na abordagem no contexto das pesquisas feministas.

3. INTERDISCIPLINARIDADE - PRINCIPAIS ÁREAS

Todo mundo podia lhes dar ordens. As mulheres brancas diziam “Faça isso”. As crianças brancas diziam “Me dá aquilo”. Os homens brancos diziam “Venha cá”. Os homens negros diziam “Deita”. As únicas pessoas de quem não precisavam receber ordens eram as crianças e as outras mulheres negras.

Toni Morrison²⁰

Entendemos que uma pesquisa feita a partir da perspectiva histórico-social, como é o caso dos feminismos, já consta em seu cerne uma natureza interdisciplinar, ou seja, não seria possível fazer uma pesquisa de cunho feminista utilizando apenas um saber de forma isolada.

Segundo nos lembra Olga Pombo, ao longo do tempo, o campo científico acabou se tornando tão especializado que cada estudioso/a sabia apenas de sua área específica, não podendo interagir com outros estudiosos/as, mesmo dentro de sua área mais ampla (Pombo, 2008, p. 17).

A autora aponta que a interdisciplinaridade acontece quando o caminho oposto é feito, ou seja, quando um objeto de estudo não pode ser analisado a partir de um único campo de saberes. A reunião de mais campos se faz necessária, e o processo de reunião de saberes, para a análise do objeto de estudo, pode chegar até a formar um novo campo.

Ao estudar os escritos da autora portuguesa, tivemos a confirmação de que nosso objeto de pesquisa se caracteriza por ser um dos exemplos de

objectos que uma única tradição disciplinar não poderia abarcar nem sequer constituir como objectos de conhecimento, isto é, que só existem como objectos de investigação porque, justamente, é possível pôr em comum várias perspectivas interdisciplinares. (Pombo, 2006, p. 230).

Do modo que concebemos nossa pesquisa, não se trata apenas de um estudo sobre a condição das mulheres na sociedade brasileira, mas de um estudo que demonstra o quanto as atuais condições de vida das mulheres no Brasil fazem parte de um processo historicamente construído.

A pesquisa também não se configura como um estudo sobre literatura produzida por mulheres, mas sim um estudo sobre como as condições de vida das

²⁰ Toni Morrison foi uma escritora e professora universitária estadunidense, e primeira mulher negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

mulheres, historicamente, podem ter determinado o lugar relegado à literatura produzida por essas mulheres.

Também não se trata apenas de um estudo sobre como a literatura é mostrada nos anos finais do ensino básico brasileiro – o Ensino Médio –, mas sim sobre a presença ou não de mulheres escritoras como exigência mínima ao final desse nível de escolaridade, como porta de entrada para o nível que vem a seguir em duas importantes universidades do país: o Ensino Superior.

Desta forma, por conjugar e perceber como estão entrelaçados saberes como os estudos de gênero, evidenciados aqui no trecho que aborda os feminismos, o estudo da sociedade brasileira em diferentes épocas (presente, principalmente, no mesmo trecho do artigo), a pesquisa por amostragem da produção editorial realizada por mulheres no Brasil, o campo da educação (apreciada aqui com foco nos anos finais da escolarização básica e entrada no ensino superior) e o campo da literatura dentro da educação, esta Dissertação se configura como um trabalho interdisciplinar.

Novamente apoiadas nos estudos de Olga Pombo, continuamos a analisar que outras características que a interdisciplinaridade apresenta, e que são relevantes para nossa pesquisa. Segundo a pesquisadora:

(...) interdisciplinaridade traduz-se na constante emergência de novas disciplinas que não são mais do que a estabilização institucional e epistemológica de rotinas de cruzamento de disciplinas. Este fenómeno não apenas torna mais articulado o conjunto dos diversos “ramos” do saber (depois de os ramos principais se terem constituído, as novas ciências, resultantes da sua subdivisão sucessiva, vêm ocupar espaços vazios), como o fazem dilatar, constituindo mesmo novos espaços de investigação, surpreendentes campos de visibilidade (Pombo, 2006, p. 210).

Não pretendemos aqui desenvolver uma nova disciplina, mas acreditamos fortemente que nosso trabalho faz o percurso de cruzamento de disciplinas previsto pela autora. Entendemos que, ao trabalhar com os cruzamentos entre as áreas de conhecimento, atravessando fronteiras de conhecimentos diferentes, podemos colaborar para perpetuar ou promover mudanças na forma como esses conhecimentos se consolidam.

3.1. EDUCAÇÃO (para a liberdade)

Muito se pode dizer a respeito das funções da literatura em relação ao processo de escolarização, educação e formação dos estudantes. Visto que, neste trabalho, a principal reflexão feita é em relação aos exames vestibulares, já se apresenta um viés: o cruzamento sobre o qual se estrutura a formação escolar de adolescentes entre 14 e 18 anos que desejam ou precisam dar continuidade a seus estudos em uma das universidades aqui abordadas, e que, para tanto, precisam estudar conteúdos específicos em sua formação – entre eles, as listas de leituras literárias obrigatórias para a realização das provas.

Esse aspecto específico é enviesado porque, por um lado, há várias escolas que utilizam como prática o estudo dessas mesmas obras durante o Ensino Médio; mas há outras escolhas, também legítimas, de programas de Literatura que podem ser adotados. Sendo assim, a faceta que nos interessa é também bastante específica.

Outro obstáculo que a Literatura encontra no Ensino Médio é ditado pela forma como os documentos que legislam essa etapa da formação de estudantes (Base Nacional Comum Curricular - BNCC e Novo Ensino Médio) são vagos a respeito do que compreendem como um bom currículo de Literatura para os anos finais da escolarização básica de estudantes brasileiros.

A BNCC - Etapa Ensino Médio (Brasil, 2018) inicia o trecho sobre literatura indicando que “a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio” (Brasil, 2018, p. 491). O início parece promissor para pessoas que acreditam na importância da literatura para a formação das pessoas.

Em seguida, a BNCC mostra um dado vindo da “realidade”: “por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino” (Brasil, 2018, p. 499) e incita que se intensifique a o convívio entre estudantes e a literatura. Esse dado de realidade nos interessa porque não fica clara de quem é a responsabilidade por essa simplificação. Seria de professores? Seria da administração da escola? Ou talvez de imposições feitas por vestibulares? Não há clareza.

A seguir a BNCC volta a exaltar a literatura por enriquecer a percepção e visão de mundo das pessoas, por possibilitar “uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/vivenciando” (*idem, ibidem*). Novamente temos uma visão que nos interessa, visto que acreditamos que vivenciar obras literárias escritas por mulheres pode trazer a alunos a possibilidade de “colocar em questão” o que vivenciam na sociedade de modo geral.

A BNCC requer ainda a “ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas”, o que nos parece positivo, mas em seguida explica como isso poderia ser feito: “em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc.” (Brasil, 2018, p. 500). Essas não seriam as simplificações didáticas que foram criticadas logo no início e que afastam estudantes do convívio com o texto literário em si?

Dentre as demais incongruências no texto da BNCC que prevê o trabalho com Literatura, gostaríamos de trazer um último, que tem, mais uma vez, um início interessante:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída por textos clássicos, que se perfilaram como canônicos – obras que, em sua trajetória até a recepção contemporânea, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas (Brasil, 2018, p. 523).

Entendemos que o trecho acima tem um início interessante por mencionar literatura africana, afro-brasileira, indígena, contemporânea e textos da tradição da literatura brasileira e portuguesa. Entretanto, para que toda essa gama de experiências pudesse ser colocada em prática, seria necessário tempo de estudo. Nesse ponto, o obstáculo se coloca através da carga horária que a Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, prevê para cumprimento da BNCC: “A carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a mil e oitocentas horas do total da carga horária do ensino médio” (Brasil, 2017).

Enquanto esta dissertação estava sendo escrita, o Novo Ensino Médio, instituído acima, ainda passava por tramitação para que uma nova proposta do MEC passasse a vigorar e a carga horária acima passasse a ser de 2.400 horas.

De qualquer forma, os documentos acima citados, sendo ou não polêmicos, são alguns dos documentos que regem os currículos escolares no Brasil, documentos nos quais as escolas devem se apoiar para redigir suas propostas de ensino. Todos os documentos citados acima apresentam informações sobre os objetivos do ensino da literatura e já deixam uma visão geral, nem sempre colocada em prática, sobre qual a função da literatura na formação de nossos estudantes de Ensino Médio. Tal visão, “ampliar o repertório, colocar em questão o que estamos vivendo”, nos dá subsídios para debater e requerer a presença de autoria feminina nos programas das escolas e nos exames vestibulares.

A professora Daniela Auad, em seu livro *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*, verifica um outro problema em relação à educação em nosso país: até a data da publicação do livro, e talvez até hoje, em relação ao material didático, “numérica e qualitativamente, mulheres, meninas e pessoas não brancas ainda estão sub-representadas”(Auad, 2019, p. 41). O mesmo pode ser dito em relação às leituras que estudantes fazem, principalmente em escolas que trabalham majoritariamente com literatura baseada nas listas do vestibular.

A sub-representação é um problema em qualquer instância. No campo audiovisual, a atenção tem sido direcionada, sobretudo, à sub-representação de pessoas racializadas. Já a interseccionalidade raça/cor/classe social de discentes em universidades tem sido tratada por iniciativas como as cotas raciais e sociais. Desta forma, entendemos que a sub-representação na literatura também é um problema a ser tratado.

Segundo Auad (2019), para que “as percepções igualitárias sobre gênero” sejam resolvidas, o:

debate sobre sexualidade (...) poderia perpassar as diferentes disciplinas, em vez de estar encerrado nos conteúdos sobre corpo humano, em Ciências. Mulheres importantes na História, na Literatura e na Ciência poderiam ser conhecidas e valorizadas. Tais abordagens revelariam uma concepção de História e de Sociedade na qual mulheres e homens são sujeitos históricos de igual importância (Auad, 2019, p. 71)

A importância da vivência de Literatura de autoria feminina e masculina fica, mais uma vez, posta e destacada. Neste sentido, o debate sobre sexualidade não estaria relegado aos temas ligados à saúde e privilegiaria também outras áreas. Saber a importância de mulheres em nossa história e entender que há escritoras importantes em Literatura é uma forma de libertar meninas e meninos dos sufocantes papéis de gênero destinados a ambos, e que impedem que possam expressar-se de maneira completa e real.

3.2. LITERATURA (e sua importância)

Ao iniciar este capítulo gostaríamos de afirmar que ao contrário do que possa parecer, crianças e adolescentes brasileiros leem. Segundo a edição de 2019 da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró Livro (IPL)²¹ 52% dos leitores brasileiros são mulheres (percentual que reflete o percentual da população feminina no Brasil), e 47% são da classe C. Entre os estudantes, uma minoria lê por indicação da escola e a grande maioria lê por gosto (44% segundo a 5ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*). Mesmo se não estivermos falando da maior parte da população brasileira, não podemos subestimar os números, visto que a projeção feita pelo estudo indica que aproximadamente 100 milhões de pessoas são leitoras em nosso país.

Também é importante apontar que segundo a pesquisa, a escola não é necessariamente o principal fator de formação de público de leitores jovens. A grande maioria afirma ler por gosto próprio, por dicas de outras pessoas, pelo título e capa do livro e somente após tais fatores aparece a figura de professores e suas indicações de leituras. Em seguida aparecem outras instâncias formadoras de leitores: autoria, crítica ou resenha, propagandas, anúncios e indicações de influenciadores.

A escritora de livros infantis Sonia Rosa também aponta mais uma instância de formação de leitores: a literatura oral, contação de histórias, leitura para os pequenos: "...lemos para os pequenos porque, dentre outras coisas, desejamos que nos tomem como exemplos de leitores nessa provocação de ler, ler, ler, ler... Ler a vida inteira"(Rosa, 2017, p.26).

²¹ Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 22 dez. 2023.

No subcapítulo anterior, ao tratarmos do tema Educação no Ensino Médio, a faixa etária focal deste estudo e já nos deparamos com a importância da Literatura. Ao iniciarmos um subcapítulo dedicado à literatura precisamos reafirmar nossas escolhas metodológicas: a literatura nesta dissertação não é tratada a partir de critérios qualitativos. Isso exigiria um escopo muito menos abrangente, diferente de 12 anos de listas de vestibulares de duas universidades. Abordaremos aspectos quantitativos das listas mencionadas.

Nosso recorte também não abrange a presença de personagens femininos e masculinos. Este também seria um excelente tema para estudo, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, mas não é o estudo a que nos propusemos trabalhar. Nossa proposta é identificar a presença ou ausência de autoria literária brasileira nas listas adotadas pelos vestibulares da Comvest/UNICAMP e Fuvest/USP, durante o período entre 2015 e 2026.

Sabemos que autoria feminina nem sempre se traduz em uma escrita feminista ou com personagens femininas protagonistas. Também não é, nesta pesquisa, nossa intenção traçar esses paralelos; entretanto, acreditamos na importância da presença de mulheres em um ambiente muito masculino, como é o campo literário nacional, que privilegia um cânone já estipulado, validado e concentrado na escrita feita por homens, brancos, provenientes da classe média sudestina, como foi confirmado pela professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (2017; 2020). Acreditamos que a presença de mulheres nesse, e em outros espaços dominados por homens, possa ter efeitos na forma como estudantes e outras pessoas expostas a elas percebem uma nova perspectiva pela qual podem olhar para a sociedade, de modo geral.

Segundo estudo conduzido por Regina Dalcastagnè (2017; 2020) a literatura feita no Brasil contemporaneamente é muito majoritariamente de autoria masculina (aproximadamente 73% dos livros lançados por três das maiores e mais importantes editoras do país). Em seu livro *Literatura Brasileira Contemporânea - um território contestado* a intelectual explica o que seria esse território contestado: “Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (Dalcastagnè, 2020, p. 5).

Nesta Dissertação de Mestrado, teremos a oportunidade de ver vários exemplos de como a conclusão de Dalcastagnè está correta. A ausência de autoria feminina em um local estratégico, a leitura obrigatória para a realização de

vestibulares importantes, nos diz sobre a dificuldade que mulheres têm, também na literatura, de se fazerem visíveis.

Dalcastagnè (2020) aponta, ainda, que nesse território contestado é gerada a necessidade de desobediência:

Por isso, a necessidade de refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, situam-se dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado (Dalcastagnè, 2020, p. 6).

Sobre a necessidade dessa mesma desobediência, também a intelectual feminista Gloria Anzaldúa já havia se manifestado:

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel (Anzaldúa, 2000, p. 235).

Neste trecho do ensaio “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, Anzaldúa insta suas companheiras escritoras, profissionais ou não, a não se deixarem abater, não renunciarem ao território contestado, não deixar que o sistema patriarcal que oprime saia vencedor.

Ainda sobre a necessidade da escrita temos o forte trecho da obra *Irmã Outsider*, de Audre Lorde, no qual a escritora defende a necessidade de escrever, principalmente poesia:

para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria a qualidade da luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valemos para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (Lorde, 2019, p.37).

Nesta Dissertação, também teremos oportunidade de ver a insistência e resistência que fizeram de duas grandes escritoras brasileiras, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres-exemplos de como a interseccionalidade gênero-raça-classe social pode oprimir e restringir oportunidades.

Carolina obedeceu Anzaldúa, antes que Anzaldúa tivesse idade e experiência para formular a ordem acima; Carolina foi precursora de Anzaldúa, escrevendo em folhas avulsas, durante a noite, sem conseguir parar de escrever. Carolina colocou “suas tripas no papel”, foi best-seller, conforme nos conta a pesquisadora de literatura de autoria negra, Fernanda Rodrigues Miranda:

Quando estreou, nos anos 1960, sua obra rapidamente destacou-se do parâmetro comum de vendas de livros no país. Lançado em agosto, Quarto de despejo - diário de uma favelada foi imensamente celebrado no Brasil e em muitos lugares do mundo. O público foi gigantesco, tornou o diário best-seller. Carolina Maria de Jesus foi, àquela altura, uma das autoras mais célebres de nossas letras. Tão célebre que seu diário foi publicado em mais de quarenta países e traduzido para treze línguas (Miranda, 2013, p. 27).

Carolina foi best-seller, apagada por muitos anos mas tem sido resgatada; teve sua obra reeditada em 2023 e indicada como leitura obrigatória das edições 2019 e 2020 da Comvest, e infelizmente excluída da edição 2021 do mesmo vestibular devido ao contexto da Pandemia de Covid-19. Naquela data, a Comvest decidiu excluir cinco dos 12 livros que estavam na lista original. Dos cinco, três eram de autoria feminina.

Conforme dito, Conceição Evaristo, também atravessada pela interseccionalidade opressora gênero-raça-classe social, é uma mulher negra que teve um início de vida bastante difícil, trabalhando como empregada doméstica. Conceição também chegou às listas dos vestibulares, a partir de 2024 no vestibular da Comvest e na Fuvest a partir de 2026.

Meninas, mulheres, têm a partir dessas duas escritoras, em local de prestígio, as listas de vestibulares uma dupla representatividade que traz esperança. São duas mulheres negras ensinando a desobedecer, a resistir e a escrever. A literatura tem, sim, papel importante na formação dessas meninas e dos meninos.

Assim percebe-se que as principais áreas abordadas pela pesquisa estão mesmo completamente intrincadas: literatura, educação e relações de gênero influenciam uma à outra. As intelectuais que lidam com literatura acabam lidando

com relações de gênero e educação (como Regina Dalcastagnè e Fernanda Miranda, exemplos de intelectuais pesquisadoras em literatura, mas que não deixam de falar das opressões sofridas por mulheres nessa área de pesquisa). Também temos pesquisadoras que estudam Relações de Gênero e que não se furtam de falar de educação e literatura (Daniela Auad, Heleieth Saffioti, Gloria Anzaldúa). Por fim, todas falam sobre educação e escolarização.

Uma das nossas principais referências nesta área é Amelinha Teles, que tem o trabalho de uma vida toda voltado para Direitos Humanos, Direitos Humanos das Mulheres, desigualdades entre os sexos e feminismos. Amelinha é citada ao longo de toda a Dissertação.

Daniela Auad também está presente em muitos trechos da Dissertação, e é ela quem ensina: “Sem os direitos das mulheres não existem direitos humanos” (Maria Victoria Benevides, apud Auad, 2003, p. 10).

Heleieth Saffioti traz para nosso texto a perspectiva de que a interseccionalidade entre gênero-raça/cor-classe social forma um nó que oprime mulheres negras de forma mais violenta do que mulheres brancas; que oprime mulheres pobres com mais violência do que mulheres de classe média e ricas; e que oprime mulheres racializadas e pobres com mais violência do que as não racializadas. (Saffioti, 2019, posição 300). De qualquer forma, devido ao sistema patriarcal em que estamos inseridas, as violências acontecem com muita força com todas as mulheres.

4. MECANISMOS DE VALIDAÇÃO DA LITERATURA

Bem, uma coisa ela não previra. Quem quisesse estudar para se formar, estudar para o exame de admissão ou mesmo estudar para obter mais notas “A” precisava ter uma casa. Não uma casa onde houvesse confusão hoje e brigas amanhã, mas uma casa com boa atmosfera, um lugar tranquilo para estudar em paz.”

Buchi Emecheta²²

Estudaremos, neste capítulo, alguns dos chamados mecanismos de validação da Literatura, apesar desta Dissertação se debruçar sobre as listas de livros

²² Buchi Emecheta (julho de 1944 – janeiro de 2017) foi uma escritora nigeriana nascida em Lagos e radicada na Inglaterra. Sua obra teve o compromisso de quebrar estereótipos ligados às mulheres nigerianas e africanas, expor a realidade e opressão sofrida por elas, efeitos do colonialismo em seu país e a educação de mulheres.

indicados nos vestibulares para ingresso em Universidades Públicas de São Paulo (UNICAMP e USP) como principal mecanismo a serem estudados.

Sabemos que são vários os mecanismos que operam como legitimadores sobre a literatura de modo geral, e, portanto, sobre livros que serão escolhidos para compor as listas indicadas pelas universidades. Um desses mecanismos é a ocupação feminina de cadeiras na Academia Paulista de Letras e na Academia Brasileira de Letras, visto que tal eleição e ocupação as torna imortais, concedendo enorme prestígio a tais escritoras e suas obras.

Os demais mecanismos tratados nesta Dissertação são a conceituação de Cânone Literário, a Produção Editorial Brasileira e alguns dos mais importantes Prêmios Literários em Língua Portuguesa.

É importante ressaltar que, apesar de todos os mecanismos acima exercerem influência na escolha de livros para integrar as listas de vestibulares, a instância acadêmica especificamente estudada nesta Dissertação é a indicação de obras literárias feita pela 'academia', aqui representada por Universidades Públicas do estado de São Paulo (USP e Unicamp), para a realização de seus exames vestibulares.

Iniciando o estudo sobre as instâncias que promovem validação acadêmica sobre literatura, rapidamente percebemos a invisibilização que a Produção Literária de autoria feminina na Academia Paulista de Letras (APL), por exemplo, é gritante.

Desde sua fundação, em 1909, a academia já teve o total de 236 acadêmicas e acadêmicos em suas 40 cadeiras. Desses, 220 foram homens e um total de apenas 16 foram mulheres. Atualmente são seis as mulheres presentes na APL.

Já na ABL, fundada em 1896, 305 acadêmicas e acadêmicos foram eleitos para as 40 cadeiras nesses 128 anos. Desses 205 eram homens e apenas 10 eram mulheres. A primeira mulher a ser eleita para a ABL foi Rachel de Queiroz, 1977, quase 100 anos após a fundação da Academia. A primeira mulher a presidir a ABL foi Nélida Piñon, que o ocupou a cadeira de número 30, entre 1990 e 2022.

Atualmente há mulheres ocupando quatro das 40 cadeiras da ABL. São elas Ana Maria Machado, eleita em 2003; Rosiska Darcy de Oliveira, eleita em 2013; Fernanda Montenegro, eleita em 2022 e Heloisa Teixeira, eleita em 2023.

A eleição de Heloísa Teixeira como a décima imortal da Academia Brasileira de Letras, protagonizando a primeira sucessão entre mulheres na ABL, lança luz sobre as desigualdades ainda presentes em instituições acadêmicas de renome.

Sua trajetória acadêmica, permeada pelo comprometimento com a disseminação do pensamento feminista ecoa a importância de cada voz feminina que busca resistir à marginalização imposta por cânones literários e acadêmicos ainda patriarcais.

Outra importante instância de validação sobre literatura brasileira e mundial é o Cânone Literário, muitas vezes visto como fixo e imutável. Apesar de não estarmos tratando especificamente de literatura nesta Dissertação, muitas vezes os caminhos percorridos ao longo de nossa pesquisa e escrita nos levaram ao termo Cânone e sua utilização em vários contextos diferentes.

Segundo a pesquisadora de literatura e feminismos Eurídice Figueiredo²³ “o cânone ocidental se constitui, fundamentalmente, de obras de homens brancos, europeus e norte-americanos” (2020, p.85).

Sendo assim, como veremos mais adiante, o conceito de cânone é muitas vezes utilizado para proteger o lugar de privilégio, que obras literárias desfrutam, da ‘invasão de território’ que obras mais recentes, ou produzidas por autoras e autores divergentes do padrão acima descrito propõem, como pontua Figueiredo: “mulheres e não brancos não entraram no cânone ocidental senão como honrosas exceções que confirmam a regra” (2020, p.85).

Listas de vestibulares brasileiros, apesar de conterem principalmente obras de escritoras e escritores lusófonas/os, não fogem à regra mencionada pela autora: são, em grande maioria, obras escritas por homens não racializados e contém exceções que confirmam a regra e servem de anteparo para que críticas e críticos literários possam alegar que mulheres e outras minorias sociais estão presentes e representadas nas obras indicadas, seja como autoras e autores, seja como personagens.

Figueiredo aponta ainda que “apesar dos avanços, a sociedade patriarcal resiste às mudanças” (2020, p.87) e cita como exemplo a forte participação da escritora Júlia Lopes de Almeida na fundação da ABL. Quando a Academia se estabeleceu, foi seu marido, o poeta português Filinto de Almeida, que a substituiu na ocupação de sua cadeira. Tal ‘fenômeno’ é ainda presente em sociedades patriarcais nas quais homens levam o crédito pelo trabalho de mulheres ou são mais

²³ Eurídice Figueiredo é Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisadora publicou livros importantes para o estudo de temas ligados aos direitos humanos, literatura e feminismos como *A literatura como arquivo da ditadura brasileira* (7letras, 2017), *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção* (EdUER), 2013) e *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura* (7Letras, 2010).

bem remunerados do que suas colegas com funções iguais, conforme já estudamos no Capítulo 2.

Para a análise de nosso objeto de estudo, a escrita de mulheres e a forma como as violências acontecem com muita força a “academia”, representada aqui pelas Fundações para os vestibulares da Comvest/UNICAMP e Fuvest/USP, atua em relação à sua visibilidade, um outro saber que precisou ser estudado foi o da produção editorial.

A produção editorial de autoria feminina estudada neste trabalho está também especialmente no tópico seguinte, pois, selecionamos duas editoras que publicam livros escolhidos pela Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) como leitura obrigatória para a realização do vestibular, necessário (como uma das principais formas) para ingresso na Universidade de São Paulo (USP).

O Grupo Editorial Global é uma das editoras representadas pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), e que publica, de forma não exclusiva, mas complementar, os livros indicados pela Fuvest como leitura obrigatória. Entre eles está um dos livros escritos por uma mulher, *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, indicado pela Fuvest por 7 vezes no período analisado.

Analisamos o catálogo de escritoras e escritores do Grupo Editorial Global e chegamos aos seguintes números: o Grupo conta com edições de aproximadamente 800 autoras e autores, brasileiros e estrangeiros, de diversos gêneros literários, todos abarcados pela concepção de livro estabelecida pela Lei do Livro (Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003).

Cerca de 450 dos 800 autores citados acima são escritoras e escritores brasileiros, sendo que apenas aproximadamente 100 dos brasileiros são mulheres/escritoras/autoras.

Esses números, apesar serem aproximados (já que os catálogos de autores em editoras podem variar de acordo com novos contratos ou contratos expirados), já são uma demonstração bastante significativa da posição de subalternização histórica das mulheres no campo editorial brasileiro.

Novamente, a população brasileira é composta por homens e mulheres de forma quase equitativa, mas com uma diferença para mais em relação ao número de mulheres – e uma tendência para uma população ainda maior de mulheres apontada nos censos dos últimos 40 anos. Já na amostragem do catálogo do primeiro grupo

editorial analisado, foi encontrado menos de um quarto de mulheres do total de escritores brasileiros.

O segundo catálogo analisado é de uma editora independente, a Editora 34, cujos direitos não são representados pela CBL, mas sim pela Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) – uma organização sem fins lucrativos que tem como compromisso público, afirmado em seu site oficial²⁴, ser “uma rede de editoras independentes, que trabalham cooperativamente, pelo fortalecimento de seus negócios, do mercado editorial e da bibliodiversidade”.

A Editora 34 publicou mais um dos três livros escritos por mulheres e indicados pela Fuvest no período entre 2015 e 2026, *Água Funda*, de Ruth Guimarães. Na verdade, *Água Funda* aparece nas listas de dois vestibulares futuros, 2025 e 2026 (em 2026 na lista, lista original e já substituída), divulgadas pelo site da própria Fuvest.

Temos, então, o catálogo de autoras e autores do Grupo Editorial Global e da Editora 34. É importante estipular que ambos os catálogos são publicamente divulgados pelos sites oficiais das editoras.

Nosso recorte ao trabalhar com os catálogos das duas editoras não se limitou apenas a textos literários, mas sim a todas as escritoras e escritores brasileiros presentes neles.

4.1. PRODUÇÃO EDITORIAL

Nesta parte do trabalho, entendemos que alguns outros conceitos precisam ser definidos para que possamos dar sequência. Isso facilitará o entendimento de nossas leitoras e leitores.

Gostaríamos de iniciar pelo conceito de Produção Editorial, e utilizar a definição utilizada pela pedagoga e escritora de livros infantis com temática afro-brasileira. Segundo Rosa “A produção editorial – que é a feitura do livro propriamente dito – é um momento muito importante no processo” (Rosa, 2017, p. 67) de publicação de um livro.

Já a definição de **livro**, que pode parecer simples, mas que em tempos de livros físicos e livros eletrônicos, necessitou até mesmo de uma lei específica. A Lei

²⁴ Disponível em: <https://www.libre.org.br/quemsomos/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

10.753, de 30 de outubro de 2003, comumente chamada de Lei do Livro, estipula no caput de seu artigo 2º que um livro é:

a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento (Brasil, 2003).

Nos incisos sob esse mesmo caput, são tratadas as formas equiparadas a livros, nos quais livros digitais, livros em Braille e outros itens estão previstos e descritos. Já no artigo 5º, parágrafo II da mesma lei, fica estipulado que um editor é: “pessoa física ou jurídica que adquire o direito de reprodução de livros, dando a ele tratamento adequado à leitura” (Brasil, 2003).

Há também o verbete elaborado pela Doutora em Comunicação Ana Elisa Ribeiro para a Enciclopédia INTERCOM, no qual declara que uma editora é:

a instituição, em geral uma empresa, responsável pela publicação de obras de diversos tipos: técnicas, literárias, de entretenimento, religiosas, entre outras. Na editora, trabalham profissionais que recebem os textos originais (manuscritos ou matrizes) e definem que tipo de tratamento editorial eles sofrerão para se tornarem algum tipo de produto editorial: livros, revistas, jornais, e-books. O texto original passa por etapas como preparação, projeto gráfico, diagramação, revisão de texto, além de análises que pretendem planejar o marketing e a distribuição da obra editada (Enciclopédia INTERCOM, 2010).

A partir das definições acima, passamos a compreender melhor o motivo e a legalidade da reprodução, edição e reedições de livros feitas por editoras diferentes, como, por exemplo, dos livros indicados pela Fuvest e pela UNICAMP.

Abaixo identificamos associações às quais as editoras estão ligadas, mas gostaríamos de identificar aqui o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Esse sindicato representa tanto algumas das maiores editoras quanto algumas das menores, sendo o representante sindical da categoria editorial.

Ao longo de seus mais de 80 anos de existência, o SNEL foi presidido por duas mulheres (Regina Bilac Pinto²⁵, a partir de 1981, e Sônia Machado Jardim²⁶, a partir de 2008) e por 19 homens.

²⁵ Regina Bilac Pinto foi a primeira mulher a assumir a presidência do SNEL, sendo responsável pela criação da Feira Internacional do Livro do Rio de Janeiro que, anos depois, passaria a se chamar Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, hoje um dos maiores eventos culturais do país.

O sindicato SNEL, as associações e editoras citadas abaixo não entram neste trabalho no lugar de **academia**, mas sim como um dos agentes legitimadores sobre o que é considerado Literatura.

Regina Dalcastagnè destaca que o fato de ser publicado, por si só, não faz com que um livro seja legitimado como literatura, mas também que o que é considerado literatura é o que ganha prêmios, que está nas prateleiras das livrarias, nas resenhas de jornais e revistas e nas bibliotecas (Dalcastagnè, 2017, p. 6). Em relação a este ponto, a editora tem sim parte do papel de legitimador da literatura. Não estará nesses lugares um livro não publicado por uma editora, que não tenha sido premiado por um concurso literário promovido pelas associações de editoras. E o resultado disso, neste momento, também nos demonstra Dalcastagnè, é que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Em pesquisa realizada por seu Grupo de Estudo, Dalcastagnè chega à conclusão que a classe social, a procedência, a cor e o sexo de autores que pertencem ao campo literário legitimado são sempre muito parecidos (Dalcastagnè, 2017, p. 7).

Sobre os diferentes tipos de editoras e associações que as representam, veremos abaixo.

4.1.1 Editoras Tradicionais

Neste trabalho, chamaremos de Editoras Tradicionais, com base no verbete de Ana Elisa Ribeiro (Enciclopédia INTERCOM, 2010), as editoras de grande porte, já estabelecidas e conhecidas pelo grande público, que encampam a produção em diversos nichos, e que são legalmente configuradas como empresas.

Tais editoras são geralmente afiliadas à Câmara Brasileira do Livro (CBL), uma associação sem fins lucrativos que representa editores, livreiros, distribuidores e demais profissionais do setor há mais de 70 anos. O propósito dessa associação é promover o acesso ao livro e a democratização da leitura em todo o país, além de divulgar a literatura brasileira no mercado internacional. A partir de março de 2020, a CBL também passou a ser a Agência Nacional do ISBN, o que significa que todos os novos livros, ou novas edições de livros antigos, precisam passar por essa instituição

²⁶ Sônia Machado Jardim é presidente do Grupo Editorial Record após já ter sido Presidente do Instituto Pró-Livro (IPL) entre 2009 e 2011 e da Associação Nacional dos Editores de Livros (ANEL) entre 2011 e 2014.

para que lhes seja atribuído um novo ISBN, documento que identifica cada nova edição.

Segundo o site oficial da CBL,²⁷ “todas as suas ações são pensadas com um olhar estratégico e sensível de quem acredita no poder transformador dos livros para a sociedade”.

Também fazem parte do âmbito de atuação da CBL alguns dos mais importantes eventos literários do país, como a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, e a realização da maior e mais tradicional premiação do livro brasileiro, o Prêmio Jabuti, além da publicação de estudos sobre os panoramas do mercado livreiro do Brasil.

Outra informação interessante que podemos obter diretamente no site da CBL é a galeria de presidentes da Associação. No atual mandato (2023-2025), a presidenta da instituição é uma mulher, Sevani Matos²⁸. É importante salientar que, além de Sevani, houve apenas mais duas mulheres na presidência da associação, e somente a partir de 2007 (Karine Pansa²⁹ e Rosely Boschini³⁰), do total de 23 presidentes ao longo dos 76 anos da associação.

De modo geral, as Editoras Tradicionais do Brasil estão associadas à CBL.

4.1.2. Editoras Independentes

Ainda apoiadas no verbete **Editora**, de Ana Elisa Ribeiro para a Enciclopédia INTERCOM de Comunicação, adotaremos o termo Editoras Independentes para

editoras de pequeno porte que produzem suas obras em menos etapas e contam muito mais com a colaboração do próprio autor do texto original. As etapas de marketing e distribuição às vezes inexistem, mas essas casas editoriais são de suma importância para a ecologia da produção editorial de um país ou de uma cultura. (Enciclopédia INTERCOM, 2010, p. 440)

²⁷ Disponível em: <http://www.cbl.org.br/>. Acessado em: jul. 2023.

²⁸ Sevani Matos acumula atualmente os cargos de presidenta da Câmara Brasileira do Livro e do Instituto Pró Livro. Sevani tem uma carreira de mais de 20 anos no setor editorial brasileiro.

²⁹ Karine Pansa é Diretora da Girassol Brasil Edições Ltda. e Presidenta da International Publishers Association (IPA)

³⁰ Rosely Boschini é CEO da Editora Gente.

Segundo o SNEL, há por volta de 740 Editoras no Brasil, número que está sempre se atualizando visto que novas editoras são abertas e outras são fechadas. Dessas 740, 190 são representadas pela Liga Brasileira de Editoras (LIBRE).

A LIBRE, já mencionada anteriormente, cumpre para as Editoras Independentes a mesma função que a CBL para as Editoras Tradicionais: trabalha cooperativamente para o fortalecimento do mercado editorial e da bibliodiversidade. No caso das editoras com menos recursos, e que muitas vezes representam nichos específicos de leitores, a atuação da LIBRE garante seu espaço em eventos maiores e a distribuição de seus livros nas grandes livrarias do país.

A LIBRE foi criada em 2002, sendo uma Liga bem mais jovem do que a CBL. Durante esse período, a instituição teve, até o momento, dez mandatos com quatro mandatos de presidentas e seis de presidentes, uma representatividade feminina bastante mais significativa do que as presidências da SNEL e da CBL.

Ao navegarmos pelo site da Editora 34, podemos perceber que é uma editora mais nova, fundada em 1992, diferenciada em sua proposta de catálogo, que contém áreas mais específicas como “Ficção, Filosofia, Arte, Teoria Literária, Ciências Sociais, História, Psicologia e Psicanálise, Economia, Música, Poesia e Literatura Infanto-Juvenil, combinando textos clássicos e de referência com obras de ponta sobre temas contemporâneos”.

O catálogo de autoras e autores da Editora 34 apresenta cerca de 730 autoras e autores em seu total. Desses, cerca de 103 são autores homens brasileiros e somente 38 são autoras brasileiras – 27% do total de brasileiros presentes no catálogo.

Fica clara novamente a desigualdade em relação aos números de autores homens e mulheres do Brasil, mesmo quando um dos focos da editora é em “obras de ponta com temas contemporâneos.

É evidente que não podemos responsabilizar somente as duas editoras focadas em nosso trabalho. A clara diferença entre os números de homens e mulheres brasileiros publicados acontece pela clara desigualdade de oportunidades dadas às mulheres durante toda a história do Brasil.

Mulheres passaram a ter direito a estudar muito mais tarde do que homens no Brasil. No início (meados do século XIX) a escola tinha a função de prepará-las para funções domésticas. Conforme nos conta Maria Amélia Telles em seu livro *Uma Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios*, a professora Nísia Floresta

desponta como umas das primeiras feministas no Brasil, criando em 1838 uma escola exclusiva para a educação de meninas e escrevendo textos abolicionistas nos anos seguintes. Também creditada no livro de Maria Amélia Teles, a primeira romancista brasileira, uma mulher negra, Maria Firmina dos Reis, fundou uma escola mista para crianças pobres. Somente após a reforma educacional de Anísio Teixeira as mulheres passaram a ter o direito a uma educação mais abrangente.

Esse processo de escolarização tão desigual é responsável por haver menos mulheres escritoras até meados do século passado. Infelizmente, entretanto, ainda hoje podemos perceber tratamentos diferentes em relação a mulheres e homens. Amélia Teles denuncia em seu livro *O que é feminismo?*, escrito em 1981, que:

determinando uma posição social inferiorizada para a mulher, existe todo um conjunto de ideias, de imagens, de crenças, que legitima, perpetua e reproduz a hierarquização de papéis... conceitos de “masculino” e “feminino” na sua oposição de “superior” e “inferior”. Esta hierarquização entre o masculino — “superior” — e o feminino — “inferior” — é uma construção ideológica e não o reflexo da diferenciação biológica... Essa ideologia é transmitida, desde muito cedo, pela família, escola, meios de comunicação, religião, literatura e outros agentes socializadores. (Teles, 1981, P. 45)

Já podemos perceber no texto acima de Teles que a literatura e a escola (a academia) têm um papel crucial no desenvolvimento da subjetividade e manutenção ou ruptura da posição hierárquica entre homens e mulheres em nossa sociedade.

4.2. PRÊMIOS LITERÁRIOS

Como já mencionado anteriormente, algumas das mais importantes premiações na área da Literatura Brasileira são realizadas pela Câmara Brasileira do Livro. Provavelmente a premiação mais conhecida no país seja o Prêmio Jabuti³¹, que já está em sua 65ª edição.

O Prêmio Jabuti é dividido em várias categorias, e nos debruçamos somente sobre a categoria Romance por ser a mais utilizada em exames vestibulares. Há que se notar que, desde 2022, o Prêmio Jabuti dividiu a categoria Romance em duas novas categorias: Romance de Entretenimento e Romance Literário. A diferença para o julgamento da equipe de juradas/os é que, em relação aos Romances de Entretenimento, são avaliadas “as qualidades do enredo, privilegiando o conteúdo, a

³¹ Site oficial: <https://www.premiojabuti.com.br/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

trama” (Prêmio Jabuti, 2022, p. 7)³², enquanto para a categoria Romance Literário o privilégio é dado à “forma, a arte literária” (Prêmio Jabuti, 2022, p. 8). Nos anos em que essas duas categorias foram premiadas, traremos dados da categoria Romance Literário. Nossa decisão decorre do fato de que um de nossos problemas centrais é a legitimidade que algumas instâncias da academia dão à literatura feita por mulheres.

A simples divisão da categoria Romance nas subcategorias “de Entretenimento” e “Literário” já deslegitima, academicamente, os romances “premiados” como Romances de Entretenimento. Sobre a legitimidade de produções literárias e de como a literatura é um território disputado, a professora Regina Dalcastagnè já registrava que há “hierarquias, às vezes, tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura” (Dalcastagnè, 2017, p. 5). No trecho citado a pesquisadora está se referindo, como um exemplo, à entrada dos nomes de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo para a literatura legitimada, que poderia, também por exemplo, constar de listas de vestibulares.

No mesmo artigo, fruto de um grande trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa liderado pela autora, constatou-se que além da desigualdade de gênero na autoria dos romances brasileiros há também uma enorme homogeneidade racial:

93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (Dalcastagnè, 2017, p. 7).

Dentro de nosso recorte temporal, entre 2015 e 2023, apenas três romances escritos por mulheres foram considerados os melhores de cada ano pelo Prêmio Jabuti. Apenas três livros em 9 edições; 33% das possibilidades. Ainda nos parece pouco. A boa notícia é que em 2022, oito dos dez romances literários finalistas no Prêmio Jabuti tinham sido escritos por mulheres. Em uma fase posterior, todos os 5 romances finalistas haviam sido escritos por mulheres.

Uma outra boa notícia vem da lista dos mais vendidos da loja virtual Amazon.com.br. Em julho de 2023, o livro mais vendido na seção Literatura e Ficção Negra e Afro-americana era *Canção para ninar menino grande*, da escritora

³² Disponível em <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/premiacao/?ano=2023>. Acessado em: 22 dez. 2023.

Conceição Evaristo, romance lançado menos de um ano antes. Teria essa posição no ranking da Amazon influenciado na adoção da obra para os vestibulares Fuvest 2026 a 2029?

Seguindo indicação feita por Regina Dalcastagnè (2017, p. 6) apresentamos dados dos que ela chama de “principais prêmios literários brasileiros (...) Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura”.

Assim temos o Prêmio Jabuti, já mencionado, com três romances escritos por mulheres premiados como os melhores entre os anos de 2015 e 2023. Os três livros foram *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Resende, em 2015; *O clube dos jardineiros de fumaça*, de Carol Bensimon, em 2018; e *O som do rugido da onça*, de Micheliny Verunschck, em 2022.

O Prêmio Portugal Telecom, também indicado pela pesquisadora, mudou seu nome para Prêmio Oceanos.³³ Dentro de nosso recorte, temos as seguintes escritoras em Língua Portuguesa vencedoras: Ana Teresa Pereira, com o romance *Karen*, em 2017; Marília Garcia, com o livro de poesias *Câmera Lenta*, em 2018; Djaimilia Pereira de Almeida com o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, em 2019; e Alexandra Lucas Coelho, com o livro de não ficção *Líbano, labirinto* em 2022. Aqui houve uma distribuição mais equilibrada entre ganhadores homens e mulheres: quatro mulheres em primeiro lugar em nove edições do prêmio.

O Prêmio Machado de Assis³⁴ é oferecido pela Academia Brasileira de Letras para escritores brasileiros, pelo conjunto de sua obra. Desde 1941, apenas dez mulheres tiveram a honra de receber esse prêmio, embora em sua inauguração o Prêmio tenha sido concedido a uma escritora, Tetrá de Teffé. As escritoras Rachel de Queiroz e Cecília Meirelles, escritoras pedidas ao longo dos anos em vestibulares, também foram agraciadas com o Prêmio. Em junho de 2023, a Academia Brasileira de Letras (ABL) anunciou que a vencedora do Prêmio nesse ano foi a escritora Marina Colasanti. O último prêmio entregue a uma mulher na ABL tinha sido há mais de 20 anos, em 2001, à escritora Ana Maria Machado.

O Prêmio São Paulo de Literatura, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo,³⁵ teve uma maioria de seis mulheres premiadas entre os anos de 2015 e

³³ Disponível em: <https://associacaoceanos.org/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

³⁴ Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/premios>. Acessado em: 22 dez. 2023.

³⁵ Disponível em: <https://www.cultura.sp.gov.br/premiospdeliteratura2023/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

2023. Foram elas: Beatriz Bracher, com *Anatomia do Paraíso*, em 2016; Maria Valéria Rezende, com *Outros Cantos*, em 2017, Ana Paula Maia, bicampeã em 2018 e 2019 com *Assim na terra como embaixo da terra* e *Enterre seus mortos*; Cláudia Lage, com *O corpo interminável*, em 2020, e Mariana Salomão Carrara, com *Não fossem as sílabas em sábado*, em 2023.

A amostragem de premiações, apesar de oscilar de prêmio para prêmio, demonstra ainda uma minoria de livros premiados de escritoras mulheres. Foram 13 livros em 36 possibilidades de premiação, pouco mais que um terço das possibilidades.

5. VESTIBULARES: A LEITURA OBRIGATÓRIA COMO REFORÇO DA SUBMISSÃO E DO APAGAMENTO FEMININO

Nós, as esquecidas, já não temos mais nome. É como se nunca houvésemos pisado ali.

Camila Sosa Villada³⁶

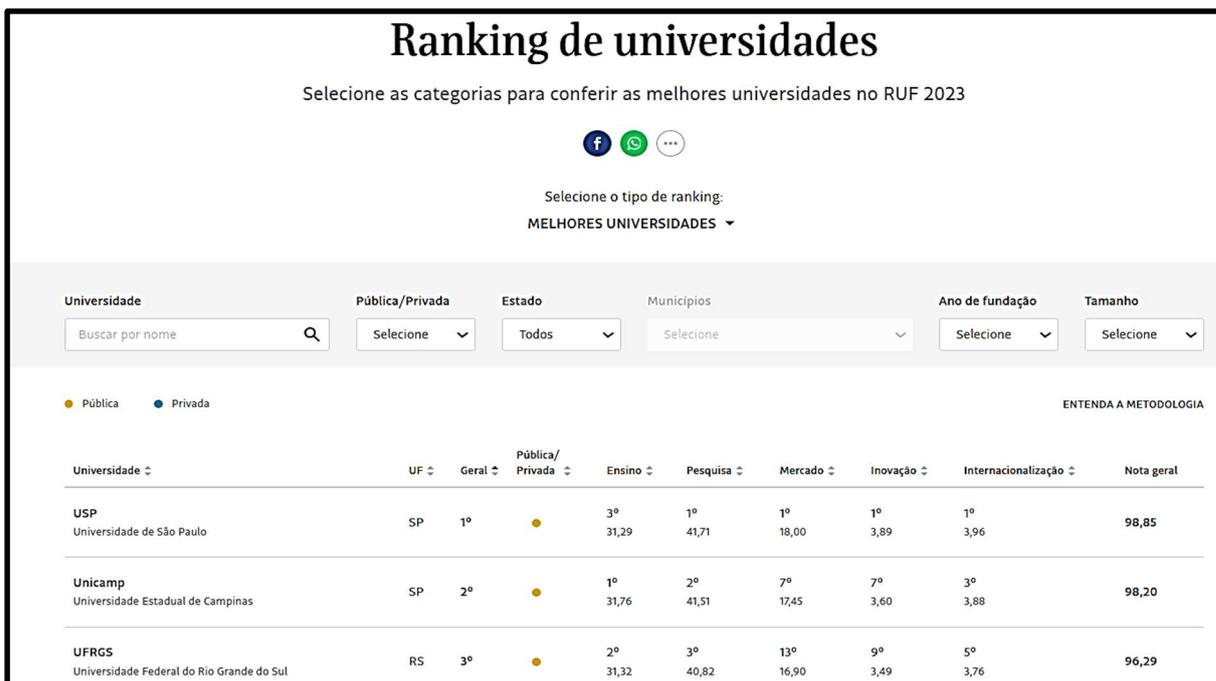
Chegamos, nesta etapa, à análise específica da presença de autoria feminina nas listas de leituras obrigatórias dos vestibulares das duas Universidades Estaduais Paulistas que requerem leituras de obras específicas, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estas são reconhecidas não apenas como referências no âmbito paulista, mas também como instituições de renome nacional e latino-americano.

As duas universidades sempre aparecem com a reputação acima indicada em rankings brasileiros e mundiais, sendo que dados não só sobre seus programas de graduação, mas também em relação à relevância da pesquisa científica realizada na instituição, entre outras categorias. Abaixo (Figura 3) podemos ver os resultados apresentados pelas duas instituições focais de nosso trabalho e as posições alcançadas por elas (primeiro e segundo lugar no ranqueamento geral), de acordo com a nona edição do Ranking Universitário Folha (RUF), conduzido pelo jornal *Folha de São Paulo*, publicado na versão on-line do jornal em 12 de novembro de 2023³⁷

³⁶ Camila Sosa Villada nasceu em 1982 na Argentina. Formada em Comunicação Social e Teatro na Universidade Nacional de Córdoba é atriz e escritora. Seu romance *O parque das irmãs magníficas* recebeu o prêmio Sor Juana Inés de la Cruz, outorgado pela Feria Internacional del Libro de Guadalajara (FIL).

³⁷ Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-universidades/principal/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

Figura 3: Número de pessoas inscritas no Vestibular da UNICAMP entre 2015 e 2023



Fonte: Ranking Universitário Folha (2023)

Além do RUF, podemos também citar os dados do *The Times Higher Education World University Rankings*³⁸, já na versão 2024, que avaliou 1906 instituições em 180 países e regiões. Na Figura 4, abaixo, podemos ver que os critérios avaliados foram número de estudantes, número de estudantes por número de funcionários, estudantes internacionais, proporção entre número de mulheres e número de homens e percentual de pesquisa científica interdisciplinar.

Figura 4: Resultados alcançados por UNICAMP e USP no *The Times Higher Education World University Rankings*

³⁸ Disponível em: https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2024/world-ranking#!/length/25/locations/BRA/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats. Acessado em: 22 dez. 2023.

The screenshot shows the 'World University Rankings' section of the Times Higher Education website. The table lists three universities from Brazil, sorted by rank. The columns include Rank, Name, Country/Region, No. of FTE Students, No. of students per staff, International Students, Female:Male Ratio, and % Interdiscip. Science Research.

Rank	Name Country/Region	No. of FTE Students	No. of students per staff	International Students	Female:Male Ratio	% Interdiscip. Science Research
201– 250	University of São Paulo Brazil	83,182	13.9	2%	47 : 53	22%
351– 400	University of Campinas Brazil	32,252	18.9	3%	46 : 54	27%
601– 800	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Brazil	34,828	12.8	4%	54 : 46	24%

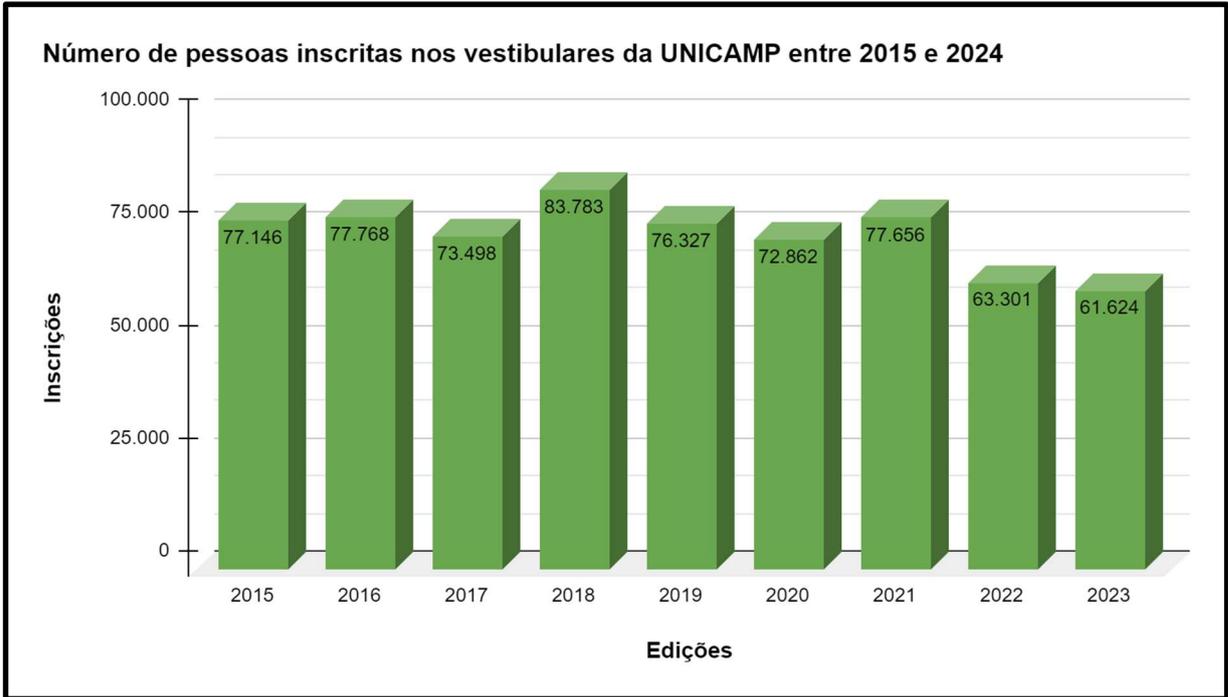
Fonte: *The Times Higher Education World University Rankings*

De acordo com a avaliação acima, novamente USP e UNICAMP foram avaliadas como as duas melhores universidades brasileiras, assim como no RUF.

Considerando o elevado número de candidatos inscritos em seus vestibulares, entre aproximadamente 61 e 83 mil inscrições para o vestibular da UNICAMP e entre 110 e 142 mil para o da USP, anualmente, durante o período em análise (2015 a 2024, excluindo os anos de 2025 e 2026, nos quais as inscrições ainda não ocorreram), percebemos a significativa abrangência e impacto dessas instituições no cenário educacional brasileiro.

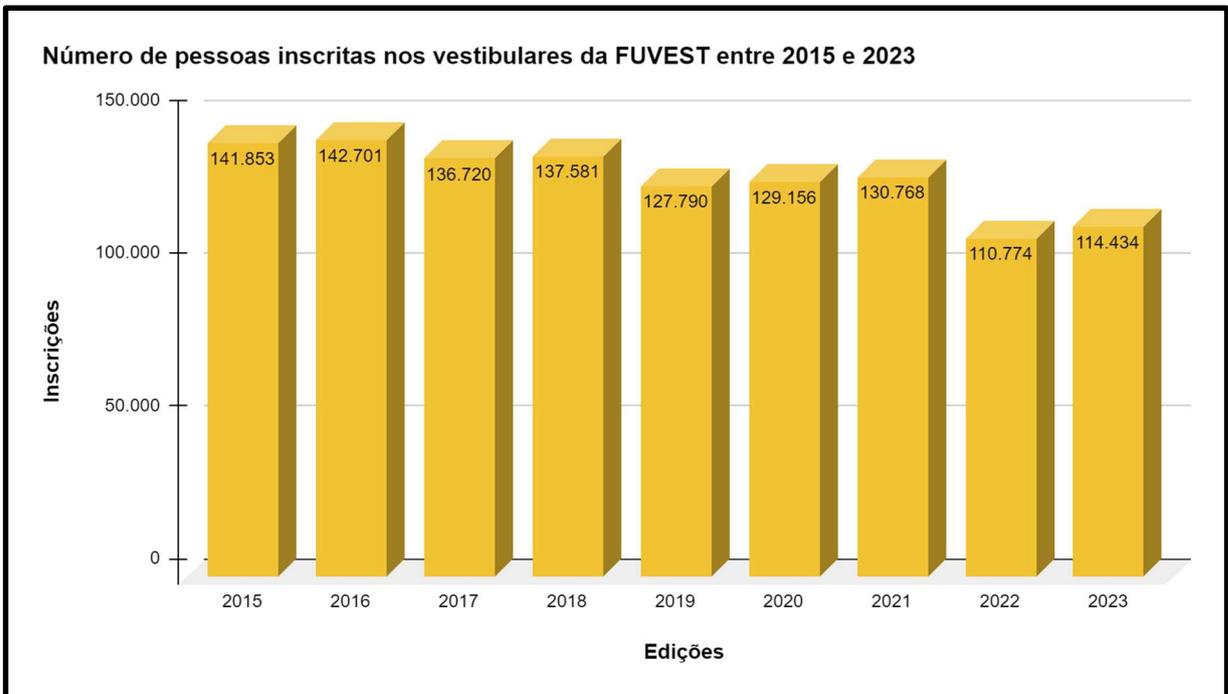
Os gráficos a seguir oferecem uma excelente visualização desses dados, evidenciando a expressiva participação de candidatos nos vestibulares das referidas universidades (Figuras 5 e 6):

Figura 5: Número de pessoas inscritas no Vestibular da UNICAMP entre 2015 e 2023



Fonte: Anuário Estatístico - Assessoria de Economia e Planejamento da UNICAMP (2023)

Figura 6: Número de pessoas inscritas no vestibular Fuvest/USP entre 2015 e 2023



Fonte: Anuário Estatístico USP (2023)

Tendo estabelecido o grau de importância e relevância dessas duas universidades públicas brasileiras, lembrando que são públicas, gratuitas, figuram sempre entre as três melhores universidades do Brasil e da América Latina, passaremos a demonstrar como a literatura de autoria feminina vem sendo tratada em seus vestibulares nos últimos anos.

5.1. UNICAMP - HISTÓRICO DE INOVAÇÕES

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), conforme descrevemos anteriormente, é uma das três universidades públicas do estado de São Paulo e uma das mais importantes do Brasil. Conforme os dados do Anuário Estatístico 2023, com base no ano de 2022, fornecidos pela Assessoria de Economia e Planejamento da UNICAMP (AEPLAN), a universidade ofereceu 65 cursos de graduação em 2022, totalizando 3.398 vagas distribuídas em 6 campi.

A UNICAMP foi fundada em 5 de outubro de 1966, e nos seus primeiros anos, o processo de ingresso de estudantes acontecia sob responsabilidade das faculdades encampadas naquele momento. Em 1976 foi fundada a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), com o intuito de unificar todos os vestibulares da Universidade de São Paulo assim como de outras universidades já existentes e que eram, até então, realizados de acordo com as necessidades de cada faculdade. O primeiro exame Vestibular da Fuvest foi o de 1977 e selecionou estudantes para outras seis faculdades além da UNICAMP, USP e UNESP.

O processo de entrada para a UNICAMP esteve vinculado ao vestibular da Fuvest até 1986, quando foi fundada a Comissão Permanente para os Vestibulares (Comvest), que passou a ser, desde então, responsável pela organização desse processo. Também é importante mencionar que as universidades vêm procurando meios alternativos ao vestibular para a seleção de seus candidatos. Assim, a Unicamp conta atualmente com programas como o vestibular tradicional (que representa nosso foco de atenção), o Vestibular Indígena, as Vagas Olímpicas, o ENEM 2024, o preenchimento de vagas remanescentes, o Provão Paulista e o PROFIS.

Já em seu primeiro ano de vestibulares a Comvest instituiu mudanças que vinham a responder às críticas feitas à vestibulares da época. A história³⁹ da

³⁹ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/historia>. Acessado em: 22 dez. 2023.

UNICAMP neste ponto demonstra que a Universidade estava aberta a críticas. O reitor da universidade, Paulo Renato Costa Souza, havia lido um artigo da Revista Veja escrito pelo então diretor do cursinho Equipe, o professor Jocimar Archangelo, graduado em Filosofia pela USP. No artigo Jocimar criticava a ausência de interação entre universidades e escolas de segundo grau (atual Ensino Médio) e pregava, entre outras coisas, o fim das perguntas de múltipla escolha. O reitor Paulo Renato entendeu que a crítica se assemelhava às discussões que já haviam sido iniciadas pelo filósofo e educador Rubem Alves (assessor especial para assuntos de ensino na gestão do reitor anterior) e assim, a Comvest inovou, adotando um vestibular com questões dissertativas. As motivações para as mudanças eram bastante parecidas com necessidades atuais, além de uma tentativa de maior diálogo entre a educação e o processo seletivo para a universidade, a busca “de um novo paradigma, no qual a capacidade de raciocínio e expressão eram mais importantes que a simples memorização”, nas palavras do professor Jocimar Archangelo, em reportagem feita por Clayton Levy para o Jornal da Unicamp, em agosto de 2006⁴⁰.

Possivelmente devido à sua implementação já em um modelo inovador, ao introduzir uma lista própria de leituras obrigatórias para o vestibular, a Comvest já incluiu a autoria feminina e africana a partir do vestibular de 2016, após vários anos de listas unificadas com a Fuvest. Assim, a primeira autora feminina a integrar o corpus da presente pesquisa foi Clarice Lispector, com o conto "Amor", do livro Laços de Família (1960), que estreou na lista de leituras da Comvest ao lado do escritor moçambicano Mia Couto, com Terra Sonâmbula (1992).

Para a edição 2007 de seus vestibulares, a UNICAMP e USP decidiram unificar as indicações de leitura obrigatória “pela primeira vez desde a separação entre os dois exames vestibulares”, conforme reportagem de março de 2006 no site da Comvest⁴¹. As listas de leituras obrigatórias das duas universidades permaneceram as mesmas até o vestibular de 2015.

Para o vestibular de 2016, possivelmente devido ao histórico de inovações iniciado na fundação da Comvest, a fundação retomou a indicação própria de leituras para seu vestibular introduzindo a autoria feminina. Assim, a primeira autora

⁴⁰ Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/agosto2006/ju334pag6-7.html. Acessado em: 22 dez. 2023.

⁴¹ Disponível em: <https://www.Comvest.unicamp.br/unicamp-e-Fuvest-divulgam-lista-de-livros-unificada-para-o-vestibular-2007/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

feminina a integrar o corpus da presente pesquisa foi Clarice Lispector, com o conto "Amor", do livro *Laços de Família* (1960).

É importante informar que todas as informações sobre indicações de leituras para a UNICAMP contidas nesta Dissertação foram retiradas diretamente do site da Comvest, aba "Anos Anteriores"⁴². Nessa página há informações sobre provas desde 1987 até a mais atual, mas só há *Manuais do Aluno* – documento também de leitura obrigatória para os candidatos, visto que reúne todas as informações sobre as provas e processos necessários até a data da matrícula, entre 2004 e 2024. Em nenhum desses Manuais há indicação de leitura de autoria feminina.

Ainda na aba "Anos Anteriores" é possível acessar as provas de cada ano. Investigando em cada prova de segunda fase é possível encontrar questões sobre os textos literários indicados. A primeira prova em que há uma questão, especificamente sobre o enredo de um conto de autoria feminina, é o Vestibular 1989 (conto "Preciosidade", de Clarice Lispector). Sendo que o primeiro vestibular desenvolvido pela Comvest foi o de 1987, e nas provas de 1988 e 1989 não houve questões sobre livros escritos por mulheres, é possível dizer a primeira autoria feminina em vestibulares da Comvest acontece com Clarice Lispector, assim como a primeira indicação de livros com autoria feminina após o período em que Fuvest e Comvest tiveram listas unificadas, e somente de autoria masculina, foi a do mesmo livro, *Laços de Família*, com o conto "Amor". Clarice foi feita pioneira por duas vezes nos vestibulares da Comvest. Pioneira e aparentemente desacompanhada de outras escritoras na lista de 1989, e com certeza desacompanhada de suas colegas escritoras na lista de 2016.

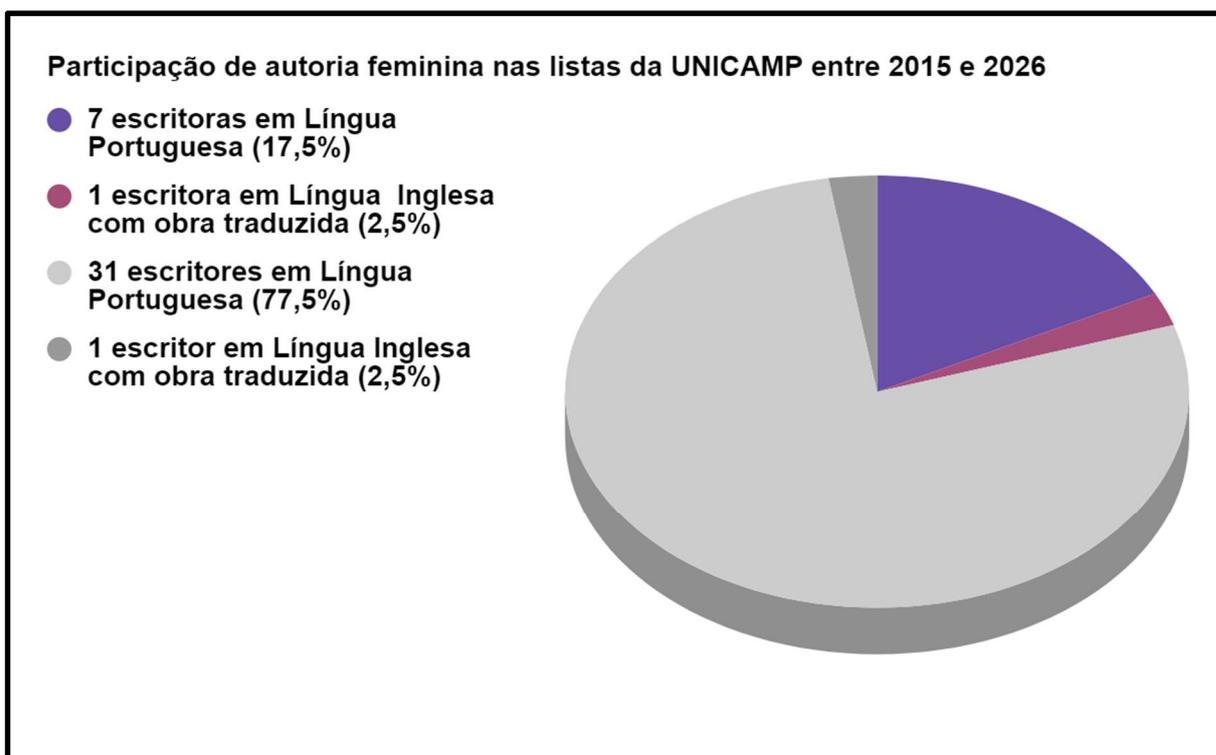
Voltando a nosso recorte temporal (2015 a 2026), durante esse período a UNICAMP fez listas com números diferentes de textos pedidos. A lista de 2015, unificada com a Fuvest, tinha nove leituras obrigatórias. Entre 2016 e 2020 as listas eram de doze leituras obrigatórias e havia romances, livros de contos, livros de poesia e uma obra de teatro. A UNICAMP costuma manter uma variedade de gêneros literários em sua seleção, tendo inclusive, mantido músicas do álbum *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's por quatro anos (2020 a 2024) e dez canções escolhidas de Cartola para os vestibulares de 2024 a 2026.

⁴² Disponível em: <https://www.Comvest.unicamp.br/vestibulares-anteriores/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

A lista inicialmente aprovada e divulgada para o vestibular de 2021 tinha doze leituras obrigatórias. Com o contexto pandêmico como pano de fundo para a preparação específica para tal edição do vestibular, a universidade decidiu fazer o corte de cinco obras. Infelizmente três das cinco cortadas eram obras escritas por mulheres: o livro de poesia *A teus pés*, de Ana Cristina César, o conto *O seminário dos ratos*, de Lygia Fagundes Teles, e o diário *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Aquele teria sido o ano com maior representação feminina, tendo quatro dos doze textos indicados sido escritos por mulheres. Com o corte, somente Júlia Lopes de Almeida manteve sua indicação, com o romance *A Falência*.

Os gráficos a seguir (Figuras 7 e 8) colocam duas formas de analisar os dados sobre a presença feminina nas listas de leituras da Comvest entre 2015 e 2026. A primeira forma, demonstrada na Figura 7, leva em consideração o número de escritoras e escritores diferentes e sugeridos ao longo dos 12 anos de listas. Assim temos que há um total de 40 escritoras e escritores, sendo que desses 40 apenas **oito** são mulheres. Em dados percentuais, 20% das autoras e autores indicados pela Comvest entre 2015 e 2026 eram mulheres. Uma das oito autoras, a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (na lista de 2026 com o romance *No seu pescoço*), escreve em Língua Inglesa e faz parte da mais recente inovação dos vestibulares da Comvest: não restringir as obras à escrita feita em Língua Portuguesa e incluir obras traduzidas nas indicações de leituras obrigatórias. Um autor homem está na lista de 2025 e também não é um original em Língua Portuguesa (Lewis Carroll, com o livro *Alice no país das maravilhas*, nas listas de 2024 a 2026).

Figura 7: Participação de autoria feminina nas listas da UNICAMP entre 2015 e 2026

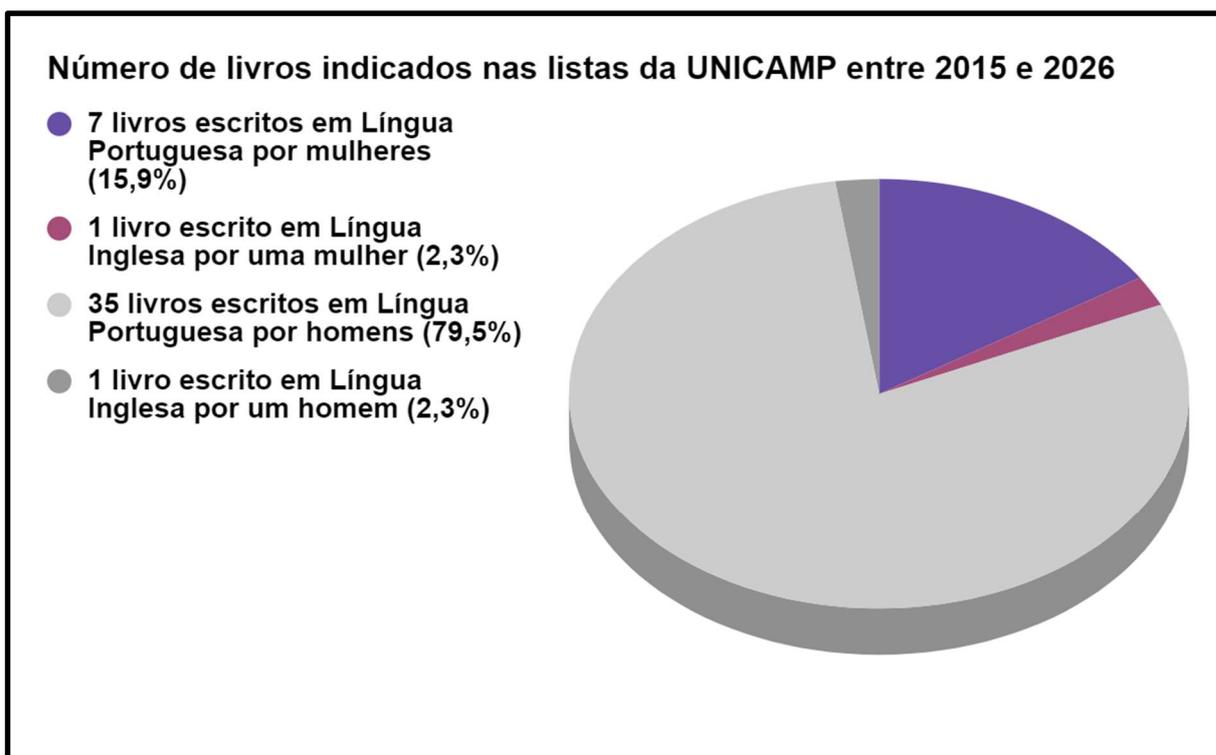


Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da UNICAMP

A outra forma na qual dispusemos os dados coletados nas listas dos vestibulares da Comvest é pela diversidade de livros (Figura 8). Na verdade, a diversidade de livros acontece somente entre os livros de autoria masculina, e somente com um autor. Machado de Assis tem textos indicados ao longo dos 12 anos de nosso recorte temporal, com um romance em três edições do vestibular da Comvest, dois contos diferentes em sete edições e uma crônica em duas edições. Ele é, na verdade, o único autor (ou escritora) que aparece em 100% das listas indicadas entre 2015 e 2026, tanto pela Comvest quanto pela Fuvest.

Todas as sete escritoras de países de língua portuguesa aparecem em mais de uma lista da Comvest, mas sempre com o mesmo texto (Ana Cristina Cesar, em 2019 e 2020; Carolina Maria de Jesus, em 2019 e 2020; Clarice Lispector, entre 2016 e 2019; Conceição Evaristo, entre 2024 e 2026; Júlia Lopes de Almeida, entre 2020 e 2023; Lygia Fagundes Telles, entre 2022 e 2024 e Paulina Chiziane, única escritora africana e uma das três escritoras negras do grupo, entre 2022 e 2025).

Figura 8: Número de livros indicados nas listas da UNICAMP entre 2015 e 2026

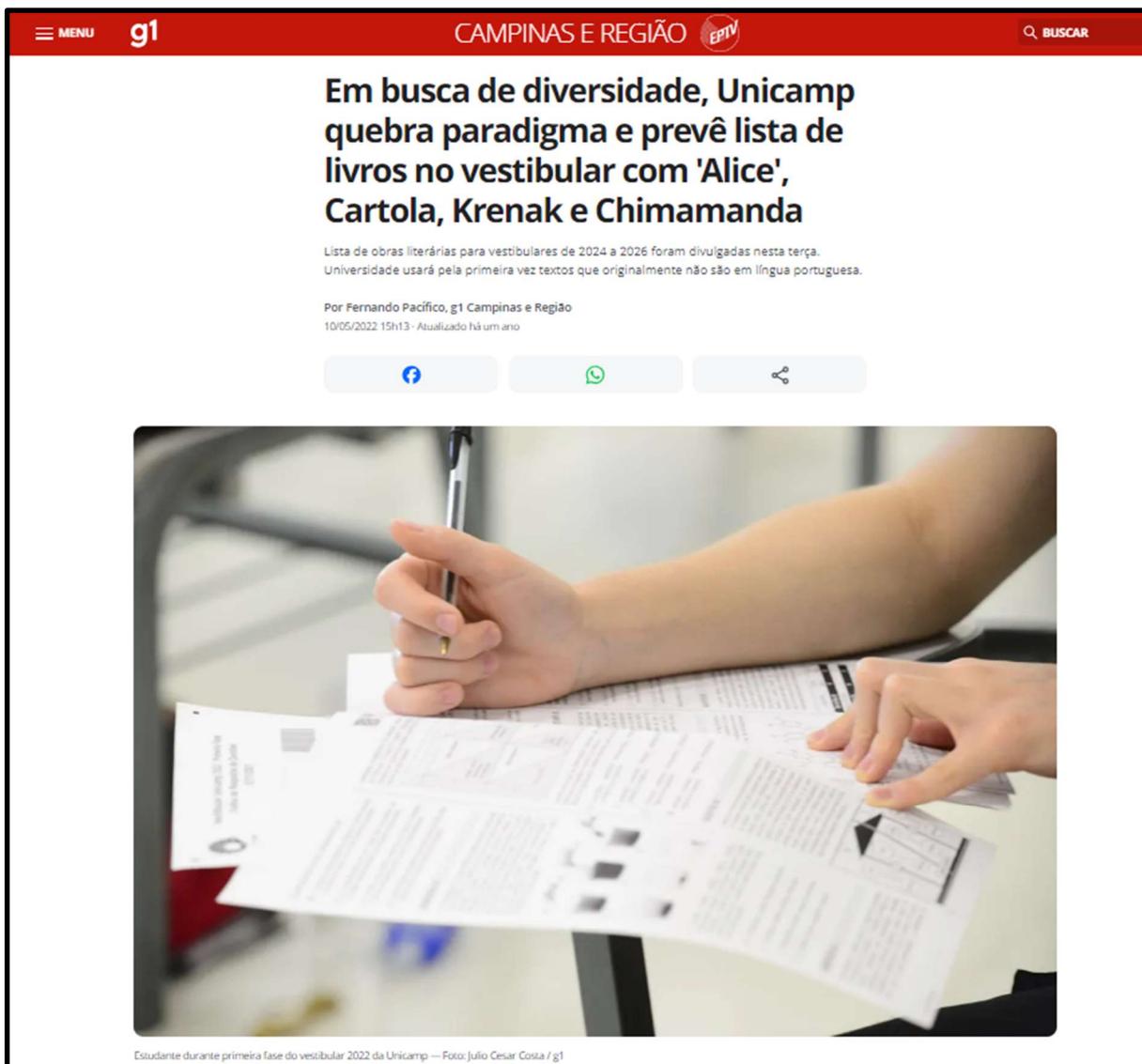


Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da UNICAMP

Verificaremos mais adiante que o percentual acima descrito, e também ilustrado pelos gráficos, registra nas listas da Comvest um percentual de autoria feminina acima do que a Fuvest apresentava antes de fazer mudanças à lista de leituras obrigatórias para o vestibular Fuvest 2026.

Como já mencionado, a UNICAMP e sua Comissão para o vestibular, parecem se manter atentos às necessidades colocadas pela sociedade. Ao fazer a mais recente mudança em suas listas, o diretor da Comvest, José Alves de Freitas Neto declarou à reportagem de Fernando Pacífico, publicada em 18 de maio de 2022 no portal *G1*, que entendia ser fundamental que tivessem uma lista com maior diversidade e representatividade. “Uma literatura mais contemporânea...um repertório talvez menos conhecido, mas com obras instigantes e que provavelmente devem dizer muito mais aos estudantes do nosso tempo”. O diretor da Comvest, em seguida, explicou que considera importante manter obras clássicas, como as de Machado de Assis, por ser “seguramente nosso maior escritor”. Lembramos que as listas divulgadas em maio de 2022 foram as que, pela primeira vez, indicaram um escritor indígena (Ailton Krenak) e romances traduzidos (*No seu pescoço* e *Alice no país das maravilhas*).

Figura 9: “Em busca de diversidade, Unicamp quebra paradigma e prevê lista de livros no vestibular com ‘Alice’, Cartola, Krenak e Chimamanda”



Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/05/10/em-busca-de-diversidade-unicamp-quebra-paradigma-e-preve-lista-de-livros-no-vestibular-com-alice-cartola-krenak-e-chimamanda.ghtml>

5.2. USP - MUDANÇAS EM CURSO

A Universidade de São Paulo, uma instituição pública estadual, foi estabelecida em 1934 por meio da incorporação de instituições tradicionais criadas em diferentes épocas: a Faculdade de Direito (1827), a Escola Politécnica (1894), a Escola Superior de Agricultura (1899) e a Faculdade de Medicina (1912), além de outras escolas de menor porte.

Segundo o *Anuário Estatístico USP 2023* (ano-base 2022), a instituição oferece atualmente 333 cursos de graduação, distribuídos entre seus 11 *campi*, situados em oito cidades. É importante mencionar que atualmente a entrada nos cursos da USP pode acontecer por meio de vestibular, pelo ENEM-USP, por Competições do Conhecimento e também por meio de transferência.

No vestibular Fuvest 2023, anterior à publicação do anuário, foi registrado um total de 110.774 inscrições de estudantes provenientes de diversas regiões do Brasil e até do exterior. Em 2022, a USP contava com 97.358 estudantes matriculados no primeiro semestre, dos quais 50.765 (52,14%) eram homens e 46.593 (47,86%) eram mulheres.

Não abordaremos números relativos aos programas de Pós-Graduação e Extensão da universidade, visto que estamos mantendo o foco em informações sobre o principal processo de ingresso de estudantes nos cursos de graduação. No entanto, é importante ressaltar que a USP representa um relevante centro de pesquisa no cenário acadêmico brasileiro.

Ainda segundo o *Anuário 2023*, em 2022 a USP contava com um total de 5.151 docentes, dos quais 1.931 eram mulheres, ou seja, 37,49% do corpo docente. É imprescindível que percebamos que o número de mulheres diminui quando passamos do percentual de mulheres na população brasileira (51,5%), para o percentual de mulheres matriculadas na universidade em análise neste momento (47,86%), e, finalmente, ao percentual de mulheres atuando como docentes (37,49%). Se considerarmos cargos de liderança e outros quadros de comando, especialmente os cargos de docente titular, é provável que o número de mulheres seja ainda menor.

Esses indicadores refletem as experiências femininas detalhadas em nossa Dissertação. Já havíamos constatado que as mulheres enfrentam jornadas de trabalho mais extensas, assumem predominantemente responsabilidades de cuidado, e recebem salários mais baixos (IBGE, 2015; DIEESE, 2023; Teles, 2017), e chegamos a mais uma constatação: no ambiente acadêmico que a maior Universidade do estado de São Paulo representa, as mulheres são minoria, pouco mais de um terço do corpo docente.

Retomando o histórico da Universidade de São Paulo, em 1976 foi fundada a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), com o intuito de unificar todos os vestibulares já existentes e que eram realizados de acordo com as necessidades de

cada uma das faculdades que integravam a USP de então. O primeiro exame vestibular da Fuvest ocorreu em 1977, e selecionou estudantes para as outras duas universidades públicas paulistas, UNICAMP e UNESP, além de algumas faculdades particulares que solicitaram sua inclusão no processo e que receberam aval do Conselho Curador para tal (Samara, 2006, p. 57). As listas de leituras obrigatórias, objeto de estudo desta Dissertação, não foram adotadas desde o primeiro vestibular da Fuvest. Elas foram introduzidas a partir do Manual de 1989. Para a Prova Fuvest 1989 as leituras eram indicadas separadamente: Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. A leitura não era pedida como leitura obrigatória, mas sim, como leitura sugerida.

Ao longo dos anos, a Fuvest selecionou estudantes alunos/as para a USP, UNESP e UNICAMP (que atualmente têm suas próprias comissões de vestibular) bem como para outras universidades públicas e privadas diferentes. Consolidando-se como a maior fundação organizada e unificada para selecionar candidatas/os para ingressarem nas universidades, a Fuvest “constitui-se não só em paradigma para os demais exames vestibulares do país, mas também mantém diálogo permanente com o ensino médio da rede de escolas paulistas”, nas palavras da professora Eni de Mesquita Samara, em seu livro *30 Anos de Fuvest - A História do Vestibular da Universidade de São Paulo, 1976-2006* (2006, p. 25, grifo nosso).

De acordo com a autora, destaca-se a influência direta que os exames vestibulares exercem sobre os currículos escolares, especialmente no Ensino Médio. Aqui podemos perceber uma segunda problematização: a universidade pauta o Ensino Médio, ou é o Ensino Médio que forma estudantes, pautando assim o que a universidade considera como conhecimento mínimo para o início de um curso de graduação? Não é nosso foco específico falar sobre as crises sofridas no Ensino Médio, mas percebemos aqui um dos pontos em que a interdisciplinaridade acontece: a educação escolar sendo influenciada pelo que a universidade propõe ser conhecimento válido. Considerando que há escolas e cursos preparatórios dedicados a orientar estudantes para vestibulares, sob a perspectiva interdisciplinar indicada acima, surge mais uma preocupação relevante a respeito da escassa presença de mulheres autoras indicadas como leitura obrigatória. Se os livros referentes aos vestibulares são as principais obras lidas por uma grande quantidade de estudantes do Ensino Médio, de que forma essa uma amostragem baixa de autoria feminina pode afetar tais estudantes? As estudantes sentirão estímulo para

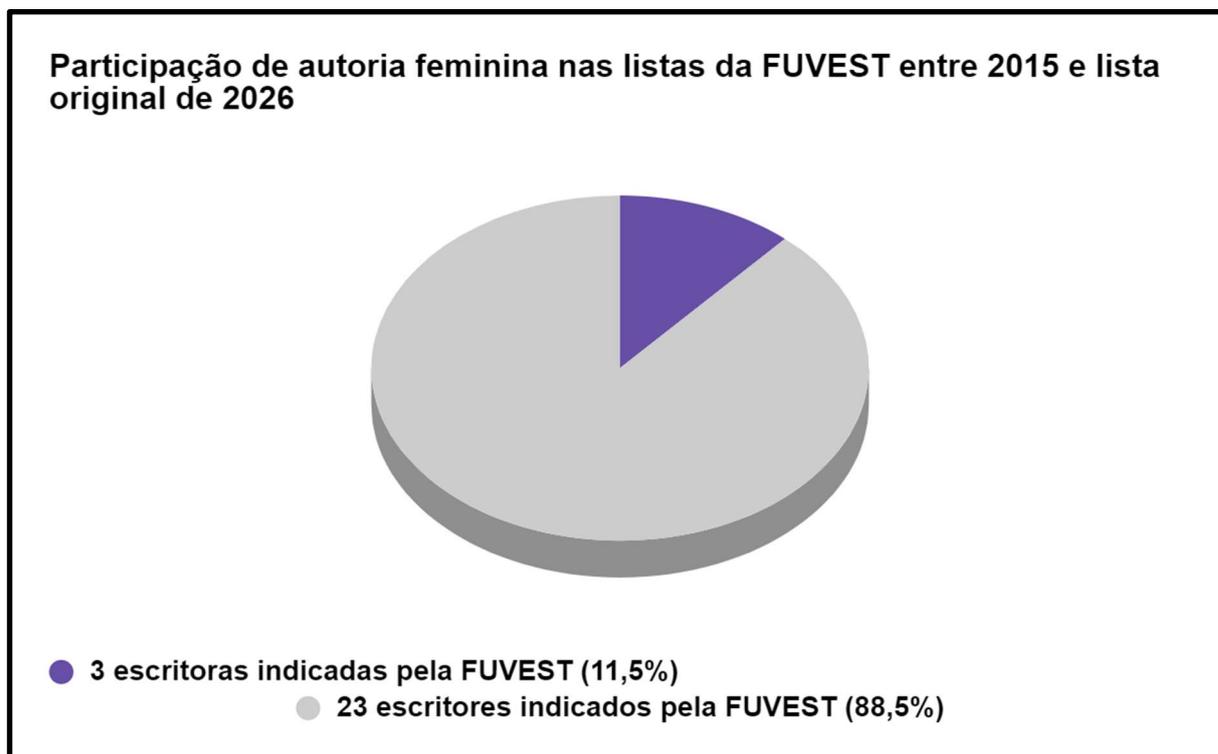
escrever, ou essa tarefa lhes parecerá atribuída aos homens? Temos aqui uma violência simbólica cometida contra mulheres estudantes? O apagamento de vozes femininas na formação de estudantes dá indício de que voz e perspectivas não devem ser consideradas?

Essas questões serão retomadas posteriormente; mas podemos imediatamente lembrar que Gloria Anzaldúa, ao escrever justamente sobre sua vontade de escrever, descreveu que estava travando uma luta contra o apagamento de sua voz, apagamento de sua história, apagamento de sua perspectiva: "... escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você... para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor" (Anzaldúa, 2000, p. 35).

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa foi qualificada para a elaboração da Dissertação antes da alteração da lista de leituras obrigatórias para o vestibular Fuvest de 2026. Mesmo sabendo da nova lista, e sabendo que ela propunha autoria 100% feminina, optamos por iniciar nossa análise utilizando a lista Fuvest 2026 que havia sido originalmente publicada. Em seguida, trataremos de como a nova lista de 2026 alterou todo o cenário, constituindo um verdadeiro divisor de águas na história do vestibular da Fuvest.

Para ilustrar nosso entendimento, o gráfico a seguir (Figura 10) evidencia a representação da autoria feminina nas listas de leituras obrigatórias para o Vestibular da Fuvest dentro de nosso recorte temporal (2015 a 2026): de um total de 26 autores e autoras indicados, apenas 3 eram mulheres (11,5%), contra um elevado percentual de 88,5% de autoria masculina.

Figura 10: Participação de autoria feminina nas listas da Fuvest entre 2015 e lista original de 2026



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais da Fuvest

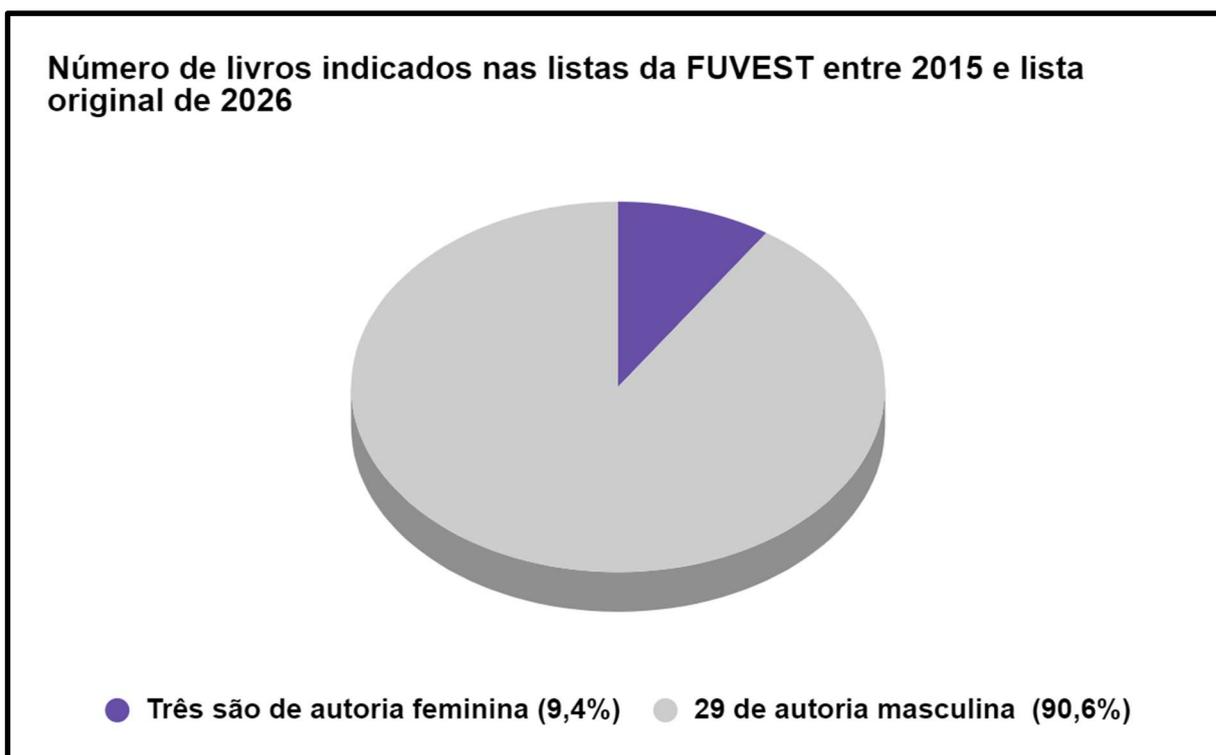
Ressalta-se que, dentre essas(es) 26 autoras e autores, alguns tiveram seu trabalho e sua importância enfaticamente reconhecidos pela esfera acadêmica do vestibular, ao longo dos anos, mediante a reiterada inclusão de suas obras nas listas de leitura. Como exemplo, temos Machado de Assis, um autor consagrado e de importância inegável para a literatura brasileira, que esteve presente em 100% das edições de ambos os vestibulares durante o período de nosso recorte temporal, até que a lista de 2026 foi substituída. Com a substituição da lista de 2026, Machado passou a estar presente em 11 das 12 listas de leituras obrigatórias para o vestibular da Fuvest, além de estar em 12 das 12 edições do vestibular da Comvest do mesmo período.

Se, nas listas da Comvest, Machado era representado por 4 obras, ao longo dos 12 anos do período em análise, no Vestibular da Fuvest o autor teve 3 obras distintas indicadas (2 romances e um livro de contos). Cumpre ressaltar que a mesma autoria nunca é contemplada com mais de uma obra em um mesmo ano, de forma a sempre manter a recomendação de 9 livros e 9 autoras/autores distintos anualmente.

A Figura 10, acima, demonstra o que já havíamos adiantado: as listas da Fuvest consistiam de livros escritos por 26 autoras e autores. Deles somente três eram mulheres, formando um percentual representativo de autoria feminina muito baixo (11,5%). As autoras eram Helena Morley, presente em uma edição *do vestibular com o livro Minha vida de menina*, Cecília Meireles, com o livro *Romanceiro da Inconfidência* em sete edições do vestibular e Ruth Guimarães, que estaria presente em duas edições com o romance *Água Funda*, caso uma nova lista não tivesse sido publicada. Na nova lista ela não está presente e todas as novas escritoras são inéditas dentro do recorte temporal de 2015 a 2026.

O gráfico a seguir, (Figura 11), apresenta dados sobre a variedade de obras indicadas: entre 2015 e 2026 32 livros distintos foram indicados pela Fuvest, sendo três de autoria feminina (9,4%) e 29 de autoria masculina (90,6%). Esse dado é ainda mais gritante do que quando o número de autoras e autores foi analisado. Os 23 autores homens indicados ao longo de 12 anos foram representados por 29 textos diferentes. As três mulheres, somente pelos mesmos três livros, o que configura falta de confirmação da qualidade dos trabalhos escritos por mulheres, visto que nenhuma delas teve mais uma obra indicada. A impressão que fica é a de que Cecília Meireles escreveu um bom livro. *Um!* O mesmo se dá com as outras duas representantes femininas nas listas originais analisadas.

Figura 11: Número de livros indicados nas listas da Fuvest entre 2015 e lista original de 2026



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais da Fuvest

Além da baixa indicação de autoras e de cada aparecer com somente um livro digno de ser lido para o vestibular, é muito importante ressaltar que autoria feminina não foi representada nas 12 edições de nosso corpus de trabalho: as edições Fuvest 2015, 2016 e 2017 não apresentaram nenhuma indicação com autoria feminina.

As repercussões advindas da publicação de novas listas para os vestibulares Fuvest 2026, 2027, 2028 e 2029 trouxeram a necessidade de investigar também edições do vestibular anteriores àquelas em nosso recorte temporal. Para isso retomamos o site da Fuvest, onde estão publicados Manuais do Candidato desde 1977 até 2024.

Sabendo que a indicação de obras para leitura obrigatória teve início no vestibular 1989, pesquisamos e descobrimos que as listas de 1989 e 1990 contêm apenas escritores homens. A primeira indicação de autoria feminina aconteceu em 1991, com o livro de contos *Laços de família*, de Clarice Lispector.

As listas de 1992 e 1993 não voltaram a ter indicações de autoria feminina e, em 1994, foi Clarice Lispector novamente a única autora, cuja obra *A hora da estrela* teve a leitura integral exigida (mudança de paradigma entre “leitura indicada” e “leitura integral exigida”).

Em 1995 foi o livro *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles, o único exemplar de autoria feminina a constar como leitura exigida, mas em 1996 duas obras de mulheres foram indicadas em um mesmo ano: *Romanceiro da Inconfidência* e *As meninas*, de Lygia Fagundes Teles. A lista só voltaria a ter mais de uma indicação de autoria feminina no mesmo ano em 2025 (lista de vestibular futuro) cujas exigências de leitura incluem *Água Funda*, de Ruth Guimarães e *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles.

É importante frisar que, desde a primeira edição em que houve a formação de uma lista amostral de Literatura em Língua Portuguesa, 1989, a Fuvest fez indicações de 6 a 12 livros a serem lidos por candidatas e candidatos a seus cursos. Durante esse período, houve 20 anos em que nenhum livro escrito por uma mulher foi indicado. Em 1989, 1990, 1992, 1993, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017 as listas de leituras obrigatórias continham entre seis e 12 obras (nove obras, em média) de autoria exclusivamente masculina. Foram 20 anos sem nenhuma escrita feita por autora mulher presente na lista, para que candidatas e candidatos tivessem contato com diversas possibilidades de escritoras, representantes de diversas escolas literárias, já referendadas por vários meios de validação literária, sendo vencedoras de prêmios, e/ou tendo participado de listas anteriores deste e de outros exames vestibulares.

Além dos 20 anos sem nenhuma escrita de autoria feminina, houve também 15 anos com a indicação de apenas um livro de autoria feminina.

Entretanto, uma reviravolta no cenário da nossa pesquisa ocorreu em 21 de novembro de 2023, com a divulgação de uma lista substitutiva para a edição do vestibular Fuvest 2026, composta exclusivamente por autoras mulheres. Além da nova lista para 2026, foram divulgadas na mesma data as listas dos três anos subsequentes. As de 2027 e 2028 também com autoria 100% feminina, e a de 2029, última lista divulgada, com seis livros de autoria feminina e três de autoria masculina.

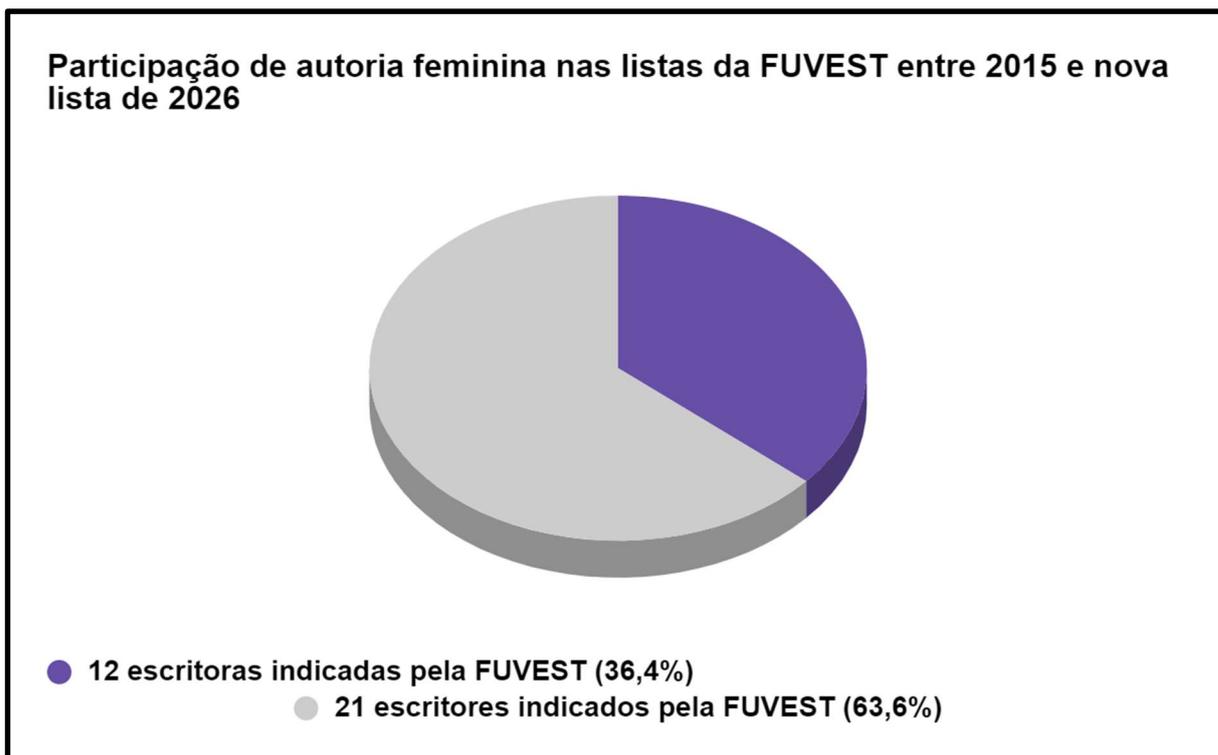
Dada a relevância do vestibular da Fuvest, que já justificamos pelo tamanho e importância da USP no estado, no país e na América Latina, bem como pelo número de estudantes que se inscrevem todos os anos para prestar o vestibular e também porque, como estabelecido Eni Samara, há uma interconexão entre o vestibular da Fuvest e decisões tomadas a partir dele para diversas escolas no país, imediatamente (e durante as semanas seguintes) diversos meios de comunicação e

demais atores relativos às áreas da educação, da literatura, de produção editorial, de estudos de gêneros, etc, se manifestaram sobre as mudanças implementadas pela fundação, conforme veremos adiante, em um subcapítulo específico.

Como optamos por manter o recorte temporal igual para os vestibulares da Fuvest e da Comvest, os dados analisados a seguir não contemplarão as novas listas das edições 2027 a 2029, mas sim a nova lista de 2026 que substituirá a divulgada originalmente em nossas análises quantitativas.

Sendo assim, passemos a examinar como a mudança da lista de um único ano (2026) altera os quadros apresentados e descritos acima. Com a inovação realizada pela Fuvest, substituindo a lista de livros originalmente publicada e que continha apenas um livro escrito por uma mulher (*Água Funda*, da escritora Ruth Guimarães), por uma lista com 100% de autoria feminina, o percentual de representação feminina nas listas da Fuvest entre 2015 e 2026 passou de 11,5% para 36,4%, conforme podemos ver no gráfico abaixo (Figura 12) – superando também o índice de 20% de representação feminina anteriormente mencionado na análise das listas do vestibular da Comvest. Ressaltamos que o número de escritoras em nosso corpus passou de três para 12 com a alteração de uma única lista.

Figura 12: Participação de autoria feminina nas listas da Fuvest entre 2015 e nova lista de 2026

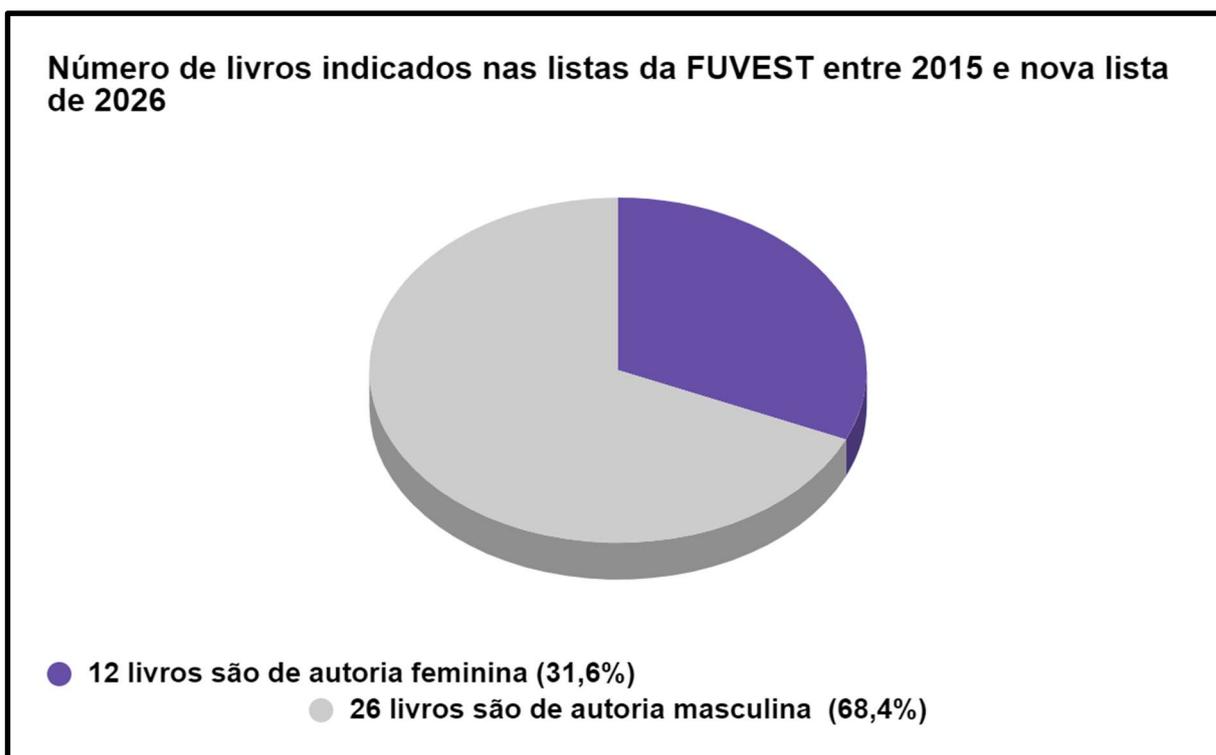


Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais da Fuvest

Em seguida (Figura 13), podemos analisar visualmente a presença de mulheres nas listas da Fuvest sob a perspectiva da diversidade, considerando o número de livros indicados, de autores homens e autoras mulheres. As 12 escritoras indicadas acima tiveram, cada uma, apenas um livro indicado nas 12 edições do vestibular Fuvest em análise, enquanto os 21 escritores tiveram 26 obras indicadas, ou seja, mais uma vez tiveram sua qualidade atestada por meio da diversidade de livros indicados.

Reforçamos que ter sua obra reconhecida através da indicação de mais de um livro ou conto para um dos maiores vestibulares do país, ao longo dos anos, se torna um mecanismo de validação de sua literatura. Esse feito só foi alcançado no vestibular da Fuvest por escritoras mulheres nos anos antes ou depois de nosso recorte temporal: Clarice Lispector tem um romance (*A hora da estrela*) indicado quatro vezes antes de 2015 e outro (*A paixão segundo G.H.*), após 2026. Após 2026, Rachel de Queiroz tem 2 livros indicados (*Caminho de pedras* e *João Miguel*), assim com Nísia Floresta (*Opúsculo Humanitário* e *Conselhos à minha filha*) e Sophia de Mello Breyner Andresen (*O Cristo Cigano* e *Geografia*).

Figura 13: Número de livros indicados nas listas da Fuvest entre 2015 e nova lista de 2026



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais da Fuvest

A Figura 13 difere da Figura 11, na qual a lista original de 2026 havia sido incluída, porque naquela havia apenas três livros escritos por mulheres, enquanto nesta há 12. O percentual de livros escritos por mulheres passa, assim, de 9,4% para 31,6%, e o de livros escritos por homens passa de 90,6% para 68,4%, já que não só foram colocados 9 livros novos, como três livros escritos por homens e que apareceriam na lista, em nosso recorte temporal, pela primeira vez em 2026, deixaram de aparecer.

Para finalizar esta seção e dar início ao subcapítulo que trata do anúncio feito pela Fuvest e toda a repercussão que o seguiu, Figuras com as listas de leituras obrigatórias da Comvest, da Fuvest com os dados da lista original de 2026 e também com a substituição da lista original de 2026 (Figuras 14 a 18).

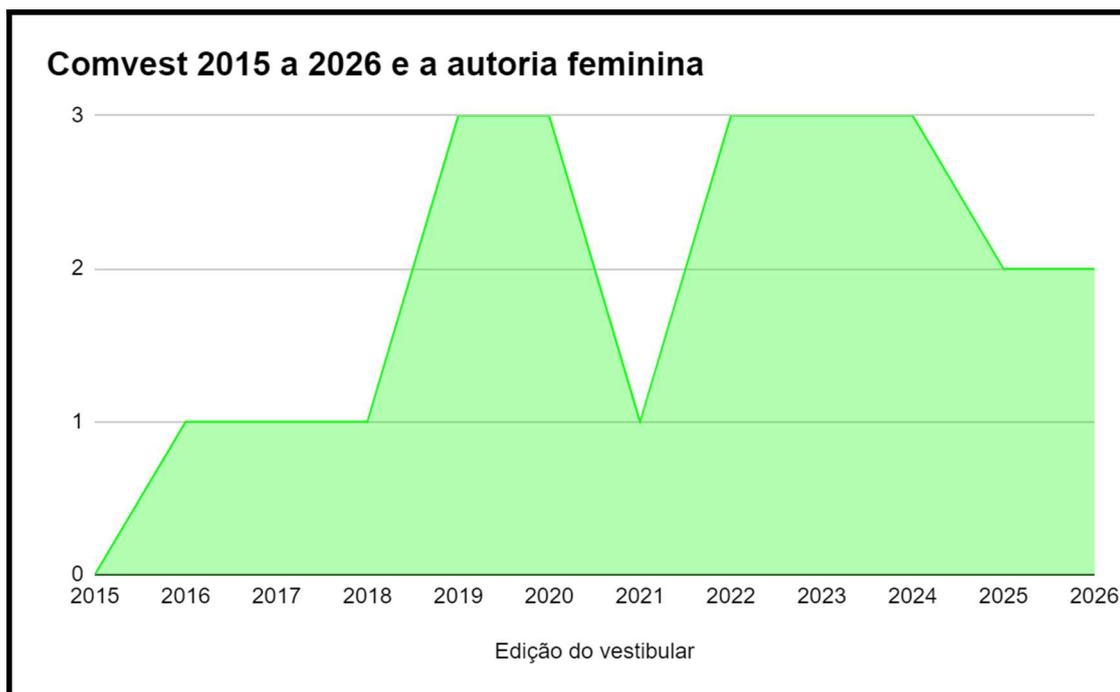
Figura 14: Número de livros de autoria feminina nos vestibulares da Comvest e Fuvest de acordo com o ano da edição de cada vestibular.

COMVEST		FUVEST (2026 original)		FUVEST (nova lista 2026)	
2015	0	2015	0	2015	0
2016	1	2016	0	2016	0
2017	1	2017	0	2017	0
2018	1	2018	1	2018	1
2019	3	2019	1	2019	1
2020	3	2020	1	2020	1
2021	1	2021	1	2021	1
2022	3	2022	1	2022	1
2023	3	2023	1	2023	1
2024	3	2024	1	2024	1
2025	2	2025	2	2025	2
2026	2	2026	1	2026	9
Total	23	Total	10	Total	18

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da Comvest e Manuais da Fuvest

Abaixo expomos as informações do quadro acima (Figura 14) dispostas em forma de gráficos para que possamos ter melhor visualização de como tais dados se colocam entre 2015 e 2026.

Figura 15: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Comvest entre 2015 e 2026.

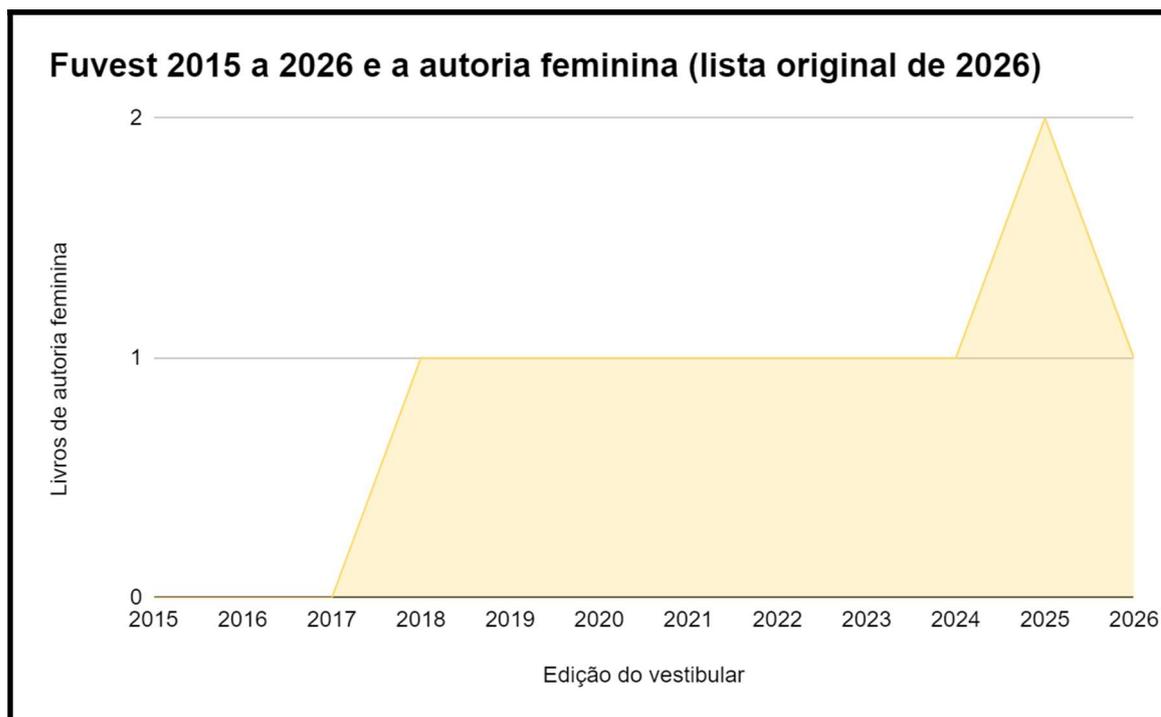


Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da Comvest.

A Figura 15, acima, representa a primeira coluna da Figura 14. Ambas indicam como a Comvest vem incluindo livros de autoria feminina desde 2016, chegando a indicar três livros nas edições 2019, 2020, 2022, 2023 e 2024 de seu vestibular.

Tal dado nos mostra que, entre 2015 e 2026, a Unicamp vem tentando incluir mais obras de autoria feminina de forma consistente, não chegando, entretanto a uma indicação mais igualitária.

Figura 16: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Fuvest entre 2015 e 2026 utilizando a lista originalmente divulgada para a edição 2026.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da Comvest.

Acima, a Figura 16 demonstra que a Fuvest vinha, até a divulgação de uma nova lista de livros para o exame vestibular de 2026, indicando apenas um livro de autoria feminina por ano, chegando a dois livros somente em 2025 e logo em seguida retornando a uma única indicação em 2026.

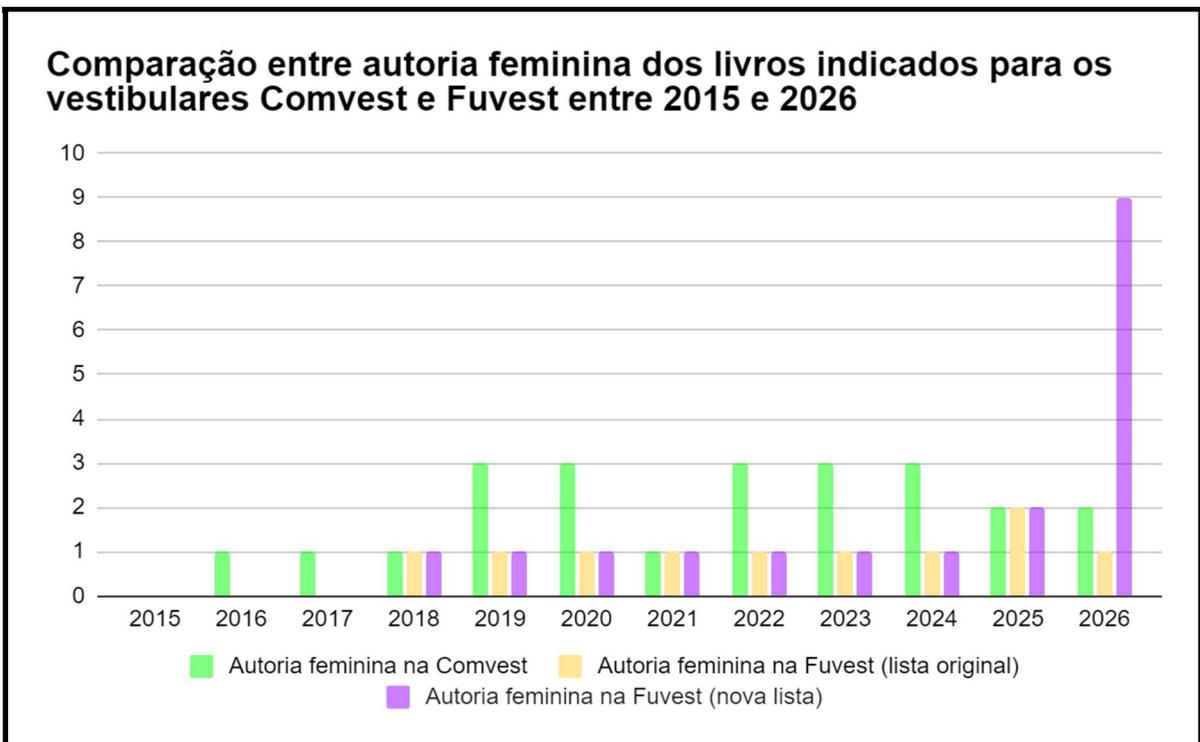
Logo abaixo temos a Figura 17 que indica a diferença que uma lista com nove títulos de autoria feminina fez no gráfico de análise dos dados da Fuvest. A fundação ainda não se coloca como promotora de igualdade entre gêneros, visto que nos anos anteriores a indicação de escritoras havia sido constantemente insípido. Mesmo ainda não representando paridade entre gêneros, principalmente não uma paridade consistente, a Fuvest, com a atitude bastante corajosa de alterar uma lista de indicações na qual havia apenas uma escritora indicada para uma nova lista com nove escritoras, passa a representar forte esperança de mudança para os próximos anos.

Figura 17: Número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Fuvest entre 2015 e 2026 utilizando a nova lista de livros indicados para edição de 2026.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da Fuvest utilizando a nova lista de livros de 2026.

Figura 18: Comparação entre o número de livros de autoria feminina indicados nos vestibulares da Comvest e Fuvest entre 2015 e 2026, utilizando a lista original e a nova lista de livros indicados para edição de 2026 da Fuvest.



Fonte: Elaborado pela autora, com base nas listas divulgadas nos Manuais de Ingresso da Comvest e Manuais da Fuvest.

A Figura 18, acima, mostra o comparativo entre as indicações para leituras feitas pelas Fundações para os vestibulares estudados nesta dissertação. Os números absolutos de indicações de obras escritas por mulheres em cada ano, por cada universidade/fundação para o vestibular.

É importante ressaltar que o vestibular da Comvest indicou de 7 a 12 livros anualmente e que o vestibular da Fuvest sempre indicou 9 livros por ano. O mesmo título aparece várias vezes no quadro e gráficos acima, sendo o *Romanceiro da Inconfidência*, única indicação de autoria feminina na Fuvest entre 2019 e 2024, exemplo disso.

Enquanto os dados analisados anteriormente nos dão uma visão panorâmica de adoção de títulos escritos por mulheres e por homens ao longo dos anos, as Figuras 14, 15, 16, 17 e 18 nos mostram a realidade anual das indicações de leitura para estudantes que vão prestar o vestibular. Também é possível perceber a diferença que a mudança de uma única edição do vestibular, mas fica ainda mais claro que a UNICAMP já vinha fazendo mudanças em direção a uma lista com maior representatividade feminina desde 2019, além de ter adotado de duas a três obras de autoria feminina em todos os vestibulares após retomar a indicação de lista própria (2016).

Informações como as listas de cada um dos vestibulares e sinopses dos títulos indicados estão na seção de Apêndices desta Dissertação.

Optamos por manter primordialmente uma fonte única para as sinopses. O portal escolhido foi o *site Goodreads*, uma plataforma para leitoras e leitores e para recomendações de livros que reúne sinopses de edições variadas de cada título. Com exceção da obra *Nebulosas*, de Narcisa Amália, adotada pela Fuvest a partir de 2026, todos os demais títulos tiveram suas sinopses retiradas desta plataforma. Como cada livro apresenta sinopses diferentes, dependendo da edição e da editora, deixamos a informação sobre qual a edição adotada abaixo de cada texto.

É interessante notar que, mesmo as editoras, ao “fazer o marketing” de alguns livros de autoria feminina, iniciam a sinopse de tais livros com informações sobre a influência que tal autor, homem, teve na obra da autora. Podemos perceber essa situação na sinopse do livro *O Cristo Cigano*, de Sophia de Mello Breyner Andresen: “encontramos neste livro uma expressiva influência que sobre ele teve João Cabral de Melo Neto, um dos maiores poetas brasileiros ...”. O mesmo acontece na sinopse de *João Miguel*, de Rachel de Queiroz: “Tristão de Athayde

considerava *João Miguel* o melhor dos quatro romances da primeira fase de Rachel de Queiroz.” A recíproca não é verdadeira: sinopses de livros de autoria masculina não passam pela necessidade de validação feminina para atestar sua qualidade.

Fica bastante evidente que esse sistema de validação do feminino por parte do masculino não é, senão uma manifestação do sistema patriarcal no qual estamos todas e todos imersos. Segundo Teles o patriarcado “é historicamente variável e se transforma conforme as mudanças que se processam na sociedade” tendo como principal característica “o domínio e a exploração masculinos sobre as mulheres e as crianças, em todos os espaços: econômico, social, político, cultural, religioso, recreativo, familiar, comunitário, relacional, afetivo e profissional” (2023, p. 19). Teles continua e nos deixa uma definição de patriarcado que elucida o exemplo dado acima sobre as sinopses de obras femininas iniciadas pela validação de escritores homens:

É preciso lembrar que o termo patriarcado tem hoje significado distinto daquele original. Na antiguidade, o patriarcado trazia a ideia central e determinante de que o homem era o chefe da família e tinha plenos poderes, legal e econômico, sobre as mulheres, as crianças e demais pessoas agregadas, animais, objetos e a propriedade... Hoje, o patriarcado está de tal forma arraigado que permeia as instituições públicas do estado e da sociedade, os espaços privados e domésticos, tanto no campo da cultura como no da estrutura social e econômica. Está tão introjetado que algumas pessoas consideram natural a supremacia do poder masculino e as desigualdades entre homens e mulheres. As instituições seguem sendo patriarcais sem precisarem fazer uso do discurso patriarcal tradicional. Discriminam mulheres por sexismo, racismo e reiteram as desigualdades sociais entre os sexos ao mesmo tempo em que adotam a narrativa e o apelo da igualdade entre os sexos. (Teles, 2023, p. 21).

Nesse contexto, a produção literária está de tal forma centralizada na normalidade da masculina (o “normal” é um livro ser escrito por um homem) que, para uma mulher ser bem aceita como literata, a validação do “normal” é necessária. Essa norma está tão introjetada neste caso na sociedade, como nos explicou Amelinha, que é preciso um olhar muito atento para não manter a normalização desse tipo de violência.

A palavra pode parecer forte; a escritora pode até ficar feliz (exemplo hipotético) em saber que foi elogiada por um autor de quem gosta, mas precisar de validação masculina para ser levada a sério é uma violência. Precisar da validação de qualquer outra pessoa para ser lida ou ouvida é um processo violento e que cala

muitas pessoas, em sua maioria mulheres, visto que vivemos ainda hoje em um sistema completamente patriarcal.

Esse é um dos motivos da necessidade de paridade de gênero em listas para vestibulares, da necessidade de apresentar a perspectiva da mulher sobre os mais diversos assuntos. Uma sociedade que normaliza o fato de uma instância acadêmica, como é o exame vestibular, destacar listas de livros escritos somente por homens, simplesmente não está levando suas mulheres em consideração ou a sério, mesmo que essa lista não seja a única fonte de indicações de leituras para estudantes do Ensino Médio.

5.2.1. Burburinho em praça pública (ou: sobre a importância de atitudes radicais)

No dia 21 de novembro de 2023, às 19h42min, como podemos ver na Figura 15, o portal online da *Folha de S.Paulo* foi o primeiro veículo da chamada grande imprensa a noticiar as mudanças realizadas pela Fuvest, só e especificamente nas listas de leituras obrigatórias para os vestibulares de 2026 a 2029. Na verdade, como mencionado anteriormente, houve uma substituição da lista de 2026 e anúncio das novas listas para os anos de 2027 a 2029.

Figura 19: “USP muda lista de livros do vestibular e terá obras só de mulheres pela 1ª vez na história”

LIVROS · TODAS

USP muda lista de livros do vestibular e terá obras só de mulheres pela 1ª vez na história

Novidades na Fuvest valem a partir da seleção para 2026; Machado de Assis, tradição na prova, fica de fora até 2029

21.nov.2023 às 19h42
Atualizado: 21.nov.2023 às 20h31

EDIÇÃO IMPRESSA

← Ouvir o texto A- A+

Laura Mattos
Walter Porto

SÃO PAULO A Fuvest, que seleciona os ingressantes da USP, a principal universidade do país, terá pela primeira vez na história uma lista de leitura obrigatória só com obras escritas por mulheres. Diante do peso que a Fuvest e a USP têm, essa não é apenas uma mudança no vestibular, mas que impacta o ensino da literatura no país.

A nova lista, que a **Folha** antecipa com exclusividade (veja ao final da reportagem), vale a partir da prova que será realizada em 2025, para ingresso na universidade em 2026.



Conceição Evaristo com o livro 'Canção para Ninar Menino Grande', que passará a ser cobrado pela Fuvest - Lucas Seixas/Folhapress

Fonte: Portal on-line da Folha de S.Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/usp-muda-lista-de-livros-no-vestibular-e-vai-cobrar-so-mulheres-pela-1a-vez-na-historia.shtml>

A reportagem de Laura Mattos e Walter Porto não informa se houve um evento específico realizado para a divulgação das novas listas, como uma entrevista coletiva, e tampouco fornece detalhes sobre o processo de divulgação. No entanto, a matéria conta com falas de Maria Arminda do Nascimento Arruda, Vice-Reitora da USP e presidenta da Fuvest, de Gustavo Monaco, diretor-executivo da Fuvest e

membro do Conselho Universitário da USP, e de Aluísio Cotrim Segurado, Pró-Reitor de Graduação da USP.

Acreditamos ser importante entender quais as posições dos acadêmicos acima descritos e que ocupam cargos importantes no Conselho Curador da Fuvest. Desta forma segue na Figura 20, abaixo, qual a composição de tal Conselho:

Figura 20: Conselho Curador da Fuvest

<p>O Conselho Curador é formado por oito integrantes efetivos, designados pelo Reitor da USP, entre professores da Universidade.</p> <p>Eles possuem mandato de quatro anos, exceto o presidente e o vice-presidente que ficam no cargo por dois anos, podendo ser prorrogado por período consecutivo. O órgão é responsável por tomar as decisões sobre a fundação.</p> <p>Já a Diretoria-Executiva, responsável pela administração da FUVEST, é constituída de um diretor executivo, um vice-diretor e um diretor financeiro.</p> <p>Eles são eleitos pelo Conselho Curador, com prazo de designação de dois anos, sendo permitida duas reconduções sucessivas de igual duração.</p>	<p>CONSELHO CURADOR DA FUVEST</p> <p>Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda Presidente</p> <p>Profa. Dra. Nina Beatriz Stocco Ranieri Vice-presidente</p> <p>Membros Prof. Dr. Aluisio Augusto Cotrim Segurado Prof.ª Dr.ª Margaret de Castro Prof.ª Dr.ª Roseli de Deus Lopes Prof.ª Dr.ª Marilene Proença Rabello de Souza Prof. Dr. Pedro Leite da Silva Dias Prof. Dr. Hamilton Brandão Varela de Albuquerque</p> <p>DIRETORIA-EXECUTIVA DA FUVEST</p> <p>Prof. Dr. Gustavo Ferraz de Campos Monaco Diretor executivo</p> <p>Prof. Dr. Thiago Regis Longo César da Paixão Vice-diretor</p> <p>Prof.ª Dr.ª Heliani Berlato dos Santos Diretora financeira</p>
--	--

Fonte: Portal on-line da Fuvest. Disponível em: <https://www.fuvest.br/transparencia/>

Segundo a *Folha*, a Professora Maria Arminda Arruda participou da decisão da mudança da lista dos livros e defendeu a importância de “valorizar a mulher na literatura não apenas como personagem, mas também como autora”. Sobre a trajetória da vice-reitora também é muito importante que ela é professora titular de Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), foi eleita ao lado do reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e que assumiu sua nova função em 26 de janeiro de 2022. Antes de participar da Chapa vencedora na eleição a professora Maria Arminda Arruda esteve

à frente do Escritório USP Mulheres por dois anos. O Escritório USP Mulheres foi criado em 2016, por meio da Portaria GR Nº 6766, com o objetivo de “propor e implementar iniciativas e projetos voltados à igualdade de gênero no âmbito da Universidade de São Paulo”.

Acreditamos que a experiência em um departamento com o objetivo de implementar projetos direcionados à igualdade de gênero na universidade possa ter sido fundamental na decisão de aplicar mudanças às listas dos vestibulares da instituição.

Retomando a matéria que tratou do anúncio das mudanças, estão nela dispostos mais argumentos trazidos pelo diretor-executivo da Fuvest, Professor Gustavo Monaco, e decidimos colocá-los todos na Dissertação por acreditarmos que trazem reflexões muito importantes sobre como se deu a tomada de decisão, quais seus motivos e quais as expectativas do conselho da Fuvest ao lançá-la. Monaco inicia com a afirmação de que se trata de uma “lista de ruptura”, e sobre terem “consciência de que (haveria) resistência, mesmo internamente na universidade, porque a lista de leitura obrigatória sempre seguiu a linha, justificável, de exigir a leitura dos cânones”, sobre os quais ninguém discute que “sejam grandes nomes”, mas refletindo “até que medida essa consagração (dos cânones) tem relação com o fato de tantas autoras terem sido silenciadas na história da literatura?”. O diretor admitiu ainda ter sido necessário “fazer uma pesquisa, buscar obras que mantivessem a qualidade literária que a lista sempre teve”, e que “ficou claro que esses livros têm qualidade e foram excluídos por terem sido escritos por mulheres”. Gustavo Monaco acrescentou acreditar que “com essa lista, os professores do ensino médio poderão trabalhar com os alunos as características das escolas literárias da mesma forma que faziam” e estar ansioso para “ver como será esse resgate na educação”. Ele também afirmou que as listas novas se tratam de uma experiência de três anos, “como uma medida de resgate”. Por fim, o diretor declarou que decidiram que o primeiro escritor a retornar à lista com autoria masculina seria Machado de Assis, mas que sabia que Machado “entenderia o motivo de ficar fora por esses três anos”.

Os jornalistas trouxeram, além das falas dos representantes do Conselho Curador da Fuvest a opinião de que a adoção de uma lista (na verdade são três), com nove obras de autoria feminina teria impacto, não somente no “vestibular, mas também no ensino da literatura no país”. A reportagem também já trazia a falta de

Machado de Assis, fato que passou a ser recorrentemente citado nas reportagens do mês seguinte, em diversos veículos da Grande Imprensa, da imprensa alternativa, das redes sociais, etc. Por fim, a reportagem retomou um levantamento que o próprio jornal Folha de São Paulo havia publicado exatamente uma semana antes e sobre o qual refletiremos mais adiante no subcapítulo que trata de como as mudanças acontecem.

Cerca de uma hora após a divulgação da reportagem pela *Folha de S. Paulo*, o portal online *G1* lançou sua própria matéria (Figura 21), sem autoria indicada, resumindo os argumentos dos mesmos professores ouvidos pela *Folha de S. Paulo*, com poucas citações de falas diretas desses acadêmicos. Em uma dessas falas, a professora Maria Arminda Arruda afirma que “muitas delas [autoras] foram alvo de décadas de invisibilidade pelo fato de serem mulheres”; e em outra, o Pró-Reitor de Graduação da USP, Professor Aluísio Cotrim Segurado, reafirma ser “uma mudança corajosa, necessária, mas que não se afasta da qualidade que a lista da Fuvest sempre teve”.

Figura 21: “Fuvest terá lista de livros obrigatórios escritos só por mulheres autoras da língua portuguesa pela 1ª vez na história”

The image shows a screenshot of a news article from the G1 portal. The header is red with the G1 logo and 'SÃO PAULO'. The main headline is in large, bold black text. Below it is a sub-headline in smaller black text. The article is dated 21/11/2023 and includes social media sharing icons. A photograph of Conceição Evaristo is featured in the center, with her name and the photographer's name below it.

Fuvest terá lista de livros obrigatórios escritos só por mulheres autoras da língua portuguesa pela 1ª vez na história

Entre as edições de 2026 e 2028 do exame, os vestibulandos vão precisar ler os livros de escritoras como Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimilla Pereira de Almeida e Lygia Fagundes Telles. Nomes tradicionais como Machado de Assis vão ficar de fora.

Por g1 SP — São Paulo
21/11/2023 20h46 · Atualizado há uma hora

Conceição Evaristo — Foto: Aline Macedo

Fonte: Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/21/fuvest-tera-lista-de-livros-obrigatorios-escritos-so-por-mulheres-autoras-da-lingua-portuguesa-pela-primeira-vez-na-historia.ghtml>

É importante ressaltar que diversas reportagens, notadamente as que anunciaram as modificações, apresentam fotos da escritora Conceição Evaristo, que, após a alteração nas listas da Fuvest, passou a figurar nas quatro listas mais recentes divulgadas (2026 a 2029) com a obra *Canção para ninar menino grande* (2018). Anteriormente, a autora havia sido incluída apenas nas listas da Comvest/UNICAMP nas edições de 2024, 2025 e 2026, com a coletânea de contos *Olhos d'água*. As indicações feitas pela Fuvest e UNICAMP representam um justo reconhecimento ao trabalho de Conceição Evaristo, à literatura produzida por

mulheres, à literatura feita por mulheres negras, e, por conseguinte, uma medida justa em relação à sociedade brasileira.

Retomando a linha do tempo iniciada com a publicação da reportagem da *Folha de S. Paulo*, que divulgou em primeira mão as novas listas de leituras obrigatórias, notamos que, no dia seguinte, em 22 de novembro de 2023, a própria Fuvest apresentou uma matéria alinhada com o conteúdo veiculado pela *Folha* (Figura 19).

Figura 22: “Fuvest renova sua lista de leituras para o vestibular 2026 – 2029”

F U V S FUNDAÇÃO
U E T UNIVERSITÁRIA
PARA O VESTIBULAR

Buscar

INÍCIO VESTIBULAR GRADUAÇÃO ▼ PÓS-GRADUAÇÃO ▼ RESIDÊNCIA ▼ CONCURSO ▼

FUVEST renova sua lista de leituras obrigatórias para o vestibular 2026 – 2029

22/11/2023

f WhatsApp Twitter LinkedIn Email

Novas obras literárias propostas entre os exames de 2026 e 2028 trazem apenas autoras

A FUVEST renova sua lista de leituras obrigatórias para o vestibular, apresentando, inclusive, uma nova lista para 2026, em lugar daquela que fora publicada anteriormente. A nova lista é composta somente por mulheres autoras de língua portuguesa entre as edições de 2026 e 2028 do exame, contemplando as escritoras brasileiras e estrangeiras Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimilia Pereira de Almeida, Julia Lopes de Almeida, Lygia Fagundes Telles, Narcisa Amália, Nísia Floresta, Paulina Chiziane, Rachel de Queiroz e Sophia de Mello Breyner Andresen.

Fonte: Site da Fuvest. Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest-renova-sua-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2026-2029/>

Uma das principais diferenças entre as reportagens da *Folha de S. Paulo* e a veiculada pela própria Fuvest foi a enfática declaração do Diretor da Fuvest, Gustavo Monaco:

“(…) trata-se, antes, de trazer a público e valorizar o que, muitas vezes, ainda não se conhece, e de destacar a importância das mulheres no cânone, em diferentes períodos históricos, nos mais variados gêneros literários, com perspectivas diversas. Esta é, assim,

uma lista que posiciona a literatura como uma ferramenta de reflexão e transformação social.”

Um outro destaque da matéria no site da Fuvest é que traz a biografia de cada uma das escritoras que participarão dos exames vestibulares entre 2026 e 2029, reproduzidas na íntegra no Apêndice - H.

Em suma, todas as reportagens que anunciavam a mudanças feitas pela Fuvest traziam argumentos da Professora Maria Arminda, do Professor Gustavo Monaco e do Professor Alúcio Cotrim Segurado expressando sua preocupação com o silenciamento histórico que autoras brasileiras vem sofrendo, a necessidade de discussões da sociedade sobre esse apagamento, a importância de valorizar a mulher na autoria de literatura, a preocupação em manter autoras e autores negros nas listas e o entendimento de que sofreriam resistência da sociedade e mesmo dentro da Universidade, fato de que não haveria queda na qualidade da literatura sugerida nas novas listas.

Antes de passarmos a demonstrar como se deu a expressiva repercussão de vários setores da sociedade após o anúncio das novas listas de leituras obrigatórias da Fuvest, gostaríamos de ressaltar a relevância de Nísia Floresta, a primeira escritora incorporada às novas listas da Fuvest. Uma das principais personagens negligenciadas pela academia, Nísia é enaltecida por Amelinha Teles no livro *Feminismos - Ações e histórias de mulheres* (2023) como a "primeira feminista reconhecida pela historiografia brasileira". Sua vida foi marcada por uma trajetória riquíssima, iniciando-se com seu acesso à educação em português, francês e italiano, um enorme privilégio para uma pessoa nascida no início do século XIX. Ela vivenciou um casamento aos 13 anos, prática comum em sua época, seguido por uma separação, algo totalmente incomum para a sociedade de então. Enfrentou ameaças de morte do ex-marido ao decidir viver com um estudante de Direito. Sua jornada incluiu a maternidade, com três processos de gravidez (um filho e uma filha que sobreviveram, e a perda do segundo filho, ainda bebê). Nísia, considerada a primeira educadora e jornalista feminista do Brasil, contribuiu com diversas publicações voltadas para mulheres, inicialmente no jornal *Espelho das Brasileiras* e em outros periódicos, em diferentes fases de sua vida. Residindo em diversas cidades, como o Rio Grande do Norte (seu local de nascimento), Porto Alegre, Rio de Janeiro (onde fundou uma escola em 1838), Paris, Londres, Lisboa e outras

idades na França e na Itália, ela testemunhou diversos eventos históricos que foram protagonistas de mudanças da sociedade de então (Teles, 2023, p. 174-181).

Iniciaremos agora a exposição da repercussão gerada pelas novas listas da Fuvest, assim como fizemos em relação aos artigos que anunciaram a implementação das novas listas, apresentaremos apenas os principais argumentos adotados por críticos contra e a favor da medida tomada pelo Conselho Curador da Fuvest, obedecendo a ordem cronológica de suas divulgações.

O primeiro texto a apresentar uma crítica positiva sobre as listas foi publicado também no dia 22 de novembro de 2023. Assinada por Claudinei Queiroz e Bruno Lucca, a matéria trazia como título: “Livros só de mulheres na Fuvest são importantes para conscientização, dizem professores” (Figura 23):

Figura 23: “Livros só de mulheres na Fuvest são importantes para conscientização, dizem professores”



Fonte: Portal online Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/livros-so-de-mulheres-na-fuvest-sao-importantes-para-conscientizacao-dizem-professores.shtml>

Nessa reportagem, duas professoras e um professor de literatura de escolas particulares do estado de São Paulo enfatizam a diversidade e qualidade das novas listas, destacando sua característica revolucionária no enfrentamento do machismo estrutural, bem como a possibilidade de apresentar aos meninos outras perspectivas femininas, distintas dos estereótipos femininos normalmente retratados pela literatura.

Ao se referir ao cânone literário, a professora Francielly Baliana aponta que já havia ocorrido mudanças anteriormente, como a inclusão de Carolina Maria de Jesus, escritora negra e de origem pobre, nos vestibulares de 2019 e 2020 da UNICAMP. Contudo, ela argumenta que essas mudanças não se consolidaram, atribuindo tal fenômeno ao fato de o cânone ser "(...) um valor historicamente construído por homens, para homens e sobre homens".

No mesmo dia, 22 de novembro, o jornal *Folha de S. Paulo* veiculou uma nova reportagem, desta vez com autoria de Isabella Menon, com foco principal no acesso aos novos livros (Figura 24):

Figura 24: “Nova lista de livros da Fuvest tem obras difíceis de encontrar”

Nova lista de livros da Fuvest tem obras difíceis de encontrar

Mudança valerá em seleção para 2026; proposta de resgatar autoras silenciadas na história da literatura deve estimular movimento de editoras, dizem especialistas

f
whatsapp
f
t
print
2
...

22.nov.2023 às 20h04
Atualizado: 22.nov.2023 às 20h40

EDIÇÃO IMPRESSA

🔊 Ouvir o texto A- A+

Isabella Mcnon

SÃO PAULO A Fuvest terá pela primeira vez na história uma lista de leitura obrigatória só com obras escritas por mulheres —a nova lista vale a partir da prova que será aplicada em 2025, para ingresso na universidade em 2026.

Divulgada nesta terça (22), a relação reúne desde obras como “Opúsculo Humanitário” (1853), de Nísia Floresta, autora feminista do século 19, até títulos contemporâneos como “A Visão das Plantas” (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida.

Estudantes que procurarem pelos livros agora, no entanto, poderão enfrentar certa dificuldade para encontrá-los. “Espero que novas edições surjam a partir de agora, para que os alunos todos tenham acesso fácil a essas leituras”, afirma Fernando Marcilio, professor de literatura do Curso Anglo.



A angolana Djaimilia Pereira de Almeida é autora de ‘A Visão das Plantas’, que integra a nova lista da Fuvest - Flip

Fonte: Portal online Folha de S. Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/nova-lista-de-livros-da-fuvest-tem-obras-dificéis-de-encontrar.shtml>

A matéria, ilustrada pela foto da escritora Djaimilia Pereira de Almeida, estreante em listas de vestibulares do estado de São Paulo, apresentava depoimentos de dois professores do Ensino Básico em escolas particulares que enfatizavam a necessidade de ações urgentes por parte do mercado editorial, destacando que a obra *Nebulosas*, de Narcisa Amália, atualmente encontra-se com

a tiragem esgotada, e sem disponibilidade nas bibliotecas públicas de São Paulo. Segundo a matéria, *O Cristo Cigano*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, não está disponível nas bibliotecas públicas.

Também em 22 de novembro de 2023 a *Revista TPM*, uma publicação voltada para mulheres e que constantemente publica reportagens sobre assuntos considerados polêmicos e que refletem anseios da sociedade deste século, fez uma postagem em sua página na rede social Instagram (Figura 25).

Figura 25: “Por que só mulheres no vestibular?”

A VEZ E A VOZ DELAS

POR QUE LER SÓ MULHERES NO VESTIBULAR?

DE 2026 E 2028, A LISTA DE LEITURAS OBRIGATORIAS DA FUVEST SERÁ COMPOSTA EXCLUSIVAMENTE POR AUTORAS MULHERES. A iniciativa é inédita — e mira na reparação por séculos de apagamento de grandes artistas que não tiveram destaque, principalmente, pela estrutura misógina desse mercado

QUAL AUTORA VOCÊ INCLUIRIA NESSA LISTA?

@REVISTATPM

Fotos: Reprodução

revistatpm • Seguir

Entre os anos de 2026 e 2028, os vestibulandos que planejam entrar na USP (Universidade de São Paulo) terão de se debruçar em leituras de livros escritos por Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimilia Pereira de Almeida, Julia Lopes de Almeida, Lygia Fagundes Telles, Narcisca Amália, Nísia Floresta, Paulina Chiziane, Rachel de Queiroz e Sophia de Mello Breyner Andresen. Em decisão inédita, a Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular) determinou que a lista obrigatória de leituras será composta apenas por escritoras mulheres. A iniciativa mira na reparação do apagamento que tantas de nossas artistas sofreram e ainda sofrem por conta da estrutura misógina desse mercado. Por ora, alguns livros da lista são difíceis ou até raros de encontrar por causa — adivinhe! — da baixa demanda de leitores.

Entre o ensino médio e a universidade, existe um efeito cascata que influencia o repertório dos estudantes. Se as listas de leitura obrigatória dos vestibulares conta, majoritariamente, com autores homens, eles também serão os mais lidos entre os estudantes em estágio escolar. Por isso mesmo, a decisão de incluir somente autoras mulheres na lista para o processo seletivo mais concorrido do Brasil é tão histórica. Segundo a Fuvest, o objetivo da decisão é “valorizar o papel das mulheres na literatura, não apenas como personagens, mas como autoras”.

Que autora você incluiria nessa lista?

Fotos: Reprodução
Editado · 6 sem Ver tradução

Curtido por claudia.lahni e outras pessoas
22 de novembro de 2023

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Revista TPM, Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz9lkB4pdyR/>

Na publicação da TPM era apontado o apagamento de artistas devido à “estrutura misógina” do mercado, bem como a dificuldade que ainda há de encontrar todos os livros indicados. A postagem falava também do efeito cascata entre ensino médio e vestibulares que influencia o repertório dos estudantes, e chamava a medida tomada de “histórica”.

Em 30 de novembro de 2023, a revista *Galileu* publicou uma matéria online, elaborada por Beatriz Herminio, abordando os livros de autoria feminina indicados

pela Fuvest. Além de apresentar os argumentos da presidenta da Fuvest, Maria Arminda do Nascimento Arruda, e pelo diretor da fundação, Gustavo Monaco, já mencionados aqui, o artigo incluía sinopses de cada uma das novas obras adotadas para a lista de 2026 (Figura 22).

Figura 26: “Conheça os livros escritos por mulheres que cairão na Fuvest de 2026”



Fonte: Revista Galileu. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

Utilizaremos as sinopses publicadas pela revista Galileu para os livros escritos por mulheres e indicados como leitura obrigatória para o vestibular da Fuvest 2026, no Apêndice F.

No dia 5 de dezembro de 2023, o Jornal *Estado de São Paulo* veiculou um Editorial na seção “Opinião do Estadão”, como pode ser observado a seguir (Figura 27):

Figura 27: “Vestibular para militante”



OPINIÃO DO ESTADÃO

Vestibular para militante

Ao exigir que vestibulandos só leiam autoras mulheres, Fuvest amesquinha exame que deveria medir o grau de conhecimento dos alunos, não seu nível de engajamento a determinada ‘causa’

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Por Notas & Informações
05/12/2023 | 03h00

2 min de leitura

A Fuvest, conhecida por organizar o exame de seleção para ingresso nos cursos de graduação da Universidade de São Paulo (USP), renovou a lista de leituras obrigatórias para as edições de 2026, 2027 e 2028 de seu rigoroso vestibular. A nova lista é composta exclusivamente por autoras mulheres de língua portuguesa. Segundo a presidente do conselho curador da Fuvest e vice-reitora da USP, Maria Arminda do Nascimento Arruda, muitas delas – entre as quais as selecionadas, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimília Pereira de Almeida, Julia Lopes de Almeida, Lygia Fagundes Telles, Narcisa Amália, Nísia Floresta, Paulina Chiziane, Rachel de Queiroz e Sophia de Mello Breyner Andresen – “foram alvo de décadas de invisibilidade pelo fato de serem mulheres”. Portanto, infere-se que, com uma ofensa ao cânone literário, a Fuvest pretenda resgatá-las, digamos assim, de uma suposta obscuridade à qual teriam sido relegadas por sua condição de gênero – o que não é verdadeiro para a maioria delas, escritoras consagradas que são.

Fonte: Jornal O Estado de São Paulo - versão on-line. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/opinioao/vestibular-para-militante/>

Diferentemente das demais reportagens apresentadas até o momento e divulgadas até aquela data, este editorial expressava diretamente a opinião de um veículo de comunicação de grande relevância em São Paulo e no país. Segundo o *Estado*, em resposta a uma declaração específica da professora Maria Arminda Arruda, citada no editorial e já veiculada por outros meios de comunicação (na qual afirmava que as escritoras “foram alvo de décadas de invisibilidade pelo fato de serem

mulheres"), a decisão da Fuvest seria ofensiva ao cânone e buscaria resgatar as escritoras “de uma suposta obscuridade à qual teriam sido relegadas por sua condição de gênero – o que não é verdadeiro para a maioria delas, escritoras consagradas que são.”

O artigo continua investindo em argumentos como: a exigência da Fuvest de que os vestibulandos só leiam mulheres; que o nível de engajamento dos alunos com certa pauta (o feminismo, entendemos) não deve ser medido, mas sim o conhecimento acumulado; além de listar sete autores com os quais os alunos só teriam contato novamente a partir de 2029 (na verdade, dos sete escritores listados, apenas um tem retorno proposto para 2029; um deles nunca esteve em nenhuma das edições dos vestibulares da Fuvest como leitura obrigatória).

O editorial prossegue apresentando argumentos contra o que chama de “decisão estapafúrdia”: a medida impediria o “ingresso de desafortunados que não dominam discursos correntes, como o chamado “empoderamento” feminino”; a universidade passaria a ser um “gueto de iniciados”, ao invés de ser o local destinado à discussão das grandes questões da humanidade; a “censura imposta a autores homens de língua portuguesa na lista de leituras” não resolveria o problema da paridade de gênero; a medida contribuiria para o “envenenamento de uma discussão de fundo – as deficiências programáticas da educação básica e o baixo nível de leitura dos brasileiros – em nome de uma agenda de natureza eminentemente ideológica”; e a certeza de que “o cânone literário, afinal, é universal porque toca a condição humana, independentemente de quaisquer critérios, naturais ou arbitrários, que possam separar os indivíduos”. O editorial conclui reforçando que as universidades são o local onde “há de imperar o pluralismo de ideias, vozes e pensamentos, e não a exclusão”.

Em 8 de dezembro de 2023, nova reportagem de Laura Mattos expôs a existência de críticas por parte de professoras e professores da universidade sobre as listas 100% femininas (Figura 28).

Segundo a reportagem, vários docentes da universidade não têm conseguido expressar suas opiniões contrárias à medida devido ao temor de serem “cancelados” por colegas “diante da força atual da pauta feminista, em especial dentro da universidade”. A jornalista declara que pessoas contatadas para dar entrevista cancelaram o compromisso ou deixaram de atender; outras concordaram em dar opiniões desde que sua identidade não fosse revelada.

Figura 28: “Escritoras criticam lista do vestibular da USP só com livros de mulheres”

LIVROS · TODAS · USP

Escritoras criticam lista do vestibular da USP só com livros de mulheres

Editora feminista diz que excluir autores dos séculos 18 e 19 pode mascarar o machismo da literatura da época; professores cobram transparência na escolha das obras

8.dez.2023 às 7h00

🔊 Ouvir o texto A- A+

Laura Mattos

SÃO PAULO A mudança na lista de leituras obrigatórias da [Fuvest](#), que pela primeira vez traz **somente obras escritas por mulheres**, causou polêmica nos meios literários e acadêmicos. A nova seleção exclui todos os homens, inclusive [Machado de Assis](#), que tradicionalmente é cobrado no [vestibular](#) da [USP](#).

Desde que a informação foi revelada pela **Folha**, em 21 de novembro, os debates se tornaram frequentes e calorosos. Parte desse movimento, no entanto, tem sido silenciada, especialmente dentre os críticos da mudança, que temem o chamado "cancelamento" diante da força atual da pauta feminista, em especial dentro da [universidade](#).

Fonte: Jornal Folha de São Paulo - versão on-line. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/12/escritoras-criticam-lista-do-vestibular-da-usp-so-com-livros-de-mulheres.shtml>

A doutora em História pela USP e fundadora da Alameda Casa Editorial, editora voltada aos direitos humanos, Joana Monteleone, não se recusou a falar com a jornalista e declarou acreditar que uma lista 100% feminina “exclui autores fundamentais e fundantes da literatura brasileira”; e apontou o fato do autor Machado de Assis ter sido finalmente compreendido como um homem negro – um ponto sensível na retirada de livros seus das listas. Monteleone entende que o machismo no século XIX pode ficar mascarado ao se propor uma lista com autoria somente feminina. Ela acredita que o cânone deverá mudar daqui a 30, 50 anos, visto que “as mulheres têm mais espaço na literatura” hoje em dia.

Em 14 de dezembro, foi publicada uma carta aberta de professores universitários e críticos literários, opondo-se à lista da Fuvest, no site *A Terra é Redonda* (Figura 29):

Figura 29: Carta aberta de professores universitários e críticos literários, opondo-se à lista da Fuvest.



Anouk Kruithof, 2009



CARTA ABERTA DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E CRÍTICOS LITERÁRIOS

O critério de seleção de um único perfil de autoria não atende aos requisitos de inclusão

A Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), que organiza o exame de ingresso na Universidade de São Paulo (USP), divulgou recentemente a lista de livros válida de 2026 a 2028, privilegiando a autoria exclusivamente feminina. Já em 2029, três obras de assinatura masculina substituirão outras três anteriores, mantendo-se as demais. De um total de nove autoras, três são negras (uma brasileira, uma angolana e uma moçambicana) e seis, brancas (uma delas portuguesa).

Fonte: Portal - A Terra é Redonda. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-lista-da-fuvest/>

A Carta, assinada por 125 nomes de grande peso para as áreas da educação e da literatura em nosso país, justificava seu posicionamento contrário às listas com 100% de autoria feminina pois “um único perfil de autoria tampouco guarda

coerência com a inclusão, dada a exclusão de escritores negros, a representação LGBTQIA+ e a dos povos indígenas” e segue explicando que a inclusão de Opúsculo Humanitário promove a perda do lugar da literatura: “na lista ocorre também na escolha de *Opúsculos Humanitários* [sic], de Nísia Floresta, título importante, mas que não se pretende ficção”.

Por sua importância em relação à argumentação que agrega às já expostas antes, dois trechos inteiros precisam ser reproduzidos abaixo, para que possamos refletir sobre eles no próximo subcapítulo. Não há espanto no fato de que a argumentação em algum momento seria ancorada na falta de Machado de Assis em listas que foram pensadas para serem de autoria 100% feita por mulheres.

A gravidade da retirada de Machado de Assis da lista de livros da Fuvest fala por si. No contexto da medicina higienista que disseminava o “instinto” de maternidade e domesticava as ações femininas com função de garantir o bem-estar da família burguesa, Machado de Assis submete à irrisão esse “instinto”, inventando a mulher como subjetividade marcada por desejo e sexualidade não monogâmica. Com Capitu, Machado de Assis formaliza a invisibilidade da mulher que se quis senhora de seu destino. A galeria de personagens femininas machadianas faz pensar. Há outras obras em que a qualidade literária é determinante para a apreensão da condição social de gênero, a exemplo de Parque Industrial, de Pagu; S. Bernardo, de Graciliano Ramos; A Imaginária, de Adalgiza Nery; Leite Derramado, de Chico Buarque; e Sinfonia em Branco, de Adriana Lisboa.

A carta aberta foi assinada por 59 intelectuais mulheres e 66 homens, muito representativos da intelectualidade brasileira.

Em 16 de dezembro houve duas publicações no jornal *Folha de São Paulo*, de naturezas argumentativas opostas. Iniciaremos pelo artigo de opinião escrito pelos mesmos professores responsáveis pelo anúncio das mudanças: Maria Arminda do Nascimento Arruda, Alúcio Cotrim Segurado e Gustavo Ferraz de Campos Monaco. O texto se intitula “A Fuvest e a marginalidade das escritoras”, conforme podemos ver na Figura 30, abaixo:

Figura 30: “A Fuvest e a marginalidade das escritoras”, em coluna na *Folha*

OPINIÃO
 MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA, ALUÍSIO COTRIM SEGURADO E GUSTAVO FERRAZ DE CAMPOS MONACO

A Fuvest e a marginalidade das escritoras

Não há caráter militante em escolha de lista exclusivamente feminina

16 dez. 2023 às 22h00

EDIÇÃO IMPRESSA

◀ Ouvir o texto A- A+

[F](#) [WhatsApp](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Print](#) [Compartilhar](#) [Mais](#)

Maria Arminda do Nascimento Arruda
 Vice-reitora da USP

Aluísio Cotrim Segurado
 Pró-reitor de Graduação da USP

Gustavo Ferraz de Campos Monaco
 Diretor-executivo da Fuvest

Há 35 anos a [Fuvest](#) elabora a relação das obras obrigatórias para orientar as provas do [vestibular](#) para ingresso na [Universidade](#) e São Paulo ([USP](#)). A [recente proposta de mudança nessa lista](#) suscitou indagações a respeito dos critérios utilizados para a alteração das obras de literatura indicadas.

Ao longo desse período, a lista sofreu alterações. No conteúdo, a proposta de construir uma lista exclusivamente composta por escritoras foi entendida de maneira equivocada, pois se lhe atribuiu um [caráter militante](#) e de [exclusão](#) de grandes escritores brasileiros. Mas este não é o caso.

De um lado, a Fuvest tenta dialogar com as transformações do [cânone literário](#) e, de outro, chamar a atenção para a permanente marginalidade das escritoras no ensino médio, em razão de não fazerem parte do rol de exigências da Fuvest com a intensidade que a nova lista propõe.



Conceição Evaristo com o livro "Canção para Ninar Menino Grande", que passará a ser cobrado pela Fuvest - Lucas Seixas/Folhapress - Agência Brasil

Fonte: Portal online Folha de S. Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/12/a-fuvest-e-a-marginalidade-das-escritoras.shtml>

No artigo, a Professora Maria Arminda e os colegas negam o “caráter militante” da escolha das novas obras, certamente em referência ao Editorial do jornal *Estado de São Paulo* do dia 05 de dezembro. Os professores alegam que a divulgação das novas listas suscitou indagações sobre os critérios utilizados para definir quais obras são sugeridas anualmente pela Fuvest. Postulam ainda que a “Fuvest tenta dialogar com as transformações do cânone literário e chamar a atenção para a permanente marginalidade das escritoras no ensino médio, em razão de não fazerem parte do rol de exigências da Fuvest com a intensidade que a nova lista propõe”. Em seguida volta a enfatizar a necessidade de mudanças no cânone e a responsabilidade da Fuvest em relação a essas mudanças, não escolhendo somente autores já consagrados e abrindo a leitura para escritas mais diversas, o que “enriquece ainda mais o aprendizado e a reflexão dos vestibulandos”.

O artigo foi originalmente publicado no portal da *Folha de São Paulo* on-line no dia 16 de dezembro, passou para o jornal impresso no dia 17 de dezembro, foi replicado pelo *Jornal da USP* em 18 de dezembro, e em 19 de dezembro foi republicado no portal do Centro Feminista de Estudos e Assessoria⁴³ (CFEMEA), conforme se vê na Figura 31.

Figura 31: “A Fuvest e a marginalidade das escritoras”, em coluna no portal CFEMEA



Fonte: Portal online CFEMEA. Disponível em:

<https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=8458:a-fuvest-e-a-marginalidade-das-escritoras&catid=588>

⁴³ O Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) é uma organização da sociedade civil, não governamental, sem fins lucrativos e de caráter público, fundada em 1989, com sede em Brasília-DF. O feminismo, os direitos humanos, a democracia, a igualdade racial, a educação feminista antirracista decolonial, o autocuidado e o cuidado entre ativistas são nossos marcos políticos e teóricos.

Como já adiantado, no mesmo dia 16 de dezembro, o escritor Antonio Prata expressou sua visão da mudança proposta pela Fuvest em sua coluna semanal na *Folha de São Paulo* (Figura 32)

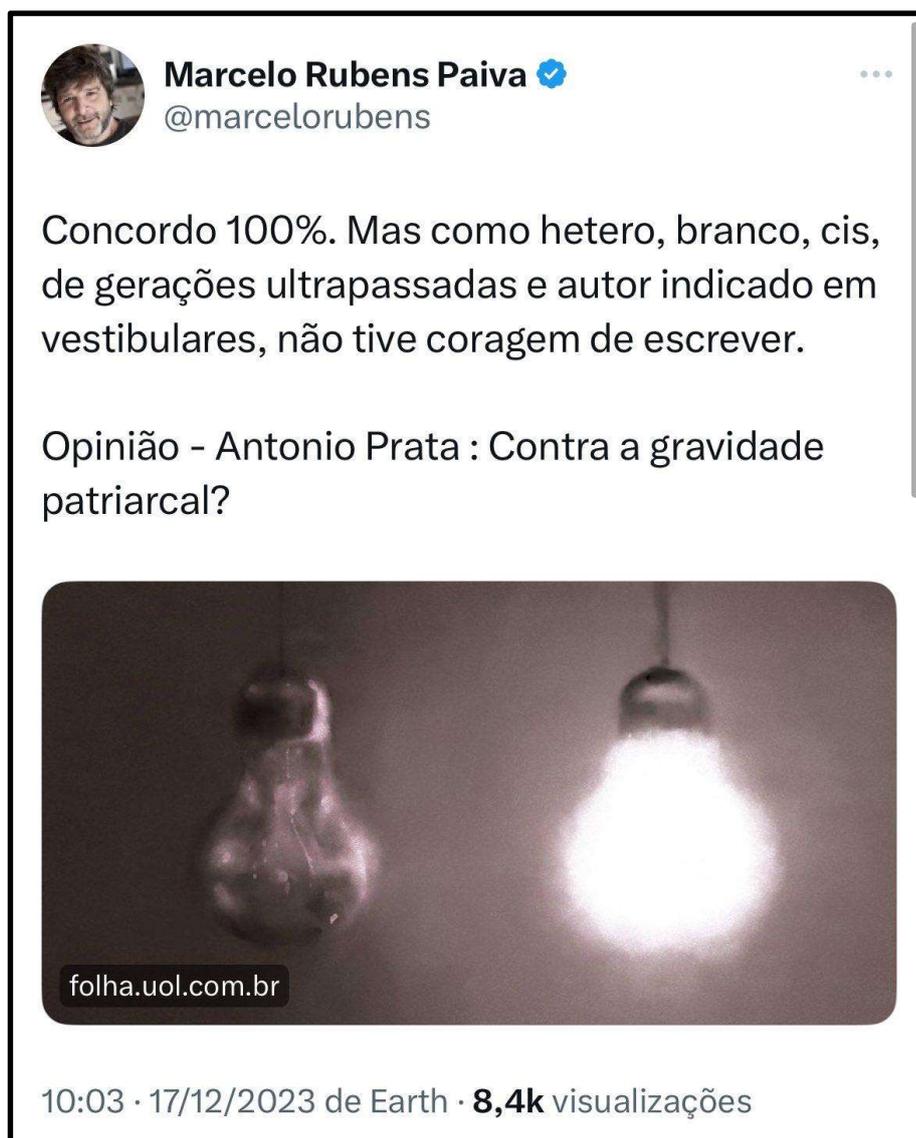
Figura 32: “Contra a gravidade patriarcal?” - Antonio Prata, em coluna na *Folha*



Fonte: Portal online Folha de S. Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2023/12/contra-a-gravidade-patriarcal.shtml>

No dia seguinte, o também escritor Marcelo Rubens Paiva repostou a coluna de Antonio Prata em sua conta da rede social X (antigo Twitter), deixando um comentário, como podemos ver na Figura 33:

Figura 33: Declaração de Marcelo Rubens Paiva na rede social X (antigo Twitter)



Fonte: Twitter (X) - Marcelo Rubens Paiva. Disponível em:
<https://twitter.com/marcelorubens/status/1736371442244059435>

As declarações de Prata, com as quais Marcelo Rubens Paiva disse concordar, são em relação às medidas tomadas pela Fuvest não passarem de boas intenções que viriam em detrimento da qualidade das listas. Prata afirma que as medidas “privam” jovens de ler Machado (sempre ele), Drummond e Guimarães Rosa; e que em apoio à erradicação do machismo, não se pode descartar todo o conhecimento feito por homens porque, em suas próprias palavras, “a estrutura patriarcal não permitiu que elas [mulheres] estudassem, tivessem a chance de se manifestar, publicassem.”

No dia seguinte, a Doutora em Linguística pela UNICAMP, professora e produtora de conteúdo digital Janaína Viscardi produziu um texto em resposta aos argumentos de Prata em seu blog (Figura 34):

Figura 34: “A gravidade da masculinidade”

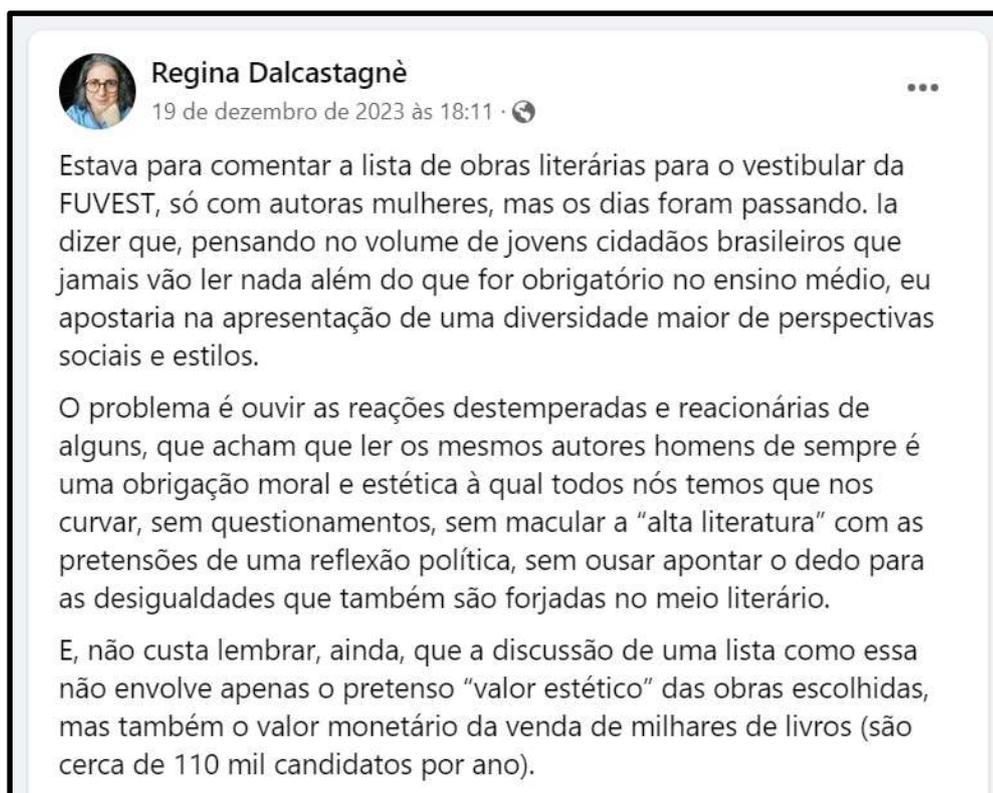


Fonte: Blog Jana Viscardi. Disponível em: <https://janaviscardi.com.br/a-gravidade-da-masculinidade/>

Janaína critica argumentos como “uma lista com autoras mulheres” não passar de boas intenções; a alegação de que se trata de uma iniciativa da esquerda; o entendimento de que a adoção de uma lista feminina interromperia o debate sobre obras escritas de homens; e o fato de que nada havia sido dito sobre todos os anos em que somente obras de homens foram indicadas.

Em 19 de dezembro, Regina Dalcastagnè – Professora Titular da Universidade de Brasília e Coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC), intelectual referenciada nesta Dissertação –, fez uma postagem em sua página do Facebook, normalmente utilizada para debates sobre educação e literatura, na qual também dava sua opinião sobre as novas listas de leitura obrigatória da Fuvest (Figura 35):

Figura 35: Postagem de Regina Dalcastagnè em sua página do Facebook



Fonte: Facebook Regina Dalcastagnè. Disponível em:
<https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3/posts/pfbid0BBnV2ksvwCfSvnBRQHmTUVx6kELFE1Y2mEs5C16QoE55hJXVz5RKcpPYTYDb55Ucl>

A Professora, que já havia dado entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* quando o veículo fez um levantamento sobre literatura, em 14 de novembro, antes do anúncio da decisão da Fuvest, comentou em seu Facebook que talvez a lista não seja a mais abrangente e, como se trata de leitura obrigatória (mesmo que só para a realização do vestibular de uma universidade), talvez jovens que não têm o costume de ler e só leem para o vestibular poderiam se beneficiar de uma lista mais abrangente. Entretanto, após ler muitas reações negativas à lista, a professora pareceu mais impressionada por reações “destemperadas e reacionárias”, e ainda levantou um ponto no qual nenhuma das reações que lemos tinha levantado até então, e de extrema importância para esta Dissertação: os efeitos da nova lista no mercado editorial com “a venda de milhares de livros”.

Em 20 de dezembro, aconteceu a oportunidade de discussão do tema em uma mídia diferente: o podcast/videocast. Já na foto ilustrativa, o podcast traz a palavra polêmica (Figura 36):

Figura 36: “Mulheres na literatura: a nova lista de leituras obrigatórias da Fuvest”



Fonte: Spotify, Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5Y7bCeNIBZBEYBmwHruDOm>

Na entrevista feita por Gabriela Varela com a professora Cristina Meneghello, historiadora e docente da UNICAMP, a discussão sobre o apagamento histórico das mulheres na literatura é ressaltada, inclusive através da menção a autoras que precisaram usar pseudônimos masculinos para poder escrever. Desta forma a decisão da Fuvest de incluir apenas autoras mulheres nas leituras obrigatórias é vista como uma forma de reparação histórica e por tempo limitado, como todos sabemos.

Para a historiadora, a lista de autoras mencionadas é rica e diversificada, incluindo nomes como Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Djaimilia Pereira de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Lúcia Fagundes Telles, entre outras.

Para a professora Cristina, na perspectiva educacional a discussão se estende para a importância de introduzir autores diversos, não apenas mulheres, mas também LGBTQIA+ e autores negros e indígenas desde a educação básica. Por fim, a professora destaca que desafios mais amplos na educação básica, incluindo o desfalque de conteúdos causado pela reforma do Novo Ensino Médio, precisam ser abordados; coloca a importância de questionar quem decide quais autores são considerados "clássicos", e a necessidade de reconhecer e valorizar a contribuição das mulheres na literatura.

Em 21 de dezembro de 2023, o site do jornal *Deutsche Welle* publicou a matéria "Lista da Fuvest só com livros de mulheres: por que incomoda?", na coluna "Vozes da Educação", dedicada a receber textos do programa social Salvaguarda (Figura 37). Nessa data, a coluna foi escrita pelo fundador do programa, Vinícius de Andrade.

Figura 37: Lista da Fuvest só com livros de mulheres: por que incomoda?



DW Made for minds. EM DESTAQUE Equador Guerra Israel-Hamas Colunas

EDUCAÇÃO | BRASIL

Lista da Fuvest só com livros de mulheres: por que incomoda?

 **Vinícius De Andrade**
Coluna Vozes da Educação

21/12/2023

Vestibular da Fuvest já teve 20 edições de listas literárias compostas exclusivamente por autores homens. Por que a notícia de que, pela primeira vez, a prova será composta apenas por livros de mulheres incomoda tanto?

Vozes da Educação é uma coluna semanal escrita por jovens do Salvaguarda, programa social de voluntários que auxiliam alunos da rede pública do Brasil a entrar na universidade. Revezam-se na autoria dos textos o fundador do programa, Vinícius De Andrade, e alunos auxiliados pelo Salvaguarda em todos os estados da federação. Siga o perfil do programa no Instagram em @salvaguarda1.

Este texto foi escrito por Vinícius De Andrade e reflete a opinião do autor, não necessariamente a da DW.

 **Vinícius De Andrade** Fundador do programa Salvaguarda

Fonte: DW - Made for Minds: Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/lista-da-fuvest-s%C3%B3-com-livros-de-mulheres-por-que-incomoda/a-67784915>

Na coluna, Vinícius traz os mesmos dados que encontramos pesquisando os Manuais da Fuvest, entre outros documentos: data de fundação da Fuvest, início da indicação de leituras obrigatórias, 20 anos de listas com autoria 100% masculina.

Em seguida, ele se refere à entrevista que fez com Tarsilla Couto de Brito, poeta, ensaísta e professora de teoria literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante a entrevista, Tarsilla explicou o mito fundador da Literatura Brasileira, a autonomia da obra de arte; mas deixa claro que essa autonomia não existe, que sempre há forças que impulsionam a literatura, que

decidem quem deve ser canônico, que selecionam o que é boa literatura: listas de vestibulares, prêmios e eventos literários, casas de escrita criativa etc. São os já mencionados mecanismos de validação da literatura.

Para Tarsilla, e também para Vinícius, as novas listas são uma oportunidade:

Uma lista de escritoras mulheres que contemple pessoas negras, indígenas, trans, donas de casa, revolucionárias, entre tantas possibilidades de existência para as mulheres, é uma oportunidade para que as escolas, os professores e os alunos não apenas leiam mulheres, mas aprendam outras formas de ler o mundo. Porque é isso que ler mulheres nos oferece: vivências que nunca foram nomeadas, descritas, estetizadas, marcadas com verbo, vírgula e ponto – maternidade, alimentação, guerra, estupro, tanta coisa que não conhecemos, uma infinidade de sentimentos de que poderemos gozar, todos nós, ampliando a experiência de sermos gente.

Vinícius termina a Coluna concluindo que todo o barulho que tem sido feito contra as listas se trata, mais uma vez, de um segmento detentor de poder (o de decidir o que é literatura e o que não é; o que tem voz) não querendo abrir mão de seu privilégio.

Na coluna de Jaqueline Ribeiro no jornal *Diário Carioca*, no dia 21 de dezembro de 2023 (Figura 38), é possível ver a partir de seu título o tumulto que as mulheres trouxeram para o meio literário: “Lista de livros da Fuvest: se furacão tem nome de mulher, o apocalipse literário também terá”.

Figura 38: “Lista de livros da Fuvest: se furacão tem nome de mulher, o apocalipse literário também terá”



Fonte: Diário Carioca. Disponível em : <https://www.diariocarioca.com/artigos/lista-de-livros-da-fuvest-se-furacao-tem-nome-de-mulher-o-apocalipse-literario-tambem-tera/>

Jaqueline comenta que houve reações a favor da lista desde sua divulgação, mas declara que foram ofuscadas por críticas, citando a “Carta aberta” já mencionada e a coluna de Antonio Prata. Jaqueline acredita que a grande motivação para as críticas negativas à lista é o “conhecido ranço diante das iniciativas súbitas de corrigir problemas históricos.” Para a colunista, a lista significa um passo importante, mesmo que não tenha sido feita com perfeição e tenha assustado a comunidade literária. Por fim, Jaqueline lembra que uma lista de vestibular é apenas uma lista de vestibular.

Finalizamos nossa leitura de críticas e manifestações positivas às listas Fuvest com obras escritas somente por mulheres indicando que, além da “Carta aberta de professores universitários e críticos literários, opondo-se à lista da Fuvest” o portal *A Terra é Redonda* – um site que se propõe a ser “um espaço para a intervenção pública de intelectuais, acadêmicos e ativistas de movimentos sociais”, e que é mantido por meio de contribuições voluntárias –, publicou outros quatro artigos de opinião sobre as novas listas da Fuvest.

No longo artigo de 18 de dezembro, intitulado “O papel formativo da literatura”⁴⁴ e escrito por Paulo Franchetti, o autor critica o que chama de falta de consistência do texto dos diretores e da presidenta da Fuvest já comentado aqui e publicado no jornal *Folha de São Paulo* em 16 de dezembro. O autor busca apoio na “Carta aberta de professores universitários e críticos literários, opondo-se à lista da Fuvest” para argumentar que ali, sim, está a verdadeira opinião da Universidade de São Paulo. Por fim o autor, que é professor titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, declara que a Fuvest supervaloriza seu poder de influenciar o Ensino Médio através das listas, e que o ponto mais importante “a discussão sobre o papel formativo ou informativo da literatura na escola” não foi abordado.

O artigo do dia 23 de dezembro⁴⁵, “Racionalizações encobridoras”, escrito pelos professores da Universidade Federal de Pernambuco, acolhe as novas listas e sentencia que “uma lista de literatas mulheres incomoda muita gente”, trazendo o substantivo literatas, que, por si só, já valida a escrita dessas mulheres.

⁴⁴ Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/o-papel-formativo-da-literatura/>. Acessado em: 22 dez. 2023.

⁴⁵ Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/racionalizacoes-encobridoras/>. Acessado em: 23 dez. 2023.

Os professores tocam no ponto, já colocado pelo artigo de Vinícius de Andrade, da arbitrariedade das escolhas literárias, como a escolha do cânone. Para os autores, todo arsenal de argumentos contra as novas listas são apenas uma forma de encobrir a real motivação para as críticas: a manutenção de “um regime político que perpetua a exclusão e legitima a manutenção de um cânone cultural enviesado.”

Já o artigo de 28 de dezembro, intitulado “Ainda a lista da Fuvest”⁴⁶, o coordenador do site *A Terra é Redonda*, Ricardo Kobayaski, e a professora Maria Alice Monutti argumentam que tanto os textos dos “burocratas” da Fuvest quanto o texto “Racionalizações encobridoras” se apoiam em argumentos rasos e chavões para aprovar a medida tomada pela Fuvest.

No final de seu artigo, os autores argumentam que, se a falta de uma lista própria de autores “não levará à sua morte no campo letrado, os eliminará do processo de formação de toda uma geração de alunos do ensino médio”. É importante mencionar que, da lista criada pelos autores, alguns já não eram indicados pelas listas dos vestibulares há algum tempo.

Finalmente, o artigo de 29 de dezembro, “A lista da Fuvest e o cânone literário”⁴⁷, escrito pela professora doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, Luciana Molina, dialoga com os demais textos publicados pelo site *A Terra é Redonda*, trazendo críticas feitas por seus colegas à lista da Fuvest. Para Luciana, “os potenciais efeitos para a formação do estudante e para o sistema educacional brasileiro são mais negativos que positivos. O suposto ganho (maior igualdade de gênero)... parece ser sobrepujado pela intensificação da precarização do ensino”.

Um ponto muito importante é trazido pela autora no final de seu texto quando, após dizer que uma lista de autoria feminina “nem arranha a estrutura que [a] oprime como mulher”, revela que nunca se sentiu tão oprimida quanto em 2023: “apesar de notar que as discussões de gênero são cada vez mais frequentes como políticas dentro do local de trabalho... [2023] foi, de longe, o ano em que mais [sofreu] violência de gênero no trabalho”.

A intenção de apresentar tantos artigos e outras mídias, e suas críticas (ou motivos para celebrar) à medida da Fuvest, que instituiu três listas de leituras

⁴⁶ Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/ainda-a-lista-da-fuvest/>. Acessado em: 28 dez. 2023.

⁴⁷ Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-lista-da-fuvest-e-o-canone-literario/>. Acessado em: 29 dez. 2023.

obrigatórias com autoria totalmente feminina, foi o de demonstrar o tamanho do “furacão” que se instaurou entre professores, escritores e críticos literários, ou seja, pessoas envolvidas diretamente com educação e literatura. Também nos pareceu importante demonstrar que essa repercussão, um pouco polarizada (mas que, em alguns casos, nos parece que expõe bons argumentos, tanto de críticas quanto de celebração), foi feita em diversos meios de comunicação, o que também eleva a importância de tais meios.

Nossa decisão foi a de expor os principais argumentos em cada um dos artigos, tentando não emitir opiniões pessoais sobre eles neste primeiro momento. Deixamos os diálogos entre os argumentos expostos e as premissas desta Dissertação para as Considerações Finais.

5.3. COMO AS MUDANÇAS ACONTECEM

Conforme delineado nos tópicos anteriores, a presença feminina na história das listas de leituras obrigatórias nos vestibulares da Fuvest e da Comvest não é tradicional, tampouco igualitária.

A Comissão Permanente de Vestibulares nasceu devido a uma inquietação da sociedade em relação ao vestibular. Já havia um descontentamento em relação às questões de múltipla escolha; e a publicação de um artigo na revista *Veja* gerou o convite para o professor que viria a se tornar o primeiro coordenador da Comvest. Desta maneira, podemos inferir que uma reportagem teve papel crucial na formação da Comvest. Da mesma forma, estamos presenciando mudanças em nossa sociedade e nos vestibulares que também acontecem alimentadas por reivindicações dessa mesma sociedade, em meios de comunicação tradicionais, como os jornais e mesmo edições on-line dos mesmos jornais, e mais recentes, como Blogs, Redes Sociais e Pod/Videocasts.

Exemplo de tal movimentação da sociedade fica evidenciado em reportagem do portal UOL/Brasil Escola (Figura 39), um coletivo de jovens feministas de uma escola particular em São Paulo organizou, em 2019, um abaixo-assinado solicitando uma maior presença de mulheres no vestibular da Fuvest. Foi para grupos como este, compostos por jovens feministas aguerridas e dispostas a questionar a

sociedade, que Amelinha Teles dedicou seu último livro, *Feminismos - Ações e Histórias de Mulheres* (2023).

Figura 39: “Fuvest: alunas lançam abaixo-assinado pedindo mais livros de mulheres no vestibular”



Fonte: Portal UOL/Brasil Escola. Disponível em:
<https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/fuvest-alunas-lancam-abaixo-assinado-pedindo-mais-livros-mulheres/345905.html>

A iniciativa dessas jovens destacou a importância de ampliar a diversidade de vozes e perspectivas nos currículos escolares e, conseqüentemente, nos vestibulares, que exercem grande influência na escolha das leituras dos estudantes. Ao questionar a predominância de obras de autores masculinos nas listas de leitura, as estudantes propunham a inclusão de escritoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, oferecendo alternativas que abordassem temáticas sociais relevantes, como a escravidão. A atitude das jovens demonstra não apenas uma preocupação com a representatividade feminina na literatura, mas também com a promoção de uma visão mais abrangente da história e da sociedade.

A análise realizada pelo coletivo sobre a presença de autoras femininas em outras listas de vestibulares, como a da UNICAMP, ressaltava que a questão não era exclusiva da Fuvest, mas apontava para uma problemática mais ampla que precisava ser urgentemente enfrentada. A desvalorização da mulher na literatura, como mencionado pelas estudantes, é uma reflexão sobre a construção histórica de estereótipos e a necessidade de alterar essa realidade.

É interessante observar também o histórico e o impacto desse coletivo, criado em 2014 com o objetivo de debater e combater atitudes machistas dentro da escola, além de disseminar conhecimentos sobre o feminismo. A criação do coletivo proporcionou não apenas uma plataforma para discussões, mas também conquistas

práticas para essas jovens mulheres, como a inclusão de uma estante de livros feministas na biblioteca da escola em que estudavam.

Com o mesmo ânimo de combatividade, durante a condução desta pesquisa enviamos um e-mail à Fuvest e à Comvest, datado de 14 de novembro de 2023, solicitando maiores informações sobre os critérios adotados para o currículo de literatura exigido nos dois vestibulares, assim como acesso à comissão responsável por determinar os livros a serem lidos pelos vestibulandos. A intenção era compreender a composição da comissão, os critérios fundamentais para as escolhas, e quais autoras brasileiras ou que escrevem em língua portuguesa poderiam ser contempladas por esses critérios; bem como investigar como esses critérios poderiam contribuir para o apagamento de escritoras e a falta de representatividade das mulheres nesse contexto.

A Comvest respondeu o segundo e-mail enviado, com a informação de que os dados sobre os critérios de seleção e informações sobre quem faz as seleções serem dados sigilosos, além de nos enviar documentos não muito diferentes dos já existentes e pesquisados no site da Comissão.

O e-mail enviado à Fuvest através de um canal próprio no site da fundação, e replicado diretamente para a Professora Maria Arminda do Nascimento Arruda e Gustavo Monaco, não foi respondido. Ambos e-mails estão na Seção de Anexos desta Dissertação.

Coincidentemente, também na noite de 14 de novembro, o jornal *Folha de S. Paulo* divulgou um levantamento sobre a expansão da autoria negra e feminina em listas de leitura para vestibulares (Figura 40). Embora a reportagem tenha destacado esse avanço e as mudanças em outras universidades, a USP foi identificada como uma das instituições onde essa transformação ocorria de maneira mais lenta.

Figura 40: Recortes da reportagem publicada pela *Folha de S. Paulo*, 14/11/2023.

ANO 103 ★ Nº 34.559

Ilustrada C1

Diversidade à prova no vestibular

Autores negros e mulheres ganham espaço nas listas de obras literárias exigidas em vestibulares de universidades públicas, segundo levantamento inédito com escolas no topo do Ranking Universitário Folha.



consciência negra

O ensino dos livros

Levantamento mostra como leituras cobradas nas universidades públicas ampliaram a autoria negra e feminina

Pintura de No Martins que ilustra edição especial de 'Quarto de Despejo', de Carolina Maria de Jesus, da Atica No Martins/Divulgação

DELTA FOLHA
Nicholas Pretto e Walter Porto

SÃO PAULO Na lista de dez livros obrigatórios na prova da Fuvest de 1989, primeira vez em que isso foi exigido pela Universidade de São Paulo, havia só autores homens. Todos eram brancos, exceto um, Machado de Assis, com suas "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Já na lista anunciada para a prova de 2026, a instituição líder do Ranking Universitário Folha exige nove livros e uma

maioria de escritores negros. Mas há só uma mulher — Ruth Guimarães e seu "Água Funda", que passam a ser cobrados para os ingressantes de 2025.

Ao longo dessas décadas, só três vezes a USP exigiu mais de uma obra de autoria feminina, e nunca foram mais de duas autoras por vez. Em 2025, Guimarães estará ao lado de Cecília Meireles, mas a poeta de "Romanceiro da Inconfidência" some no ano seguinte.

Gustavo Monaco, professor que assumiu no começo do ano a direção executiva da Fuvest, vê isso como "um

enorme problema". "O ideal é que as candidatas, que são mais da metade dos inscritos no vestibular, pudessem se reconhecer na lista de livros."

Esse critério, afirma ele, será um dos que conduzirá as listas futuras. Mas outras instituições já fazem há anos uma seleção com paridade de gênero, como é o caso das universidades federais de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

"Foi uma conquista das professoras do grupo que escolhe as leituras obrigatórias", diz Márcia Ivana de Lima e Silva, titular do Instituto de Letras

da universidade gaúcha. "Nós íamos substituindo um nome masculino por um feminino."

"Existe essa noção de que os homens constituíram a literatura, mas há autoras esquecidas. A universidade tem o papel de mostrar para a comunidade a sua pesquisa, e a nossa mostrou que essas mulheres tiveram um apagamento pelo gênero, não pela qualidade."

Esses dados surgem de um levantamento inédito feito pela reportagem com base no histórico das leituras obrigatórias exigidas pelas universidades públicas mais bem qualifi-

[...]

A USP exigiu só três vezes uma lista com mais de uma obra de autoria feminina, e nunca houve mais de duas autoras no mesmo ano. O atual diretor executivo da Fuvest vê isso como um 'enorme problema'

cadadas no ranking universitário elaborado pelo jornal, o RUE.

Das dez que estão nas posições mais altas, só cinco solicitam obras literárias específicas aos inscritos — além das três citadas, fazem isso a Unicamp e a Universidade Federal do Paraná. A maior parte das outras instituições usa o Enem como método primário de ingresso. Os critérios para definição de raça dos autores foram elaborados com base em pesquisa de referência do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa.

Continua na pág. C4

Fonte: Portal online Folha de S. Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/11/livros-no-vestibular-tem-mais-autores-negros- hoje-e-usp-e-prova-mais-masculina.shtml>

Entrevistado pela reportagem, Gustavo Monaco, professor e diretor executivo da Fuvest, que já conhecemos desde o início deste capítulo, indicava que a falta de diversidade era "um enorme problema". Na reportagem/levantamento feito por Nicholas Pretto e Walter Porto, Monaco indicava que o "ideal é que as candidatas, que são mais da metade dos inscritos no vestibular, pudessem se reconhecer na lista de livros." Esse critério, afirmava ele, seria um dos que conduziria às listas

futuras. Os jornalistas, entretanto, já identificavam que outras instituições de ensino já faziam uma seleção com paridade de gênero há anos, como é o caso das universidades federais de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Todo esse movimento, revelado nesta pesquisa pela primeira vez através da iniciativa de jovens mulheres, é o impulsionador das mudanças. E as mudanças, por sua vez, desencadeiam novas transformações. Embora essas jovens mulheres tenham conquistado, pelo menos em parte, seus objetivos, não a tempo de refleti-los em seus próprios vestibulares, elas proporcionaram o suporte necessário para que outras jovens mulheres pudessem fazê-lo, contando com o respaldo de escritoras, de personagens femininas e de uma representação mais autêntica da diversidade da população brasileira.

As jovens estudantes do coletivo feminista escolar alcançaram uma vitória, mas há ainda muitos desafios a serem superados – como a inclusão de mais mulheres e homens negros, a presença de narrativas advindas de movimentos sociais e a representação das comunidades LGBTQIA+ na literatura, entre outros.

Sabemos que, além das movimentações na sociedade impostas às universidades como o abaixo assinado feito pelo Coletivo Feminista de Estudantes, pelo levantamento da Folha de São Paulo, que não tinha o objetivo principal de verificar paridade de gênero, mas que acertou em cheio ao apontar as necessidades da Fuvest nesse campo, além inclusive de trabalhos acadêmicos a respeito de relações de gênero estarem sendo feitos e e-mails estarem chegando às Comissões Curadoras e questionamentos sobre critérios para escolha das autorias para listas de vestibulares estarem sendo feitos, há outras forças na sociedade que impulsionam mudanças. Mudanças acontecem pela junção das movimentações mencionadas acima com lutas lideradas de forma ampla pelos feminismos, e pelo apoio, mesmo que sob pressão, de órgãos governamentais oficiais dos Governos como a secretaria e ministério da mulher, iniciados nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, e por órgãos Internacionais como a ONU e ONU Mulher.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o que será meu livro? Ah, mais um livro sobre a guerra... Para quê? Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens... Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra.

Svetlana Alexijevich⁴⁸

Ao concluirmos esta dissertação, almejamos contribuir para a representatividade da população feminina brasileira no currículo do Ensino Médio do país e nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares. Desejamos não apenas a inclusão de narrativas escritas por mulheres, mas que tais obras possam abarcar a escrita feita por mulheres, bem como a diversidade presente na população feminina.

Compreendemos que a convivência com a diversidade é um elemento muito valioso para a formação das pessoas, e que a literatura pode desempenhar um papel fundamental nesse aspecto. Retomando a pesquisa conduzida pela professora Regina Dalcastagnè, que revelou que, entre 1990 e 2004, aproximadamente 73% dos livros lançados por três das maiores e mais importantes editoras do país eram de autoria masculina, cerca de 94% eram escritos por pessoas brancas, e mais de 60% eram produzidos no eixo Rio-São Paulo (Dalcastagnè, 2017; 2021), gostaríamos que mais pessoas soubessem que as mulheres, assim como pessoas de diversas etnias e cores no Brasil, têm muito mais a oferecer e a apresentar a leitoras e leitores.

Autores clássicos da literatura brasileira e de Língua Portuguesa, como Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e Eça de Queiroz, entre outros, são frequentemente abordados nas listas de leitura obrigatória, e sua importância para a formação da literatura nacional continuará a ser celebrada. No entanto, o desafio reside na escassez de presença feminina nessas listas ao longo de doze anos consecutivos, com apenas oito escritoras presentes no vestibular da Comvest, e três no vestibular da Fuvest até que a lista de 2026 fosse atualizada. Assim reconhecemos, de nossa perspectiva feminista, a primeira boa

⁴⁸ Svetlana Aleksievitch é uma escritora e jornalista nascida na Ucrânia em 1948 e que dedicou boa parte de sua carreira a transpor para a escrita o que as vozes de mulheres tinham a dizer sobre o front e por isso é creditada também como ‘historiadora oral’. Em 2015, Svetlana recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

notícia com a atualização da lista de 2026: nove escritoras se juntaram às três anteriores e formaram um grupo de 12 mulheres nos 12 anos de listas da Fuvest analisados.

Entendemos que a ausência sistêmica de autoria feminina não é representativa da capacidade e habilidade das mulheres brasileiras, nem da força e qualidade da escrita feita por elas, mas sim de questões ainda mais urgentes de nossa sociedade: o sistema patriarcal ainda oprimindo a existência de mulheres, as várias violências às quais as mulheres são sujeitadas todos os dias, dentre outros assuntos tratados no capítulo 2. Neste ponto, enxergamos mais uma boa notícia trazida pela revisão da lista da Fuvest de 2026 e inclusão massiva de autoria feminina em seus vestibulares de 2027, 2028 e 2029: o “barulho” que essa adoção de livros escritos por mulheres causou. Toda a discussão suscitada pela decisão da Fuvest traz reflexões sobre a opressão de mulheres, a necessidade de alteração do cânone, ou de entendermos melhor como ele é formado, bem como a necessidade de que outras discussões acerca da área da educação sejam feitas, e outras mais.

A ausência de obras escritas por mulheres tem impacto na escolarização de estudantes. Garotas e garotos que percorrem o Ensino Médio, preparando-se para os vestibulares das duas maiores universidades públicas do estado de São Paulo, não tinham, até então, entre suas prioridades, a leitura de autoras mulheres. Tratando-se das Universidades mais proeminentes do Brasil, essa lacuna suscita uma questão muito forte: qual era a mensagem que a academia, representada aqui por uma de suas instâncias, estava transmitindo para o público leitor?

Fenômeno bastante parecido com o que ocorre com a autoria de mulheres ocorre também com a presença e ausência de autoria indígena, negra e africana nas listas dos vestibulares. A Literatura de autoria negra sempre esteve presente, é bem verdade, visto que o mais querido, o mais celebrado, o mais canônico de todos os nossos escritores (homens) é Machado de Assis. No entanto, Machado só passou a ser realmente divulgado como homem negro a partir de campanhas e lutas de movimentos da sociedade, como a Campanha “Machado de Assis Real”, de 2019, feita pela Faculdade Zumbi dos Palmares.

Lima Bareto, outro gênio da literatura brasileira, homem negro e com traços menos “esbranquiçados”, é frequente em listas de vestibulares; mas dentro de nosso recorte temporal, apenas duas vezes, nos vestibulares futuros da Comvest (2025 e 2026).

Apesar da Lei 10.639 estipular a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no Ensino Básico brasileiro, Machado de Assis continuou sendo o único escritor negro até que a brasileira Carolina Maria de Jesus, no vestibular Comvest de 2019, e Ruth Guimarães, no futuro vestibular Fuvest 2025 viessem fazer-lhe companhia. Já a literatura africana feita em Língua Portuguesa iniciou sua jornada nos vestibulares públicos paulistas em 2016, com o autor moçambicano Mia Couto na lista da Comvest, e o angolano Pepetela em 2017, na lista da Fuvest. A primeira mulher africana a participar dos vestibulares paulistas em listas de leitura obrigatória foi Paulina Chiziane, na Comvest 2022. No vestibular da Fuvest 2026, Paulina Chiziane e Djaimilia Pereira de Almeida, a primeira sendo uma escritora angolana e a segunda moçambicana, farão sua estreia juntas. A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que escreve em Língua Inglesa, faz parte da lista da Comvest 2026 e representa a mais recente inovação dos vestibulares da Unicamp: não restringir as obras à escrita feita em Língua Portuguesa, incluindo obras traduzidas nas listas de leituras obrigatórias.

O primeiro escritor indígena a ser pedido por vestibulares foi Ailton Krenak, no sempre inovador vestibular da Comvest, mas somente para o vestibular de 2025.

Atualmente, as duas fundações têm tido muito mais cuidado ao tomar as decisões sobre as obras obrigatórias para o vestibular. Apesar de não conhecermos a composição da "banca/curadoria/conselho" que toma as decisões a esse respeito, as listas para os vestibulares Comvest e Fuvest 2025, que estudantes farão ainda em 2024 (vestibular 2025), apresentam muito mais diversidade. A Comvest pediu a leitura de duas mulheres negras (Conceição Evaristo e Paulina Chiziane), um autor indígena (Ailton Krenak) e três homens negros (Machado de Assis, Lima Barreto e Cartola). Já a Fuvest 2025 contará com a presença de duas mulheres (Cecília Meireles e Ruth Guimarães, esta última, uma escritora negra), dois homens negros (Machado de Assis e Luís Bernardo Honwana, este último, um escritor moçambicano).

Será que os Movimentos Negros concordariam se disséssemos que a adoção de escrita de autoria negra ou africana em vestibulares é obra do acaso, de um reconhecimento fortuito da qualidade das obras das autoras e autores citados ou será que nos mostrariam que têm protagonismo na adoção de tais livros? Temos certeza de que movimentos sociais e pressão da sociedade civil para a adoção de políticas públicas, como é o caso da Lei 10.639, movimentam as universidades e

que em contrapartida os debates feitos nas universidades movimentam a sociedade ao fazerem tais seleções.

É claro que também há outros atores nessa cena, como o mercado editorial, prêmios literários, profissionais da crítica literária, pesquisadoras e pesquisadores sobre o assunto etc., mas todos precisam e passam a modificar suas práticas quando há pressão social.

Assim também ocorre com os feminismos. É função dos movimentos de mulheres pedirem paridade de gênero também nesta instância. E já podemos ver resultados nos últimos acontecimentos. Entretanto já era sabido que haveria resistências, como Maria Arminda Arruda e Gustavo Monaco declararam ao anunciar as mudanças. A resistência está acontecendo, como pudemos ver nos argumentos apresentados por diversos participantes do mundo literário e educacional brasileiros.

Algumas pessoas desse universo acreditam que a universidade tem maior poder do que podemos ver no “chão de escola”, outras percebem que o que acaba acontecendo é que os estudantes nem mesmo leem as obras originais pedidas. Outras ainda entendem que escritores canônicos devem ser mantidos intactos e que talvez possamos ter mulheres canônicas em 30 ou 50 anos, já que hoje elas têm maior acesso à escolarização e à escrita e até à publicação. Essas parecem não perceber que se isso ocorre hoje, não acontece por acaso, mas sim pela luta anterior de mulheres feministas buscando acesso à escola, bem como não percebem que esperar que mulheres se tornem cânone literário em 30 anos atrapalha a formação de meninas hoje; que mesmo o posto de cânone de Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles, não impediu que as escritoras permanecessem apagadas de listas de vestibulares por vários anos.

Há, ainda, pessoas argumentam que as listas de vestibulares não interferem na forma como mulheres são tratadas em pleno século XXI. Concordamos, mas entendemos que toda e qualquer forma de dar visibilidade à perspectiva das mulheres, inclusive o direito de se manifestarem contra as listas e mostrarem as mazelas pelas quais passam, são um pequeno passo para que essas mazelas diminuam, mesmo que de forma mais lenta do que gostaríamos. E também precisamos entender que a exposição constante das mazelas sensibiliza as pessoas sobre em que momentos as violências acontecem. Será que sofremos mais hoje ou será que temos mais consciência das diversas violências que vimos sofrendo?

Durante a escrita desta Dissertação, pudemos acompanhar diversos momentos históricos – alguns muito positivos, outros muito tristes. Um dos momentos positivos foi a eleição e diplomação de Heloísa Teixeira como imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), no dia 28 de julho de 2023. Heloisa possui uma extensa trajetória acadêmica dedicada à pesquisa e divulgação de outras autoras feministas. Anteriormente conhecida pelo sobrenome de seu primeiro marido, Buarque de Hollanda, ela recentemente optou por adotar o sobrenome de sua mãe, em uma atitude intencionalmente feminista.

Em seu discurso de posse, disponível no canal da ABL no YouTube, a pesquisadora pontuou que aquela era a primeira vez em que uma mulher ocupava a vacância de outra escritora na ABL, representando o primeiro caso de sucessão entre mulheres. Também ressaltou a escassa presença feminina na Academia (com apenas 10 mulheres entre os mais de 300 membros já eleitos/as), o que caracterizou como uma “desigualdade acadêmica dentro da ABL”. A nova imortal mencionou cuidadosamente em seu discurso cada uma das nove imortais eleitas anteriormente.

Heloisa Teixeira, que já estava presente no corpus de nossa pesquisa como organizadora de alguns livros da Coleção Pensamento Feminista, publicada pela editora Bazar do Tempo, recebeu destaque ao se tornar a décima imortal da Academia Brasileira de Letras. Certamente, ela leva para esse prestigioso ambiente acadêmico não apenas seus próprios escritos, mas também a bagagem do feminismo que tão diligentemente abraçou e organizou, reconhecendo a exata importância de cada um desses escritos.

Ressalta-se, novamente, que não se trata de “destronar”, relegar ao esquecimento ou desmerecer grandes nomes do cânone já estabelecido, cujas obras não deixarão de ser lidas e celebradas; mas sim de uma reparação histórica, uma questão de justiça epistemológica às escritoras (agora, não mais) esquecidas e marginalizadas.

Ao sondar os corredores da Academia e as listas de vestibulares, desvendamos não apenas uma lacuna na representação feminina, mas uma oportunidade de transformação. As vozes e perspectivas das mulheres, por muito tempo relegadas à periferia do discurso literário, clamam por um espaço equitativo e por uma presença mais robusta nos currículos educacionais.

A paridade de gênero não é uma demanda restrita à literatura ou ao âmbito universitário, mas uma reverberação dos anseios de uma sociedade que busca

superar desigualdades históricas. Ao vislumbrar a presença feminina nos vestibulares como um reflexo da representatividade em nossa sociedade, instiga-se uma reflexão mais profunda sobre o papel das instituições de ensino superior na construção de um ambiente inclusivo e diversificado.

Dois outros momentos de felicidade que pudemos presenciar foram duas incríveis homenagens recebidas por Amelinha Teles, tão citada em toda a Dissertação. A primeira delas foi em 15 de fevereiro de 2023, na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP), em evento promovido pela Deputada Isa Penna (PC do B) que reconhecia a luta de Amelinha pela democracia e a favor das mulheres. Já em outubro de 2023, Amelinha recebeu da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) o título de doutora *honoris causa* por sua contribuição na luta “pela democracia e pelos direitos humanos, para a construção dos direitos das mulheres e para a consolidação dos feminismos no país”, segundo a docente do Departamento de Direito do Campus Osasco da Unifesp, Fernanda Emy Matsuda, proponente da concessão⁴⁹.

Momentos de tristeza e da verificação da realidade brutal de violências contra povos subalternizados aconteceram quando nosso país recebeu as primeiras notícias em anos (anos de falta de transparência), sobre violências sofridas por indígenas Yanomami, notadamente mulheres e crianças, devido à invasão de suas terras por garimpeiros⁵⁰. Neste contexto, usamos o termo subalternizados como sinônimo de desprovidos de acesso aos direitos humanos.

Ao pensarmos na subalternização de pessoas, principalmente a de mulheres, retomamos o clássico texto da intelectual indiana Gayatri Spivak: *Pode o subalterno falar?* E novamente chegamos à mesma conclusão que ela: a subalterna e o subalterno não podem falar enquanto outros falarem por eles, em seu lugar. E nos parece que não deixa de ser um exemplo do pensamento de Spivak que não queiramos que o cânone mude, que tenhamos produção literária feita por 73% de homens, que vestibulandos só tenham acesso a personagens femininas quando faladas pelo outro. Se apenas 10 ou 20% das obras são feitas por mulheres, 80% das vezes homens falam por elas. Novamente, o subalterno não pode falar: o

⁴⁹ Disponível em: <https://www.unifesp.br/boletins-anteriores/item/6390-consu-unifesp-aprova-concessao-do-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-amelinha-teles>. Acessado em: 22 dez. 2023.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2023/01/24/situacao-dos-yanomami-expoe-abandono-dos-indigenas-pelo-estado>. Acessado em: 22 dez. 2023.

cânone domina a narrativa; iniciativas válidas, oriundas de inquietações de nossos tempos, sempre encontram resistência. O apelo é sempre de quem já detém o poder da fala.

Outros momentos de tristeza imensa acontecidos e noticiados às vésperas da entrega da Dissertação foram os feminicídios da jovem lésbica de 21 anos Ana Caroline Sousa Campêlo, em 10 de dezembro de 2023, na cidade de Maranhãozinho, no estado do Maranhão e de Julieta Hernández, a palhaça ciclovijante migrante venezuelana Miss Jujuba, morta em 23 de dezembro de 2023, na cidade que leva o nome do último presente militar que o Brasil teve antes do processo de redemocratização do país após a ditadura militar, em 1986, Presidente Figueiredo.

É muito provável, pelos requintes de crueldade que Carol Campêlo sofreu, que além de tratar-se de mais um feminicídio, tratou-se de um lesbocídio. Carol foi morta apenas por ser! Por ser mulher e por ser lésbica, condições que ainda promovem a dificuldade de acesso à direitos, como o Direito Humano à vida.

No caso de Miss Jujuba, o fato de ter sido morta em uma cidade com o nome do último presidente que fez parte do regime golpista e de privação de liberdades de 1964 não foi determinante para sua morte, mas é muito simbólico em relação ao respeito às liberdades das pessoas, à liberdade que Jujuba representava seguindo com sua bicicleta, apresentando sua arte pelo interior do país de forma independente. Julieta Hernández também foi morta apenas por ser! Por ser livre, por ser independente, por ser mulher.

Os casos relatados acima não são isolados, como pudemos verificar no capítulo 2. O Brasil é um país violento que mata mulheres por serem mulheres. Esses casos muito recentes indignaram e mortificaram as comunidades das quais ambas faziam parte. A comunidade lésbica vem fazendo manifestações pedindo justiça por Carol. A comunidade artística, sobretudo a comunidade artística independente, também vem se manifestando e pedindo justiça por Julieta. Não são casos isolados e não podem indignar apenas as 'bolhas' às quais pertenciam essas mulheres. Precisamos entender que nossa comunidade é a comunidade das mulheres, que temos diferenças, mas que precisamos lutar contra as desigualdades, como escreve Amelinha Teles.

Esses crimes não são pontuais, são representativos de nossa sociedade, e precisam de punição, assim como o assassinato de Marielle Franco, vereadora da

cidade do Rio de Janeiro, e de Anderson Gomes, que estava com ela, acontecido em 14 de março de 2018. Marielle era mulher, negra e lésbica (interseccionalidade bastante perigosa), e também era uma ativista ferrenha, Presidente da Comissão da Mulher da Câmara, mãe, irmã e esposa. Este é mais um assassinato, feminicídio, crime político ainda não resolvido e que precisa de esclarecimento e punição.

É importante reiterar que a busca por paridade de gênero nesta dissertação não se restringe à literatura ou à universidade. Ao examinar a Assembleia Constituinte de 1987, por exemplo, constatou-se que na época apenas 4,5% de todos os parlamentares (deputadas e deputados federais, senadoras e senadores) eram mulheres – um percentual que nos pareceu alarmante. Por outro lado, ao analisar a composição atual do Congresso Nacional, percebemos dois modos distintos de interpretar os números: partindo do percentual original de 4,5%, podemos nos alegrar por termos alcançado os atuais 18% da composição geral do Congresso Nacional. Se considerarmos o percentual da população feminina brasileira, que é de 51,5%, a representatividade ainda está significativamente aquém do desejado.

Listas para vestibulares, sejam as novas, sejam as antigas e mesmo as que têm autoria mais masculina, são sempre arbitrárias, não são perfeitas, e representam uma amostra do que a literatura e a sociedade produziram em recortes temporais também arbitrários. Não é possível abranger todas as escolas literárias, autoras e autores que escrevem em Língua Portuguesa com uma lista de seis a doze obras, mas é importante buscar representatividade e paridade de gênero em tais indicações.

A tendência desenhada a partir da substituição da lista de indicações da Fuvest é que após 2029 (quando já haverá três livros de autoria masculina indicados) não haja listas somente com autoras mulheres nem somente autores homens, mas com maior diversidade, e esperamos que sejam não só de gêneros, mas de orientação sexual, raça, cor, etnia, classe e todas as interseccionalidades possíveis .

Outro ponto que consideramos importante, senão imprescindível, a ser analisado é o seguinte: quais autores e autoras retratam mulheres em suas obras? Qual representação feminina é trazida para a vida dos estudantes de Ensino Médio que têm como meta entrar nessas duas Universidades públicas estaduais, através das leituras obrigatórias indicadas por elas? Os livros recomendados trazem mulheres em

situação de protagonismo ou em papéis coadjuvantes? Prevalece a visão que imperava nos séculos XIX e XX sobre a mulher? Ou, mesmo no século atual, qual é a perspectiva retratada? Essas são perguntas que outras pesquisas podem ajudar a elucidar.

Pesquisas feitas no futuro com base nos dados levantados nesta Dissertação também podem ter como objeto de estudo o impacto que ter acesso a obras do ponto de vista feminino pode ter sobre meninas e meninos na escola; sobre o impacto que estudar livros de autoras contemporâneas como Conceição Evaristo pode ter na formação de público leitor dentro das escolas.

Sobre o efeito que período da pandemia de Covid-19 teve na produção acadêmica no exterior tivemos oportunidade explorar rapidamente nesta Dissertação com base em estudos internacionais. Estudos brasileiros poderiam ser feitos no sentido de elucidar se o mesmo fenômeno também aconteceu no Brasil em duas áreas: a pesquisa acadêmica e a produção literária.

Sabemos que as mudanças ocorridas na lista de leituras obrigatórias da Fuvest a partir de 2026 não é fruto de uma ideia isolada, mas sim que reflete lutas de movimentos sociais feministas, feministas LBTs, feministas interseccionais. São mudanças na forma como a sociedade, mesmo que muito lentamente, tem visto mulheres, as desigualdades e violências que sofrem todos os dias. Esta não é uma visão romantizada sobre a situação social da mulher no Brasil. Sabemos e já relatamos muitas das violências sofridas, mas sabemos que há mais espaço midiático para expor tais mazelas do que há 10 ou 20 anos, sabemos que se não há equidade hoje, nossas avós e mães muito dificilmente sequer pensavam em obter o espaço a que tinham direito, os direitos humanos.

Em relação especificamente a movimentos sociais também é possível propor estudos interdisciplinares que possam refletir como o direito a produção literária feminina é abordada em tais movimentos. Temos como exemplo de ações nesse sentido práticas como *SLAMS* que atestam a força do cruzamento entre texto e música nas periferias das grandes cidades. Há também iniciativas como a abertura de uma livraria especializada em literatura de autoria feminina na cidade de São Paulo - Livraria gato sem rabo, nomeada em referência ao gato sem rabo que aparece em *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf (2014, p.17). Também é um exemplo da força da literatura feminina nos Clubes de Leitura *Leia Mulheres* presentes em muitas cidades brasileiras. Todas as formas de expressão da literatura na vida de mulheres citadas

acima podem ser objetos de estudo tendo a perspectiva feminista e social, na verificação de impactos na produção e consumo de literatura de autoria feminina no Brasil. São exemplos de que as mulheres passam a se preocupar umas com as outras, que os feminismos têm se traduzido em muitas ações.

A autoria e presença de personagens mulheres sob a perspectiva da interseccionalidade também é um importante campo de estudo para pesquisas futuras. Há personagens LBTs representadas na literatura brasileira? Há personagens racializadas? Há autoras LBTs nos catálogos de grandes editoras ou somente em editoras com nicho específico? Como protagonistas femininas são tratadas em nossa produção literária?

Por fim gostaríamos de propor pesquisas que possam trabalhar com a questão do cânone literário sob a perspectiva dos feminismos interseccionais. Um novo cânone, influenciado por movimentos sociais, mudanças em indicações de livros, estudos acadêmicos passaria a ser aceito em um futuro próximo?

Diante da intrincada teia de reflexões e análises tecidas ao longo desta dissertação, emerge a compreensão de que a busca por representatividade na literatura e, por extensão, nos vestibulares das Universidades públicas estaduais paulistas, transcende as páginas acadêmicas, para se enraizar na trama complexa da sociedade contemporânea. No entrelaçamento de vozes silenciadas e narrativas emergentes, a pesquisa delineou um cenário desafiador, marcado pela histórica sub-representação das mulheres, especialmente autoras, nas listas de leituras obrigatórias.

Portanto, ao encerrar esta dissertação, conclamamos não apenas à revisão das listas de leituras obrigatórias, mas à reconfiguração do paradigma educacional, reconhecendo que o espaço acadêmico é uma arena fundamental para moldar as percepções e valores de futuras gerações. A busca por uma literatura mais equitativa é, portanto, um chamado à ação coletiva, onde as vozes outrora silenciadas ganham ressonância, desenhando um novo capítulo na história da representatividade feminina nas Letras e, por conseguinte, na educação e na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Prêmio Machado de Assis**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/premios>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- ANDRADE, Érico; SILVA E FILHO, João Paulo Lima. Racionalizações encobridoras. **A Terra é Redonda**, 23 dez. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/racionalizacoes-encobridoras>. Acessado em: 23 dez. 2023.
- ANDRADE, Vinicius. Lista da Fuvest só com livros de mulheres: por que incomoda? **Deutsche Welle**, 21 dez. 2023: Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/lista-da-fuvest-s%C3%B3-com-livros-de-mulheres-por-que-incomoda/a-67784915>. Acessado em: 22 dez. 2023.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em Línguas: Carta para as escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC, v. 8, n. 1, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, p. 704-719, 2005.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; SEGURADO, Aluísio Cotrim; MONACO, Gustavo Ferraz de Campos. A Fuvest e a marginalidade das escritoras. **Portal CFEMEA**, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/pt/?view=article&id=8458:a-fuvest-e-a-marginalidade-das-escritoras&catid=588>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; SEGURADO, Aluísio Cotrim; MONACO, Gustavo Ferraz de Campos. A Fuvest e a marginalidade das escritoras. **Folha de S.Paulo**, 16 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/12/a-fuvest-e-a-marginalidade-das-escritoras.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- AUAD, Daniela; SEPULVEDA, Denise. Relações de Gênero e Sexualidade no Brasil: desafios interseccionais e justiça para mulheres negras e LBT's. **ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 9, p. 187-202, 2022.
- BBC News Brasil. As 7 universidades brasileiras entre as 10 melhores da América Latina. **BBC News Brasil**, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62150335>. Acesso em: jun. 2023.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827.htm. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006** [Lei Maria da Penha]. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 1.

BRASIL. **Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a política nacional do livro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/2003/L10.753.htm. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 28 mar. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.611, de 3 de julho de 2023**. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUENO, Samira *et al.* (Org.) Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 4. ed. [s. l.]: Fórum Brasileiro de Segurança Pública / Datafolha, 2023. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: jul. 2023.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. Disponível em: <https://cbl.org.br/>. Acesso em:

jul. 2023

CARTA ABERTA de professores universitários e críticos literários. **A Terra é Redonda**, 14 dez. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-lista-da-fuvest/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CARVALHO, Pamella Carolina de Sousa Pacheco; REISS, Thamires Andrade. Educação como direito social e políticas públicas em educação superior no Brasil: um olhar para o PROUNI. **Ensaios Pedagógicos**, v. 6, n. 3, p. 31-39, 2022.

COLL, Liana; MENEZES, Adriana Vilar. Situação dos Yanomami expõe abandono dos indígenas pelo Estado. **Portal UNICAMP**, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2023/01/24/situacao-dos-yanomami-expoe-abandono-dos-indigenas-pelo-estado>. Acesso em: 22 dez. 2023.

COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares). Anos anteriores. **Portal Comvest**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/vestibulares-antigos/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares). Unicamp e Fuvest divulgam lista de livros unificada para o Vestibular 2007. **Portal Comvest**, 02 mar. 2006. Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/unicamp-e-Fuvest-divulgam-lista-de-livros-unificada-para-o-vestibular-2007/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CORRÊA, Douglas. Heloisa Teixeira toma posse na Academia Brasileira de Letras. **Agência Brasil**, 28 jul. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/heloisa-teixeira-toma-posse-na-academia-brasileira-de-letras>. Acesso em: 28 jul. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina (@regina.dalcastagne.3). “Estava para comentar a lista de obras literárias para o vestibular da FUVEST...”. **Facebook**, 19 dez. 2023, 18:11. Disponível em: <https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3/posts/pfbid0BBnV2kswCfSvnBRQHmTUVx6kELFE1Y2mEs5C16QoE55hJXVz5RKcpPYTYDb55Ucl>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13-71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 14 jan. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 56, n. 1, p. e40429, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.1.40429. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso em: 14 jan. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O prego e o rinoceronte**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2021.

DE SOUZA, A. M.; BATISTA ALVES, J.; DORNELES RAMOS, F. R. **Vozes Mulheres da América Latina**. 1. ed. São Paulo: Dandara, 2022.

DIEESE. **A inserção das mulheres rurais no campo de trabalho**. Boletim Especial 8 de março: Dia da Mulher. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheresRurais2023.html>. Acesso em: jun. 2023.

DIEESE. **As dificuldades das mulheres chefes de família no mercado de trabalho**. Boletim Especial 8 de março: Dia da Mulher. São Paulo: DIEESE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2023/mulheres2023.pdf>. Acesso em: jun. 2023.

EMECHETA, Buchi. Cidadão de segunda classe. Dublinense: 2018)

EM DETALHES. Mulheres na literatura: a nova lista de leituras obrigatórias da Fuvest. Entrevistada: Cristina Meneguello. Entrevistadora: Gabriela Varela. **Em Detalhes**, [S. l.]. n. 87, 20 dez. 2023. Videocast (31 min.). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5Y7bCeNIBZBEYBmwHruDOM>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ENCICLOPÉDIA INTERCOM DE COMUNICAÇÃO. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

FAZACKERLEY, Anna. Women's research plummets during lockdown - but articles from men increase. **The Guardian**, May 12, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2020/may/12/womens-research-plummets-during-lockdown-but-articles-from-men-increase>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FERREIRA, Francisco Eduardo. Marina Colasanti vence Prêmio Machado de Assis, da ABL. **Agência Brasil**, 23 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/marina-colasanti-vence-premio-machado-de-assis-da-abl>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

FRANCHETTI, Paulo. O papel formativo da literatura. **A Terra é Redonda**, 18 dez. 2023. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/o-papel-formativo-da-literatura>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FRANCO, Giullya. Fuvest: alunas lançam abaixo-assinado pedindo mais livros de mulheres no vestibular. **UOL/Brasil Escola**, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/noticias/fuvest-alunas-lancam-abaixo-assinado-pedindo-mais-livros-mulheres/345905.html>. Acesso em: 05 dez. 2023.

FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular). FUVEST renova sua lista de leituras obrigatórias para o vestibular 2026 – 2029. **Portal Fuvest**, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest-renova-sua-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2026-2029/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular). Transparência: Conselho Curador da Fuvest. **Portal Fuvest** [s.d.]. Disponível em: <https://www.fuvest.br/transparencia/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

G1 SP. Fuvest terá lista de livros obrigatórios escritos só por mulheres autoras da língua portuguesa pela 1ª vez na história. **G1 SP – São Paulo**, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/21/fuvest-terá-lista-de-livros-obrigatorios-escritos-so-por-mulheres-autoras-da-lingua-portuguesa-pela-primeira-vez-na-historia.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2023.

GERHARDT, Ana Flávia; AMORIM, M. A. de (Orgs.). **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022.

GONZÁLES, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HERMINIO, Beatriz; PROVOSTE, Nathalie. Conheça os livros escritos por mulheres que cairão na Fuvest de 2026. **Revista Galileu**, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rosa dos tempos, 2018

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Brasil em síntese**. Brasília, DF, 2010. Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html> Acesso em: dez. 2023.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo 2022: População por idade e sexo - Resultados do universo**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: dez. 2023.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007/2015**. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/rendimento-de-todos-os-trabalhos.html> Acesso em: dez. 2023.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Tipos de Violência. **Instituto Maria da Penha**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: dez. 2023.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO (IPL). **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a-edicao-Retratos-da-Leitura-IPL-dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: ago. 2023.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LEVY, Clayton. 20 anos do vestibular que valoriza a capacidade reflexiva e de expressão. **Jornal da UNICAMP**, n. 334, 21 a 27 de agosto de 2006. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/agosto2006/ju334pag6-7.html. Acesso em: 22 dez. 2023.

LIGA BRASILEIRA DE EDITORAS (LIBRE). Disponível em: <https://www.libre.org.br/quemsomos>. Acesso em: 22 dez. 2023.

LISPECTOR, Clarice. Preciosidade. *In: Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. Pensamento: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Belo Horizonte, 2019.

MATTOS, Laura. Escritoras criticam lista do vestibular da USP só com livros de mulheres. **Folha de S.Paulo**, 08 dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/12/escritoras-criticam-lista-do-vestibular-da-usp-so-com-livros-de-mulheres.shtml>. Acesso em: 08 dez. 2023.

MATTOS, Laura; PORTO, Walter. USP muda lista de livros do vestibular e terá obras só de mulheres pela 1ª vez na história. **Folha de S.Paulo**, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/usp-muda-lista-de-livros-no-vestibular-e-vai-cobrar-so-mulheres-pela-1a-vez-na-historia.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MENON, Isabela. Nova lista de livros da Fuvest tem obras difíceis de encontrar. **Folha de S.Paulo**, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/nova-lista-de-livros-da-fuvest-tem-obras-dificeis-de-encontrar.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MIRANDA, Fernanda. Notas sobre o Romance Brasileiro de Autoras Negras. **Opiniões**, [S. l.], n. 10, p. 46-56, 2017. DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2017.122429. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/122429>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MOLINA, Luciana. A lista da Fuvest e o cânone literário. **A Terra é Redonda**, 29 dez. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-lista-da-fuvest-e-o-canone-literario/>. Acesso em: 29 dez. 2023.

MONUTTI, Maria Alice; KOBAYASKI, Ricardo. Ainda a lista da Fuvest. **A Terra é Redonda**, 28 dez. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/ainda-a-lista-da-fuvest/>. Acesso em: 28 dez. 2023.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. Editorial. Vestibular para militante. **O Estado de S. Paulo**, 05 dez. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniaio/vestibular->

[para-militante/](#). Acesso em: 05 dez. 2023.

PACÍFICO, Fernando. Em busca de diversidade, Unicamp quebra paradigma e prevê lista de livros no vestibular com 'Alice', Cartola, Krenak e Chimamanda. **G1 Campinas e Região**, 10 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/05/10/em-busca-de-diversidade-unicamp-quebra-paradigma-e-preve-lista-de-livros-no-vestibular-com-alice-cartola-krenak-e-chimamanda.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PAIVA, Marcelo Rubens (@marcelorubens). "Concordo 100%. Mas como hetero, branco, cis, de gerações ultrapassadas e autor indicado em vestibulares, não tive coragem de escrever". **X**, 17 dez. 2023, 10:03. Tweet. Disponível em: <https://twitter.com/marcelorubens/status/1736371442244059435>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PATINI, Daniel. Consu/Unifesp aprova concessão do título de doutora honoris causa a Amelinha Teles. **Portal Unifesp**, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://www.unifesp.br/boletins-anteriores/item/6390-consu-unifesp-aprova-concessao-do-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-amelinha-teles>. Acesso em: 22 dez. 2023.

POMBO, Olga. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 9-40, 2008.

POMBO, Olga. Práticas interdisciplinares. **Sociologias**, p. 208-249, 2006.

PRATA, Antonio. Contra a gravidade patriarcal? **Folha de S.Paulo**, 16. dez. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2023/12/contra-a-gravidade-patriarcal.shtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PRÊMIO JABUTI. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PRÊMIO OCEANOS. Disponível em: <https://associacaoceanos.org/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PRETTO, Nicholas; PORTO, Walter. Livros de autores negros e mulheres caem mais hoje no vestibular; veja a evolução. **Folha de S.Paulo**, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/11/livros-no-vestibular-tem-mais-autores-negros-hoje-e-usp-e-prova-mais-masculina.shtml>. Acesso em: 05 dez. 2023.

QUEIROZ, Claudinei; LUCCA, Bruno. Livros só de mulheres na Fuvest são importantes para conscientização, dizem professores. **Folha de S.Paulo**, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/11/livros-so-de-mulheres-na-fuvest-sao-importantes-para-conscientizacao-dizem-professores.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA. 2023. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2023/ranking-de-universidades/principal/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

REISS, Thamires Andrade. **Cinderelas modernas**: o que os best-sellers juvenis

ensinam sobre ser mulher?. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

REISS, Thamires Andrade; AUAD, Daniela. Juventude e Lesbianidades: Armários e visibilidades no romance Conectadas, de Clara Alves. **Revista Crioula**, n. 30, p. 145-167, 2022.

ROSA, Sônia. Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

REVISTA TPM (@revistatpm). “Entre os anos de 2026 e 2028, os vestibulandos que planejam entrar na USP...”. **Instagram**, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz9lkB4pdyR/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

RIBEIRO, Jaqueline. Lista de livros da Fuvest: se furacão tem nome de mulher, o apocalipse literário também terá. *Diário Carioca*, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.diariocarioca.com/artigos/lista-de-livros-da-fuvest-se-furacao-tem-nome-de-mulher-o-apocalipse-literario-tambem-tera/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ROSA, S. **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da praxis na construção da subjetividade. *In: BUARQUE DE HOLLANDA*, Heloisa. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SAMARA, Eni de Mesquita. **30 anos de Fuvest: a história do vestibular da Universidade de São Paulo, 1976-2006**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SÃO PAULO (Estado). **Prêmio São Paulo de Literatura 2023**. Disponível em: <https://www.cultura.sp.gov.br/premiospdeliteratura2023/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Alameda, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Feminismos: Ações e Histórias de Mulheres**. São Paulo: Alameda, 2023.

UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). História. **Portal UNICAMP**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/historia>. Acesso em: 22 dez. 2023.

USP (Universidade de São Paulo). **Anuário Estatístico 2023**. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle#>. Acesso em: dez. 2023.

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magníficas**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2021.

VISCARDI, Janaisa. A gravidade da masculinidade. **Blog Jana Viscardi**, 18 dez. 2023. Disponível em: <https://janaviscardi.com.br/a-gravidade-da-masculinidade>.

Acesso em: 22 dez. 2023.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres**. L&PM Pocket, 2012.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tordesilhas, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE - A

Listas de leitura obrigatórias para a realização do vestibular Fuvest 2015 a 2025

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2015 e 2016	
A cidade e as serras	Eça de Queiroz
Capitães da areia	Jorge Amado
Memórias de um sargento de milícias	Manuel Antônio de Almeida
Memórias póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
O cortiço	Aluísio Azevedo
Sentimento do mundo	Carlos Drummond de Andrade
Til	José de Alencar
Viagens na minha terra	Almeida Garrett
Vidas secas	Graciliano Ramos

Lista agrupada pela autora com base nos Manuais do Candidato 2015 e 2016

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2017	
A cidade e as serras	Eça de Queiroz
Capitães da areia	Jorge Amado
Claro enigma	Carlos Drummond de Andrade
Iracema	José de Alencar
Mayombe	Pepetela
Memórias póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
O cortiço	Aluísio de Azevedo
Sagarana	João Guimarães Rosa
Vidas secas	Graciliano Ramos

Lista agrupada pela autora com base no Manual do Candidato 2017

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2018	
A cidade e as serras	Eça de Queirós
Claro enigma	Carlos Drummond de Andrade
Iracema	José de Alencar
Mayombe	Pepetela
Memórias póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
Minha vida de menina	Helena Morley
O cortiço	Aluísio de Azevedo
Sagarana	João Guimarães Rosa
Vidas secas	Graciliano Ramos

Lista agrupada pela autora com base no Manual do Candidato 2018

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2019 a 2023	
Alguma poesia	Carlos Drummond de Andrade
Angústia	Graciliano Ramos
Campo Geral	Guimarães Rosa
Mensagem	Fernando Pessoa
Nove Noites	Bernardo Carvalho
Poemas Escolhidos	Gregório de Matos
Quincas Borba	Machado de Assis
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Terra Sonâmbula	Mia Couto

Lista agrupada pela autora com base nos Manuais do Candidato 2019 a 2023

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2024	
Alguma Poesia	Carlos Drummond de Andrade
Angústia	Graciliano Ramos
Campo Geral	Guimarães Rosa
Dois irmãos	Milton Hatoum
Marília de Dirceu	Tomás Antônio Gonzaga
Mensagem	Fernando Pessoa
Nós matamos o cão tinoso!	Luís Bernardo Honwana
Quincas Borba	Machado de Assis
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles

Lista agrupada pela autora com base no Manual do Candidato 2024

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2025	
A Ilustre Casa de Ramires	Eça de Queirós
Água Funda	Ruth Guimarães
Alguma poesia	Carlos Drummond de Andrade
Dois irmãos	Milton Hatoum
Marília de Dirceu	Tomás Antônio Gonzaga
Nós matamos o cão tinoso!	Luís Bernardo Honwana
Os ratos	Dyonélio Machado
Quincas Borba	Machado de Assis
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles

Lista agrupada pela autora com base em notícia do Portal on-line da Fuvest

APÊNDICE - B

Listas de leitura obrigatórias para a realização do vestibular Fuvest 2026

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2026 LISTA SUBSTITUÍDA (22/11/2023)	
A Ilustre Casa de Ramires	Eça de Queirós
Água Funda	Ruth Guimarães
Amar, Verbo Intransitivo	Mário de Andrade
Dois irmãos	Milton Hatoum
Marília de Dirceu	Tomás Antônio Gonzaga
Nós matamos o cão tihoso!	Luís Bernardo Honwana
Os ratos	Dyonélio Machado
Primeiros Cantos	Gonçalves Dias
Várias Histórias	Machado de Assis

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2026 NOVA LISTA	
Opúsculo Humanitário	Nísia Floresta
Nebulosas	Narcisa Amália
Memórias de Martha	Julia Lopes de Almeida
Caminho de pedras	Rachel de Queiroz
O Cristo Cigano	Sophia de Mello Breyner Andresen
As meninas	Lygia Fagundes Telles
Balada de amor ao vento	Paulina Chiziane
Canção para ninar menino grande	Conceição Evaristo
A visão das plantas	Djaimilia Pereira de Almeida

Listas agrupadas pela autora com base em notícias do portal on-line da Fuvest

APÊNDICE - C

Listas de leitura obrigatórias para a realização dos vestibulares Fuvest 2027 a 2029

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2027	
Opúsculo Humanitário	Nísia Floresta
Nebulosas	Narcisa Amália
Memórias de Martha	Julia Lopes de Almeida
Caminho de pedras	Rachel de Queiroz
A paixão segundo G. H.	Clarice Lispector
Geografia	Sophia de Mello Breyner Andresen
Balada de amor ao vento	Paulina Chiziane
Canção para ninar menino grande	Conceição Evaristo
A visão das plantas	Djaimilia Pereira de Almeida

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2028	
Conselhos à minha filha	Nísia Floresta
Nebulosas	Narcisa Amália
Memórias de Martha	Julia Lopes de Almeida
João Miguel	Rachel de Queiroz
A paixão segundo G. H.	Clarice Lispector
Geografia	Sophia de Mello Breyner Andresen
Balada de amor ao vento	Paulina Chiziane
Canção para ninar menino grande	Conceição Evaristo
A visão das plantas	Djaimilia Pereira de Almeida

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - FUVEST 2029	
Conselhos à minha filha	Nísia Floresta
Nebulosas	Narcisa Amália
D. Casmurro	Machado de Assis
João Miguel	Rachel de Queiroz
Nós matamos o cão tihoso!	Luís Bernardo Honwana
Geografia	Sophia de Mello Breyner Andresen
Incidente em Antares	Érico Veríssimo
Canção para ninar menino grande	Conceição Evaristo
A visão das plantas	Djaimilia Pereira de Almeida

APÊNDICE - D

Listas de leitura obrigatórias para a realização do vestibular Comvest 2015 a 2026

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2015	
A cidade e as serras	Eça de Queiroz
Capitães da areia	Jorge Amado
Memórias de um sargento de milícias	Manuel Antônio de Almeida
Memórias póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
O cortiço	Aluísio Azevedo
Sentimento do mundo	Carlos Drummond de Andrade
Til	José de Alencar
Viagens na minha terra	Almeida Garrett
Vidas secas	Graciliano Ramos

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2015

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2016		
Poesia:	Sentimento do Mundo	Carlos Drummond de Andrade
	Sonetos	Luís de Camões
Contos:	"Amor", do livro Laços de Família	Clarice Lispector
	"A hora e a vez de Augusto Matraga", do livro Sagarana	João Guimarães Rosa
	"Negrinha", do livro Negrinha	Monteiro Lobato
Teatro:	Lisbela e o prisioneiro	Osman Lins
Romance:	Viagens na Minha Terra	Almeida Garrett
	O cortiço	Aluísio Azevedo
	Capitães da Areia	Jorge Amado
	Til	José de Alencar
	Memórias Póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
	Terra Sonâmbula	Mia Couto

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2016

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2017		
Poesia:	Sonetos	Luís de Camões
	Poemas negros	Jorge de Lima
Contos:	"Amor", do livro Laços de Família	Clarice Lispector
	"A hora e a vez de Augusto Matraga", do livro Sagarana	João Guimarães Rosa
	"Negrinha", do livro Negrinha	Monteiro Lobato
Teatro:	Lisbela e o prisioneiro	Osman Lins
Romance:	O cortiço	Aluísio Azevedo
	Coração cabeça e estômago	Camilo Castelo Branco
	Caminhos Cruzados	Érico Veríssimo
	Til	José de Alencar
	Memórias Póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis
	Terra Sonâmbula	Mia Couto

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2017

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2018		
Poesia:	Sonetos	Luís de Camões
	Poemas negros	Jorge de Lima
Contos:	"Amor", do livro Laços de Família	Clarice Lispector
	"A hora e a vez de Augusto Matraga", do livro Sagarana	João Guimarães Rosa
	"Negrinha", do livro Negrinha	Monteiro Lobato
	"O espelho"	Machado de Assis
Teatro:	O bem amado	Dias Gomes
Romance:	O cortiço	Aluísio Azevedo
	Coração cabeça e estômago	Camilo Castelo Branco
	Caminhos Cruzados	Érico Veríssimo
	Terra Sonâmbula	Mia Couto
Sermões	Sermões escolhidos	Antonio Vieira

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2018

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2019		
Poesia:	Sonetos	Luís de Camões
	Poemas negros	Jorge de Lima
	A teus pés	Ana Cristina Cesar
Contos:	"Amor", do livro Laços de Família	Clarice Lispector
	"A hora e a vez de Augusto Matraga", do livro Sagarana	João Guimarães Rosa
	"O espelho"	Machado de Assis
Teatro:	O bem amado	Dias Gomes
Romance:	Coração cabeça e estômago	Camilo Castelo Branco
	Caminhos Cruzados	Érico Veríssimo
	História do cerco de Lisboa	José Saramago
Diário:	Quarto de despejo	Carolina Maria de Jesus
Sermões	Sermões escolhidos	Antonio Vieira

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2019

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2020		
Poesia:	Sobrevivendo no inferno	Racionais Mc's
	Sonetos	Luís de Camões
	A teus pés	Ana Cristina Cesar
Contos:	"A hora e a vez de Augusto Matraga", do livro Sagarana	João Guimarães Rosa
	"O espelho"	Machado de Assis
Teatro:	O bem amado	Dias Gomes
Romance:	A falência	Júlia Lopes de Almeida
	Caminhos Cruzados	Érico Veríssimo
	História do cerco de Lisboa	José Saramago
Diário:	Quarto de despejo	Carolina Maria de Jesus
Crônica:	A cabra vadia	Nelson Rodrigues
Sermões	Sermões escolhidos	Antonio Vieira

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2020

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2021		
Poesia:	Sonetos escolhidos	Luís de Camões
	Sobrevivendo no inferno	Racionais Mc's
Contos:	"O espelho"	Machado de Assis
Teatro	O Marinheiro	Fernando Pessoa
Romance	A falência	Júlia Lopes de Almeida
	O Ateneu	Raul Pompeia
Sermões	Sermões escolhidos	Antonio Vieira

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2021

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2021 - Livros excluídos		
Poesia	A teus pés	Ana Cristina Cesar
Conto	O seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles
Diário	Quarto de despejo	Carolina Maria de Jesus
Romance	História do cerco de Lisboa	José Saramago
Crônica	A cabra vadia	Nelson Rodrigues

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2021 - 5 livros excluídos devido ao contexto de Pandemia de COVID-19

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2022 e 2023		
Poesia:	Sobrevivendo no inferno	Racionais Mc's
	Sonetos	Luís de Camões
	Tarde	Olavo Bilac
Contos:	O seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles
Teatro	O Marinheiro	Fernando Pessoa
Romance:	A falência	Júlia Lopes de Almeida
	O Ateneu	Raul Pompeia
	Niketche - uma História de Poligamia	Paulina Chiziane
Crônica:	Bons dias!	Machado de Assis
Carta:	Carta de Achamento a el-rei D. Manuel	Pero Vaz de Caminha

Lista agrupada pela autora com base nos Manuais de Ingresso 2022 a 2023

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2024		
Carta:	Carta de Achamento a el-rei D. Manuel	Pero Vaz de Caminha
Contos	Olhos d'água	Conceição Evaristo
	Casa Velha	Machado de Assis
	O seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles
Poesia	Tarde	Olavo Bilac
	Canções escolhidas	Cartola
Romance	O Ateneu	Raul Pompeia
	Niketche - uma História de Poligamia	Paulina Chiziane
	Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2024

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2025		
Conto	Olhos d'água	Conceição Evaristo
	Casa Velha	Machado de Assis
	Morangos mofados - Contos escolhidos	Caio Fernando Abreu
Ensaios	A vida não é útil	Ailton Krenak
Poesia	Prosas seguidas de odes mínimas	José Paulo Paes
	Canções escolhidas	Cartola
Romance	Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá	Lima Barreto
	Niketche - uma História de Poligamia	Paulina Chiziane
	Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2025

LEITURAS OBRIGATÓRIAS - UNICAMP 2026		
Contos	Olhos d'água	Conceição Evaristo
	Casa Velha	Machado de Assis
	Morangos mofados - Contos escolhidos	Caio Fernando Abreu
Ensaio	A vida não é útil	Ailton Krenak
Poesia	Prosas seguidas de odes mínimas	José Paulo Paes
	Canções escolhidas*	Cartola
Romance	Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá	Lima Barreto
	No seu pescoço	Chimamanda Ngozi Adichie
	Alice no país das maravilhas	Lewis Carroll

Lista agrupada pela autora com base no Manual de Ingresso 2026

APÊNDICE - E

Reunião das sinopses dos livros indicados como leitura obrigatória dos vestibulares da Comvest/UNICAMP entre 2015 e 2026.

Todas as sinopses aqui expostas tiveram como fonte o *Site Goodreads* na busca de coletar sinopses de uma única fonte, apesar de serem sinopses publicadas em edições e editoras diferentes. *Goodreads* “é o maior site do mundo para leitores e recomendações de livros”, conforme publicado na seção Sobre Nós do próprio site (<https://www.goodreads.com/about/us>). Todas as edições e editoras das quais as sinopses foram retiradas estão disponíveis logo abaixo de cada sinopse.

Amor, do livro *Laços de família* - Clarice Lispector (Comvest 2016, 2017, 2018 e 2019)

Reunindo vários contos da autora, e com prefácio de Lídia Jorge, "*Laços de Família*" foi publicado em 1960. Os 13 contos foram escritos entre 1943 e 1955: "Devaneio e embriaguez duma rapariga", "Amor", "Uma galinha", "A imitação da rosa", "Feliz aniversário", "A menor mulher do mundo", "O jantar", "Preciosidade", "Os laços de família", "Começos de uma fortuna", "Mistério em São Cristóvão", "O crime do professor de matemática" e "O búfalo".

Sinopse da Edição de 2013 da Editora Relógio d'água, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/20736904-la-os-de-fam-lia>

A *cabra vadia* - Nelson Rodrigues (Comvest 2020 e excluído de 2021)

A *cabra vadia* traz de volta a seleção feita por Nelson Rodrigues em 1970 das crônicas publicadas em O Globo entre 1967 e 1969. Vemos nesses 84 textos uma sinceridade inabalável, que estremece nossas certezas e que fez do autor um incômodo para a intelectualidade de uma época marcada pela radicalização de posições políticas. Voz dissonante na imprensa desabituada à complexidade, Nelson não tinha medo de expor suas radicais e polêmicas opiniões. Atacava personagens nos quais via a hipocrisia da época — o “padre de passeata”, a “grã-fina de nariz de cadáver” que faz “pose de socialista” — e não perdoava nem os amigos.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora Nova Fronteira, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/38789620-a-cabra-vadia>

***A cidade e as serras* - Eça de Queiroz (Comvest 2015)**

A «novela fantasista» como Eça de Queirós chamou à *Cidade e as Serras* denuncia um aspecto importante da vida do escritor.

A partir dos trinta anos, Eça escreve várias cartas aos seus amigos em que denuncia essa ânsia por uma vida de família que o retempere do «descampado do sentimentalismo» de que estava cansado.

A autenticidade da fotografia que reproduzimos - Eça de Queirós com sua filha - é um documento complementar deste livro, não só por ser contemporânea da sua feitura, como pelo ambiente de paz de que é expressão.

Sinopse da Edição de 2001 da Editora Livros do Brasil, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/7327472-a-cidade-e-as-serras>

***A falência* - Júlia Lopes de Almeida (Comvest 2020, 2021, 2022 e 2023)**

A *Falência* trouxe a discussão de temas como o adultério feminino e a decadência econômica e moral da burguesia após a abolição da escravatura. As exaltações das personagens femininas aparecem na autonomia delas, que conseguem resolver seus conflitos sem precisar do auxílio de um homem, uma visão feminista e original para a época. Porém a decadência é associada aos personagens masculinos, que protagonizam a falência e as ações desastrosas presentes no enredo.

Sinopse da Edição de 2019 da Editora Principis, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/54225152-a-fal-ncia>

“A hora e a vez de Augusto Matraga”, do livro *Sagarana* - João Guimarães Rosa (Comvest 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020)

Novela primorosa, extraída do livro *Sagarana*, que expressa a força e o espírito das terras remotas de Minas Gerais e conta a história da queda de “Nhô” Augusto, um homem poderoso em busca de sua redenção a qualquer “Para o céu vou, nem que seja a porrete.”

Sinopse da Edição de 1996 da Editora Nova Fronteira, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/7305700-a-hora-e-a-vez-de-augusto-matraga?from_search=true&from_srp=true&qid=7aQ5gRNqcE&rank=1

***A teus pés* - Ana Cristina César(Comvest 2019, 2020 e excluído de 2021)**

A obra revela o olhar de uma escritora que se colocou na vanguarda de seu tempo e marcou definitivamente a moderna poesia brasileira. Textos curtos, poemas fragmentados, cartas, páginas de diário criam um jogo com o qual a poeta brinca e celebra a vida. Ana Cristina Cesar quebra regras, ousa além da frase, mistura sombra e luz, não hesita em se apropriar da fragmentação do mundo para, em seguida, recriar a seu modo imagens que sensibilizam o leitor.

Sinopse da Edição de 1999 da Editora Ática, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/3236141-a-teus-p-s?from_search=true&from_srp=true&qid=9wEjgkaf8&rank=1

***A vida não é útil* - Ailton Krenak (Comvest 2025, e 2026)**

Em reflexões provocadas pela pandemia de covid-19, o pensador e líder indígena Ailton Krenak volta a apontar as tendências destrutivas da chamada “civilização”: consumismo desenfreado, devastação ambiental e uma visão estreita e excludente do que é a humanidade.

Um dos mais influentes pensadores da atualidade, Ailton Krenak vem trazendo contribuições fundamentais para lidarmos com os principais desafios que se apresentam hoje no mundo: a terrível evolução de uma pandemia, a ascensão de governos de extrema-direita e os danos causados pelo aquecimento global.

Crítico mordaz à ideia de que a economia não pode parar, Krenak provoca: “Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro”. Para o líder indígena, *civilizar-se* não é um destino. Sua crítica se dirige aos *consumidores do planeta*, além de questionar a própria ideia de sustentabilidade, vista por alguns como panaceia.

A vida não é útil reúne cinco textos adaptados de palestras, entrevistas e lives realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020, com pesquisa e organização de Rita Carelli.

Sinopse da Edição de 2020 da Editora Companhia das Letras, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/54736611-a-vida-n-o-til?from_search=true&from_srp=true&qid=N8xLsH1KkG&rank=1

***Alice no país das maravilhas* - Lewis Carroll (Comvest 2024, 2025 e 2026)**

Publicadas pela primeira vez em 1865, as *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* logo mostraram a que vinham, conquistando crianças, adolescentes e também os leitores adultos. Mais de 150 anos depois, o livro continua a viver seu destino de muitas faces: clássico infanto-juvenil incontornável, cheio de vida e de verve; romance repleto de alusões cifradas e de humor sutil; fonte de inspiração para escritores, artistas e filósofos; matéria-prima de adaptações literárias, versões cinematográficas e assim por diante.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora 34, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/49913046-aventuras-de-alice-no-pais-das-maravilhas?from_search=true&from_srp=true&qid=2T1kpbsmnf&rank=1

***Bons dias!* - Machado de Assis (Comvest 2022 e 2023)**

"Bons Dias" são crônicas de Machado de Assis, publicadas com um pseudônimo que fez com que não fossem reconhecidas como de sua autoria até a década de 1950. Têm um fascínio especial no que diz respeito às opiniões políticas do autor. A série - publicada em 1888-1889 - coincide com um momento importantíssimo na história do Brasil - a abolição da escravatura e o fim gradual e inevitável do Império. Além da política da época, trazem ainda para o leitor de hoje certos temas favoritos de Machado, como a medicina popular, os neologismos e o espiritismo.

Sinopse da Edição de 1990 da Editora Hucitec, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/1900672.Bons_Dias_?from_search=true&from_srp=true&qid=SeaKjr6PHj&rank=2

***Caminhos Cruzados* - Érico Veríssimo (Comvest 2017, 2018, 2019 e 2020)**

Em *Caminhos Cruzados*, dramas, angústias e devaneios de vários personagens se entrecruzam na Porto Alegre dos anos 30. A sonhadora Chinita emula estrelas de cinema em seu palacete prestes a ser inaugurado. Leitão Leiria não hesita em despedir funcionários para dar lugar a protegidos. Desempregado, João Benévolo imagina que é um dos três mosqueteiros. Fernanda e Noel descobrem a força e a precariedade de amar num mundo hostil.

O resultado, explica Érico, é "uma espécie de mural pintado com pistola automática". Ali se retratam a hipocrisia que permeia as relações sociais, o descalabro travestido

de caridade, o abismo entre as classes e a solidão e a angústia que perpassam o destino humano.

Sinopse da Edição de 2005 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/3201301-caminhos-cruzados?from_search=true&from_srp=true&qid=FGFKGSIVtG&rank=1

Canções escolhidas - Cartola (Comvest 2024, 2025 e 2026)

Dez canções escolhidas, de Cartola, confirmam um dos critérios recorrentes na seleção de obras para o vestibular da Unicamp: o pluralismo das expressões culturais, seus respectivos valores e visões de mundo. A Base Nacional Comum Curricular prevê para a etapa do Ensino Médio a incorporação de uma produção artística e literária diversificada, inclusive de obras da tradição popular. Em consonância com essa diretriz, ao incluir Cartola na lista de leituras do vestibular 2024, a Unicamp coloca o aluno em contato com sambas que dão testemunho da riqueza da vertente lírica presente em nossa tradição musical popular. Cartola traz em suas composições as marcas de sua origem social dos laços comunitários criados a partir da própria experiência de exclusão; ao mesmo tempo, com seus versos ele busca expressar sentimentos e emoções com que ele pretendia transcender sua própria experiência. Alegre ou melancólico, otimista ou pessimista, sua força poética se faz sentir por meio de construções que parecem se encontrar em um ponto de equilíbrio entre sofisticação e simplicidade. A escolha de dez canções procura contemplar esses traços mais ostensivos da produção artística de Cartola, que teve suas músicas interpretadas por vários artistas da música popular brasileira.

Resumo disponibilizado pelo Departamento de Comunicação Social da Comvest (Anexo)

Capitães da areia - Jorge Amado (Comvest 2015 e 2016)

Desde o seu lançamento, em 1937, *Capitães da Areia* causou escândalo: inúmeros exemplares do livro foram queimados em praça pública, por determinação do Estado Novo. Ao longo de sete décadas a narrativa não perdeu viço nem atualidade, pelo contrário: a vida urbana dos meninos pobres e infratores ganhou contornos trágicos e urgentes.

Várias gerações de brasileiros sofreram o impacto e a sedução desses meninos que moram num trapiche abandonado no areal do cais de Salvador, vivendo à margem das convenções sociais. Verdadeiro romance de formação, o livro nos torna íntimos de suas pequenas criaturas, cada uma delas com suas carências e suas ambições: do líder Pedro Bala ao religioso Pirulito, do ressentido e cruel Sem-Pernas ao aprendiz de cafetão Gato, do sensato Professor ao rústico sertanejo Volta Seca. Com a força envolvente da sua prosa, Jorge Amado nos aproxima desses garotos e nos contagia com seu intenso desejo de liberdade.

Sinopse da Edição de 2009 da Editora Companhia das Letras, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/7861919-capit-es-da-areia>

Carta de Achamento a el-rei D. Manuel - Pero Vaz de Caminha (Comvest 2022, 2023, 2024)

A *Carta de Achamento do Brasil* de Pero Vaz de Caminha, é o documento no qual Pero Vaz de Caminha registrou as suas impressões sobre a terra que posteriormente viria a ser chamada de Brasil. É o primeiro documento escrito da história do Brasil. Costuma ser erroneamente considerado o marco inicial da obra poética escrita no país, porém, para ser obra literária, precisaria ter características irreais, já que a Carta é um documento histórico que descreve a realidade do território vista aos olhos de um escrivão. Escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Caminha enviou a carta para o rei D. Manuel I (1469-1521) para comunicar-lhe o descobrimento das novas terras. Datada de Porto Seguro (no litoral da atual Bahia de acordo com Francisco Adolfo de Varnhagen), no dia 1 de maio de 1500, foi levada a Portugal por Gaspar de Lemos, comandante do navio de mantimentos da frota. A carta conservou-se inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Foi descoberta, em 1773 por José de Seabra da Silva e publicada pelo historiador Manuel Aires de Casal na sua *Corografia Brasílica* (1817). Em 2005, este documento foi inscrito no Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A Carta é exemplo do deslumbramento do europeu diante do Novo Mundo. Contudo, apresenta informações equivocadas. Em princípio, Caminha pedia desculpas pela Carta, a qual considerava "inferior". O escrevente documenta os traços de terra e o momento de vista da terra (quando se avistou o Monte Pascoal, a que deu-se o nome de Ilha de Vera Cruz). Os portugueses seguem até a praia, onde

acontece o primeiro contato com os índios, quando os portugueses praticam o primeiro escambo com os índios brasileiros. Menciona-se também o pau-brasil e é narrada a Primeira Missa na nova terra.

Sinopse da Edição de 2019 da Editora FísicalBook, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/70517278-carta-de-achamento-do-brasil?ref=nav_sb_ss_1_18

***Casa Velha* - Machado de Assis (Comvest 2024, 2025 e 2026)**

Como ler Machado de Assis (1839-1908), o grande escritor brasileiro, autor de uma obra tão rica quanto múltipla, que tanto disse sobre o Brasil e sobre a natureza humana? Esta nova edição de *Casa Velha* tem o objectivo de auxiliar o leitor a penetrar no mundo e a conhecer a mente de Machado de Assis. Além de notas abundantes e de fácil compreensão, traz um farto material que possibilita um melhor entendimento sobre o autor e sua obra: uma biografia, uma cronologia, um panorama cultural do Rio de Janeiro e um mapa da época.

O autor nunca chegou a ver *Casa Velha* publicado em formato de livro, o que ocorreu somente em 1944. Lançado em 25 episódios entre 1885 e 1886 na revista carioca *A Estação*, este texto sempre foi um enigma para estudiosos e leitores. Classificado ora como romance, ora como conto, *Casa Velha* narra a polémica história de um amor incestuoso a partir das lembranças de um padre, que faz um balanço das perdas e ganhos dessa paixão. Por meio dessa obra, Machado de Assis sugere que há um grande paralelo entre as esferas públicas e privadas da vida e mostra como um drama familiar pode ser um retrato acurado do Brasil do século XIX.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Mixfly, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/165057125-casa-velha>

***Coração, cabeça e estômago* - Camilo Castelo Branco (Comvest 2017, 2018 e 2019)**

Uma das produções mais expressivas de Camilo Castelo Branco, *Coração, cabeça e estômago* deve ser lido com os olhos voltados aos motivos da degradação do ser humano e da sociedade portuguesa da época (patriarcal, machista, preconceituosa, corrupta, adúltera e materialista por excelência). Dividida em três partes, conforme sinaliza o título, a obra possui teor satírico e personagens que são vítimas do

sistema social de valorização das aparências, com seus casamentos arranjados, homens e mulheres sem pudor e a busca do dinheiro a qualquer custo.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora Martin Claret, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/44018873-cora-o-cabe-a-e-est-mago>

***História do cerco de Lisboa* - José Saramago (Comvest 2019, 2020 e excluído de 2021)**

Há muito que Raimundo Silva não entrava no castelo. Decidiu-se a ir lá. O autor conta a história de um narrador que conta uma história, entre o real e o imaginário, o passado e o presente, o sim e o não. Num velho prédio do bairro do Castelo, a luta entre o campeão angélico e o campeão demoníaco. Raimundo Silva quer ver a cidade. Os telhados. O Arco Triunfal da Rua Augusta, as ruínas do Carmo. Sobe à muralha do lado de São Vicente. Olha o Campo de Santa Clara. Ali assentou arraias D. Afonso Henriques e os seus soldados. Raimundo Silva "sabe por que se recusaram os cruzados a auxiliar os portugueses a cercar e a tomar a cidade, e vai voltar para casa para escrever a "História do Cerco de Lisboa". Uma obra em que um revisor lisboeta introduz a palavra "não" num texto do século XII sobre a conquista de Lisboa aos mouros pelos cruzados.

Sinopse da Edição de 1989 da Editorial Caminho, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/1103773.Hist_ria_do_Cerco_de_Lisboa?from_search=true&from_srp=true&qid=0zP4G9LKsg&rank=1

***Lisbela e o prisioneiro* - Osman Lins (Comvest 2016 e 2017)**

A fidelidade de Osman Lins à busca de uma expressão própria na ficção, decorrente de uma recusa à cômoda retomada do já conquistado e de uma fé inabalável no poder criador da palavra, foi reconhecida e admirada pela crítica brasileira e estrangeira, com raras exceções. No entanto, ele é um autor ainda pouco difundido. Por isso é oportuna esta publicação de *Lisbela e o Prisioneiro*.

Sinopse da Edição de 2003 da Editorial Planeta, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/6321420-lisbela-e-o-prisioneiro>

***Memórias de um sargento de milícias* - Manuel Antônio de Almeida (Comvest 2015)**

A figura central deste romance é Leonardo, filho enjeitado de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, criado pelos padrinhos - uma parteira e um barbeiro. O narrador, que frequentemente interrompe a narrativa para comentar as ações das personagens, focaliza a vida agitada de Leonardo, seus casos com a mulata Vidinha, o namoro com Luisinha e seus planos para escapar das perseguições do severo major Vidigal.

Sinopse da Edição de 2005 da Editora Luso-Brazilian Books, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/1026496.Mem_rias_de_um_Sargento_de_Mi_l_cias?from_search=true&from_srp=true&qid=GxZZ2E9wf9&rank=1

***Memórias Póstumas de Brás Cubas* - Machado de Assis (Comvest 2015, 2016 e 2017)**

Era ainda o ano de 1881 quando um verme começou a roer as carnes de um cadáver, e desde então a literatura nacional nunca mais foi a mesma. Romance Considerado por muitos críticos como o auge da obra de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* é lançado pela coleção de bolso da Autofágica. Não é porque Brás Cubas está morto que suas experiências não terão a oportunidade de estampar as páginas de um livro. É o que faz, pouco a pouco, o defunto-autor desta obra. Sem pressa, mas com firme propósito, o narrador machadiano fisga o leitor ali, na beira da palavra, para introduzi-lo à história de um homem comum, cheio de impasses, desejos e inquietações – um personagem, sobretudo, profundamente humano. Na corda bamba entre o riso e a seriedade, Machado de Assis inverte a ordem natural das coisas ao escrever nas palavras de um morto uma obra que, assim como a morte, tornou-se eterna.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Antofágica, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/204210049-mem-rias-p-stumas-de-br-s-cubas>

***Morangos mofados - Contos escolhidos* - Caio Fernando Abreu (Comvest 2025 e 2026)**

Morangos mofados é uma das mais importantes obras de Caio Fernando Abreu. Com este livro, o autor tornou-se um sucesso editorial na década de 1980 ao expor o que há de mais profundo no ser humano.

A série de contos que se entrelaçam como se fossem um romance trata de dor, fracasso, encontros, amores e esperança. Os textos abordam os anseios da geração dos anos 70 e a falta de perspectiva de concretizá-los. Apesar da passagem temporal, tais questionamentos podem ser considerados parte da realidade dos dias de hoje e conseguem envolver os leitores.

O autor, homossexual assumido, é apontado como um dos expoentes de sua geração. Ele faleceu em 1996 e deixou como marca registrada seu estilo econômico e bem pessoal em obras permeadas por temas totalmente humanos, como o sexo, o medo, a morte e a solidão.

Sinopse da Edição de 2005 da Editora Agir, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/716066.Morangos_Mofados?from_search=true&from_srp=true&qid=HpCSqR3aDc&rank=1

***Negrinha* - Monteiro Lobato (Comvest 2016 e 2017)**

Publicado em 1923, após o sucesso de *Urupês*, '*Negrinha*' compõe um painel que vai da farsa à tragédia, do sarcasmo à compaixão, passando pelo drama pungente da filha de uma ex-escrava. Os personagens destes 17 contos são um retrato da população brasileira das décadas iniciais do século XX. Através deles, Lobato denuncia e desnuda os bastidores de uma sociedade patriarcal que deixa entrever os vestígios de uma persistente mentalidade escravocrata, mesmo décadas após a abolição.

Sinopse da Edição de 2008 da Editora Globo, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/16008523-negrinha?ref=nav_sb_ss_1_8

***Niketche - uma História de Poligamia* - Paulina Chiziane (Comvest 2022, 2023, 2024 e 2025)**

Rami é uma esposa fiel e subserviente. Ela faz o que manda a tradição, mas nem assim consegue ser amada por Tony, com quem é casada há vinte anos. Certo dia, Rami descobre que o marido tem várias amantes – e filhos – por todo o Moçambique, e decide conhecê-las uma a uma. "Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha mãe. [...] O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso", diz. A partir desse encontro surpreendente, todas terão suas vidas completamente transformadas.

De origem humilde, Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance – apesar de não se considerar romancista, mas uma contadora de histórias. Em *Niketche*, ela mistura bom humor, consciência social e lirismo para traçar um vigoroso painel da condição feminina e da sociedade de seu país.

Sinopse da Edição de 2021 da Editora Companhia de Bolso, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/56785134-niketche>

***No seu pescoço* - Chimamanda Ngozi Adichie (Comvest 2026)**

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie vem conquistando um público cada vez maior, tanto no Brasil como fora dele. Em 2007, seu romance *Meio sol amarelo* venceu o National Book Critics Circle Award e o Orange Prize de ficção, mas foi com o romance seguinte, *Americanah*, que ela atingiu o volume de leitores que a alavancou para o topo das listas de mais vendidos dos Estados Unidos, onde vive atualmente. Ao trabalho de ficcionista, somou-se a expressiva e incontornável militância da autora em favor da igualdade de gêneros e raça. Agora é a vez de os leitores brasileiros conhecerem a face de contista dessa grande autora já consagrada pelas formas do romance e do ensaio. Publicado em inglês em 2009, *No seu pescoço* contém todos os elementos que fazem de Adichie uma das principais escritoras contemporâneas. Nos doze contos que compõem o volume, encontramos a sensibilidade da autora voltada para a temática da imigração, da desigualdade racial, dos conflitos religiosos e das relações familiares. Combinando técnicas da narrativa convencional com experimentalismo, como no conto que dá nome ao livro — escrito em segunda pessoa —, Adichie parte da perspectiva do indivíduo para atingir o universal que há em cada um de nós e, com isso, proporciona a seus leitores a experiência da empatia, bem escassa em nossos tempos

Sinopse da Edição de 2017 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/35480251-no-seu-pesco-o?from_search=true&from_srp=true&qid=iruYexLULj&rank=1

***O Ateneu* - Raul Pompeia (Comvest 2021, 2022, 2023 e 2024)**

Publicado originalmente como folhetim na Gazeta de Notícias, na época um importante jornal do Rio de Janeiro, *O Ateneu* foi muito bem recebido pela crítica. E perduraria, como uma verdadeira joia do romance brasileiro, ao tratar dos anos decisivos de um garoto e da vida escolar.

Em 1888, Raul Pompeia era um jovem advogado e escritor fluminense bastante conhecido no meio jornalístico e literário da Corte, sobretudo por suas crônicas, reportagens, contos e poemas em prosa publicados em periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O romance, que mistura ficção e autobiografia, narra as experiências de Sérgio, um tímido pré-adolescente de onze anos como aluno interno no Colégio Ateneu, conhecido como a melhor instituição de ensino do Império. Os cenários do colégio e sua memorável galeria de alunos, professores e funcionários são um autêntico microcosmo da vida social da época.

Sinopse da Edição de 2013 da Editora Penguin & Companhia das Letras, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/17973211-o-ateneu>

***O Bem Amado* - Dias Gomes (Comvest 2018, 2019 e 2020)**

Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira, lugarejo do interior baiano, protótipo do político interiorano, com vocação para a verborragia e demagogo por natureza, espelho do homem público de província latino-americana, tem por ideal mórbido e fixo dar à pacata e sonolenta comunidade, onde há muito ninguém morreu ou algum crime é cometido, um cemitério. Para isso, no entanto, e assim satisfazer seus sonhos de grandeza, é forçoso "encontrar" um morto. E em política, declara Odorico, "os finalmentes justifica os não obstantes". Assim, um cangaceiro famoso ascende ao posto de delegado, um órgão de imprensa é invadido, a honra de uma esposa é maculada e ela se torna pivô e alvo de sangrento atentado, a mentira e a calúnia grassam, tudo isso acobertado pela malícia e o cinismo do experimentado politiquero. A linha que cose todo o entreccho é inegavelmente a fala arrevesada e pretensiosa da figura do prefeito, que, com sua lábia, eivada de saborosos neologismos (e a frase oswaldiana, "A milionária contribuição de todos os erros" imediatamente vem à tona), leva no bico a tudo e a todos.

Sinopse da Edição de 1984 da Editora Círculo de Leitores, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/27841422-o-bem-amado>

***O cortiço* - Aluísio Azevedo (Comvest 2015, 2016, 2017 e 2018)**

João Romão é um ganancioso comerciante de origem portuguesa, dono de um terreno no Rio de Janeiro, onde constrói casas de baixo custo para alugar.

Bertoleza, uma negra escrava, vive com ele e o ajuda no seu armazém. Aos poucos forma-se o cortiço, para a revolta do negociante Miranda, seu vizinho.

Sinopse da Edição de 2018 da Editora Edições Consultor, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/53300897-o-corti-o?from_search=true&from_srp=true&qid=ZgfDheUSUI&rank=4

O espelho - Machado de Assis (Comvest 2018, 2019, 2020 e 2021)

O *Espelho* é inicialmente narrado em 3ª pessoa, há o relato teórico que revolve a essência humana através da investigação metafísica, antecipada no subtítulo "esboço de uma nova teoria da alma humana".

Jacobina, personagem central do conto, toma a palavra e em 1ª pessoa revela como descobriu sua verdadeira essência, isto é, como reconheceu sua própria identidade ao vestir uma farda de alferes. Para reforçar a idéia das duas almas, Machado utiliza a imagem de duas metades de uma mesma laranja que constituem, em última instância, as duas almas humanas - a interior e a exterior - e a laranja, como a alma, só estará completa quando as duas metades estiverem física e metafisicamente unidas.

Sinopse da Edição de 2011 da Editora Best Books Brazil, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/11538836-o-espelho?ref=nav_sb_ss_2_10

O Marinheiro - Fernando Pessoa (Comvest 2021, 2022 e 2023)

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma essa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janela velam três donzelas. A Primeira está sentada em frente à janela, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janela.

É noite e há como que um resto vago de luar.

Sinopse da Edição de 2010 da Editora Vercial, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/24639232-o-marinheiro>

O seminário dos ratos - Lygia Fagundes Telles (Comvest 2022, 2023, 2024 e excluído de 2021)

O livro reúne 14 contos que nasceram, de um árduo trabalho de pesquisa em que a autora desejava expressar-se, em cada conto, de uma maneira diferente e queria encontrar a forma mais adequada para dizer o que precisava. No conto que dá título ao livro, ratos entram pela cozinha fazendo um barulho esquisito. Só quem tem ouvido bem apurado é que pode perceber que algo estava acontecendo naquela

casa de campo onde várias autoridades iriam realizar o VII Seminário dos Roedores. O seminário não se realiza e a casa é ocupada pelos ratos que devoram os homens deixando um único sobrevivente.

Sinopse da Edição de 2009 da Companhia das Letras, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/17202193-semin-rio-dos-ratos>

***Olhos d'água* - Conceição Evaristo (Comvest 2024, 2025 e 2026)**

Em *Olhos d'água*, Conceição Evaristo ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem.

Sem sentimentalismos, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, seus contos apresentam uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura em variados instantâneos da vida? Elas diferem em idade e em conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O Cooper de Cida”, é a “corda bamba do tempo”.

Em *Olhos d'água* estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira.

Sinopse da Edição de 2014 da Editora Pallas, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/26026378-olhos-d-gua?from_search=true&from_srp=true&qid=bxW0IDa9Jw&rank=1

***Poemas negros* - Jorge de Lima (Comvest 2017, 2018 E 2019)**

Poemas negros foi lançado em 1947 com ilustrações do artista Lasar Segall e prefácio de Gilberto Freyre. Esta edição recupera a primeira, apresentando ao leitor 39 poemas marcados por envolvente musicalidade e apelo aos sentidos. Entre o engenho e o navio negreiro, Jorge de Lima apresenta a paisagem nordestina, as lavadeiras na lida, o ar “duro, gordo, oleoso” da madorna, sem deixar de lado a bisavó que “dançou uma valsa com D. Pedro II”. Carregado de contrastes, este livro

situa o poeta no debate sobre a produção literária de temática negra, no Brasil e no mundo, conforme argumenta o posfácio de Vagner Camilo.

Sinopse da Edição de 2014 da Editora Cosac & Naify, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/28442897-poemas-negros>

***Prosas seguidas de odes mínimas* - José Paulo Paes (Comvest 2025 e 2026)**

Neste livro José Paulo Paes evita, de um lado, a efusão confessional de um sentimentalismo estranho à nossa época; recusa, de outro, a frieza dos meros exercícios virtuosísticos de linguagem. Com extremo apuro técnico, mas sobretudo com o que se poderia chamar de 'distinção' de alma - um recanto, uma compostura, uma serenidade frente às próprias emoções -, o autor faz uma poesia que, sem ser confessional, é íntima, cheia de lembranças e experiências biográficas. Fala de seus pais, de amigos mortos, da perna que teve de amputar, mas não cede nunca às tentações da autopiedade e do desespero. É o livro de quem aprendeu a pesar com calma o próprio sofrimento, e depois o expressa, com intensidade, a meia voz.

Sinopse da Edição de 1992 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/4923704-prosas-seguidas-de-odes-minimas?ref=nav_sb_ss_1_23

***Quarto de despejo* (Comvest 2019, 2020 e excluído de 2021)**

O diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus deu origem à este livro, que relata o cotidiano triste e cruel da vida na favela. A linguagem simples, mas contundente, comove o leitor pelo realismo e pelo olhar sensível na hora de contar o que viu, viveu e sentiu nos anos em que morou na comunidade do Canindé, em São Paulo, com três filhos.

Sinopse da Edição de 2014 da Editora Ática, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/29917182-quarto-de-despejo?ref=nav_sb_ss_1_13

***Sentimento do mundo* - Carlos Drummond de Andrade (Comvest 2015 e 2016)**

Publicado pela primeira vez em 1940, 'Sentimento do Mundo' traz o frescor e o impacto do 'vento revolucionário' que sopra da obra de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), o mais estudado e lido poeta brasileiro. Neste livro está contido os poemas: Poema de Sete Faces, No meio do caminho, Quadrilha; e

poemas menos conhecidos, mas igualmente antológicos como Poema do Jornal ou Poema da Purificação.

Sinopse da Edição de 2012 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/13639963-sentimento-do-mundo>

Sermões escolhidos - Padre Antonio Vieira (Comvest 2018, 2019, 2020 e 2021)

Jesuíta brilhante, cosmopolita, diplomata do Reino de Portugal, conselheiro de reis, polemista, perseguido pelo Santo Ofício, o Padre Antônio Vieira (1608-1697) foi múltiplo, às vezes contraditório. Há consenso, entretanto, quanto à genialidade dos seus sermões, dos quais cerca de duzentos chegaram até os nossos dias.

Estão reunidos neste livro o "Sermão da Sexagésima", o "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda" e o "Sermão do bom ladrão". O primeiro, de 1655, escolhido pelo próprio Vieira para abrir o volume de seus sermões compendiados, versa sobre a arte de pregar e de falar às multidões, além de apresentar a profissão de fé do pregador. O "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda", de 1640, é talvez o texto mais conhecido de Vieira e certamente um dos mais impressionantes. Nele, o padre roga ao Deus católico que auxilie os portugueses contra os holandeses, que ameaçavam invadir a Bahia – e o faz em um inaudito tom agressivo e belicoso que chega às raias da heresia. Já no atualíssimo "Sermão do bom ladrão", de 1655, Vieira – num lance profético que mostra o seu profundo entendimento sobre os problemas do Brasil – ataca e critica aqueles que se valiam da máquina pública para enriquecer ilicitamente.

Sinopse da Edição de 2006 da Editora L&PM, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/9658048-serm-es-do-padre-vieira>

Sobrevivendo no Inferno - Racionais MC's (Comvest 2020, 2021, 2022 e 2023)

A principal obra do maior grupo de rap do Brasil agora publicada em livro, contundente como sempre e atual como nunca. Leitura obrigatória do vestibular da Unicamp.

Na virada para os anos 1990, os Racionais MC's emergiram como um dos mais importantes acontecimentos da cultura brasileira. Incensado pela crítica, o disco *Sobrevivendo no inferno* vendeu mais de um milhão e meio de cópias. Agora publicados em livro, precedidos por um texto de apresentação e intermeados por

fotos clássicas e inéditas, os raps dos Racionais são a imagem mais bem-acabada de uma sociedade que se tornou humanamente inviável, e uma tentativa radical, esteticamente brilhante, de sobreviver a ela.

"Foi com *Sobrevivendo no inferno* que a juventude negra e periférica se formou. Por causa deste disco muita gente se graduou em autoestima e não entrou para a faculdade do crime." — Sérgio Vaz

Sinopse da Edição de 2018 da Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/53807748-sobrevivendo-no-inferno>

***Sonetos* - Luís de Camões (Comvest 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023)**

O desejo de plenitude amorosa, as dificuldades existenciais e a injustiça dos homens estão entre os grandes temas do Renascimento presentes na lírica de Camões. Ricos em antíteses e metáforas, seus sonetos estão entre as mais belas expressões literárias da língua portuguesa. A voz reflexiva que se ergue desses versos produz a elevação do espírito e o entusiasmo verbal. Esta edição traz os poemas mais representativos do acervo camoniano, comentados por dois experientes professores de Literatura.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora Ateliê Editorial, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/43864130-sonetos-de-cam-es>

***Tarde* - Olavo Bilac (Comvest 2022, 2023 e 2024)**

Os poemas de *Tarde*, publicados postumamente em 1919, estão reunidos sob um título que deixa transparecer o tom crepuscular predominante nas composições. O livro revela um sujeito às voltas com a antevélhice, nostálgico e mais reflexivo do que em sua produção anterior. Fruto da maturidade do autor, tornou-se o livro de sonetos mais conhecido do autor.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Principis, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/123274382-tarde-cl-ssicos-da-literatura-brasileira>

***Terra Sonâmbula* - Mia Couto (Comvest 2016, 2017 e 2018)**

Um ônibus incendiado em uma estrada poeirenta serve de abrigo ao velho Tuahir e ao menino Muidinga, em fuga da guerra civil devastadora que grassa por toda parte

em Moçambique. Como se sabe, depois de dez anos de guerra anticolonial (1965-75), o país do sudeste africano viu-se às voltas com um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992.

O veículo está cheio de corpos carbonizados. Mas há também um outro corpo à beira da estrada, junto a uma mala que abriga os "cadernos de Kindzu", o longo diário do morto em questão. A partir daí, duas histórias são narradas paralelamente: a viagem de Tuahir e Muidinga, e, em flashback, o percurso de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do garoto, a única esperança contra os senhores da guerra.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora Nova Fronteira, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/31821812-terra-son-mbula>

***Til* - José de Alencar (Comvest 2015, 2016 e 2017)**

Em busca de uma identidade nacional

Til, narrativa da maturidade de Alencar publicada em folhetim no jornal A República, revive o ambiente do interior paulista do século XIX. Nesse cenário, mesclando traços essencialmente brasileiros ao lirismo romântico europeu, o autor apresenta Berta (mais conhecida como Til), uma jovem excepcionalmente generosa, João Fera, um facínora de notável nobreza, Luís Galvão, um respeitado pai de família que esconde um segredo, Miguel, um bravo jovem indeciso entre dois amores, e Brás, um menino quase bicho mas encantado pela doçura de Berta, entre tantos outros. Nesta obra, José de Alencar constrói uma história baseada no amor e no heroísmo, alinhada ao seu projeto maior de busca de uma identidade nacional a partir da reafirmação do regional, completando um grandioso painel formado por *O sertanejo*, *O gaúcho* e *O tronco do ipê*.

Sinopse da Edição de 2012 da Editora L&Pm Pocket, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/13612710-til?ref=nav_sb_ss_2_8

***Viagens na minha terra* - Almeida Garrett (Comvest 2015 e 2016)**

O livro *Viagens na Minha Terra*, publicado em volume em 1846, é o ponto de arranque da moderna prosa literária portuguesa: pela mistura de estilos e de gêneros, pelo cruzamento de uma linguagem ora clássica ora popular, ora jornalística ora dramática, ressaltando a vivacidade de expressões e imagens, pelo

tom oralizante do narrador, Garrett libertou o discurso da pesada tradição clássica, antecipando o melhor que a este nível havia de realizar Eça de Queirós.

Mas a obra vale também pela análise da situação política e social do país e pela simbologia que Frei Dinis e Carlos representam: no primeiro é visível o que ainda restava de positivo e negativo do Portugal velho, absolutista; o segundo representa, até certo ponto, o espírito renovador e liberal. No entanto, o fracasso de Carlos é em grande parte o fracasso do país que acabava de sair da guerra civil entre miguelistas e liberais e que dava os primeiros passos numa vivência social e política em moldes modernos.

Sinopse da Edição de 2004 da Editora Luso-Brazilian Books, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/697341.Viagens_na_Minha_Terra?from_search=true&from_srp=true&qid=4eSVem20NB&rank=1

***Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá* - Lima Barreto (Comvest 2025 e 2026)**

Gonzaga de Sá, amante de sua solidão, olha o mundo sem preconceitos, analisando fatos e pessoas, em busca de um ambiente melhor para todos, embora vivendo aos tropeços frente à luta social. É comovente a história de um homem que viveu para o bem, analisando com sua erudição o mundo ao seu redor, tendo ampla visão dolorosa dos males e ridículos sociais, um reflexo da própria alma do autor.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Garnier, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/90835238-vida-e-morte-de-m-j-gonzaga-de-s>

***Vidas secas* - Graciliano Ramos (Comvest 2015)**

Vidas secas, lançado originalmente em 1938, é o romance em que mestre Graciliano — tão meticuloso que chegava a comparecer à gráfica no momento em que o livro entrava no prelo, para checar se a revisão não haveria interferido em seu texto — alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa. O que impulsiona os personagens é a seca, áspera e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.

Apesar desse sentimento de transbordante solidariedade e compaixão com que a narrativa acompanha a miúda saga do vaqueiro Fabiano e sua gente, o autor contou: Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão... os meus personagens são quase selvagens... pesquisa que os

escritores regionalistas não fazem e nem mesmo podem fazer ...porque comumente não são familiares com o ambiente que descrevem...Fiz o livrinho sem paisagens, sem diálogos. E sem amor. A minha gente, quase muda, vive numa casa velha de fazenda. As pessoas adultas, preocupadas com o estômago, não tem tempo de abraçar-se. Até a cachorra [Baleia] é uma criatura decente, porque na vizinhança não existem galãs caninos.

Vidas secas é o livro em que Graciliano, visto como antipoético e anti-sonhador por excelência, consegue atingir, com o rigor do texto que tanto prezava, um estado maior de poesia.

Sinopse da Edição de 2003 da Editora Record, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/334227.Vidas_Secas?from_search=true&from_srp=true&qid=Yb3XmSSE2l&rank=1

APÊNDICE - F

Reunião das sinopses dos livros indicados como leitura obrigatória dos vestibulares da Fuvest/USP entre 2015 e 2026.

A maioria das sinopses aqui expostas tiveram como fonte o *Site Goodreads* na busca de coletar sinopses de uma única fonte, apesar de serem sinopses publicadas em edições e editoras diferentes. *Goodreads* “é o maior site do mundo para leitores e recomendações de livros”, conforme publicado na seção Sobre Nós do próprio site (<https://www.goodreads.com/about/us>). Todas as edições e editoras das quais as sinopses foram retiradas estão disponíveis logo abaixo de cada sinopse.

A segunda fonte de sinopses, utilizada para livros escritos por mulheres que estarão na lista de leitura obrigatória Fuvest 2026 é a edição on-line da Revista Galileu publicada em 30 de novembro de 2023 e disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***A cidade e as serras* - Eça de Queiroz (Fuvest 2015, 2016, 2017 e 2018)**

A «novela fantasista» como Eça de Queirós chamou à *Cidade e as Serras* denuncia um aspecto importante da vida do escritor. A partir dos trinta anos, Eça escreve várias cartas aos seus amigos em que denuncia essa ânsia por uma vida de família que o retempere do «descampado do sentimentalismo» de que estava cansado. A autenticidade da fotografia que reproduzimos - Eça de Queirós com sua filha - é um documento complementar deste livro, não só por ser contemporânea da sua feitura, como pelo ambiente de paz de que é expressão.

Sinopse da Edição de 2001 da Editora Livros do Brasil, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/7327472-a-cidade-e-as-serras>

***A Ilustre casa de Ramires* - Eça de Queirós (Fuvest 2025)**

A Ilustre Casa de Ramires é um romance realista da terceira fase do escritor português Eça de Queirós. Publicado em 1900, representa a sua maturidade intelectual e o apogeu do seu estilo como escritor, onde a crítica corrosiva e a ironia

cáustica que haviam marcado a segunda etapa da sua produção – fase de adesão ao naturalismo – cedem lugar a uma postura de maior esperança nos valores humanos e abrem espaço para um certo optimismo.

A história aparente narra a vida de Gonçalo Mendes Ramires, a sua chegada à política e as tradições familiares portuguesas, mas fica evidente a analogia que Eça faz com a História portuguesa, as suas mudanças políticas e a sua tradição.

Sinopse da Edição de 1993 da Editora Círculo de Leitores, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/7539691-a-ilustre-casa-de-ramires>

***A visão das plantas* - Djaimilia Pereira de Almeida (Fuvest 2026, 2027, 2028 2029)**

Neste romance, a angolana Djaimilia Pereira de Almeida conta a trajetória de Celestino, ex-capitão de um navio que transportava africanos raptados e escravizados. Depois de anos no mar, no contexto das viagens entre a África e o Brasil que tiveram seu auge entre 1750 e 1850, o personagem retorna a Portugal para se tornar jardineiro.

Diferente de seus vizinhos, as plantas não o julgam. “O livro é muito pouco claro, deixa em aberto saber se Celestino tem ou não tem a consciência tranquila”, afirmou a autora em entrevista à editora Todavia. “Ele é um homem assombrado por fantasmas das suas vítimas, mas esses fantasmas também não o acusam de nada.” Aliás, Djaimilia resgatou o protagonista da obra *Os pescadores* (1923), do português Raul Brandão, na qual diz-se que Celestino começou a vida como pirata e “acabou como um santo”.

“Desde a primeira leitura [de *Os Pescadores*], há mais de 15 anos, as breves linhas sobre Celestino me assombram e fascinam. Voltei a esse parágrafo muitas vezes, muito antes de imaginar que viria algum dia a escrever livros”, ela contou em bate-papo com a Academia Brasileira de Escritores (Abresc). “Quis escrever a sua história para perceber melhor a natureza desse fascínio e para apaziguar esse assombramento.”

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Água Funda* - Ruth Guimarães (Fuvest 2025)**

Romance de estreia de Ruth Guimarães (1920-2014), uma das primeiras escritoras negras a ganhar destaque na cena literária brasileira, *Água funda* foi lançado em 1946 – mesmo ano de *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Mas enquanto o escritor mineiro se valia da plasticidade da fala sertaneja para inventar um léxico novo, entre o popular e o erudito, Ruth fez aqui uma original reconstituição etnográfica da linguagem caipira – que conheceu pessoalmente em sua infância passada no Vale do Paraíba e Sul de Minas –, aproximando-a das pesquisas de Mário de Andrade.

Entrelaçando diferentes tempos e personagens, inseridos no universo de uma comunidade rural na Serra da Mantiqueira, a autora construiu uma prosa ágil e fluida, permeada de ditos populares e causos marcados pela superstição e pelo fatalismo, que antecipa em certos aspectos o realismo mágico de Juan Rulfo e Gabriel García Márquez. É o caso das histórias de Sinhá Carolina, dona da Fazenda Nossa Senhora dos Olhos d'Água, e do casal Joca e Curiango, trabalhadores locais, num arco temporal que vai da época da escravidão até os anos 1930. Como afirma o narrador do livro: “A gente passa nesta vida como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada”.

Sinopse da Edição de 2018 da Editora 34, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/40855606-gua-funda>

***Alguma Poesia* - Carlos Drummond de Andrade (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025)**

Em '*Alguma poesia*', Drummond adota a forma livre do verso, libertando-se de regularidades, rimas e planos cartesianos, abrindo espaço para o apelo visual em poesias. Também deixa de lado a metáfora, buscando uma objetividade e simplicidade que tornaram sua linguagem poética seca, quase jornalística, mas ainda sim, riquíssima.

Sinopse da Edição de 2013 da Editora Companhia das Letras, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/28951080-alguma-poesia>

***Angústia* - Graciliano Ramos (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024)**

Marco do romance moderno brasileiro, "*Angústia*" é a expressão máxima do embate entre a subjetividade do escritor e a realidade objetiva é sempre opressora, que se

revela na figura de um pequeno funcionário e sua consciência de condenado à mediocridade.

Sinopse da Edição de 2008 da Editora Record, disponível em:

https://www.goodreads.com/book/show/4361327-ang-stia?from_search=true&from_srp=true&qid=l71vzyDChg&rank=1

***As meninas* - Lygia Fagundes Telles (Fuvest 2026)**

As meninas é um depoimento de Lygia Fagundes Telles sobre a ditadura militar a partir dos monólogos interiores de três estudantes universitárias que moram em um pensionato de freiras em São Paulo. Essas protagonistas são Ana Clara, Lorena e Lia – cujas personalidades a autora classificava como “drogada”, “burguesinha” e “guerrilheira”, respectivamente.

Outras vozes além das personagens também interferem na narração do livro, que varia entre a primeira e a terceira pessoa. A história é escrita em fluxo de consciência, muito marcada pelos sentimentos das jovens.

Publicado em 1973, o livro contém a descrição de uma sessão de tortura em uma época em que o regime militar ainda estava em curso no Brasil. No entanto, a obra não sofreu censura. Lygia tinha hipótese para isso: segundo ela, o censor poderia ter achado a obra muito enfadonha, e, assim, não teria terminado a leitura.

Essa não é a primeira vez que o romance aparece no vestibular; o livro foi cobrado na prova de 1996 da Fuvest.

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Balada de Amor ao Vento* - Paulina Chiziane (Fuvest 2026, 2027 e 2028)**

Neste romance de 1990, a escritora moçambicana Paulina Chiziane explora temas como o papel da mulher em uma sociedade patriarcal, o casamento e a poligamia.

O livro conta a história de Sarnau, de seu casamento com o príncipe Nguila e de seu romance com o jovem cristão Mwando. A personagem questiona a existência do amor e promove uma reflexão sobre a posição feminina na sociedade em que vive.

“É uma história de amor adolescente, em que a família determina que a mulher tem de casar com o homem, mas ela tem sua paixão, e os conflitos em volta disso”, disse Chiziane em entrevista à revista Quatro Cinco Um.

No bate-papo, a autora também falou sobre as críticas que recebe por suas obras: “Um dos meus maiores problemas são as temáticas que escolho, consideradas subalternas, proibidas ou tabu, como a poligamia. Mais graves ainda são a feitiçaria, as nossas crenças”.

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Caminho de pedras* - Rachel de Queiroz (Fuvest 2026 e 2027)**

Em *Caminho de Pedras*, a escritora cearense Rachel de Queiroz aborda questões de gênero, de lutas sociais, da miséria e da situação das classes operárias em Fortaleza durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas.

A partir da paixão proibida entre Roberto e Noemi, a autora retrata a militância da esquerda nessa década e os conflitos internos do Partido Comunista Brasileiro. “É uma história de gente magra, uma história onde há fome, trabalho excessivo, perseguições, cadeia, injustiças de toda espécie”, escreveu Graciliano Ramos, célebre autor de *Vidas Secas* (1938), sobre a obra.

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Campo Geral* - João Guimarães Rosa (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024)**

Campo Geral foi publicado pela primeira vez dentro de Corpo de baile, em 1956.

A infância é o tempo de descobertas. É a fase da vida em que o ser humano recebe e retribui os sentimentos à sua volta com maior vigor e integridade. Com Miguilim, menino que protagoniza esta novela de João Guimarães Rosa, não é diferente. Contudo, a visão de mundo repleta de sensibilidade que vinca a personalidade da criança transforma o conjunto de situações que ela experimenta num redemoinho sem precedentes de sensações. Neste livro, tem-se o privilégio de captar o âmago

da vida no sertão através do olhar de uma criança, uma escolha que revela a grandeza literária de Guimarães Rosa.

Sinopse da Edição de 2019 da Editora Global, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/53622404-campo-geral>

Canção para ninar menino grande - Conceição Evaristo (Fuvest 2026, 2027, 2028 e 2029)

Essa obra da escritora mineira Conceição Evaristo pretende colocar um homem no centro da narrativa. Mas, segundo a autora, tal protagonista fala muito pouco – sua história é contada pelas mulheres de sua vida.

A partir do personagem Fio Jasmin, Conceição aborda as contradições e complexidades em torno da masculinidade de homens negros e os efeitos nas relações com as mulheres negras, em um “mosaico afetuoso de experiências negras”, conforme apontado na sinopse do livro publicado pela editora Pallas.

A escrita da autora nesta e em outras obras é guiada pelo seu conceito de escrevivência – junção das palavras “escrever” e “vivência” –, que carrega a ideia da escrita enquanto reflexo de uma coletividade e está relacionada a diferentes experiências de raça, gênero e classe.

“Construir essa história do Fio é um exercício que eu observo na vida real; essa dificuldade de a gente acessar o homem. Eu não queria criar uma personagem como o Fio Jasmin como um homem só mulherengo, como um machista qualquer”, disse a autora ao Canal Curta. “Apresentar uma ficção em que as personagens negras são lidas a partir de suas subjetividades é também criar um outro discurso na literatura brasileira.”

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

Capitães da Areia - Jorge Amado (Fuvest 2015, 2015 e 2017)

Desde o seu lançamento, em 1937, *Capitães da Areia* causou escândalo: inúmeros exemplares do livro foram queimados em praça pública, por determinação do Estado

Novo. Ao longo de sete décadas a narrativa não perdeu viço nem atualidade, pelo contrário: a vida urbana dos meninos pobres e infratores ganhou contornos trágicos e urgentes.

Várias gerações de brasileiros sofreram o impacto e a sedução desses meninos que moram num trapiche abandonado no areal do cais de Salvador, vivendo à margem das convenções sociais. Verdadeiro romance de formação, o livro nos torna íntimos de suas pequenas criaturas, cada uma delas com suas carências e suas ambições: do líder Pedro Bala ao religioso Pirulito, do ressentido e cruel Sem-Pernas ao aprendiz de cafetão Gato, do sensato Professor ao rústico sertanejo Volta Seca. Com a força envolvente da sua prosa, Jorge Amado nos aproxima desses garotos e nos contagia com seu intenso desejo de liberdade.

Sinopse da Edição de 2009 da Editora Companhia das Letras, disponível em <https://www.goodreads.com/book/show/7861919-capit-es-da-areia>

***Claro enigma* - Carlos Drummond de Andrade (Fuvest 2017 e 2018)**

Publicado originalmente em 1951, "Claro enigma" é um marco na poesia de Carlos Drummond de Andrade. O livro faz reflexões sobre os segredos do coração humano e do fazer poético e tem poemas famosos como "Memória" e "Amar".

Sinopse da Edição de 2001 da Editora Record, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/5983345-claro-enigma?from_search=true&from_srp=true&qid=MxBksold1l&rank=1

***Dois Irmãos* - Milton Hatoum (Fuvest 2024 e 2025)**

Onze anos depois da publicação de *Relato de um certo Oriente*, Milton Hatoum retoma os temas do drama familiar e da casa que se desfaz. *Dois irmãos* é a história de como se constroem as relações de identidade e diferença numa família em crise. O enredo desta vez tem como centro a história de dois irmãos gêmeos - Yaqub e Omar - e suas relações com a mãe, o pai e a irmã. Moram na mesma casa Domingas, empregada da família, e seu filho. Esse menino - o filho da empregada - narra, trinta anos depois, os dramas que testemunhou calado. Buscando a identidade de seu pai entre os homens da casa, ele tenta reconstruir os cacos do passado, ora como testemunha, ora como quem ouviu e guardou, mudo, as histórias dos outros. Do seu canto, ele vê personagens que se entregam ao incesto, à vingança, à paixão desmesurada. O lugar da família se estende ao espaço de

Manaus, o porto à margem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar.

Sinopse da Edição de 2006 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/19182524-dois-irm-os>

***Iracema* - José de Alencar (Fuvest 2017 e 2018)**

Uma das histórias de amor mais aclamadas da literatura brasileira, *Iracema*, de José de Alencar, apresenta o romance do herói branco com a linda virgem dos lábios de mel. A bela índia* Iracema detém o segredo da Jurema, que lhe cobra virgindade. O valente guerreiro português Martim tem a missão de fiscalizar a costa cearense contra invasões estrangeiras. Desse amor proibido nasce o primeiro mestiço, símbolo do povo brasileiro.

Obra mais conhecida da literatura romântica nacionalista de José de Alencar, *Iracema* é uma aventura épica recheada de lirismo poético.

Esta edição traz o prefácio de Diana Navas, pesquisadora e autora com diversos livros e artigos publicados em revistas especializadas.

Sinopse da Edição de 2018 da Editora Edições Câmara, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/43297851-iracema>

*Grifo nosso

***Marília de Dirceu* - Tomás Antônio Gonzaga (Fuvest 2024 e 2025)**

Em *Marília de Dirceu*, Tomás Antônio Gonzaga escreve textos belíssimos e ao mesmo tempo dotados de uma técnica impressionante. Essa harmonia traz à tona a grande espontaneidade de Gonzaga. Um homem apaixonado por uma mulher bem mais jovem, tendo o tempo como aspecto ameaçador, torna essa a obra-prima do autor. O cenário escolhido por Gonzaga é a Inconfidência Mineira, o que imprime ainda mais valor à obra. Aqui, temos o universo lírico e sentimental do Arcadismo em uma de suas melhores expressões.

Sinopse da Edição de 2013 da Saraiva de Bolso, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/31198041-mar-lia-de-dirceu>

***Mayombe* - Pepetela (Fuvest 2017 e 2018)**

Publicado originalmente em 1980, *Mayombe* foi escrito durante a participação de Pepetela na guerra de libertação de Angola, e retrata o cotidiano dos guerrilheiros do

MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) em luta contra as tropas portuguesas. O romance inova ao abordar não somente as ações, mas os sentimentos e reflexões daquele grupo, as contradições e conflitos que permeavam sua organização e as relações estabelecidas entre pessoas que buscavam construir uma nova Angola livre da colonização.

Sinopse da Edição de 2013 da Editora Leya, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/27865384-mayombe>

***Memórias de Martha* - Julia Lopes de Almeida (Fuvest 2026, 2027 e 2028)**

Nesta autobiografia ficcional, a escritora carioca Julia Lopes de Almeida relata as memórias de Martha e sua vida no fim do século 19. Nascida em um cortiço no Rio de Janeiro no tempo do império, a personagem vive com a mãe viúva, que trabalha para sustentá-las.

A obra foi publicada originalmente em folhetim em 1888 no jornal Tribuna Liberal do Rio de Janeiro e é considerada o primeiro romance brasileiro a narrar a vida no cortiço – antecipando, assim, o célebre livro *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo.

Entre as temáticas presentes em *Memórias de Martha* estão a emancipação feminina por meio da educação e do trabalho e a abolição da escravatura, bem como a aristocracia cafeeira de São Paulo.

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Memórias de um sargento de milícias* - Manuel Antônio de Almeida (Fuvest 2015 e 2016)**

A figura central deste romance é Leonardo, filho enjeitado de Leonardo Pataca e Maria da Hortaliça, criado pelos padrinhos - uma parteira e um barbeiro. O narrador, que frequentemente interrompe a narrativa para comentar as ações das personagens, focaliza a vida agitada de Leonardo, seus casos com a mulata Vidinha, o namoro com Luisinha e seus planos para escapar das perseguições do severo major Vidigal.

Sinopse da Edição de 2005 da Editora Luso-Brazilian Books, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/1026496.Mem_rias_de_um_Sargento_de_Mi_l_cias?from_search=true&from_srp=true&qid=GxZZ2E9wf9&rank=1

***Memórias póstumas de Brás Cubas* - Machado de Assis (Fuvest 2015, 2016, 2017 e 2018)**

Era ainda o ano de 1881 quando um verme começou a roer as carnes de um cadáver, e desde então a literatura nacional nunca mais foi a mesma. Romance Considerado por muitos críticos como o auge da obra de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* é lançado pela coleção de bolso da Autofágica. Não é porque Brás Cubas está morto que suas experiências não terão a oportunidade de estampar as páginas de um livro. É o que faz, pouco a pouco, o defunto-autor desta obra. Sem pressa, mas com firme propósito, o narrador machadiano fisga o leitor ali, na beira da palavra, para introduzi-lo à história de um homem comum, cheio de impasses, desejos e inquietações – um personagem, sobretudo, profundamente humano. Na corda bamba entre o riso e a seriedade, Machado de Assis inverte a ordem natural das coisas ao escrever nas palavras de um morto uma obra que, assim como a morte, tornou-se eterna.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Antofágica, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/204210049-mem-rias-p-stumas-de-br-s-cubas>

***Mensagem* - Fernando Pessoa (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024)**

Mensagem é o único livro de poemas de Fernando Pessoa publicado em português durante a sua vida. É também "realmente um só poema", como escreveu, dada a unidade perfeita conseguida pelo seu canto das grandezas passadas da nação - que se reflectem no futuro, potenciadas pelo Quinto Império.

Sem a simetria de composição nem a vastidão narrativa da epopeia clássica, é a obra minimal de um Supra-Camões concentrado na construção de um mito, o de D. Sebastião, entendido como a síntese da ousadia dos heróis anteriores e como a promessa de um "dia claro" por vir.

Sinopse da Edição de 2007 da Editora Porto, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/6540548-mensagem>

***Minha vida de menina* - Helena Morley (Fuvest 2018)**

Pelos olhos de uma garota inquieta e inteligente, o leitor acompanha a formação da vida em Diamantina no final do século XIX, momento em que o fim recente da

escravidão propiciava diversas modalidades de trabalho semi-livres e o mascaramento do racismo.

Sinopse da Edição de 2004 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/8530900-minha-vida-de-menina>

***Nebulosas* - Narcisa Amália (Fuvest 2026, 2027, 2028 e 2029)**

Antologia de 44 poemas, *Nebulosas* é a única obra lírica de Narcisa Amália, escritora que também é famosa por ser a primeira jornalista profissional do Brasil.

No livro, a autora relata lembranças da infância e do amor por sua terra natal – São João da Barra, no Rio de Janeiro –, além de exaltar a natureza e a identidade nacional. Essas são expressões do Romantismo que se refletem, por exemplo, no poema “A Resende”, dedicado à cidade em que viveu. Narcisa também redigiu poemas críticos de cunho social, especialmente a favor da abolição da escravatura.

Sua escrita e visão crítica foram elogiadas por Machado de Assis. “Não sem receio abro um livro assinado por uma senhora”, escreveu Machado no *Semana Ilustrada* em dezembro de 1872. Mas o autor continuou: “A leitura das *Nebulosas* causou-me a este respeito excelente impressão. Achei uma poetisa, dotada de sentimento verdadeiro e real inspiração, a espaços de muito vigor, reinando em todo o livro um ar de sinceridade e de modéstia que encanta.”

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

***Nós matamos o Cão Tinhoso!* - Luís Bernardo Honwana (Fuvest 2024, 2025 e 2029)**

O livro de contos *Nós matamos o Cão Tinhoso!*, de Luís Bernardo Honwana, é um marco da literatura africana. Obra polêmica, publicada em Moçambique em 1964, foi criticada por aqueles que defendiam o colonialismo português, e aclamada pelos que defendiam a liberdade e a autonomia do país.

O volume é composto por sete contos que expressam de forma emocionante a realidade sufocante dos trabalhadores moçambicanos durante a colonização portuguesa. O leitor vai conhecer contos sublimes que dão destaque às experiências dos oprimidos como as crianças e os trabalhadores negros na era colonial.

Sinopse da Edição de 2017 da Editora Kapulana, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/36641672-n-s-matamos-o-c-o-tinhoso?from_search=true&from_srp=true&qid=KfiOaPnRky&rank=1

***Nove Noites* - Bernardo Carvalho (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023)**

Na noite de 2 de agosto de 1939, um jovem e promissor antropólogo americano, Buell Quain, se matou, aos 27 anos, de forma violenta, enquanto tentava voltar para a civilização,* vindo de uma aldeia indígena no interior do Brasil. O caso se tornou um tabu para a antropologia brasileira, foi logo esquecido e permaneceu em grande parte desconhecido do público. Sessenta e dois anos depois, ao tomar conhecimento da história por acaso, num artigo de jornal, o narrador deste livro é levado a investigar de maneira obsessiva e inexplicada as razões do suicídio do antropólogo. Em sua busca obstinada pelas cartas do morto ou pelo testamento de um engenheiro que ficara amigo do antropólogo nos seus últimos meses de vida, o narrador é guiado por razões pessoais que não serão reveladas até o final do romance, mas que dizem respeito à sua experiência de criança na selva, à história e à morte de seu próprio pai. *Nove noites* narra a descida ao coração das trevas empreendida pelo jovem expoente da antropologia americana, colega de Lévi-Strauss e aluno dileto de Ruth Benedict, às vésperas da Segunda Guerra. A história é contada em dois tempos, na tribo dos índios krahô (interior do sertão brasileiro) e na combinação progressiva entre a busca pelo testamento do engenheiro e a pesquisa que o narrador vai fazendo em arquivos, atrás das cartas do antropólogo e dos que o conheceram na época. Para escrever o livro, Bernardo Carvalho travou contato com os Krahô, no Estado do Tocantins, e foi aos Estados Unidos em busca de documentos e pessoas que pudessem saber algo sobre o antropólogo. A história de Buell Quain revela as contradições e os desejos de um homem sozinho numa terra estranha, confrontado com os seus próprios limites e com a alteridade mais absoluta, numa narrativa que faz referências aos romances de Joseph Conrad e aos relatos do escritor inglês Bruce Chatwin.

Sinopse da Edição de 2015 da Editora Companhia das Letras, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/28098958-nove-noites>

*Grifo nosso.

O cortiço - Aluísio de Azevedo (Fuvest 2015, 2016, 2017 e 2018)

João Romão é um ganancioso comerciante de origem portuguesa, dono de um terreno no Rio de Janeiro, onde constrói casas de baixo custo para alugar. Bertoleza, uma negra escrava, vive com ele e o ajuda no seu armazém. Aos poucos forma-se o cortiço, para a revolta do negociante Miranda, seu vizinho.

Sinopse da Edição de 2018 da Editora Edições Consultor, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/53300897-o-corti-o?from_search=true&from_srp=true&qid=ZgfDheUSUI&rank=4

O Cristo Cigano - Sophia de Mello Breyner Andresen (Fuvest 2026)

A história que a portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen apresenta neste livro é contada por poemas em sequência narrativa. A inspiração veio de um conto que ela ouviu do pernambucano João Cabral de Melo Neto, autor de *Morte e Vida Severina* (1955) – obra que, inclusive, já foi cobrada na Fuvest anteriormente. “[Ele foi] um poeta que também tinha a paixão da geometria e do concreto e a mesma solidariedade com o sofrimento humano”, observa Rosa Maria Martelo no prefácio de edição de *O Cristo Cigano* publicada pela editora Assírio & Alvim.

No livro, Sophia narra a lenda sevilhana sobre o escultor barroco Francisco Antonio Ruiz Gijón. “O pretexto deste poema foi a lenda do Cristo Cachorro que me contou em Sevilha, numa igreja de Triana, o poeta João Cabral de Melo Neto, a quem um cigano a tinha contado”, **relatou** Sophia em entrevista ao *Jornal Letras e Artes* em 1962.

O diálogo entre os escritores ocorreu enquanto os dois estavam diante da escultura de Gijón, popularmente conhecida como *El Cachorro*. O modelo desta obra teria sido um cigano apelidado de Cachorro que o próprio escultor havia apunhalado.

O Cristo Cigano é considerado singular no conjunto de poesias da autora, cuja obra é marcada pelo uso de substantivos concretos (ou seja, aqueles que se referem a objetos palpáveis).

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

Opúsculo Humanitário - Nísia Floresta (Fuvest 2026 e 2027)

De autoria da potiguar Nísia Floresta, *Opúsculo Humanitário* é uma coletânea de 62 artigos originalmente publicados nos jornais *O Diário do Rio de Janeiro* e *O Liberal* no século 19. A obra lançada em 1853 foi considerada escandalosa em tempos de Brasil Império, especialmente por defender a igualdade de gênero.

O livro segue uma linha argumentativa na qual Nísia traça a condição feminina na sociedade ao longo da História, além de refletir sobre a educação das mulheres e sobre as diferenças de raça e classe entre as brasileiras. A autora ainda recomenda mudanças no país a partir das ideias de diferentes autoras.

“Nele está contida, em sua forma mais elaborada, a tese de Nísia Floresta como educadora feminista e reformadora social”, afirma a escritora Peggy Sharpe-Valadares no prefácio da segunda edição da obra, de 1989. “A sua preocupação maior, o sonho pelo qual lutou por tanto quanto teve de energias, foi o de elevar a mulher brasileira à plenitude de suas potencialidades humanas.”

Sinopse publicada na edição on-line da Revista Galileu, disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/11/conheca-os-livros-escritos-por-mulheres-que-cairao-na-fuvest-de-2026.ghtml>

Os Ratos - Dyonélio Machado (Fuvest 2025)

Muitos são os motivos que colocam "Os ratos" entre os melhores textos da literatura brasileiro do nosso século. Apontado por Mário de Andrade e Guimarães Rosa como um dos mais importantes prosadores de sua época, Dyonelio Machado revela neste livro toda a maestria de um grande escritor.

Contando a história de um homem simples, Naziazeno Barbosa -- envolvido em uma dívida que tem com o leiteiro de sua rua --, o texto nos coloca em contato com uma aflição fundamental. Dividido entre a necessidade e o compromisso ético, Naziazeno passa por uma verdadeira via-crúcis para tentar obter o dinheiro. Depara-se então com uma série de situações e personagens que revelam de maneira crua o quanto a força do dinheiro interfere nas relações entre as pessoas.

Escrito ao longo de apenas vinte noites, "Os ratos" foi consagrado com o Prêmio Machado de Assis, em 1935, e desde então tornou-se referência obrigatória da nossa literatura. Ao terminar de ler esta história, você certamente entenderá por quê.

Sinopse da Edição de 2000 da Editora Ática, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/20798108-os-ratos>

Poemas Escolhidos - Gregório de Matos (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023)

Gregório de Matos (o Boca do Inferno) é, historicamente, o primeiro grande poeta do Brasil. Sua obra, talvez a mais importante produzida pelo Barroco poético nas Américas portuguesa e espanhola, conserva ainda hoje grande parte de seu interesse, por força, sobretudo, da agudeza e do vigor com que o poeta soube fixar satiricamente, numa linguagem vivaz que já deixa transparecer o gênio local na exploração de sonoridades africanas e tupis e que, na sua mordacidade feroz, não recua nem diante da pornografia, a dissolução de costumes da Bahia do século XVIII. Nesta já clássica coletânea preparada por José Miguel Wisnik nos anos 1970, e agora revista pelo organizador, o leitor encontrará uma seleção dos melhores poemas de Gregório de Matos nas diversas modalidades que cultivou - a satírica, a encomiástica, a lírica amorosa e a religiosa -, de par com numerosas notas de esclarecimento do texto, um pequeno perfil biográfico do poeta e uma análise crítica de sua obra.

Sinopse da Edição de 2011 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/33392429-poemas-escolhidos-de-greg-rio-de-matos>

Quincas Borba - Machado de Assis (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025)

Quincas Borba é um cachorro, mas esse também é o nome de seu dono, um filósofo de Barbacena, Minas Gerais. Quando este rico pensador morre, deixando para trás uma grande fortuna, seu amigo Rubião é nomeado o único herdeiro da herança. Mas o ex-professor só colocaria as mãos no dinheiro sob uma condição – cuidar e zelar pela vida de Quincas Borba, o cão.

Publicado em 1881, *Quincas Borba* é o romance machadiano que melhor expõe os dilemas de personagens em uma sociedade de interesses em transição do século XIX para o XX. Ao narrar a transformação da pacata vida de Rubião em um herdeiro-capitalista que atrai os mais diversos tipos de interesseiros, encontrando no caminho o amor e a loucura, Machado constrói uma história na qual o leitor contemporâneo reconhece personas que perduram na sociedade brasileira até hoje.

Sinopse da Edição de 2021 da Editora Antofágica, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/59649043-quincas-borba>

***Romanceiro da Inconfidência* - Cecília Meireles (Fuvest 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025)**

Em '*Romanceiro da Inconfidência*', Cecília Meireles lança mão de uma das mais primitivas formas de literatura para contar a história da Inconfidência Mineira. Como bem define Ana Maria Machado, que assina a apresentação desta edição, o gênero épico nasceu antes mesmo da escrita. Era criado para ser cantado e transmitido oralmente de geração em geração. Inspirada pelo *Romanceiro cigano*, de Federico García Lorca, Cecília Meireles usou diversas formas e métricas poéticas para escrever os quase cem poemas que compõem o livro. Por ele desfilam personagens históricos que fizeram parte da Inconfidência, como, obviamente, Tiradentes, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Joaquim Silvério entre outros, que, embora não tenham tomado parte direta no episódio histórico, são figuras destacadas na história das Minas Gerais, como Chico Rei e Chica da Silva.

Sinopse da Edição de 2005 da Editora Nova Fronteira, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/24380949-romanceiro-da-inconfid-ncia>

***Sagarana* - João Guimarães Rosa (Fuvest 2017 e 2018)**

Apresentando a paisagem e o homem de sua terra, Guimarães Rosa fez de seu primeiro livro a semente de uma obra monumental, em que apresenta elementos que se tornariam uma espécie de marca registrada sua, tais como a matéria do sertão, a linguagem calcada na oralidade, com uso de regionalismos, arcaísmos, estrangeirismos adaptados e neologismos.

Sinopse da Edição de 2017 da Editora Nova Fronteira, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/35097748-sagarana>

***Sentimento do mundo* - Carlos Drummond de Andrade (Fuvest 2015 e 2016)**

Publicado pela primeira vez em 1940, '*Sentimento do Mundo*' traz o frescor e o impacto do 'vento revolucionário' que sopra da obra de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), o mais estudado e lido poeta brasileiro. Neste livro está contido os poemas: Poema de Sete Faces, No meio do caminho, Quadrilha; e poemas menos conhecidos, mas igualmente antológicos como Poema do Jornal ou Poema da Purificação.

Sinopse da Edição de 2012 da Editora Companhia das Letras, disponível em:

<https://www.goodreads.com/book/show/13639963-sentimento-do-mundo>

***Terra Sonâmbula* - Mia Couto (Fuvest 2015, 2016, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023)**

Um ônibus incendiado em uma estrada poeirenta serve de abrigo ao velho Tuahir e ao menino Muidinga, em fuga da guerra civil devastadora que grassa por toda parte em Moçambique. Como se sabe, depois de dez anos de guerra anticolonial (1965-75), o país do sudeste africano viu-se às voltas com um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992.

O veículo está cheio de corpos carbonizados. Mas há também um outro corpo à beira da estrada, junto a uma mala que abriga os "cadernos de Kindzu", o longo diário do morto em questão. A partir daí, duas histórias são narradas paralelamente: a viagem de Tuahir e Muidinga, e, em flashback, o percurso de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do garoto, a única esperança contra os senhores da guerra.

Sinopse da Edição de 2016 da Editora Nova Fronteira, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/31821812-terra-son-mbula>

***Til* - José de Alencar (Fuvest 2015 e 2016)**

Em busca de uma identidade nacional

Til, narrativa da maturidade de Alencar publicada em folhetim no jornal A República, revive o ambiente do interior paulista do século XIX. Nesse cenário, mesclando traços essencialmente brasileiros ao lirismo romântico europeu, o autor apresenta Berta (mais conhecida como Til), uma jovem excepcionalmente generosa, João Fera, um facínora de notável nobreza, Luís Galvão, um respeitado pai de família que esconde um segredo, Miguel, um bravo jovem indeciso entre dois amores, e Brás, um menino quase bicho mas encantado pela doçura de Berta, entre tantos outros. Nesta obra, José de Alencar constrói uma história baseada no amor e no heroísmo, alinhada ao seu projeto maior de busca de uma identidade nacional a partir da reafirmação do regional, completando um grandioso painel formado por *O sertanejo*, *O gaúcho* e *O tronco do ipê*.

Sinopse da Edição de 2012 da Editora L&PM Pocket, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/13612710-til?ref=nav_sb_ss_2_8

***Viagens na minha terra* - Almeida Garret (Fuvest 2015 e 2016)**

O livro *Viagens na Minha Terra*, publicado em volume em 1846, é o ponto de arranque da moderna prosa literária portuguesa: pela mistura de estilos e de gêneros, pelo cruzamento de uma linguagem ora clássica ora popular, ora jornalística ora dramática, ressaltando a vivacidade de expressões e imagens, pelo tom oralizante do narrador, Garrett libertou o discurso da pesada tradição clássica, antecipando o melhor que a este nível havia de realizar Eça de Queirós.

Mas a obra vale também pela análise da situação política e social do país e pela simbologia que Frei Dinis e Carlos representam: no primeiro é visível o que ainda restava de positivo e negativo do Portugal velho, absolutista; o segundo representa, até certo ponto, o espírito renovador e liberal. No entanto, o fracasso de Carlos é em grande parte o fracasso do país que acabava de sair da guerra civil entre miguelistas e liberais e que dava os primeiros passos numa vivência social e política em moldes modernos.

Sinopse da Edição de 2004 da Editora Luso-Brazilian Books, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/697341.Viagens_na_Minha_Terra?from_search=true&from_srp=true&qid=4eSVem20NB&rank=1

***Vidas secas* - Graciliano Ramos (Fuvest 2015, 2016, 2017 e 2018)**

Vidas secas, lançado originalmente em 1938, é o romance em que mestre Graciliano — tão meticuloso que chegava a comparecer à gráfica no momento em que o livro entrava no prelo, para checar se a revisão não haveria interferido em seu texto — alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa. O que impulsiona os personagens é a seca, áspera e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.

Apesar desse sentimento de transbordante solidariedade e compaixão com que a narrativa acompanha a miúda saga do vaqueiro Fabiano e sua gente, o autor contou: Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão... os meus personagens são quase selvagens... pesquisa que os escritores regionalistas não fazem e nem mesmo podem fazer ...porque comumente não são familiares com o ambiente que descrevem...Fiz o livrinho sem paisagens, sem diálogos. E sem amor. A minha gente, quase muda, vive numa casa velha de fazenda. As pessoas adultas, preocupadas com o estômago, não tem tempo de

abraçar-se. Até a cachorra [Baleia] é uma criatura decente, porque na vizinhança não existem galãs caninos.

Vidas secas é o livro em que Graciliano, visto como antipoético e anti-sonhador por excelência, consegue atingir, com o rigor do texto que tanto prezava, um estado maior de poesia.

Sinopse da Edição de 2003 da Editora Record, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/334227.Vidas_Secas?from_search=true&from_srp=true&qid=Yb3XmSSE2I&rank=1

***Amar, verbo intransitivo* - Mário de Andrade (originalmente na lista Fuvest 2026 que foi substituída)**

Mário de Andrade causou escândalo na década de 1920 ao publicar "Amar, verbo intransitivo". O livro conta a história de Elsa, uma governanta alemã contratada por um membro da burguesia industrial paulistana para iniciar sexualmente seu filho adolescente. A partir do momento em que entra na casa dos Souza Costa, Fräulein – como todos a chamavam – conquista rapidamente a família, mas não se acostuma com a cultura dos novos-ricos brasileiros. A protagonista do romance é um ser humano dividido entre razão e emoção. O lado racional da governanta busca justificativas para a profissão de professora de amor, mas é o lado emocional que a faz se entregar à tarefa: ela alimenta a esperança de voltar para a Alemanha – que abandonara depois da Primeira Guerra Mundial – e se casar com o homem dos seus sonhos. Classificado pelo autor como "idílio" – texto leve sobre o amor –, o livro fala da iniciação sexual de um adolescente com ironia, numa narrativa experimental para a época. As cenas são separadas graficamente, como cortes cinematográficos. O narrador é um personagem como todos os outros, alter ego do autor: utiliza metáforas musicais, discorre sobre teorias literárias, faz crítica de arte, numa linguagem que Mário chama de "brasileira": coloquial, repleta de palavras e expressões do cotidiano de todo o país. Publicado em 1927, "Amar, verbo intransitivo" completou oitenta anos, contrariando o prognóstico do autor de que escrevia algo enraizado numa época, sem chances de interessar ao Brasil do futuro.

Sinopse da Edição de 1995 da Editora Villa Rica, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/2752069-amar-verbo-intransitivo?ref=nav_sb_ss_1_24

***Primeiros Cantos* - Gonçalves Dias (originalmente na lista Fuvest 2026 que foi substituída)**

Pioneiro do movimento romântico no Brasil, Gonçalves Dias traz em seus cantos e poesias a emoção de um amante, o amor de um cidadão pela sua pátria e a genialidade de um jovem poeta promissor. *Primeiros Cantos* reúne as percepções de um autor que revolucionou a poesia de sua época e inspirou aclamados nomes da literatura nacional, entre eles, Manuel Bandeira e Machado de Assis.

Sinopse da Edição de 2023 da Editora Itatiaia, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/128115681-primeiros-cantos>

***Várias Histórias* - Machado de Assis (originalmente na lista Fuvest 2026 que foi substituída)**

Os contos destas 'Várias Histórias', têm a marca inconfundível do escritor que acabara de revolucionar a prosa de ficção. Muitas das questões centrais da ficção machadiana resplandecem aqui. As formulações precisas, as combinações surpreendentes de palavras, as enormidades enunciadas com ligeireza e graça - eis a dicção machadiana em sua plenitude. A frustração amorosa, o adultério, o ciúme e a indecisão - são os temas recorrentes do escritor que animam as personagens destes contos.

Sinopse da Edição de 2012 da Editora Nova Fronteira, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/13722698-v-rias-hist-rias>

APÊNDICE - G

Reunião das sinopses dos livros indicados como leitura obrigatória dos vestibulares da Fuvest/USP somente entre 2027 e 2029, após o corte temporal feito nesta Dissertação

Todas as sinopses aqui expostas tiveram como fonte o *Site Goodreads* na busca de coletar sinopses de uma única fonte, apesar de serem sinopses publicadas em edições e editoras diferentes. *Goodreads* “é o maior site do mundo para leitores e recomendações de livros”, conforme publicado na seção Sobre Nós do próprio site (<https://www.goodreads.com/about/us>). Todas as edições e editoras das quais as sinopses foram retiradas estão disponíveis logo abaixo de cada sinopse.

***A Paixão Segundo G.H* - Clarice Lispector (Fuvest 2027 e 2028)**

Romance original, desprovido das características próprias do gênero, *A paixão segundo G.H.* conta, através de um enredo banal, o pensar e o sentir de G.H., a protagonista-narradora que despede a empregada doméstica e decide fazer uma limpeza geral no quarto de serviço, que ela supõe imundo e repleto de inutilidades. Após recuperar-se da frustração de ter encontrado um quarto limpo e arrumado, G.H. depara-se com uma barata na porta do armário. Depois do susto, ela esmaga o inseto e decide provar seu interior branco, processando-se, então, uma revelação. G.H. sai de sua rotina civilizada e lança-se para fora do humano, reconstruindo-se a partir desse episódio. A protagonista vê sua condição de dona de casa e mãe como uma selvagem. Clarice escreve: “Provação significa que a vida está me provando. Mas provação significa também que estou provando. E provar pode se transformar numa sede cada vez mais insaciável.”

Sinopse da Edição de 2009 da Editora Rocco, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/153474.A_Paix_o_Segundo_G_H

***Conselhos à minha filha* - Nísia Floresta (Fuvest 2028 e 2029)**

Conselhos à minha filha foi a primeira obra autoral de Nísia Floresta, lançada em 1842, e é um dos textos mais bem-sucedidos da autora, possuindo edições em francês e italiano. Como o nome sugere, o texto foi escrito como conselhos da autora para a própria filha, desejando que esta seguisse o caminho que a mãe

julgava prudente considerando a época em que viviam. Neste período, o Brasil era um império comandado pela família real e várias revoltas separatistas estavam acontecendo por todo o território. Considerando o momento histórico, mulheres não possuíam participação ativa em nenhum setor da sociedade, estando restritas ao ambiente doméstico e à família. Apesar de a sociedade não acreditar na educação feminina, Nísia aconselha à filha a sempre estudar. Em algumas passagens, os conselhos parecem ser contraditórios, o que só demonstra como a autora percebia as limitações de ser mulher naquele período.

Sinopse da Edição de 2023 da Galuba Editorial, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/136446176-conselhos-minha-filha?from_search=true&from_srp=true&qid=P5mH96hYZz&rank=7

Geografia - Sophia de Mello Breyner Andresen (Fuvest 2027, 2028 e 2029)

Oitavo livro de poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, «Geografia» foi publicado pela primeira vez em 1967, pelas Edições Ática. Deste livro fala-nos Frederico Lourenço, eloquentemente, no seu prefácio a esta edição: «Trata-se de um livro cujo carisma de perfeição tenho vindo a confirmar renovadamente através de sucessivas releituras ao longo de várias décadas: livro onde não encontro somente alguns dos momentos mais altos da obra da autora, porque nele se encontram alguns dos momentos mais extraordinários de toda a história da poesia em língua portuguesa. Digo mais: "Geografia" contém enunciados poéticos que disputam com famosos versos de Virgílio, de Racine e de Keats a palma do verso mais belo da literatura universal.»

Sinopse da Edição de 2014 da Editora Assírio e Alvim, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/53485092-geografia>

João Miguel - Rachel de Queiroz (Fuvest 2028 e 2029)

Tristão de Athayde considerava *João Miguel* o melhor dos quatro romances da primeira fase de Rachel de Queiroz. É o drama da prisão. Ainda é um romance profundamente rural, como *O Quinze*. Um crime e uma absolvição. E entre eles uma traição, uma traição de amor. Em *João Miguel* a autora se revela a grande mestra na arte de criar personagens vivas, um *João Miguel* a tomar consciência do seu crime, uma *Salu*, um seu *Doca*, uma *Angélica*. A obra se liberta da sua própria autora e vive por si.

João Miguel é um homem comum. A psicologia do preso é analisada com argúcia por Rachel. A mulher o abandona. Ele se vê só diante do destino que o perturba. Zé Milagreiro, que está preso na mesma cadeia, mata o tempo a fazer ex-votos, milagres de madeira, que são encomendados por gente que deseja pagar promessas. A angústia da prisão, a tensão de João Miguel, treme nestas páginas. O trabalho reequilibra o preso. E com a mão assassina ele vai compondo os seus trabalhos manuais com a fibra de carnaúba.

João Miguel é o romance da frustração e da espera angustiada. É um romance social, com um penetrante aprofundamento de análise psicológica. Rachel recria a vida de uma prisão numa pequena cidade do interior. Há uma mistura de fatalismo, de acaso, de injustiça social, neste romance que é o romance da solidão humana e, ao mesmo tempo, uma denúncia e um protesto.

Sinopse da Edição de 2022 da Editora José Olympio, disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/63011770-jo-o-miguel>

***Incidente em Antares* - Érico Veríssimo (Fuvest 2029)**

É 11 de dezembro de 1963. Greve geral em Antares. O fornecimento de luz é interrompido, os telefones não funcionam mais, os coveiros encostam as pás. Dois dias depois, uma sexta-feira 13, sete pessoas morrem - entre elas D. Quitéria, matriarca da cidadezinha. Insepultos e indignados, os defuntos resolvem agir - querem ser enterrados. Reunidos no coreto, decidem empestear com sua podridão o ar da cidade. Enquanto ninguém os enterra, porém, resolvem acertar as contas com os vivos e passam a bisbilhotar e infernizar a vida dos familiares.

Sinopse da Edição de 2008 da Editora Livros do Brasil, disponível em: https://www.goodreads.com/book/show/2624112-incidente-em-antares?from_search=true&from_srp=true&qid=cfLRNLJCdW&rank=1

APÊNDICE - H

Biografias das autoras indicadas para as novas listas de leituras obrigatórias da Fuvest (2026 a 2029), conforme publicado pela própria Fundação⁵¹

As autoras escolhidas:

• **Nísia Floresta (1810-1885)**

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi o pseudônimo escolhido por Dionísia Gonçalves Pinto, considerada a primeira educadora e jornalista feminista do Brasil. Nascida no Rio Grande do Norte, essa escritora em prosa e verso denunciou também as injustiças cometidas contra os negros escravizados e os indígenas brasileiros.

• **Narcisa Amália (1852-1924)**

Narcisa Amália de Campos foi uma educadora, poetisa e jornalista brasileira – primeira mulher a trabalhar profissionalmente como jornalista no Brasil. Dona de uma das poucas vozes femininas de sua época a trabalhar a ideia de identidade nacional, foi também antiescravista e republicana. Sua obra mereceu comentários elogiosos de Machado de Assis e de Pedro II.

• **Julia Lopes de Almeida (1862-1934)**

Escritora, cronista e teatróloga, Júlia Lopes de Almeida foi uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, de cuja lista de fundadores foi posteriormente excluída para manter a Academia exclusivamente masculina. Em seu lugar, foi incluído o nome do poeta português Filinto de Almeida, seu marido, popularmente conhecido como o “acadêmico consorte”. Também foi uma das precursoras da literatura infantil no Brasil.

• **Rachel de Queiroz (1910-2003)**

Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e a receber o Prêmio Camões, Rachel de Queiroz é uma autora de destaque da literatura social nordestina. Extremamente hábil na análise psicológica de seus personagens, a autora estreou na literatura aos 19 anos.

• **Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)**

Poetisa, contista e escritora de literatura infantil, Sophia de Mello Breyner Andresen foi proveniente de uma família de origem aristocrática portuguesa. Acreditava que a poesia representava um valor transformador fundamental e que era algo que lhe acontecia, como afirmara antes dela Fernando Pessoa. Foi agraciada com o Prêmio Camões, tendo sido a segunda mulher a recebê-lo.

⁵¹ Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest-renova-sua-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2026-2029/>

• **Clarice Lispector (1920-1977)**

De origem ucraniana, Chaya Pinkhasivna Lispector emigrou para o Brasil em 1922 com seus familiares em razão da perseguição sofrida pelos judeus ucranianos em sua terra natal. A romancista e contista apresenta, em sua obra, traços bastante específicos como a ruptura com a narrativa factual, o uso intenso de um fluxo de consciência na escrita e o uso intenso de metáforas insólitas, como sublinhou Alfredo Bosi.

• **Lygia Fagundes Telles (1918-2022)**

Lygia Fagundes Telles destacou-se como contista, embora tenha sido, também, uma importante romancista. Membro da Academia Brasileira de Letras, foi a segunda brasileira laureada com o Prêmio Camões e foi reconhecida, ainda em vida, como uma escritora primorosa por seus pares nacionais e internacionais, que a alcunharam “a grande dama da literatura brasileira”.

• **Conceição Evaristo (1946-)**

Poeta, contista e romancista brasileira, Maria da Conceição Evaristo de Brito aborda em suas obras temas de grande relevo social, como a discriminação racial, de gênero e social, sendo considerada uma importante representante do movimento Pós-Modernista no Brasil. Professora universitária, Conceição Evaristo tomou posse, em 2022, como responsável pela Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência do Instituto de Estudos Avançados da USP. Cunhou a expressão *escrevivência* para descrever o processo criativo de sua obra.

• **Paulina Chiziane (1955-)**

Moçambicana, nascida no subúrbio de Maputo, Paulina Chiziane iniciou, mas não concluiu, o curso universitário de Letras (linguística). Com uma atuação política destacada em seu país durante o período da independência, a autora se afastou da política e passou a se dedicar à literatura, passando a viver na província de Zambézia, para onde se retirou ao se afastar da política. Primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, foi também a primeira mulher africana agraciada com o Prêmio Camões.

• **Djaimilia Pereira de Almeida (1982-)**

Ana Djaimilia dos Santos Pereira de Almeida Brito é a pessoa mais jovem a figurar na lista de leitura obrigatória da FUVEST. Nascida em Angola, a autora passou boa parte de sua vida em Portugal, onde se licenciou em Estudos Portugueses e obteve o título de Doutora em Teoria da Literatura. Atualmente, é Professora da New York University. Foi vencedora do Prêmio Oceanos, tendo sido finalista em outras oportunidades.

ANEXOS**ANEXO 1****E-mail enviado pela pesquisadora à Comvest/UNICAMP, em 14/11/2023.**

28/12/2023, 10:38 E-mail de Universidade Federal de São Carlos - Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas

 Luciana Loren Ribeiro Petrili <lrpetrili@estudante.ufscar.br>

Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas
1 mensagem

Luciana Loren Ribeiro Petrili <lrpetrili@estudante.ufscar.br> 14 de novembro de 2023 às 19:45
Para: vestibular@unicamp.br
Cc: claudia.lahni@ufscar.br

Prezados

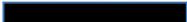
Meu nome é Luciana Petrili e sou mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, sob a Orientação da Professora Doutora Cláudia Regina Lahni, Professora Permanente do PPGECH e Professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Minha pesquisa tem como tema a presença de autoria feminina nos livros indicados para os vestibulares de Universidades Estaduais de São Paulo.

A fim de compreender melhor como é feita a escolha dos livros indicados como leitura obrigatória para candidatos no Vestibular da UNICAMP, gostaria de pedir acesso a informações sobre como é elaborado o programa de literatura para o vestibular, quais os critérios utilizados para a escolha dos títulos indicados como obrigatórios e quem são os responsáveis por essa escolha.

Desde já agradeço pela disponibilidade.

Atenciosamente,

Luciana L. R. Petrili


<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=4ed8e23a03&view=pt&search=all&permthid=thread-a:r926427208199910821%7Cmsg-a:r12388124862635...> 1/1

ANEXO 2

E-mail enviado pela pesquisadora à Comvest/UNICAMP, em 07/12/2023 (reiterando a mensagem anterior, enviada em 14/11/2023).

28/12/2023, 10:45 E-mail de Universidade Federal de São Carlos - Re: Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas

 Luciana Loren Ribeiro Petrili <llrpetrili@estudante.ufscar.br>

Re: Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas
1 mensagem

Luciana Loren Ribeiro Petrili <llrpetrili@estudante.ufscar.br> 7 de dezembro de 2023 às 20:49
Para: vestibular@unicamp.br
Cc: claudia.lahni@ufscar.br

Prezados professores, bom dia.

Gostaria de pedir novamente acesso a informações sobre os critérios adotados para a escolha de livros como leitura obrigatória para o vestibular da COMVEST/UNICAMP.

Gostaria também de pedir acesso à composição do conselho de responsáveis por essa escolha.

Essas informações são importantes para minha pesquisa de mestrado cujo tema é a
Presença de autoria feminina nos livros indicados para os vestibulares de Universidades Estaduais de São Paulo.

Agradeço novamente,

Luciana Petrili
[REDACTED]

Em ter., 14 de nov. de 2023 às 19:45, Luciana Loren Ribeiro Petrili <llrpetrili@estudante.ufscar.br> escreveu:
Prezados

Meu nome é Luciana Petrili e sou mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, sob a Orientação da Professora Doutora Cláudia Regina Lahni, Professora Permanente do PPGECH e Professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Minha pesquisa tem como tema a presença de autoria feminina nos livros indicados para os vestibulares de Universidades Estaduais de São Paulo.

A fim de compreender melhor como é feita a escolha dos livros indicados como leitura obrigatória para candidatos no Vestibular da UNICAMP, gostaria de pedir acesso a informações sobre como é elaborado o programa de literatura para o vestibular, quais os critérios utilizados para a escolha dos títulos indicados como obrigatórios e quem são os responsáveis por essa escolha.

Desde já agradeço pela disponibilidade.

Atenciosamente,
Luciana L. R. Petrili
[REDACTED]

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=4ed8e23a03&view=pt&search=all&permthid=thread-a:r926427208199910821%7Cmsg-a:r-8266874574569...> 1/1

ANEXO 3

Resposta e documentos enviados pela Comvest/UNICAMP em 11/12/2023

28/12/2023, 10:48 E-mail de Universidade Federal de São Carlos - Re: Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas

 **Luciana Loren Ribeiro Petrili** <llrpetrili@estudante.ufscar.br>

Re: Pesquisa de mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas
1 mensagem

Comunicação Social / COMVEST <vestibular@unicamp.br> 11 de dezembro de 2023 às 16:17
Para: Luciana Loren Ribeiro Petrili <llrpetrili@estudante.ufscar.br>

Prezada Luciana, boa tarde. Tudo bem?

Estamos encaminhando dois arquivos que utilizamos para a divulgação das listas de obras. Acreditamos ter o que precisa, pois os textos falam um pouco sobre o conteúdo e conta com explicações do diretor da Comvest, prof José Alves. Quanto aos responsáveis pela escolha, não podemos divulgar por ser uma informação sigilosa. Não só sobre as listas de livros como também a elaboração de todas as provas.

Atenciosamente,

 **Comunicação Social**
19 3521.1808
www.comvest.unicamp.br
COMVEST
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS


2 anexos

 **Comissão Obras Literárias VU2023-VU2026.pdf**
240K

 **02 Lista de Obras Vestibulares 2024_2025_2026 10.5.22.doc**
303K

Obras indicadas

último ano da obra na lista / primeiro ano de uso da obra.

2023	2024	2025	2026
Camões Sonetos	-----	-----	-----
1. Olavo Bilac Tarde	Olavo Bilac Tarde	José Paulo Paes <i>Prosas seguidas de odes mínimas</i>	José Paulo Paes <i>Prosas seguidas de odes mínimas</i>
2. Fernando Pessoa Marinheiro	Conceição Evaristo <i>Olhos d'água</i>	Conceição Evaristo <i>Olhos d'água</i>	Conceição Evaristo <i>Olhos d'água</i>
3. Carta de Pero Vaz de Caminha	Carta de Pero Vaz de Caminha	Ailton Krenak <i>A vida não é útil</i>	Ailton Krenak <i>A vida não é útil</i>
4. Machado de Assis Bons Dias	Machado de Assis <i>Casa Velha</i>	Machado de Assis Casa Velha	Machado de Assis Casa Velha
5. Raul Pompeia O Ateneu	Raul Pompeia O Ateneu	Lima Barreto Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá	Lima Barreto Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá
6. Paulina Chiziane Niketche	Paulina Chiziane Niketche	Paulina Chiziane Niketche	Chimamanda Ngozi Adichie No seu pescoço.
7. Lygia Fagundes Telles Seminário dos ratos	Lygia Fagundes Telles Seminário dos ratos	Caio Fernando Abreu Morangos mofados (contos escolhidos*)	Caio Fernando Abreu Morangos mofados (contos escolhidos*)
8. Racionais MC's Sobrevivendo no Inferno	Cartola, 10 Canções escolhidas	Cartola, 10 Canções escolhidas	Cartola, 10 Canções escolhidas
9. Julia Lopes de Almeida A falência	Lewis Carrol Alice no país das maravilhas***	Lewis Carrol Alice no país das maravilhas***	Lewis Carrol Alice no país das maravilhas***

* 6 Contos escolhidos: "Diálogo", "Além do Ponto", "Terça-Feira Gorda", "Pêra, uva ou maçã?", "O dia em Júpiter encontrou Saturno", "Aqueles dois".

** 10 Canções escolhidas: Alvorada, As rosas não falam, Cordas de aço, Disfarça e chora, O inverno do meu tempo, O mundo é um moinho, Que é feito de você?, Sala de recepção, Silêncio de um cipreste, Sim.

*** Selecionar qualquer tradução da obra, mas não adaptações.

SOBRE AS NOVAS OBRAS ESCOLHIDAS

Cartola, 10 Canções escolhidas.

Dez canções escolhidas, de Cartola, confirmam um dos critérios recorrentes na seleção de obras para o vestibular da Unicamp: o pluralismo das expressões culturais, seus respectivos valores e visões de mundo. A Base Nacional Comum Curricular prevê para a etapa do Ensino Médio a incorporação de uma produção artística e literária diversificada, inclusive de obras da tradição popular. Em consonância com essa diretriz, ao incluir Cartola na lista de leituras do vestibular 2024, a Unicamp coloca o aluno em contato com sambas que dão testemunho da riqueza da vertente lírica presente em nossa tradição musical popular. Cartola traz em suas composições as marcas de sua origem social e dos laços comunitários criados a partir da própria experiência de exclusão; ao mesmo tempo, com seus versos ele busca expressar sentimentos e emoções com que ele pretendia transcender sua própria experiência. Alegre ou melancólico, otimista ou pessimista, sua força poética se faz sentir por meio de construções que parecem se encontrar em um ponto de equilíbrio entre sofisticação e simplicidade. A escolha de dez canções procura contemplar esses traços mais ostensivos da produção artística de Cartola, que teve suas músicas interpretadas por vários artistas da música popular brasileira.

1. Alvorada
2. As rosas não falam
3. Cordas de aço
4. Disfarça e chora
5. O inverno do meu tempo
6. O mundo é um moinho
7. Que é feito de você?
8. Sala de recepção
9. Silêncio de um cipreste
10. Sim

Chimamanda Ngozi Adichie, *No seu pescoço*.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é hoje uma das mais reconhecidas e aclamadas representantes da literatura africana no contexto internacional e o seu estudo pelos vestibulandos possibilita desenvolver uma das habilidades previstas na BNCC para o Ensino Médio: “Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente.” [p. 516] *No seu pescoço* (ou *The thing around your neck*, no original) é o terceiro livro publicado pela autora, em 2009, e já foi traduzido em 19 idiomas. Os doze contos que compõem esse livro tratam de conflitos relacionados à descoberta de si mesmo, ao convívio com as diferenças, à violência cotidiana e a questões específicas de pertencer a uma nação africana, seja em sua própria terra ou em terra estrangeira.

Lewis Carroll, *Aventuras de Alice no país das maravilhas*.

A obra *Aventuras de Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll (1866), é um clássico da literatura ocidental, geralmente classificado como um texto de “Literatura Infante-Juvenil”. Porém, muito além dessa categorização rígida, trata-se de uma obra de ficção que expande os limites da imaginação e

apresenta à protagonista e aos leitores um mundo de funcionamento singular, que, por um lado, coloca diante de Alice uma série de enigmas, descobertas e desvendamentos, enquanto, por outro lado, desafia o leitor com diversos tipos de alusões. A linguagem e os acontecimentos internos à viagem de Alice parecem envolver o leitor em um mundo de sonhos, ao mesmo tempo em que instiga-o a buscar apreender a sua racionalidade. A inclusão das *Aventuras de Alice no país das maravilhas* no vestibular UNICAMP 2024 procura estar em sintonia com as propostas da BNCC, quando se prevê para a etapa do Ensino Médio “ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos.” [p. 514] A obra conta com diversas traduções para o português, porém o vestibulando deve ficar atento para escolher uma tradução integral, e não uma adaptação.

Conceição Evaristo, *Olhos d'água*.

Os contos de *Olhos d'água* de Conceição Evaristo (2014), devem ser lidos em uma dupla chave, de intervenção e artística. No primeiro caso, a literatura afrofeminina evidencia o contexto desfavorável das experiências das mulheres negras no Brasil (desigualdade de oportunidades, enfrentamento de várias formas de violência, acesso precário aos serviços que deveriam assegurar direitos sociais, entre outros). Ao mesmo tempo, além do ato político, os contos são compostos por uma linguagem plena de recursos que criam pelos efeitos líricos, pelas recorrências sintáticas, por encaixes lexicais, também por jogos com tempos e modos verbais, entre outros recursos, a experiência estética do reconhecimento, da identificação, da beleza etc.

Machado de Assis, *Casa Velha*.

Casa Velha, de Machado de Assis, é uma narrativa de ficção de média extensão que havia ficado esquecida nas páginas do periódico *A Estação*, onde foi publicada de forma seriada entre 1885-1886. Em 1944, a crítica literária, Lúcia Miguel-Pereira, a republicou de forma completa. Muitos anos mais tarde, já na década de 1980, foi um brasileiro estrangeiro, John Gledson, quem a revalorizou como obra realista, narrada em primeira pessoa, o que nos permite apreciá-la como expressão da continuidade estética e da percepção histórica com que toda a ficção (e toda a produção literária, ensaística e jornalística de Machado de Assis) ganha em ser lida.

Aílton Krenak, *A vida não é útil*.

Aílton Krenak (1953-) é um dos principais intelectuais brasileiros e ativistas da causa dos direitos dos povos originários da atualidade. Desde os anos 1980, quando se notabilizou por sua atuação no processo da Constituinte e em defesa dos direitos indígenas, com um célebre discurso no Congresso Nacional, tem pautado debates públicos sobre as violências da sociedade envolvente, do Estado e da exploração capitalista ao meio ambiente, aos povos originários e ameaça à existência humana na Terra. Essa agenda histórica de suas reflexões estão presentes em *A vida não é útil*, conjunto de ensaios escritos e palestras, publicado durante a pandemia de SARS COVID 19, em que o intelectual reflete sobre a condição humana e as tendências destrutivas da civilização que ignora direitos básicos de todos e do próprio meio ambiente, em nome do consumo e lucro desenfreados.

Caio Fernando Abreu, *Morangos Mofados* (*contos escolhidos).

Caio Fernando Abreu (1948-1996) foi um dos principais escritores brasileiros das últimas décadas, combinando sua atividade como jornalista à escrita de romances, peças de teatro e principalmente contos, tendo vários de seus trabalhos premiados. Dos seus livros mais famosos, *Morangos Mofados* (1982) é um conjunto de contos publicados durante a mais recente ditadura civil-militar, apresentando angústias, medos, apostas e alegrias vividas por personagens urbanos, num tempo pesado. As temáticas da solidão, solidariedade e desencontros, as descobertas dos afetos e prazeres, controles e descontroles do corpo, o erotismo, drogas e doenças espreitando estilos de vida, a busca pela

compreensão e felicidade são temas que o autor soube flagrar como retrato de época, que não ficou datado pois dão panoramas da condição humana e de uma sociedade brasileira em permanente mudança, apesar das contenções conservadoras.

1. "Diálogo"
2. "Além do Ponto"
3. "Terça-Feira Gorda"
4. "O dia em que Júpiter encontrou Saturno"
5. "Pêra, uva ou maçã?"
6. "Aqueles dois"

José Paulo Paes. *Prosas seguidas de odes mínimas.*

Desde sua estreia em 1947 com o livro de poemas *O aluno*, José Paulo Paes foi uma presença marcante na cena literária brasileira, tendo se destacado não apenas como poeta, mas também como crítico literário e tradutor. Embora contemporâneo da chamada "Geração de 45", que pregava uma retomada de formas tradicionais, sua poesia propõe um diálogo produtivo com diversas vertentes do século XX, como a poesia modernista, o verso livre, o poema-piada e a retomada paródica de formas convencionais. Sem ter participado diretamente dele, manteve contatos com o movimento da poesia concreta, incorporando algumas de suas inovações, não raro em chave irônica. O livro *Prosas seguidas de odes mínimas*, de 1992, é uma de suas últimas obras publicadas, podendo, portanto, ser considerada uma obra da maturidade. Nele se encontram, ao lado de poemas que lançam um olhar surpreendente para os objetos banais do cotidiano, evocações líricas de viés memorialístico de acontecimentos da infância, pessoas e lugares, e outras de pungente caráter confessional. Trata-se de um livro breve que, contudo, oferece uma coletânea de grande variedade de temas, formas e perspectivas.

Lima Barreto. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá.*

Lima Barreto é, sem sombra de dúvida, o mais importante entre os ficcionistas brasileiros das primeiras duas décadas do século XX. De início negligenciada e vista com ressalvas pela crítica, sua obra, que abrange o romance, o conto, a crônica, a sátira e a autobiografia, conta hoje com um reconhecimento crescente, e ocupa um lugar firmemente estabelecido em nosso cânone literário. Embora não seja dos mais conhecidos, o romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* pode ser considerado um dos mais bem realizados pelo escritor. Apresentado como a biografia de seu protagonista, um obscuro funcionário público, narrada por um amigo, o livro retoma temas recorrentes na obra de Lima Barreto. A crítica às desigualdades sociais, aos preconceitos raciais, à burocracia, à superficialidade das elites brasileiras da República Velha, ao beletismo pomposo e vazio, tudo isso sobre o pano de fundo da bela paisagem da antiga Capital Federal. Ao mesmo tempo que oferece a evocação de um tempo passado, o livro guarda uma evidente atualidade, uma vez que, mais de um século depois de sua publicação, continuamos a nos confrontar com muitas das mazelas que Lima Barreto conheceu de perto, denunciou e combateu ao longo de sua vida tão breve.

VESTIBULAR UNICAMP DIVULGA AS LISTAS DE OBRAS DE LEITURA PARA AS PRÓXIMAS TRÊS EDIÇÕES E REDUZ NÚMERO DE INDICAÇÕES

Entre as novas obras indicadas, a Comissão de Vestibulares selecionou autoras e autores como: Ailton Krenak, Cartola, Chimamanda Adichie, Conceição Evaristo, dentre outros.

Após duas edições em que manteve as mesmas obras, devido aos impactos da pandemia de Covid-19 na educação, a Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) anunciou quais serão as novas listas de leituras indicadas para os estudantes, a partir do Vestibular Unicamp 2024. Além disso, a Comvest está reduzindo a quantidade de obras de 10, como havia sido nos dois últimos vestibulares, para nove a cada ano. O objetivo da divulgação com antecedência é permitir o planejamento às escolas e que os vestibulandos tenham um tempo maior para se preparar para as provas. As listas estão disponíveis na página da Comvest na internet (www.comvest.unicamp.br) e apresentadas abaixo. No total das três listas, estão sendo indicadas nove obras novas. A lista para o Vestibular 2023, a ser realizado este ano, já havia sido divulgada e também está disponível na página da Comvest.

Estimular a leitura e o olhar atento e contextualizado para questões que perpassam o mundo contemporâneo e a formação dos estudantes é, na opinião do diretor da Comvest, professor José Alves de Freitas Neto, o objetivo da Comissão ao escolher as obras. “Ao indicar uma lista de obras, a intenção é que os alunos saiam de uma tentativa de decorar escolas literárias ou características de resumo, e tenham o tempo necessário para que possam adentrar o universo da literatura”, afirmou José Alves. Nas edições de 2024 e 2025, serão substituídas quatro obras em cada lista, para que novos títulos sejam inseridos. Já para a edição de 2026, será incluída uma obra nova em relação ao ano anterior.

Novas obras

Desta maneira, para a edição de 2024, passam a integrar a lista, as seguintes obras: *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo; *Canções escolhidas*, de Cartola; *Casa Velha*, de Machado de Assis e *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol. Para o Vestibular Unicamp 2025, as novas obras são *A vida não é útil*, de Ailton Krenak; *Prosas seguidas de odes mínimas*, de José Paulo Paes; *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto e *Morangos mofados (contos escolhidos)*, de Caio Fernando Abreu. No Vestibular Unicamp 2026, a obra escolhida para integrar a lista foi *No seu pescoço*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Sobre a diversidade das obras selecionadas, o diretor da Comvest esclareceu que as indicações não consideram somente aspectos estéticos, temporais e literários. “A lista contempla a diversidade e a representatividade que o Vestibular Unicamp tem trazido nos últimos anos. Além disso, coloca autoras e autores que tradicionalmente não constaram em indicações de vestibulares, como é o caso

de Conceição Evaristo, Caio Fernando Abreu, Ailton Krenak, que estão ao lado de autores clássicos como Lima Barreto e Machado de Assis”, disse José Alves.

Obras em outras línguas

Pela primeira vez, a Unicamp decidiu inserir na lista, obras cujos textos originais não são em língua portuguesa, como é o caso de *Alice no país das maravilhas* e *No seu pescoço*. Para José Alves, a escolha representa uma quebra de paradigma dos vestibulares. “Nós deixamos de trazer apenas literaturas de língua portuguesa e isso é importante, pois a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estimula a ampliação do repertório de obras locais, regionais e globais. Desta maneira, queremos que os alunos tenham contato com manifestações artísticas e obras complexas que estão dentro dos códigos estéticos e éticos do universo dos jovens, nesse período de formação escolar”, defendeu.

Lista de Obras Indicadas – Vestibular 2024

Autor(a)	Obra
Olavo Bilac	<i>A Tarde</i>
Conceição Evaristo	<i>Olhos d'água</i>
Pero Vaz de Caminha	<i>Carta de Achamento a el-rei D. Manuel</i>
Machado de Assis	<i>Casa Velha</i>
Raul Pompeia	<i>O Ateneu</i>
Paulina Chiziane	<i>Niketche - uma História de Poligamia</i>
Lygia Fagundes Telles	<i>Conto “Seminário dos ratos”</i>
Cartola	<i>Canções escolhidas*</i>
Lewis Carrol	<i>Alice no país das maravilhas**</i>

Lista de Obras Indicadas – Vestibular 2025

Autor(a)	Obra
José Paulo Paes	<i>Prosas seguidas de odes mínimas</i>
Conceição Evaristo	<i>Olhos d'água</i>
Ailton Krenak	<i>A vida não é útil</i>
Machado de Assis	<i>Casa Velha</i>
Lima Barreto	<i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>
Paulina Chiziane	<i>Niketche - uma História de Poligamia</i>

Caio Fernando Abreu	<i>Morangos mofados (Contos escolhidos^{***})</i>
Cartola	<i>Canções escolhidas</i>
Lewis Carrol	<i>Alice no país das maravilhas</i>

Lista de Obras Indicadas – Vestibular 2026

Autor(a)	Obra
José Paulo Paes	<i>Prosas seguidas de odes mínimas</i>
Conceição Evaristo	<i>Olhos d'água</i>
Ailton Krenak	<i>A vida não é útil</i>
Machado de Assis	<i>Casa Velha</i>
Lima Barreto	<i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>
Chimamanda Ngozi Adichie	<i>No seu pescoço</i>
Caio Fernando Abreu	<i>Morangos mofados (Contos escolhidos)</i>
Cartola	<i>Canções escolhidas</i>
Lewis Carrol	<i>Alice no país das maravilhas</i>

* 10 canções escolhidas: “Alvorada”, “As rosas não falam”, “Cordas de aço”, “Disfarça e chora”, “O inverno do meu tempo”, “O mundo é um moinho”, “Que é feito de você?”, “Sala de recepção”, “Silêncio de um cipreste”, “Sim”.

** Selecionar qualquer tradução da obra, mas não adaptações.

*** Seis contos escolhidos: “Diálogo”, “Além do Ponto”, “Terça-Feira Gorda”, “Pêra, uva ou maçã?”, “O dia em Júpiter encontrou Saturno”, “Aqueles dois”.

Juliana Sangion – Mtb. 24979

Comunicação Social - Comvest

Fone:(19)3521-1809/ 1808

Celular: (19) 993812901

juliana.sangion@comvest.unicamp.br

www.comvest.unicamp.br

Twitter: @VestUnicamp

Facebook: Vestibular Unicamp

ANEXO 4

E-mail enviado pela pesquisadora aos professores coordenadores da Fuvest/USP, em 07/12/2023 (reiterando mensagem anterior, enviada em 23/11/2023).

28/12/2023, 10:31 E-mail de Universidade Federal de São Carlos - Re: Pesquisa de Mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas

 Luciana Loren Ribeiro Petrili <lrpetrili@estudante.ufscar.br>

Re: Pesquisa de Mestrado sobre literatura nos vestibulares paulistas
1 mensagem

Luciana Loren Ribeiro Petrili <lrpetrili@estudante.ufscar.br> 7 de dezembro de 2023 às 20:47
Para: arr@usp.br, gfcmonaco@usp.br
Cc: Claudia Regina Lahni <lahni.cr@gmail.com>

Prezados professores, bom dia.

Gostaria de pedir novamente acesso a informações sobre os critérios adotados para a escolha de livros como leitura obrigatória para o vestibular da FUVEST.

Gostaria também de pedir acesso à composição do conselho de responsáveis por essa escolha.

Essas informações são importantes para minha pesquisa de mestrado cujo tema é a
Presença de autoria feminina nos livros indicados para os vestibulares de Universidades Estaduais de São Paulo.

Agradeço novamente,

Luciana Petrili
[REDACTED]

Em qui., 23 de nov. de 2023 às 22:08, Luciana Loren Ribeiro Petrili <lrpetrili@estudante.ufscar.br> escreveu:
Prezada professora Maria Arminda do Nascimento Arruda
Prezado Professor Gustavo Ferraz de Campos Monaco

Boa noite!

Meu nome é Luciana Petrili e sou mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH) da Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, sob a Orientação da Professora Doutora Cláudia Regina Lahni, Professora Permanente do PPGECH e Professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Minha pesquisa tem como Tema a **Presença de autoria feminina nos livros indicados para os vestibulares de Universidades Estaduais de São Paulo.**

A senhora e o senhor já devem imaginar a alegria que foi para mim o anúncio feito no último dia 21, sobre a alteração da lista de Leituras Obrigatórias para o vestibular da FUVEST de 2026, passando de uma única autora, Ruth Guimarães, com a obra *Água Funda*, para um total de 9 livros de autoria feminina.

Saber que nos dois anos subsequentes haverá novamente a autoria feminina em toda a lista de indicações é importante para mim como pesquisadora, como mulher e também como *Alumni* - USP. Agradeço e acredito que a decisão tomada terá efeitos muito positivos para muitas estudantes, professoras, autoras e, consequentemente, para toda a sociedade.

Há pouco mais de uma semana enviei as perguntas abaixo para a FUVEST, utilizando uma ferramenta no site. Agora, mesmo com o anúncio da mudança de rota das leituras para o vestibular da FUVEST, as perguntas continuam sendo muito relevantes para mim, como mestranda. Sendo assim, replico aqui o meu pedido:

A fim de compreender melhor como é feita a escolha dos livros indicados como leitura obrigatória para candidatos no Vestibular da FUVEST, entrada para os cursos da Universidade de São Paulo, gostaria de pedir acesso a informações sobre como é elaborado o programa de literatura para o vestibular, quais os critérios utilizados para a escolha dos títulos indicados como obrigatórios e quem são os responsáveis por essa escolha.

Desde já agradeço pela disponibilidade.

Atenciosamente,
Luciana L. R. Petrili

<https://mail.google.com/mail/u/0/?ik=4ed8e23a03&view=pt&search=all&permthid=thread-a:r-7321963090506311533%7Cmsg-a:r6557470166360...> 1/2